

LEGENDS

STAR WARS

DARTH BANE

REGRA DE DOIS

DREW KARPYSHYN

Do mesmo autor de *Star Wars: Darth Bane – Caminho de Destruição*, best-seller do *The New York Times*

UNIVERSO
geek



**STAR
WARS™**

DREW KARPYSHYN

**STAR
WARS**™

DARTH BANE

REGRA DE DOIS

UMA OBRA DA VELHA REPÚBLICA

São Paulo

2018

UNIVERSO
geek

Star Wars: Darth Bane: Rule of Two is a work of fiction. Names, places, and incidents either are products of the author's imagination or are used fictitiously.

Copyright © 2008 by Lucasfilm Ltd. & ® or ™ where indicated.
All Rights Reserved. Used under authorization.

© 2018 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial
Luis Matos

Revisão
Alexander Barutti

Editora-chefe
Marcia Batista

Arte
Aline Maria
Valdinei Gomes

Assistentes editoriais
Aline Graça
Letícia Nakamura

Adaptação de capa
Aline Maria

Tradução
Felipe CF Vieira

Preparação
Nestor Turano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

K28s

Karpyshyn, Drew

Star Wars : Darth Bane: regra de dois: uma obra da
velha república / Drew Karpyshyn ; tradução de
Felipe CF Vieira. — São Paulo : Universo dos
Livros, 2018.

304 p. (Trilogia Darth Bane ; 2)

ISBN: 978-85-503-0271-3

Título original: Star Wars: Darth Bane - Rule of two

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I.

Título II. Vieira, Felipe CF

18-0046

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Para meus pais, Ron e Viv, e minha irmã, Dawn.

AGRADECIMENTOS



ESTE LIVRO NASCEU NO ESPAÇO de apenas seis meses – um tempo incrivelmente curto para transformar uma ideia em um trabalho finalizado nas prateleiras. Eu gostaria de agradecer a todos da Lucas Licensing Ltd. e da Del Rey Books que fizeram parte deste incrível feito, além de um agradecimento especial para minha esposa, Jennifer. Sem sua ajuda e compreensão não acho que ele seria possível com os prazos que eu tinha. Mas, principalmente, eu gostaria de agradecer a todos os fãs que leram *Star Wars: Darth Bane: Caminho de Destruição*. Sem o apoio de vocês, esta sequência nunca teria acontecido. Vocês têm minha sincera e humilde gratidão.

PRÔLOGO



DAROVIT CAMBALEOU ENTRE OS CORPOS espalhados pelo campo de batalha, sua mente anestesiada pela tristeza e horror. Ele reconhecia muitos dos mortos: alguns eram servos da luz, aliados dos Jedi; outros eram seguidores do lado sombrio, lacaios dos Sith. E, mesmo em seu estupor, Darovit se perguntava a qual lado ele realmente pertencia.

Alguns meses antes, ele ainda respondia por seu nome de infância, *Tomcat*. Naqueles tempos, ele era apenas um garoto de treze anos, magro e de cabelos escuros, que morava com seus primos Rain e Bug no pequeno mundo de Somov Rit. Eles conheciam os rumores da interminável guerra entre os Jedi e os Sith, mas nunca imaginaram que a guerra tocaria suas vidas tranquilas... até a chegada de um olheiro Jedi para se encontrar com Root, o guardião dos garotos.

O general Hoth, líder do Exército da Luz, estava desesperado por mais Jedi, o olheiro explicara. O destino de toda a galáxia estava em jogo. E as crianças sob a tutela de Root haviam mostrado uma sensibilidade com a Força.

Root a princípio recusou. Alegou que seus protegidos eram jovens demais para a guerra. Mas o olheiro insistiu. E então Root cedeu, percebendo que se as crianças não seguissem com o Jedi, os Sith poderiam aparecer e levá-las à força. Darovit e seus primos deixaram Somov Rit com o olheiro Jedi e seguiram para Ruusan. Na época, as crianças acharam que seria o início de uma grande aventura. Mas agora Darovit sabia a verdade.

Muita coisa havia acontecido desde que desembarcaram em Ruusan. Tudo mudou. E o jovem – ele já havia vivido coisas demais nas últimas semanas para ainda ser chamado de garoto – não entendia nada daquilo.

Ele chegara a Ruusan cheio de esperança e ambição, sonhando com a glória que receberia quando ajudasse o general Hoth e o Exército da Luz a

derrotar os Sith que serviam à Irmandade das Trevas de lorde Kaan. Mas não havia glória alguma em Ruusan; não para ele. E não para seus primos.

Rain morrera antes mesmo de a nave aterrissar em Ruusan. Eles sofreram uma emboscada de um esquadrão de buzzards segundos após a reentrada na atmosfera, a cauda da nave perdida no ataque. Darovit observara horrorizado quando Rain foi sugado pela explosão, literalmente arrancado de seus braços antes de despencar para a morte centenas de metros abaixo.

Seu outro primo, Bug, morrera havia poucos minutos, vítima da bomba de pensamento, seu espírito consumido pelo terrível poder da derradeira e suicida arma de lorde Kaan. Agora ele se foi. Como todos os Jedi e todos os Sith. A bomba de pensamento havia destruído cada ser vivo poderoso o bastante para usar a Força. Todos, exceto Darovit. E isso ele não conseguia entender.

De fato, nada em Ruusan fazia muito sentido para ele. Nada! Ele havia chegado esperando ver o lendário Exército da Luz de que ouvira em histórias e poemas: Jedi heroicos defendendo a galáxia contra o lado sombrio da Força. Em vez disso, testemunhou homens, mulheres e outros seres que lutaram e morreram como soldados comuns, caídos sobre a lama e o sangue do campo de batalha.

Ele se sentira enganado. Traído. Tudo que ouvira sobre os Jedi era mentira. Não eram heróis luminosos: suas roupas eram sujas; o acampamento cheirava a suor e medo. E estavam *perdendo*! Os Jedi que Darovit encontrara em Ruusan estavam arrasados e oprimidos, exauridos pela interminável série de batalhas contra os Sith de lorde Kaan, teimosamente recusando-se a se entregarem mesmo quando era claro que não poderiam vencer. E todo o poder da Força não poderia restaurar a imagem de heróis galantes na imaginação ingênua de Darovit.

Um movimento chamou sua atenção no limiar do campo de batalha. Cerrando os olhos contra o sol, Darovit percebeu meia dúzia de figuras lentamente atravessando a carnificina, juntando os corpos caídos, tanto de amigos quanto de inimigos. Ele não estava sozinho – outros também haviam sobrevivido à bomba de pensamento!

Ele correu, mas sua animação esfriou ao se aproximar o bastante para distinguir as formas daqueles que limpavam o campo de batalha. Ele os reconheceu como voluntários do Exército da Luz. Não eram Jedi, mas homens e mulheres comuns que juraram fidelidade a lorde Hoth. A bomba

de pensamento havia apenas dizimado aqueles com poder suficiente para tocar a Força: não usuários da Força como aquelas pessoas eram imunes a seus efeitos devastadores. Mas Darovit não era como eles. Ele possuía um dom. Em algumas de suas lembranças mais antigas ele levitava brinquedos usando a Força, para o delírio de seu primo mais jovem, Rain, quando ambos eram crianças. Aquelas pessoas sobreviveram porque eram ordinárias, comuns. Não eram especiais como ele. A sobrevivência de Darovit era um mistério – apenas mais uma coisa sobre aquilo tudo que ele não entendia.

Ao se aproximar, uma das figuras se sentou sobre uma rocha, cansada de tanto juntar os mortos. Era um homem mais velho, próximo dos cinquenta anos. Seu rosto parecia carregado e abatido, como se aquela sombria tarefa tivesse esgotado tanto as reservas mentais quanto as físicas. Darovit reconheceu suas feições das primeiras semanas que passou no acampamento Jedi, embora nunca tenha se dado ao trabalho de descobrir o nome do homem.

Um súbito pensamento o congelou. Se ele era capaz de reconhecer o homem, então o homem também poderia reconhecê-lo. Poderia se lembrar de Darovit. Poderia saber que o jovem era um traidor.

A verdade sobre os Jedi havia enojado Darovit. Causado repulsa. Com suas ilusões e devaneios destroçados pelo duro peso da realidade, ele agira como uma criança mimada e se rebelara contra os Jedi. Seduzido por promessas fáceis do poder do lado sombrio, ele trocara de lado na guerra e se lançara na Irmandade da Escuridão. Apenas agora entendia o quanto estava errado.

Essa percepção o atingira quando testemunhou a morte de Bug – uma morte pela qual ele era parcialmente responsável. Mas aprendera o real custo do lado sombrio tarde demais. Entendera tarde demais que, através da bomba de pensamento, a loucura de lorde Kaan trouxe devastação para todos eles.

Darovit já não era mais seguidor dos Sith; não estava mais faminto pelos segredos do lado sombrio. Mas como poderia aquele velho homem, um devoto seguidor do general Hoth, saber disso? Se o homem se lembrasse de Darovit, poderia se lembrar dele apenas como o inimigo.

Por um segundo conjecturou escapar. Apenas dê meia volta e corra, e o cansado homem recuperando o fôlego não seria capaz de alcançá-lo. Era o tipo de coisa que no passado ele sempre fazia. Mas as coisas eram

diferentes agora. Fosse pela culpa, maturidade ou simplesmente um desejo de ver tudo acabar, Darovit não fugiu. Seja qual fosse o destino que lhe esperava, ele escolheu ficar e encará-lo.

Movendo-se a passos lentos, mas determinados, ele se aproximou da rocha onde o homem se sentava, aparentemente perdido em pensamentos. Darovit estava apenas a poucos metros de distância quando o homem finalmente ergueu os olhos para ele.

Não havia nenhum brilho de reconhecimento. Apenas um olhar vazio e assombrado.

– Todos eles – o homem murmurou, embora não fosse claro se falava com Darovit ou consigo mesmo. – Todos os Jedi e todos os Sith... todos se foram.

O homem virou a cabeça, fixando o olhar perdido sobre a entrada sombria de uma pequena caverna próxima. Um calafrio percorreu Darovit quando percebeu o que o homem queria dizer. A entrada levava ao subterrâneo, serpenteando através de túneis até uma caverna no solo profundo onde Kaan e seus Sith haviam se juntado para detonar a bomba de pensamento.

O homem grunhiu e sacudiu a cabeça, tentando afastar o estado mórbido no qual caíra. Levantando-se com um suspiro cansado, sua mente outra vez focou a tarefa. Ele deu a Darovit um leve aceno de cabeça e não lhe deu mais atenção assim que voltou ao macabro trabalho de enrolar os cadáveres em panos para que pudessem ser coletados e receber sepultamentos honráveis.

Darovit se virou na direção da caverna. Outra vez, parte de si queria virar e fugir. Mas outra parte se sentia atraída na direção da boca sombria do túnel. Talvez existissem respostas a serem encontradas ali. Algo que explicasse toda a morte e violência; algo que o ajudasse a enxergar as razões por trás da interminável guerra e derramamento de sangue. Talvez descobrisse algo para ajudar a entender os motivos por trás de tudo que acontecera ali.

Quanto mais ele descia, mais o ar esfriava. Podia sentir um frio na boca do estômago: uma expectativa se misturando com uma terrível sensação de medo. Não sabia o que encontraria quando alcançasse a câmara ao final do túnel. Mais corpos, talvez. Mas estava determinado a não voltar para trás.

Quando a escuridão o envolveu, ele silenciosamente praguejou contra si mesmo por não ter trazido um bastão luminoso. Darovit possuía um sabre de luz pendurado no cinto; colocar as mãos em uma das famosas armas foi uma das tentações que o atraíram para os Sith. Mas embora tenha traído os Jedi apenas para ter posse de um sabre, na escuridão do túnel ele já não sentia qualquer desejo de acioná-lo e usar sua luz para guiar o caminho. Na última vez que o empunhou, causara a morte de Bug, e a lembrança manchava o prêmio pelo qual havia sacrificado tudo.

Darovit sabia que, se voltasse atrás, poderia nunca mais juntar a coragem para descer novamente, então prosseguiu, apesar da escuridão. Ele se movia lentamente, usando a Força para vasculhar o espaço e guiá-lo através do breu do túnel. Mesmo assim tropeçou diversas vezes no chão irregular. No final achou mais fácil passar a mão na parede rochosa para usá-la como guia.

Seu progresso foi lento, mas constante, o chão do túnel foi se tornando cada vez mais íngreme até ele praticamente escalar pela descida na escuridão. Após meia hora ele notou uma luz fraca emanando ao longe, um brilho suave vindo do final distante da passagem. Ele aumentou o ritmo, mas tropeçou sobre uma formação rochosa no chão áspero. Darovit caiu soltando um grito de alarme, rolando pelo declive até chegar ao fundo, machucado e dolorido.

O túnel se abria para uma larga câmara de teto alto. Ali o brilho fraco que havia chamado sua atenção era refletido por fragmentos de cristal na pedra ao redor, iluminando a caverna de modo que ele podia enxergar tudo claramente. Algumas estalactites ainda se penduravam no teto alto acima; outras centenas se espalhavam quebradas pelo chão da caverna, derrubadas quando Kaan detonara a bomba de pensamento.

A bomba em si, ou o que restou dela, flutuava a um metro sobre o chão no exato centro da caverna – era a fonte do brilho. À primeira vista, parecia um alongado orbe metálico medindo quatro metros de cima a baixo, e quase três metros de diâmetro em seu ponto mais largo. A superfície era de um prateado liso e opaco que projetava um pálido resplendor, mas ao mesmo tempo devorava toda a luz refletida de volta pelos cristais presos na rocha das paredes ao redor.

Levantando-se, Darovit estremeceu. Ele sentia um frio surpreendente; o globo havia sugado todo o calor do ar. Ele deu um passo adiante. O pó e detritos esmagados sob seus pés provocavam um som surdo e vazio, como

se a bomba de pensamento estivesse engolindo não apenas a temperatura da caverna, mas o som também.

Parando, ele prestou atenção àquele silêncio irreal. Não podia ouvir nada, mas definitivamente sentia algo. Uma fraca cadência vibrante que percorria o chão e subia por seu corpo, um pulso rítmico que emanava do globo.

Darovit prendeu a respiração, sem perceber que fazia isso, e deu outro passo incerto à frente. Como nada aconteceu, ele deixou o ar escapar dos pulmões com um longo e suave suspiro. Juntando coragem, ele continuou sua aproximação cautelosa, estendendo a mão, mas sem tirar os olhos da esfera.

Chegou perto o suficiente para enxergar faixas escuras de sombras lentamente se contorcendo debaixo da superfície cintilante, como fumaça negra presa pelo núcleo. Mais dois passos e estava perto o bastante para tocar. A mão tremendo um pouco, ele se inclinou para a frente e pressionou a palma contra a superfície.

Sua mente explodiu com lamentos de pura angústia; uma estridente cacofonia de vozes se ergueu do globo, todas as vítimas da bomba de pensamento gritando em tormento.

Darovit puxou a mão com força e cambaleou para trás, caindo de joelhos.

Eles ainda estavam vivos! Os corpos dos Jedi e Sith foram consumidos pela bomba de pensamento, desfazendo-se em poeira e cinzas, mas seus espíritos haviam sobrevivido, sugados para dentro do vórtice no centro da explosão, aprisionados para sempre.

Ele havia tocado a superfície apenas por um brevíssimo segundo, mas a lamúria dos espíritos quase o enlouqueceu. Presos dentro daquele invólucro inviolável, estavam condenados a uma eternidade de sofrimento insuportável. Um destino tão horrível que a mente de Darovit se recusou a compreender totalmente as implicações.

Ainda ajoelhado sobre o chão, ele segurou sua cabeça em um gesto de futilidade desamparada. Darovit havia descido até ali em busca de respostas e explicações. Mas encontrou uma abominação contra a própria natureza, uma abominação que fazia cada parte do seu ser recuar instintivamente.

– Eu não entendo... eu não entendo... eu não entendo...

Ele murmurou a frase várias e várias vezes, agachado no chão, lentamente se balançando para a frente e para trás sobre os calcanhares, ainda com as mãos na cabeça.



STAR WARS

DARTH BANE



REGRA DE DOIS

1



*A paz é uma mentira. Há apenas paixão.
Pela paixão, eu ganho força.
Pela força, eu ganho poder.
Pelo poder, eu ganho a vitória.
Pela vitória, minhas correntes se rompem.*
O Código Sith

DARTH BANE, O ÚNICO LORDE Sith que escapou da devastação da bomba de pensamento de Kaan, marchava rapidamente sob o pálido sol amarelo de Ruusan, movendo-se com determinação através da terra arrasada. Ele tinha dois metros de altura, e suas botas negras venciam o caminho com longos e rápidos passos, impulsionando seu largo e musculoso corpo com um sentido de urgência. Havia uma aura de ameaça que emanava dele, acentuada por sua cabeça raspada, as sobrancelhas pesadas e a sombria intensidade de seus olhos. Isso – mais ainda do que sua tenebrosa armadura negra ou o sinistro sabre de luz curvado que se pendurava em seu cinto – o marcava como um homem de poder amedrontador: um verdadeiro defensor do lado sombrio da Força.

Sua larga mandíbula cerrada exibia sua determinação contra a dor que pulsava a cada poucos minutos na parte de trás de seu crânio nu. Ele estava a muitos quilômetros de distância quando a bomba de pensamento foi detonada, mas mesmo tão longe ele sentira seu poder reverberando através da Força. Os efeitos persistiam, esporádicas dores disparando por seu cérebro como milhões de pequenas adagas sendo cravadas nos confins escuros de sua mente. Ele esperara que esses ataques fossem diminuir com o tempo, mas nas horas desde a explosão, a frequência e intensidade haviam aumentado.

Ele poderia ter invocado a Força para controlar a dor, envolvendo a si mesmo em uma aura de energia curativa. Mas isso seria uma prática Jedi, e Bane era um lorde sombrio dos Sith. Ele seguia um caminho diferente, um caminho que abraçava o sofrimento, extraíndo força da provação. Ele transformava a dor em raiva e ódio, atizando as chamas do lado sombrio até sua fisionomia praticamente brilhar com a fúria de uma tormenta que mal podia conter.

A terrível imagem que Bane projetava contrastava fortemente com a pequena figura que o seguia, esforçando-se para acompanhá-lo. Zannah tinha apenas dez anos, uma pirralha de cabelos loiros, curtos e encaracolados. Suas roupas eram simples ao ponto de serem rústicas: uma camisa branca folgada e um macacão azul, ambos rasgados e puídos por semanas de uso contínuo. Qualquer pessoa que a visse perambulando atrás da enorme figura de Bane dificilmente imaginaria que era a aprendiz escolhida pelo mestre Sith. Mas as aparências enganam.

Havia poder naquela criança. Bane vira ampla prova disso em seu primeiro encontro, menos de uma hora antes. Dois Jedi anônimos foram mortos por sua mão. Bane não sabia todos os detalhes sobre as mortes; ele chegara após o ocorrido, quando encontrou Zannah chorando sobre o corpo de um Bouncer, uma das espécies de pelagem verde nativas de Ruusan. Os cadáveres ainda quentes dos Jedi estavam estirados ao lado dela, suas cabeças pendendo em ângulos grotescos sobre pescoços quebrados.

Claramente o Bouncer fora amigo e companheiro da criança. Bane imaginou que os Jedi o mataram inadvertidamente e receberam um destino semelhante quando Zannah se vingou. Desconhecendo seu poder, eles foram pegos de surpresa quando a criança – impelida por uma tristeza entorpecente e um ódio puro e abjeto – liberou toda a fúria do lado sombrio nos responsáveis pela morte de seu amigo.

Foram vítimas de um cruel infortúnio: no lugar errado, na hora errada. Mas não seria correto chamar suas mortes de fúteis. Ao menos sob os olhos de Bane, seu sacrifício permitira reconhecer o potencial da jovem garota. Para alguns, a série de eventos pareceria predeterminada, como se os infelizes Jedi tivessem sido atraídos inexoravelmente para seus fins macabros com o único propósito de unir Bane e Zannah. Certamente haveria até aqueles que afirmariam que o destino e o lado sombrio da Força haviam conspirado para apresentar ao mestre uma aprendiz adequada. Bane, entretanto, não era uma dessas pessoas.

Ele acreditava no poder da Força, mas também acreditava em si mesmo: Bane era mais do que um servo de profecias ou um peão do lado sombrio, sujeito aos caprichos de um futuro inevitável e inescapável. A Força era uma ferramenta que ele usara para forjar seu próprio destino através do poder e da astúcia. Apenas ele entre os Sith havia realmente conquistado o manto de lorde sombrio, e essa era a razão por apenas ele entre os Sith ainda viver. E, se Zannah era digna de ser sua aprendiz, ela eventualmente teria que provar seu valor.

Bane ouviu um grunhido atrás dele e se virou para ver que a garota havia tropeçado no chão, caindo em sua pressa de tentar acompanhar o ritmo implacável que ele impunha. Zannah lançou um olhar endurecido sobre ele, a raiva marcando todas as suas feições.

– Devagar! – ela gritou. – Você está indo rápido demais!

Bane cerrou os dentes quando um novo disparo de dor atravessou seu crânio.

– *Eu* não estou indo rápido demais – ele explicou, mantendo a voz calma, porém firme. – *Você* está indo devagar demais. Você precisa achar um jeito de me acompanhar.

Ela se ergueu do chão, passando as mãos nos joelhos para limpar os traços mais nítidos de terra.

– Minhas pernas não são tão longas quanto as suas – ela respondeu com irritação, recusando-se a ceder. – Como é que eu posso acompanhar assim?

A garota possuía brio. Isso ficou claro desde o primeiro encontro. Ela reconheceu Bane imediatamente por aquilo que ele era: um Sith, os inimigos jurados dos Jedi, um servo do lado sombrio. Mas ela não mostrara medo. Em Zannah, Bane enxergara o potencial para a sucessora que ele precisava, mas ela obviamente também vira algo nele que ela queria. E quando Bane oferecera a chance de ser sua aprendiz, de estudar e aprender os ensinamentos do lado sombrio, ela não hesitou.

Ele ainda não estava certo sobre por que Zannah se mostrara tão ansiosa para se juntar a um lorde Sith. Talvez fosse um simples ato de desespero: ela estava sozinha, sem poder contar com ninguém para sobreviver. Ou talvez tenha enxergado o lado sombrio como um caminho de vingança contra os Jedi, um caminho para fazer todos eles sofrerem pela morte de seu amigo Bouncer. Era até possível que ela simplesmente tenha passado a cobiçar para si o poder que sentira em Bane.

Quaisquer que fossem suas verdadeiras motivações, Zannah se mostrou mais do que disposta a jurar fidelidade aos Sith e a seu novo mestre. Entretanto, não era nem seu brio nem sua disposição que a tornava digna de ser sua aprendiz. O lorde sombrio a escolhera por uma – e apenas uma – razão.

– Você é poderosa com a Força – ele explicou, a voz ainda sem denunciar emoção alguma ou a agonia que sofria. – Você precisa aprender a usá-la. A invocar seu poder. A dobrá-lo para seus propósitos. Igual fez quando matou os Jedi.

Bane viu uma dúvida cruzar o rosto da garota.

– Não sei como fiz aquilo – ela murmurou. – Eu nem queria ter feito – ela continuou, repentinamente incerta. – Sei lá... simplesmente aconteceu.

Bane detectou um traço de culpa em sua voz. Ele ficou desapontado, mas não surpreso. Ela era jovem. Confusa. Não podia realmente entender o que havia feito. Não ainda.

– Nada *simplesmente acontece* – ele insistiu. – Você invocou o poder da Força. Pense em como fez isso. Pense no que aconteceu.

Ela hesitou, depois sacudiu a cabeça.

– Não quero pensar nisso – ela sussurrou.

A garota já havia suportado dor e sofrimento imensuráveis desde sua chegada a Ruusan. Ela não possuía desejo algum de revisitar aquelas horríveis experiências. Bane entendia; até simpatizava. Ele também havia sofrido durante a infância, uma vítima de incontáveis surras selvagens nas mãos de Hurst, seu pai cruel e abusivo. Mas ele aprendera a usar aquelas memórias a seu favor. Se Zannah quisesse se tornar herdeira do legado do lado sombrio, ela teria de confrontar seu passado. Teria de aprender como usar suas memórias mais dolorosas. Teria de transformá-las e canalizá-las para lhe permitirem exercer o poder do lado sombrio.

– Você se sente mal por aqueles Jedi agora – Bane disse, sua voz casual. – Sente arrependimento. Remorso. Talvez até pena. – O tom calmo sumiu rapidamente quando sua voz começou a subir tanto em volume quanto em intensidade. – Mas essas são emoções inúteis. Não significam nada. O que você precisa sentir é raiva!

Bane deu um súbito passo na direção dela, fechando o punho com força para pontuar as palavras. Zannah estremeceu diante do movimento inesperado, mas não recuou.

– Suas mortes não foram um acidente! – ele gritou ao avançar mais um passo. – O que aconteceu não foi um engano!

Um terceiro passo o deixou tão perto que a sombra de seu enorme corpo envolveu a garota como um eclipse. Ela se encolheu levemente, mas não saiu do lugar. Bane congelou, bloqueando a dor em seu crânio e canalizando sua fúria. Ele se abaixou ao lado dela e relaxou o punho. Depois estendeu a mão e a pousou gentilmente sobre o ombro da garota.

– Pense em como você se sentiu quando liberou seu poder contra eles – Bane disse, sua voz agora um sussurro suave e sedutor. – Pense no que sentiu quando os Jedi assassinaram seu amigo.

Zannah baixou a cabeça, fechando os olhos. Por vários segundos ela ficou parada e em silêncio, forçando sua mente a reviver o momento. Bane viu as emoções cruzando seu rosto: tristeza, mágoa, perda. Debaixo da grande mão sobre o ombro frágil, ela tremia. Então, lentamente, Bane sentiu a raiva da garota começando a emergir. E, com isso, o poder do lado sombrio.

Quando Zannah ergueu o rosto novamente, seus olhos estavam arregalados; eles queimavam com uma intensidade feroz.

– Eles mataram Laa – ela vociferou. – Eles mereceram morrer!

– Bom. – Bane deixou a mão cair do ombro dela e recuou um passo, um vestígio de sorriso satisfeito marcando seus lábios. – Sinta a raiva. Aceite-a. Adote-a. Pela paixão, eu ganho força – ele continuou, recitando o Código dos Sith. – Pela força, eu ganho poder.

– Pela paixão, eu ganho força – ela disse, repetindo as palavras, respondendo a elas. – Pela força, eu ganho poder. – Bane podia sentir o lado sombrio crescendo dentro dela, crescendo em intensidade até ele quase poder sentir seu calor.

– Os Jedi morreram porque eram fracos – ele disse, dando um passo para trás. – Apenas os fortes sobrevivem, e a Força a tornará forte. – Quando se virou, ele acrescentou: – Use a Força para me acompanhar. Se ficar para trás de novo, vou deixá-la aqui neste mundo.

– Mas você ainda não me disse o que eu tenho que fazer! – ela gritou atrás dele quando Bane voltou a marchar.

Bane não respondeu. Ele havia dado a resposta, embora ela ainda não soubesse. Se fosse digna de ser sua aprendiz, ela acabaria entendendo.

Bane sentiu uma súbita onda de poder avançando sobre ele, concentrada no calcanhar de seu pé esquerdo quando ela tentou fazê-lo tropeçar. Bane se preparou para algum tipo de reação no momento em que deu as costas para Zannah. Ele a provocara até o limite; ficaria desapontado se ela não fizesse nada. Mas esperou um ataque mais amplo e básico – uma onda de energia sombria com a intenção de derrubá-lo no chão. Um ataque focado contra um único calcanhar era muito mais sutil. Mostrava inteligência e astúcia, e embora estivesse preparado, a força do ataque dela o surpreendeu.

Mas, mesmo com todo o poder e potencial que Zannah possuía, ela não era páreo para um lorde sombrio dos Sith. Bane invocou suas próprias habilidades com a Força para absorver o impacto do ataque, antecipando e amplificando sua força antes de dispará-lo de volta contra sua aprendiz. O golpe redirecionado acertou Zannah no peito, forte o bastante para derrubá-la no chão. Um grunhido surpreso escapou dos lábios dela quando aterrisou com força sobre suas costas.

Ela não se feriu; Bane não possuía intenção alguma de machucá-la. As constantes surras que sofreu de seu pai durante a infância ajudaram a transformar Bane naquilo que era hoje, mas também o fizeram odiar e desprezar Hurst. Se aquela garota realmente seria sua aprendiz, ela precisava respeitá-lo e admirá-lo. Ele não poderia transmitir os ensinamentos do lado sombrio se ela não estivesse disposta – e mesmo ansiosa – para aprender com ele. A única coisa que as surras de Hurst ensinaram a Bane foi como odiar, e Zannah já aprendera essa lição.

Ele se virou e fixou seu olhar frio sobre a garota ainda caída sobre o chão sujo. Ela o olhou de volta, furiosa com a maneira como foi humilhada.

– Um Sith sabe quando liberar a fúria do lado sombrio – ele explicou –, e sabe quando esperar. A paciência pode ser uma arma, se você souber usá-la, e sua raiva pode alimentar o lado sombrio, se souber como controlá-la.

Ela ainda estava fumegando de raiva, mas Bane agora via algo mais em sua expressão: uma curiosidade disfarçada. Lentamente ela assentiu quando o significado das palavras se tornou claro, e sua expressão se suavizou. Bane ainda sentia o poder do lado sombrio dentro dela; sua raiva ainda estava lá, mas ela a escondera debaixo da superfície. Ela estava cultivando a raiva, alimentando-a para usar no momento em que pudesse liberá-la.

Zannah havia acabado de aprender sua primeira lição nos caminhos dos Sith. E agora se tornou desconfiada dele – desconfiada, mas não com medo. Exatamente como ele queria. A única coisa que Bane queria que Zannah temesse era o fracasso.

Ele deu as costas a ela novamente e retomou sua marcha, controlando um estremecimento quando uma nova falange de adagas entalhou outro caminho em seus pensamentos. Atrás dele,

Bane sentiu Zannah concentrar a Força novamente. Desta vez, entretanto, a garota direcionou-a internamente, usando-a para revigorar e rejuvenescer seus membros exaustos.

Ela se levantou de repente e se apressou atrás dele, movendo-se quase sem esforço em uma plena corrida. Bane acelerou os passos quando sua aprendiz chegou ao seu lado e igualou seu ritmo, conseguindo facilmente acompanhá-lo agora que estava sendo impulsionada pelo incrível poder da Força.

– Para onde estamos indo? – ela perguntou.

– Para o acampamento Sith – ele respondeu. – Precisamos de suprimentos para a jornada.

– Os outros Sith estão lá? – ela indagou. – Aqueles que estavam lutando contra os Jedi?

Bane percebeu que ainda não havia contado a ela o que acontecera com Kaan e a Irmandade.

– Não existe mais nenhum outro Sith. Nunca existirá, exceto por nós. Um mestre e um aprendiz; um para encarnar o poder, outro para cobiçá-lo.

– O que aconteceu com os outros? – ela quis saber.

– Eu os matei – ele respondeu.

Zannah pareceu pensar sobre aquilo por um momento antes de encolher os ombros com indiferença.

– Então eles eram fracos – ela disse com uma simples convicção. – E mereciam morrer.

Bane percebeu que havia escolhido bem sua aprendiz.

2



A GRANDE NAVE DE GUERRA de lorde Valenthynne Farfalla – líder do Exército da Luz desde a perda do general Hoth – manteve uma órbita lenta muito acima da superfície de Ruusan. Criada para seu exterior lembrar uma antiga caravela, a nave possuía uma elegância arcaica, uma grandiosidade que alguns achavam um sinal de vaidade impróprio para um Jedi.

Johun Othone, um jovem padawan do Exército da Luz, outrora concordara com essa opinião. Como muitos dos seguidores de Hoth, ele havia inicialmente considerado lorde Valenthynne como nada além de um tolo exibido preocupado apenas com coloridas camisas de sedabrillo, os longos cachos esvoaçantes de seus cabelos dourados, e outros ornamentos berrantes e chamativos. Porém, batalha após batalha contra a Irmandade da Escuridão, Farfalla e seus seguidores provaram seu valor. Lentamente, quase com desgosto, Johun e o resto das tropas de Hoth passaram a admirar e até mesmo respeitar o homem que antes era zombado por eles.

Agora o general Hoth se foi, destruído junto com os Sith em seu confronto final, e em sua ausência, foi lorde Valenthynne quem tomou o manto da liderança. Seguindo as ordens de Hoth, Farfalla organizara a evacuação em massa de Ruusan antes da detonação da bomba de pensamento, salvando milhares de Jedi e padawans dos efeitos devastadores ao embarcar todos em naves de sua frota em órbita.

Foi por mero acaso que Johun terminou ali, a bordo da *Fairwind*, a nau capitânia de Valenthynne. A nave era grande o bastante para abrigar confortavelmente mais de trezentos tripulantes, mas enfiado no convés com quase quinhentos outros evacuados, conforto era a última coisa que o jovem sentia. Estavam tão apertados que era difícil se mexer; mestres Jedi, Cavaleiros Jedi e padawans estavam amontoados ombro a ombro.

As outras naves estavam tão cheias quanto. Somada à debandada dos Jedi, estava a maioria das tropas não sensíveis à Força que aderiram à causa de Hoth. Uma das naves fora até carregada com várias centenas de prisioneiros, os seguidores não Sith de lorde Kaan que haviam rapidamente se entregado aos Jedi quando seu líder sombrio os abandonara para embarcar em seu derradeiro plano insano de destruir os Jedi. Não havia nenhum perigo real para esses soldados comuns; a bomba de pensamento apenas afetava aqueles mais ligados à Força. Mas na pressa para evacuar, foi mais fácil simplesmente levar a todos.

Ali no galeão pessoal de Valenthynne, entretanto, Johun reconhecia quase todos os rostos. Lutara ao lado deles por muitos meses, enfrentando emboscadas, pequenas lutas e batalhas de larga escala. Juntos, testemunharam morte e derramamento de sangue, tiveram gloriosos triunfos e sofreram derrotas esmagadoras. Cada um deles viu muitos inimigos – e

ainda mais amigos – morrerem enquanto travavam uma interminável campanha contra as forças do lado sombrio.

Agora, amontoados juntos naquela nave, a guerra havia finalmente terminado. A vitória era enfim deles. Mas cada ser a bordo usava uma máscara sóbria e lúgubre. A extinção dos Sith veio com um terrível preço. Não havia dúvida sobre o que acontecera, nenhuma esperança de que algum Jedi ainda na superfície tivesse sobrevivido. Orbitando muito acima de Ruusan, eles estiveram seguros fora do raio da explosão da bomba de pensamento. Mas através da Força eles ouviram os gritos agonizantes de seus companheiros Jedi quando seus espíritos foram arrancados e sugados pelo vórtice de energia sombria. Muitos dos sobreviventes choraram abertamente. A maioria simplesmente suportou o sofrimento em silêncio estoico, refletindo sobre o sacrifício que outros fizeram.

Johun – assim como Farfalla e virtualmente todos os outros membros do Exército da Luz – havia se voluntariado para ficar junto com o general Hoth. Mas o general recusara. Sabendo que aqueles que ficassem com ele teriam a morte certa, ele ordenara a evacuação de todos, exceto algumas centenas de seus seguidores Jedi. Nenhum dos padawans teve permissão para ficar. Porém, apesar de apenas estar seguindo ordens, Johun não conseguia impedir uma sensação de que traía seu general ao fugir do planeta.

Do outro lado do convés lotado ele identificou Farfalla, sua camisa vermelho vivo parecendo um farol entre o mar de corpos amarronzados. Ele estava organizando as equipes de resgate que seriam enviadas para a superfície de Ruusan para lidar com as consequências da bomba de pensamento, e Johun estava determinado a figurar entre elas.

Era difícil se mover entre a massa de Jedi, mas Johun era pequeno e ágil. Tinha dezenove anos, mas não havia encorpado ainda, e com sua figura esbelta, pele clara e cabelos loiros à altura dos ombros – amarrados em uma trança apertada, como era costume para um jovem Jedi ainda em treinamento –, ele parecia ao menos dois anos mais jovem. Era frustrante ser confundido com uma criança, mas agora, enquanto abria caminho entre a multidão, ele ficou grato por seu físico esguio.

– Lorde Valenthynne – ele chamou ao se aproximar. Johun ergueu mais a voz para ser ouvido entre o burburinho. – Lorde Valenthynne!

Farfalla se virou, tentando distinguir o dono da voz no meio daquela parede de corpos e rostos, e então deu um aceno de reconhecimento quando o jovem finalmente entrou em seu campo de visão.

– Padawan Johun.

– Quero me juntar às equipes de resgate – Johun disse. – Quero que me envie de volta lá para baixo.

– Temo que não posso fazer isso – o mestre Jedi respondeu com um aceno de cabeça cortês.

– Por que não? – Johun exigiu saber. – Acha que sou jovem demais?

– Não é isso... – Farfalla começou a dizer, mas Johun o interrompeu.

– Não sou uma criança! Tenho dezenove anos! Sou mais velho do que aqueles dois com certeza! – ele insistiu, movendo a mão na direção da equipe mais próxima: um grupo consistindo de um homem de meia-idade com uma barba rala, uma mulher em seus vinte anos e dois garotos adolescentes.

– Tome cuidado com a sua raiva – Farfalla o advertiu, com a voz firme.

Johun quase respondeu, mas mordeu a língua e apenas assentiu. Ficar irritado não levaria a nada; isso não convenceria lorde Valenthynne a permitir que fosse junto.

– Sua idade não tem nada a ver com minha decisão – o Jedi mais velho explicou assim que teve certeza de que Johun controlava as emoções. – Mais de um terço das forças é mais jovem do que você.

Era verdade, Johun percebeu. As crescentes baixas da campanha de Ruusan haviam forçado o Exército da Luz a aceitar recrutas cada vez mais jovens. Sua juventude não era o problema; tinha de haver outra explicação. Mas, em vez de perguntar por que não podia ir, Johun simplesmente permaneceu em silêncio. A paciência ganharia mais pontos com o sucessor do general Hoth do que perguntas incessantes e impertinentes.

– Olhe mais de perto para quem estou enviando – Farfalla o instruiu. – São bravos voluntários, aliados valiosos em nossa batalha contra os Sith. Mas nenhum deles tem sintonia com a Força.

Surpreso, Johun deu uma segunda olhada sobre a equipe de resgate enquanto faziam os preparativos finais. A mulher possuía pele escura e cabelos negros curtos, e o Jedi percebeu que já a encontrara antes. Ela era um soldado da República e se chamava Irtanna, e havia se juntado à causa fazia pouco mais de um ano-padrão. Ele precisou de um momento mais longo para reconhecer os outros, até que notou a semelhança entre o homem barbado e os dois adolescentes. Eram nativos de Ruusan. O homem era um fazendeiro chamado Bordon que havia fugido diante dos exércitos de lorde Kaan que avançavam durante a última ofensiva dos Sith. Os dois garotos eram seus filhos, embora Johun não se lembrasse de seus nomes.

– Não sabemos a real extensão dos efeitos da bomba de pensamento – Farfalla continuou. – Pode haver tremores secundários capazes de machucar ou mesmo matar um Jedi ou padawan. É por isso que você não pode ir.

Johun assentiu. Fazia sentido; Valenthynne estava apenas sendo cauteloso. Mas possivelmente às vezes ele era cauteloso demais.

– Existem outros riscos na superfície – ele notou. – Não sabemos se todos os Sith estão mortos. Alguns podem ter sobrevivido.

Farfalla sacudiu a cabeça.

– Kaan possuía algum tipo de feitiço, um poder sobre seus seguidores. Eles estavam hipnotizados por sua vontade. Quando ele os conduziu para dentro da caverna, todos seguiram voluntariamente. Ele os convenceu de que poderiam sobreviver à detonação da bomba se unissem seu poder... mas ele estava errado.

– E quanto aos lacaios dos Sith? – Johun insistiu, recusando-se a desistir. Como os Jedi, os Sith possuíam seguidores sem sintonia com a Força: soldados e mercenários que se aliaram à Irmandade da Escuridão. – Não capturamos todos – o jovem padawan lembrou. – Alguns fugiram do campo de batalha. Ainda podem estar lá embaixo.

– É para isso que serve isto aqui – a soldada lhe assegurou, tocando o blaster em sua cintura. Ela exibiu um largo sorriso, seus dentes brancos contrastando com a pele escura.

– Irtanna sabe como cuidar de si mesma – Farfalla concordou. – Ela já esteve em mais combates do que eu e você juntos.

– Por favor, lorde Valenthynne – Johun implorou, ajoelhando-se. Um gesto vão e tolo, mas ele estava desesperado. Sabia que Farfalla estava certo, mas não se importava. Não se

importava com lógica ou razão ou mesmo com os perigos da bomba de pensamento. Ele simplesmente não podia ficar parado sem fazer nada!

– Por favor! Ele era meu mestre.

Farfalla estendeu a mão e a pousou gentilmente sobre a testa de Johun.

– Hoth me alertou de que sua decisão de enviá-lo para longe não seria fácil para você – ele disse suavemente. – Mas seu mestre era um homem sábio. Ele sabia o que era melhor para você, assim como eu sei. Você precisa confiar em meu julgamento, mesmo se não entender completamente.

Removendo a mão da testa do jovem, o novo líder do Exército da Luz tomou o braço de Johun e o ajudou a se levantar.

– Seu mestre fez um grande sacrifício para salvar a todos nós – ele disse. – Se nos deixarmos levar por nossas emoções agora, se nos permitirmos correr riscos desnecessários, então estaremos desonrando aquilo que ele fez. Você entende?

Johun assentiu, um padawan aquiescendo à maior sabedoria de um mestre Jedi.

– Bom – Farfalla disse, virando-se para focar a atenção sobre uma das outras equipes de resgate. – Se quiser ajudar, dê uma mão para Irtanna carregar os suprimentos.

Johun assentiu novamente, embora Farfalla não tenha notado. Ele já não estava mais lá, levado pelas responsabilidades de sua posição.

Trabalhando em silêncio, Johun ajudou a carregar os últimos suprimentos dentro da nave auxiliar: estojos cheios com rações e cápsulas de água, medpacs para o caso de encontrarem feridos, eletrobinóculos e um sensor para reconhecimento do território, bastões luminosos para quando a noite caísse. E, claro, células de energia extras para os blasters que Irtanna e os outros carregavam para caso encontrassem lacaios sobreviventes do exército de Kaan.

– Obrigada – Irtanna disse quando terminaram.

Tentando parecer casual, Johun olhou rapidamente ao redor. Farfalla não estava em lugar algum.

– Você quer pilotar até lá embaixo, ou prefere que eu pilote? – ele perguntou a ela. As palavras foram fáceis, mas quando as pronunciou, Johun usou a Força para tocar a mente dela. Fez isso gentilmente, tomando cuidado para não causar nenhum dano quando plantou a semente da sugestão.

Os olhos dela ficaram vidrados por um instante, e uma aparência de confusão cruzou seu rosto.

– Hum... eu vou pilotando, acho. Você pode ser o copiloto.

– Você vai junto conosco? – Bordon, o pai de meia-idade, perguntou. Pelo tom de sua voz, ficou óbvio que ele tinha suas dúvidas.

– É claro – Johun respondeu amigavelmente. – Vocês ouviram quando ele disse que eu deveria ajudar a carregar os suprimentos, não é? Por que outro motivo ele diria isso se eu não estivesse indo com vocês?

Assim como fez com Irtanna, ele usou levemente a Força, acrescentando o poder de sugestão para aquela meia-verdade. Normalmente, Johun abominava a ideia de manipular amigos ou aliados daquela maneira, mas naquele caso ele sabia que a equipe improvisada de resgate se sairia melhor se ele os acompanhasse.

– Sim. Certo – Bordon concordou após um momento. – É bom tê-lo conosco.

– Faz sentido levar um Jedi junto – Irtanna acrescentou. – Só para garantir.

Persuadir alguém através da Força sempre era mais fácil quando se tratava de algo que as pessoas já queriam, Johun notou. Mesmo assim, ele sentiu uma pontada de culpa quando embarcou na pequena nave auxiliar.

É só porque você está desobedecendo Farfalla, ele disse a si mesmo. *Você está fazendo a coisa certa.*

– Apertem os cintos – Irtanna ordenou, falando ao mesmo tempo em que as escotilhas eram travadas.

Os motores da nave auxiliar foram acionados, erguendo-os do chão da plataforma de embarque.

– De volta para casa em Ruusan. Ou para o que restou dela – Bordon murmurou melancolicamente quando passaram pelas comportas do compartimento de cargas e ganharam a atmosfera do planeta.



DARTH BANE OS PRESENTIU MUITO antes de propriamente vê-los.

Aqueles que ignoravam os caminhos da Força enxergavam esse poder apenas como uma arma ou ferramenta: podia atingir um inimigo na batalha, podia levitar objetos próximos e atraí-los para uma palma aberta ou lançá-los para longe. Mas eram apenas truques de magia para alguém que entendia seu verdadeiro poder e potencial.

A Força era parte de todas as coisas vivas, e todas as coisas vivas eram parte da Força. Fluía através de cada ser, cada animal e criatura, cada árvore e planta. A energia fundamental da vida e da morte corria através dela, provocando ondas no próprio tecido da existência.

Mesmo distraído pelos agonizantes lampejos das adagas cortando dentro de seu crânio, Bane sentia aquelas ondas. Elas davam a ele uma consciência que transcendia o espaço e até o tempo, permitindo breves vislumbres das sempre mutantes possibilidades do futuro. Foi assim que, ainda a dois quilômetros e vários minutos de distância de onde Kaan e seu exército haviam acampado, ele soube que outros já estavam lá.

Havia oito no total, todos humanos – seis homens e duas mulheres. Mercenários que se juntaram à Irmandade em troca de créditos e uma chance de atacar a odiada República, eles haviam sobrevivido à batalha final contra as tropas de Hoth. Provavelmente fugiram do confronto no instante em que Kaan descera às profundezas do planeta para disparar sua armadilha contra os Jedi, mostrando a lealdade que se ganha quando se compra um seguidor. E agora, como besouros de sangue devorando a carcaça putrefata de um bantha, eles vieram vasculhar qualquer coisa de valor que pudessem encontrar no abandonado acampamento Sith.

– Tem alguém lá na frente – Zannah sussurrou um minuto mais tarde. Menos familiarizada com as nuances sutis da Força do que seu mestre, ela demorou mais para sentir o perigo. Mas considerando sua falta de treinamento, o fato de ter notado algo já era uma confirmação de suas habilidades.

– Espere aqui – Bane ordenou, erguendo a mão para congelar Zannah no lugar. Sabiamente, ela obedeceu.

Ele não olhou para trás quando correu num disparo. O chão passou voando sob seus pés, uma mancha de movimento quando usou a Força para impulsioná-lo para a frente. A dor em sua cabeça sumiu, engolida pela expectativa da batalha e a satisfação física do movimento.

Sessenta segundos depois, o acampamento Sith entrou em seu campo de visão, a silhueta dos mercenários condenados claramente visível enquanto discutiam quais objetos deveriam pilhar. Seis dos saqueadores estavam reunidos na pequena clareira no meio do acampamento, dividindo o espólio. Os outros dois estavam de guarda: sentinelas posicionadas perto do limite das tendas à procura de qualquer sinal de problemas. Entretanto, seus postos eram mera formalidade. Os vigias deveriam estar posicionados em lados opostos do acampamento para defender qualquer ataque nas duas direções. Em vez disso, os dois homens estavam de pé a menos de vinte metros um do outro, mais interessados em ter alguém com quem passar o tempo do que em defender o perímetro.

Bane analisou a cena com desprezo quando avançou sobre eles, a Força permitindo que absorvesse cada detalhe em uma única olhada rápida. Os mercenários ignoravam totalmente sua aproximação, suas atenções voltadas aos gritos de discordância vindo dos outros seis discutindo os espólios.

Alterando levemente seu curso para que sua chegada ficasse oculta por uma tenda de suprimentos até o último instante possível, Bane deu um último impulso de aceleração e pousou no acampamento em uma tormenta de ruína. Ele sacou e acionou seu sabre de luz em um único movimento contínuo. O zunido afiado da lâmina rúbea o precedeu, denunciando sua posição alguns preciosos segundos antes de sua chegada. O alerta prévio deu tempo suficiente para a sentinela mais próxima sacar seu blaster, mas não o bastante para salvá-la da matança iminente.

Bane apareceu vindo de trás da tenda de suprimentos e avançou sobre sua primeira vítima como um vento negro, cortando seu corpo diagonalmente, do ombro até os quadris. O homem vestia uma armadura de combate feita de placas de material composto unidas sobre um forro acolchoado para permitir flexibilidade. O colete cobrindo seu peito era capaz de absorver vários tiros de alta energia em um raio de trinta metros, mas a lâmina

de Bane cortou através das camadas protetoras e entalhou um corte fatal de cinco centímetros através da carne e ossos abaixo.

Quando a primeira vítima desabou, Bane deu um salto em direção ao inimigo seguinte, instantaneamente extinguindo os dez metros entre eles e, simultaneamente, desviando do apressado tiro da segunda sentinela. Quando desceu praticamente em cima do inimigo, empregou um golpe descendente com as duas mãos – um movimento clássico do Djem So, a quinta e mais poderosa forma de combate com sabres de luz. O pesado golpe cortou perfeitamente em dois o capacete do infeliz homem e perfurou fundo seu crânio.

O final macabro dos dois primeiros mercenários deu aos outros tempo para reconhecerem o que estava acontecendo. Eles sacaram suas armas e dispararam uma saraivada de tiros de energia sobre Bane quando ele se virou para encará-los do outro lado do acampamento. Passando facilmente do estilo agressivo da Forma V para a o estilo mais defensivo da Forma III, Bane defletiu os tiros com golpes de empunhadura dupla de seu sabre de luz, desviando-os para os lados quase com um desdém casual.

Girando sua arma na mão direita, Bane fez uma pausa para admirar o desespero e o terror emanando da meia dúzia de mercenários sobreviventes quando reconheceram o inevitável fato de suas mortes. Agrupados no meio da clareira entre as tendas, eles fizeram a única coisa que lhes daria alguma chance de sobrevivência – eles se separaram e começaram a correr.

Os mercenários se espalharam em todas as direções: uma das mulheres correu para a esquerda, dois homens correram para a direita, os outros três se viraram e correram em uma linha diretamente oposta ao mortal intruso. Ainda girando o sabre de luz, Bane lançou sua mão livre à frente, a palma estendida quando liberou a Força em uma onda de choque na direção da mulher que fugia à sua esquerda. A onda causou um rastro de devastação através do acampamento. Tendas foram arrancadas do chão, suas coberturas rasgadas e destroçadas. Caixas de suprimento explodiram em detritos, os conteúdos destruídos se espalhando em uma chuva de estilhaços.

A onda atingiu as costas da mulher, pulverizando sua coluna e partindo seu pescoço ao lançá-la de cara na lama e forçá-la contra o chão. Seu corpo ainda estrebuchou uma vez, depois se imobilizou para sempre.

Fechando os dedos com força sobre a palma da mão esquerda, Bane girou na direção dos dois homens à sua direita e jogou o punho no ar. Uma dúzia de relâmpagos azuis se arqueou de cima de sua cabeça e envolveu os mercenários aterrorizados, cozinhando-os vivos. Gritando em agonia, eles dançaram e se retorceram como marionetes em fios elétricos por vários segundos antes de suas carcaças fumegantes desabarem no chão.

Nos poucos segundos que levou para eliminar suas duas vítimas anteriores, os três mercenários sobreviventes haviam alcançado o lado mais distante do acampamento Sith. Alguns metros depois do limiar das tendas, uma linha de árvores marcava o começo das florestas de Ruusan. A vegetação fechada os seduzia com a possibilidade de segurança, apressando ainda mais sua fuga aterrorizada. Bane os observou com um indolente desinteresse, saboreando seu medo.

A apenas alguns passos da liberdade, um dos homens cometeu o erro fatal de olhar para trás para saber se o adversário os estava seguindo. Improvisando, Bane lançou casualmente o sabre de luz na direção do fugitivo. A lâmina rodopiou no ar, cruzando o acampamento em uma fração de segundo antes de voltar e ser apanhada na mão de seu mestre.

Dois dos mercenários desapareceram na floresta, penetrando pela vegetação rasteira. O terceiro – aquele que havia parado para olhar – estava congelado como pedra. Um segundo mais tarde, sua cabeça caiu para a frente, quicando e rolando no chão, decepada do pescoço agora cauterizado pela lâmina vermelha do sabre lançado por Bane. Como se a cabeça caída fosse um sinal, os membros rígidos do cadáver decapitado repentinamente relaxaram, e o corpo caiu de lado.

Bane cessou a luz de seu sabre, a lâmina desaparecendo com um silvo agudo. Por um breve instante ele contemplou sua vitória, bebendo os últimos resquícios das emoções de suas vítimas, retirando poder do medo e sofrimento que sentiram. E então o momento passou, fugindo igual àqueles que haviam escapado de sua fúria. Ele poderia ter perseguido os outros, mas, por mais que ansiasse pelo sabor de seu pânico, Bane entendia o propósito de deixá-los vivos.

– Você os deixou fugir.

Bane se virou, surpreso em ver Zannah dentro do perímetro do acampamento. Concentrado na matança, ele não sentira a aproximação dela. Ou então sua jovem aprendiz se esforçara muito para esconder sua presença dele.

Não a subestime, Bane disse a si mesmo. *Ela possui o poder para um dia superá-lo.*

– Você os deixou fugir – Zannah repetiu. Ela não parecia brava, ou desapontada, ou mesmo satisfeita. Parecia apenas confusa.

– Eu disse para você me esperar – Bane a repreendeu. – Por que você desobedeceu?

Ela não respondeu prontamente, pesando as palavras com cuidado até encontrar uma resposta que agradasse a seu mestre.

– Eu queria ver o verdadeiro poder do lado sombrio – ela finalmente admitiu. – Você pode me ensinar a fazer...? – ela deixou a conclusão no ar, incapaz de encontrar palavras para descrever o que havia acabado de testemunhar. Então simplesmente fez um movimento com a mão, indicando a totalidade da carnificina que ele provocara.

– Você aprenderá – Bane lhe assegurou, prendendo o cabo curvado de seu sabre de luz de volta na cintura.

Zannah não sorriu, mas havia uma expressão ansiosa em seu olhar, uma fome que seu mestre conhecia muito bem. Ele vira a mesma ambição crua nos olhos de Githany, sua antiga amante e uma das seguidoras condenadas de Kaan. Ele sabia que, se Zannah não aprendesse a acalmar e controlar sua ambição, isso poderia levá-la a um caminho de destruição, assim como acontecera com Githany.

– Perícia no combate é uma simples amostra do poder do lado sombrio – seu mestre alertou. – Brutal e rápida, ela serve a um propósito. Porém, geralmente é menos eficaz do que a sutileza e a astúcia. Deixar aqueles mercenários viverem pode ser mais útil do que matá-los agora.

– Mas eles eram fracos – sua aprendiz protestou, jogando seus próprios ensinamentos de volta contra Bane. – Eles mereciam morrer!

– Poucas coisas na galáxia ganham aquilo que realmente merecem – ele notou, escolhendo as palavras com cuidado. O lado sombrio não era facilmente entendido; até mesmo ele ainda estava aprendendo a lidar com suas complexidades e contradições. Bane precisava ter cuidado para não sobrecarregar sua jovem aprendiz, porém era importante que ela entendesse a essência daquilo que ele havia feito ali. Ele continuou:

– Nossa missão não é matar todos aqueles que são inaptos a viver. Nós respondemos a um chamado maior. Tudo que fiz em Ruusan, e tudo o que faremos daqui em diante, deve servir ao nosso verdadeiro propósito: a preservação da nossa Ordem e a sobrevivência dos Sith.

Após considerar por um momento, Zannah sacudiu a cabeça.

– Desculpe, mestre – ela admitiu –, ainda não entendi por que você não matou todo mundo.

– Como servos do lado sombrio, nós vivemos para a morte de nossos inimigos. Nós obtemos poder do sofrimento deles, mas precisamos equilibrar isso com outros ganhos maiores. Precisamos reconhecer que matar por prazer sádico, matar sem razão, necessidade ou propósito, é o ato de um tolo.

Uma expressão confusa cruzou o rosto da jovem garota.

– Qual é o propósito de deixar uma escória como aquela viver?

– Os Jedi acreditam que a Ordem dos Sith morreu aqui em Ruusan – ele explicou pacientemente. – Existem seguidores do lado sombrio em muitos outros mundos: os Saqueadores de Honoghr e Gamorr, os Assassinos das Sombras de Ryloth e Umbara. Mas aqueles com o maior poder, todos aqueles indivíduos com potencial para se tornarem verdadeiros mestres Sith, se juntaram à Irmandade de Kaan. Juntos eles o seguiram para a guerra, e juntos eles o seguiram para a morte.

– Mas haverá aqueles que duvidam da totalidade da extinção dos Sith. Sempre haverá sussurros de que os Sith sobreviveram, sinais e rumores de que em algum lugar na galáxia um lorde sombrio ainda vive. E se os Jedi algum dia encontrarem provas de nossa existência, eles nos caçarão incansavelmente.

Bane fez uma pausa para deixar as implicações de sua última afirmação se assentarem antes de continuar.

– Não podemos viver em isolamento, separados do resto da galáxia, encolhidos de medo. Precisamos trabalhar para aumentar nosso poder; será preciso interagir com indivíduos de muitas espécies em muitos mundos. É inevitável que algumas pessoas nos reconheçam por aquilo que somos, independente de qualquer disfarce. Eventualmente a notícia de nossa existência chegará aos ouvidos dos Jedi.

Zannah o estudava atentamente, absorvendo cada palavra, buscando sabedoria na lógica turva do lado sombrio.

– Já que não podemos esconder o fato de nossa sobrevivência – Bane continuou –, precisamos obscurecê-lo com meias verdades. Devemos encorajar os rumores, engrossando-os de tal maneira que cegarão nossos inimigos até não conseguirem mais separar mito e realidade.

Um brilho de entendimento iluminou o rosto de Zannah.

– Um rumor é tão confiável quanto sua fonte! – ela exclamou.

Bane assentiu, satisfeito.

– Os sobreviventes espalharão a história, mas quem acreditará em tipos como aqueles? Todos saberão que eles são os mercenários que fugiram da batalha final para se salvar, depois voltaram para saquear o acampamento de seus antigos aliados. Serão tachados de traidores e ladrões. Ninguém acreditará na história deles, e a verdade será descartada como um boato sem valor. E, se houver qualquer outra testemunha de nossa presença em Ruusan – Bane acrescentou, costurando o último fio daquele confuso tecido de mentiras –, haverá menos chances de acreditarem no relato deles. Será contaminado pela semelhança às supostas mentiras que saíram da boca dos saqueadores covardes.

– Não haveria motivo para suas mortes – Zannah murmurou, quase que para si mesma. Ela não disse mais nada, aparentemente perdida em pensamentos enquanto digeriria tudo o que ouvira.

Bane tirou sua atenção de sua aprendiz e a focou nos itens que os saqueadores haviam juntado no centro do acampamento. Ele era o último Sith. Se houvesse algo de valor ali, então deveria ser seu por direito.

A maioria dos objetos não o interessava. Alguns membros da Irmandade de Kaan haviam juntado itens de imenso valor, acreditando que a cobiça e a inveja que eles inspiravam nos outros poderiam alimentar o poder do lado sombrio. Os mercenários haviam apanhado toda aquela tralha – anéis e colares feitos com metais preciosos e pedras brilhantes; adagas e facas cerimoniais, cujos cabos eram encrustados com gemas cintilantes; máscaras e estatuetas intrincadamente entalhadas em materiais raros e delicados – e jogado sem cuidado em uma pilha no chão.

Analisando os valiosos tesouros que eram inúteis para seu propósito, Bane sentiu outra pontada de dor na nuca. No mesmo instante, ele vislumbrou com o canto do olho uma figura que desapareceu de seu campo de visão.

Ele virou a cabeça rapidamente na direção do movimento, mas não viu nada. Não fora Zannah; a figura era muito mais alta. Ele usou a Força, mas sentiu apenas a si mesmo e sua aprendiz dentro do perímetro do acampamento.

– O que foi? – ela perguntou, notando sua súbita inquietude. – Tem alguém vindo?

– Não é nada – Bane respondeu. *Será mesmo?*, ele se perguntou. *Ou será mais um efeito colateral da bomba de pensamento?*

Zannah se aproximou de onde ele estava, seus olhos atraídos pelo brilho do sol refletido nas joias espalhadas pelo chão.

– O que é isso? – ela perguntou, agachando para apanhar algo quase completamente enterrado no fundo da pilha.

Ela emergiu com um fino manuscrito encadernado em couro. Zannah o virou curiosamente, examinando o manuscrito de todos os ângulos até que Bane estendeu a mão. Em resposta, ela obedientemente entregou seu achado.

Ele reconheceu o estilo do manuscrito. Havia vários volumes semelhantes na biblioteca da Academia da Irmandade em Korriban, embora Bane nunca tivesse visto aquele trabalho em particular antes. O volume era fino, apenas algumas dezenas de páginas, e a capa fora entalhada com palavras arcaicas tracejadas em tinta vermelho-sangue. Bane reconheceu a língua. Ele ganhara familiaridade com o idioma dos antigos Sith durante seus estudos na Academia, quando se voltou para a sabedoria dos mestres havia muito mortos em vez de confiar nos tolos que tentavam instruí-lo na desprezível filosofia dos “Novos Sith” da Irmandade.

Ele abriu o volume e descobriu que a mesma tinta vermelho-sangue fora usada para preencher as páginas com delicada escrita e elaboradas ilustrações. Assim como as palavras na capa, a língua do interior era a dos antigos Sith. Entretanto, as margens de cada página estavam cheias de anotações escritas à mão em língua básica. Ele reconheceu a caligrafia como sendo de Qordis, o antigo chefe da Academia em Korriban e um dos muitos supostos lordes Sith que serviam Kaan. Mas, diferente do resto da Irmandade da Escuridão, Qordis não perecera na explosão da bomba de pensamento. Ele morrera algumas horas antes, quando Bane usou a Força para arrancar a vida de seu antigo professor.

Por que Qordis trouxe este manuscrito para Korriban?, Bane se perguntou. Qordis sempre fora mais preocupado em juntar riqueza do que estudar textos antigos. Ele vestia apenas as sedas mais finas e as joias mais caras; cada longo dedo cruel de suas duas mãos fora adornado com anéis de incrível valor. Até mesmo sua tenda em Korriban fora decorada com raras tapeçarias ornamentadas. Se ele carregara aquele manuscrito desde a Academia, Bane se deu conta, então deveria conter conhecimento de extremo valor.

– O que diz aí? – Zannah perguntou, mas Bane não lhe deu atenção.

Ele rapidamente folheou o manuscrito, passando a vista tanto no texto original quanto nas anotações de Qordis. Parecia ser uma compilação da história e ensinamentos de Freedon Nadd, um grande mestre Sith que vivera havia mais de 3 mil anos-padrão. Bane já lera outros relatos de Nadd, mas aquele possuía algo que não constava nas outras versões: o local de seu descanso final!

Há muitos séculos o túmulo de Freedon Nadd se perdera, escondido pelos Jedi para que os seguidores do lado sombrio não pudessem buscar poder ou conhecimento nos artefatos Sith selados dentro da tumba. Mas na página final do manuscrito, Qordis fizera uma última anotação, sublinhada para dar ênfase: *procurar o túmulo em Dxun*.

Como Qordis chegara a essa informação pouco significava para Bane; tudo que importava era que agora ele também sabia a localização. A guerra em Ruusan impediu que Qordis tentasse encontrar o túmulo em Dxun. Agora que a guerra acabara, nada impedia Bane de seguir naquela jornada e tomar o legado de Nadd para si. Mas primeiro precisava deixar Ruusan.

A já familiar dor disparou outra vez em seu crânio, e outra vez ele vislumbrou uma figura com o canto do olho. Desta vez a imagem pareceu se sustentar por quase um segundo inteiro. Alto, de ombros largos e vestido com as túnicas de um Sith, era uma figura que Bane reconhecia – lorde Kaan! E então, assim como antes, desapareceu.

Isso é real? Seria possível que o líder da Irmandade da Escuridão tivesse, de alguma forma, sobrevivido à bomba de pensamento? Seria possível que seu espírito agora assombrava o mundo onde morrera?

Bane fechou o manuscrito e olhou para Zannah. Ela não dava nenhuma indicação de que vira ou sentira algo. *Apenas um truque da mente*, Bane pensou. Era a única explicação que fazia sentido. Zannah teria sentido a manifestação de um espírito do lado sombrio tão perto assim, porém ela nada demonstrava.

Essa constatação trouxe a ele uma estranha mistura de alívio e preocupação. Quando viu Kaan pairando ao seu lado, Bane pensou por um instante – apenas um instante – que havia falhado em sua busca para destruir a Irmandade. Mas a afirmação do sucesso de sua missão foi reforçada pela ciência de que a bomba de pensamentos havia causado mais danos do que ele primeiro suspeitara. Com sorte, as agonizantes dores de cabeça e os delírios seriam apenas temporários.

Zannah ainda olhava para ele, mal contendo a enxurrada de perguntas sobre o que ele havia descoberto dentro das páginas do tesouro que ela encontrara. Sua expressão de curiosa expectativa se transformou em frustração quando Bane guardou o manuscrito em suas roupas sem oferecer explicação. Com o tempo, ele compartilharia todo o seu conhecimento atual e futuro. Mas até ter a chance de explorar a tumba de Nadd sozinho, ele não contaria para ninguém – nem mesmo para sua aprendiz – sobre aquele achado.

– Você está pronta para deixarmos este mundo? – ele perguntou.

– Não aguento mais este lugar – ela respondeu, com um traço de amargura em sua voz. – As coisas só pioraram desde que cheguei aqui.

– Seus primos – Bane perguntou, lembrando-se de um comentário que ela fizera sobre os dois garotos com quem havia viajado até Ruusan. – Você sente falta deles?

– Por que sentiria? – ela respondeu, encolhendo os ombros. – Tomcat e Bug estão mortos. Por que perder tempo pensando sobre eles?

Suas palavras eram indiferentes, mas Bane reconheceu aquela insensibilidade como um mecanismo de defesa. Debaixo da superfície ele podia sentir as paixões dela queimando: Zannah sentia raiva e ressentimento sobre as mortes deles; ela culpava os Jedi por aquilo que aconteceu, e nunca os perdoaria. Sua raiva faria parte para sempre de seu ser, fervendo sob a superfície. Seria útil para ela nos anos vindouros.

– Venha comigo – Bane disse, tomando uma decisão.

Ele a conduziu para uma moto abandonada perto de uma das tendas. Ele montou o veículo, e ela subiu no assento de trás. Os finos braços de Zannah envolveram a cintura de Bane com força quando o motor ganhou vida e levitou a moto do chão.

– Por que vamos de moto? – ela perguntou, gritando em sua orelha para ser ouvida sobre o barulho ensurdecedor do motor.

– Será mais rápido assim. O tempo se esvai – Bane respondeu sobre o ombro. – Logo os Jedi retornarão para levar seus mortos e caçar os sobreviventes do exército de Kaan. Mas ainda há uma última lição que você precisa aprender antes de irmos.

Ele não disse mais nada; certas coisas não podiam ser explicadas: era preciso ver para entender. Zannah precisava ver o resultado da bomba de pensamento. Precisava ver a verdadeira extensão da loucura de Kaan. Precisava digerir o caráter definitivo do que Bane havia realizado ali. E Bane precisava assegurar a si mesmo de que a figura que enxergara era nada mais do que um efeito colateral de sua exposição à bomba de pensamento. Ele queria ver com os próprios olhos prova inegável de que Kaan realmente fora destruído.



DAROVIT ESTAVA ENCOLHIDO NO CHÃO frio da caverna, banhado na estranha luz que emanava do prateado orbe ovoide que flutuava no centro da câmara subterrânea. Já fazia quase duas horas que ele não se movia, paralisado pelo horror e espanto de tudo aquilo. Era como se o tempo não fizesse sentido ali no epicentro da bomba de pensamento, como se o próprio Darovit estivesse agora suspenso entre a vida e a morte, preso igual aos espíritos atormentados dos seguidores de Kaan e dos Jedi que ousaram enfrentá-los.

Eventualmente, entretanto, seu choque começou a desaparecer. Lentamente a sanidade voltou, trazendo junto a si a realidade do mundo físico de volta. O ar na caverna estava úmido e gelado, seu corpo tremia quase que incontrolavelmente. Seu nariz escorria, e Darovit levou a mão trêmula até o rosto para limpá-lo, seus dedos desajeitados com o frio paralisante.

– Vamos lá, Tomcat – ele disse a si mesmo. – É hora de se mexer. Toma coragem e levanta.

Com grande esforço ele conseguiu se erguer, depois caiu de novo com um grito quando os músculos de suas pernas se contraíram em câibras. A dor ajudou a quebrar os últimos vestígios do entorpecimento em que se encontrava, jogando-o de volta ao presente e focando a mente no aqui e no agora.

Ele massageou freneticamente cada uma das pernas, tentando restaurar o fluxo sanguíneo. Darovit estava ansioso para deixar aquele lugar agora, desesperado para se afastar da presença maligna da bomba que pulsava silenciosamente. Sentiu um arrepio na pele quando ergueu os olhos sobre ela, porém, por mais repulsivo que fosse, ele também sentia uma estranha atração.

– Não olhe para isso – ele alertou a si mesmo com um forte sussurro, redobrando os esforços para aliviar a dor e a rigidez nos membros inferiores. Após outro minuto ele ousou se erguer novamente. Um formigamento atingiu as solas dos pés, e seus joelhos fraquejaram por um instante, mas ele se manteve de pé.

Darovit olhou de um lado a outro, vasculhando a caverna sob a luz do globo. Havia ao menos meia dúzia de entradas que levavam para fora da câmara, e ele praguejou quando percebeu que não fazia ideia de qual passagem o levaria de volta para a superfície.

– Você não pode ficar aqui – ele murmurou.

Escolhendo um túnel aleatoriamente, ele começou a andar com passos lentos e incertos. A escuridão rapidamente o envolveu assim que entrou na passagem, até que acionou o sabre de luz que os Sith haviam lhe dado. Usando o fraco brilho da lâmina cor de rubi, ele conseguiu seguir seu caminho pelo terreno irregular.

Não demorou para perceber que escolhera a passagem errada. Ele se lembrava da rampa acentuada por onde desceu rolando em sua chegada, mas o chão ali tinha se tornado relativamente plano. Seria simplesmente o caso de virar e tentar uma das outras saídas. Mas a ideia de retornar para a câmara principal – e o globo cheio de espíritos aprisionados – o impedia de dar meia-volta.

– Este túnel tem de dar em algum lugar – ele disse a si mesmo. – Apenas continue seguindo até a superfície.

O plano soava simples, mas se tornou mais complicado quando ele alcançou uma bifurcação na passagem. Darovit hesitou por um longo momento, estudando o caminho da esquerda e depois o caminho da direita. Nenhum oferecia pistas sobre qual o levaria para a liberdade – se é que algum levaria. Balançando a cabeça e suspirando com resignação, ele escolheu o caminho da esquerda.

Quarenta minutos e três bifurcações mais tarde, ele começava a se arrepender de sua decisão. Agora Darovit não podia mais voltar para a caverna mesmo se quisesse; ele havia se embrenhado demais no labirinto subterrâneo. Seu estômago roncou, e a ideia de que talvez nunca mais fosse encontrar a saída começou a se instalar nos cantos escuros de sua mente.

Ele perseverou, aumentando o ritmo junto com seu pânico. Agora ele corria, os olhos disparando de lado a lado, torcendo para que o fraco brilho do sabre de luz revelasse algo – qualquer coisa – que pudesse mostrar o caminho. Ele correu por mais um túnel lateral, cambaleando em sua pressa até que tropeçou e caiu.

Quando lançou as mãos para a frente para amortecer a queda, o sabre de luz voou de sua mão. Fez uma fenda pela parede, depois quicou pelo chão irregular, extinguindo a lâmina e jogando tudo para dentro da escuridão.

Darovit atingiu o chão com força. Ele permaneceu deitado de cara no chão no meio do breu do túnel, entregando-se ao desespero que se abateu sobre ele. Não havia motivo para continuar; ele nunca encontraria a saída. Era melhor morrer ali mesmo, esquecido e sozinho.

Ele se virou de costas, seus olhos cegos mirando o teto. E então ouviu um som. Fraco, mas evidente. Uma voz vinda de uma grande distância, cortando através do silêncio opressivo.

Agora você está ouvindo coisas, Tomcat, ele pensou. Mas um segundo depois, ouviu novamente, ecoando através do túnel. Mais alguém estava ali!

Ele não sabia se um era um Jedi que vinha testemunhar o destino de seus colegas, um lacaios dos Sith que fugira da batalha final, ou alguém aliado a um grupo completamente diferente. Não fazia ideia se a pessoa iria recebê-lo bem, tomá-lo como prisioneiro ou matá-lo. Mas ele não se importava. Mesmo o medo de voltar para a câmara e o terrível globo prateado não o segurou desta vez. Qualquer coisa era melhor do que morrer de frio ou de fome naqueles túneis escuros debaixo da superfície do planeta.

Arrastando-se através da escuridão, ele tateou ao redor até os dedos tocarem e envolverem o cabo do sabre de luz. Darovit o ergueu triunfante no ar e o acionou, permitindo que enxergasse novamente.

Não havia como saber a distância do dono da voz. A acústica do túnel era estranha e pouco familiar. Sons e ecos eram distorcidos de uma forma nada natural quando ricocheteavam nas paredes de pedra do labirinto subterrâneo. Mas Darovit tinha certeza de que a voz vinha de algum lugar à frente, na direção que vinha seguindo.

Com o brilho da lâmina como guia, ele se movia com uma confiança ansiosa. Quase a cada minuto ele ouvia outro pedaço da conversa vinda de algum lugar mais à frente. Era possível distinguir dois falantes agora, cada um com uma voz distinta: uma era grave e profunda, a outra era muito mais aguda. A cada vez que ouvia as vozes, elas se tornavam mais altas, e Darovit sabia que estava seguindo na direção certa.

Ele notou que a escuridão do túnel diminuía; já não precisava do sabre de luz para enxergar os arredores. Mas não era a luz amarela do sol que invadia enquanto ele se aproximava da superfície: era um frio brilho prateado. Surpreso, ele percebeu que, de alguma forma, havia andado em círculo e agora se aproximava da câmara onde estava a bomba de pensamento. Fossem quem fossem os donos das vozes – amigos ou inimigos –, ele os encontraria lá.

A câmara estava tão perto, tão perto que ele pôde distinguir as palavras quando voltou a ouvir as vozes.

– Os Sith são apenas dois agora. Um mestre e um aprendiz – a voz mais grave disse. – Não haverá outros.

– O que acontece se eu fracassar? – a outra voz respondeu.

Parece uma mulher, Darovit pensou, focado demais em seguir as vozes para prestar muita atenção nas palavras em si. *Não, não uma mulher*, ele se corrigiu um segundo mais tarde. *Uma garota*.

– Você vai me destruir também? – a garota perguntou.

Chocado, Darovit percebeu que conhecia aquela voz! Não sabia como era possível, mas não havia dúvida em sua mente sobre quem era.

– Rain! – ele gritou, começando a correr para encontrar a prima que julgava morta. – Rain, você está viva!



A viagem até a caverna foi rápida e sem problemas. Bane notara alguns sobreviventes da batalha final de Ruusan olhando desorientados para ele e Zannah ao passar rapidamente com a moto flutuante, mas não lhes deu atenção. Bane duvidava que algum deles pudesse reconhecê-lo por aquilo que realmente era. E, mesmo se reconhecessem, suas histórias sobre um lorde Sith sobrevivente passando junto com uma jovem garota pareceria ridícula e pouco confiável, igual os relatos dos mercenários que ele deixara escapar no acampamento de Kaan.

Ele parou a moto na frente do escuro e sinistro túnel que os levaria até a câmara da bomba de pensamento. Pequenas pedras foram esmagadas sob as solas de suas pesadas botas negras quando ele desmontou. Zannah era pequena demais para simplesmente descer do veículo, mas saltou do assento sem qualquer sinal de medo ou hesitação, aterrissando agilmente no chão ao lado de Bane.

Nenhum deles falou enquanto desciam o túnel, o caminho iluminado por um dos bastões de luz que Bane havia encontrado no acampamento Sith. O ar se tornava cada vez mais frio e Zannah estremeceu ao lado dele, mas não reclamou. Eles se moveram rapidamente pela passagem irregular; mesmo assim, levou quase vinte minutos até alcançarem seu destino por causa do tamanho do túnel. E, pela primeira vez, Darth Bane viu o resultado de suas manipulações contra Kaan e seus seguidores.

O pálido e brilhante orbe flutuando no centro da câmara possuía quase quatro metros de altura. Pulsava com um poder bruto, fazia a pele no pescoço de Bane formigar e os pelos nos braços se arrepiarem. Escuras estrias de

sombras rodopiavam na superfície metálica em lentos e hipnóticos ritmos. Havia algo grotescamente atraente sobre aquilo, algo fascinante, mas ao mesmo tempo repulsivo.

Ao seu lado, Zannah puxou ar para os pulmões com força, soltando-o depois com um lento silvo de medo. Bane olhou para ela, mas a garota não retornou o olhar – seus olhos arregalados se fixaram no resultado da bomba de pensamento. Voltando a atenção para o globo, Bane entrou na câmara. Zannah deu um único passo para segui-lo, mas então parou.

Aproximando-se do globo, ele estendeu a mão e a pressionou com firmeza contra a superfície. Queimou sua palma com um fogo frio, mas ele não registrou a dor, enfeitiçado pelo hipnotizante chamado do objeto. Debaixo de seu toque, as sombras que se retorciam lá dentro se juntaram em uma única massa. Os pensamentos daqueles aprisionados correram para encontrá-lo: débeis sussurros nos recônditos escuros de sua mente, as palavras ininteligíveis, mas cheias de ódio e desespero.

Instintivamente, a consciência de Bane recuou. Mas ele resistiu, lutando contra o impulso de retirar a mão. Em vez de se afastar, ele impulsionou a consciência, penetrando a superfície do orbe para mergulhar nas imensas profundezas de seu coração negro. Os sussurros de ódio explodiram em gritos de tormento. Mas não eram gritos de seres sencientes: eram uivos bestiais de uma fúria primitiva e insana. As identidades daqueles que a bomba de pensamento consumiu – lorde Kaan, general Hoth, todos os seguidores Sith e Jedi – foram destroçadas pela explosão da bomba de pensamento. Sobraram apenas retalhos, pedaços daquilo que já fora seus espíritos, não mais capazes de pensamento consciente, lamentando no sofrimento compartilhado de sua eterna loucura.

Eles invadiram a consciência de Bane, abrindo caminho na direção de sua identidade ainda inteira como parasitas se fixando em um novo hospedeiro. Os espíritos lamuriantes o envolveram, agarrando e se cravando em sua sanidade enquanto tentavam arrastá-lo para dentro do abismo sombrio.

Bane se libertou com uma facilidade desdenhosa, devastando os já frágeis espíritos quando ele os espantou, deixando sua mente voltar para a superfície. Um instante mais tarde e ele estava livre, deixando para trás a prisão de onde os outros nunca escapariam.

Ele deixou a mão cair da esfera ovoide quando deu um passo para trás, satisfeito com o que havia descoberto. Não havia fantasma algum o assombrando; Kaan já não existia mais. Não em um sentido real. A figura que vira no acampamento Sith fora apenas uma ilusão evocada por sua psique ferida.

– Eles estão presos aí? – Zannah perguntou. Ela encarava Bane com uma expressão ao mesmo tempo maravilhada e aterrorizada.

– Presos. Mortos. Não faz diferença – ele respondeu, dando de ombros. – Kaan e a Irmandade se foram. Tiveram aquilo que mereciam.

– Eles eram fracos?

Bane não respondeu de imediato. Kaan fora muitas coisas – ambicioso, carismático, teimoso e, no fim, um tolo – mas nunca fora fraco.

– Kaan foi um traidor – ele enfim disse. – Ele liderou a Irmandade para longe dos ensinamentos dos antigos Sith. Ele deu as costas para a própria essência do lado sombrio.

Zannah não respondeu, mas continuou olhando para ele com expectativa. O papel de mentor era uma novidade para Bane; ele era um homem de ação, não de palavras. Não estava acostumado a compartilhar sua sabedoria com alguém desesperado para aprender. Mas era esperto o bastante para entender que as lições teriam muito mais significado se sua aprendiz pudesse entender algumas das respostas por si própria.

– Por que você escolheu se tornar minha aprendiz? – ele perguntou com um tom desafiador. – Por que escolheu o caminho do lado sombrio?

– Poder – ela respondeu rapidamente.

– Poder é apenas o meio para um fim – Bane a repreendeu. – Não é um fim em si mesmo. Para que você precisa de poder?

A garota franziu as sobrancelhas. Seu mestre já reconhecia essa expressão como um sinal de que ela estava com dificuldades para encontrar uma resposta.

– Pelo poder, eu ganho a vitória – ela disse finalmente, recitando as linhas finais do Código Sith que aprendera poucas horas atrás. Seu tom deixava claro que estava tentando usar seu limitado entendimento do lado sombrio para chegar à resposta que Bane queria. – Pela vitória minhas correntes se partem... – ela continuou, lentamente procurando por uma resposta além de seu alcance. Um segundo depois, ela exclamou: – Liberdade! O lado sombrio nos liberta!

Bane assentiu sua aprovação.

– Os Jedi se prendem com correntes de obediência: obediência ao Conselho Jedi, obediência aos mestres, obediência à República. Aqueles que seguem o lado da luz até mesmo acreditam que devem se submeter à Força. São meramente instrumentos de sua vontade, escravos de um bem maior.

“Aqueles que seguem o lado sombrio enxergam a verdade de sua escravidão. Nós reconhecemos as correntes que nos prendem e nos impedem de evoluir. Acreditamos no poder que o indivíduo possui para partir essas correntes. Esse é o caminho para a grandeza. Apenas livres nós podemos alcançar todo nosso potencial.

“A crença de que um indivíduo não deve se curvar a nada e a ninguém é a maior força do lado sombrio”, Bane continuou. “Mas também é nossa maior fraqueza. A luta para superar aqueles ao seu redor muitas vezes é violenta, e no passado os Sith constantemente lutavam entre si.”

– Mas isso não é uma coisa boa? – Zannah contestou. – O forte sobrevive e o fraco morre.

– Fraqueza não significa estupidez – Bane retrucou. – Havia aqueles com menos poder, porém com mais astúcia. Vários aprendizes se juntavam para derrubar um mestre, com a esperança de elevarem sua própria posição entre os Sith. E então eles se voltavam uns contra os outros, formando e quebrando alianças até sobrar apenas um: um novo mestre, porém mais fraco que o original. Esse sobrevivente seria, por sua vez, derrubado por outro bando de Sith menores, enfraquecendo a Ordem ainda mais.

“Kaan reconhecia isso. Mas sua solução era muito pior do que o problema. Kaan declarou todos os seguidores do lado sombrio – todos os membros da Ordem Sith – como iguais na Irmandade da Escuridão. Fazendo isso, ele traiu a todos nós.”

– Traiu você?

– Igualdade é uma mentira – Bane disse a ela. – Um mito para agradar as massas. Simplesmente olhe ao redor e verá a mentira por aquilo que é! Existem aqueles com poder, aqueles com força e vontade para liderar. E existem aqueles que nasceram para seguir, aqueles incapazes de qualquer coisa que não seja servidão e uma existência pobre e sem valor.

“Igualdade é uma perversão da ordem natural! – ele continuou, sua voz se erguendo ao compartilhar a verdade fundamental no coração de suas crenças. – Isso enlaça os fortes aos fracos. Os fracos se tornam âncoras que arrastam os excepcionais para a mediocridade. Indivíduos destinados e merecedores de grandeza acabam tendo essa grandeza negada. Eles sofrem apenas para permanecerem no mesmo nível dos inferiores.

“Igualdade é uma corrente, igual à obediência. Assim como o medo ou a incerteza ou a baixa autoestima. O lado sombrio pode partir essas correntes. Mas Kaan não conseguia enxergar isso. Ele não entendeu o verdadeiro poder do lado sombrio. A Irmandade da Escuridão não era nada além de um reflexo distorcido da Ordem Jedi, uma paródia sombria da exata mesma coisa a que nós nos opomos. Sob o domínio de Kaan, os Sith haviam se tornado uma abominação.”

– E foi por isso que você o matou – Zannah disse, pensando que a lição havia acabado.

– Foi por isso que manipulei Kaan para que ele matasse a si próprio – Bane corrigiu. – Lembre-se: o poder em si não é suficiente. Paciência. Astúcia. Segredo. Essas são as ferramentas que usaremos para derrotar os Jedi. Os Sith são apenas dois agora: um mestre e um aprendiz. Não haverá outros.

Zannah assentiu, embora ainda parecesse incomodada com algo.

– O que acontece se eu fracassar? – ela perguntou, olhando para a bomba de pensamento. – Você vai me destruir também?

A resposta de Bane foi interrompida por um grito vindo de uma das passagens próximas dali.

– Rain! Rain, você está viva!

Um garoto saiu das sombras correndo, não mais do que um ou dois anos mais velho do que Zannah. Ele possuía cabelos escuros e vestia a armadura negra dos Sith. Ele segurava com força o cabo de um sabre de luz. Apesar da pompa de guerreiro, ficou imediatamente óbvio para Bane que aquela criança não representava ameaça. A Força mal estava viva dentro dele. O poder que queimava tão intensamente dentro de Zannah não era nada além de uma brasa que se extinguia lentamente no garoto.

– Tomcat! – Zannah gritou, seu rosto se iluminando de alegria. Ela deu um passo adiante, estendendo os braços como se quisesse abraçá-lo. Então, como se lembrasse de repente da presença de seu mestre Sith, ela parou e recuou as mãos até o peito.

O garoto continuou. Ele não registrou a súbita mudança de humor de Zannah, nem mesmo notou a figura de dois metros de altura em meio às sombras atrás dela. Havia algo de patético sobre aquele garoto, uma solidão desesperada em sua voz e olhos que fazia o estômago de Bane embrulhar.

– Estou tão feliz, Rain – o garoto ofegou quando parou na frente de Zannah, estendendo os braços para abraçá-la. – Tão feliz por você estar...

Ela recuou um passo e sacudiu a cabeça, fazendo as palavras ficarem presas na garganta do garoto. A felicidade em seu rosto sumiu, substituída por uma expressão de perplexidade.

– Eu... não sou Rain – a aprendiz de Bane disse, rejeitando seu apelido de infância e tudo o que ele simbolizava. – Eu sou Zannah.

– Zannah? – Um olhar confuso se instalou no rosto do garoto. – Seu nome verdadeiro? Mas por quê?

Procurando respostas, ele finalmente tirou os olhos da jovem garota e notou Bane imóvel ao fundo. Sua perplexidade se tornou compreensão, e rapidamente se transformou em uma raiva virtuosa.

– Você! – ele gritou, apontando um dedo acusador para Bane. Então, como se repentinamente se lembrasse da arma em sua mão, ele acionou o sabre de luz.

– Fique longe dela! – ele gritou. – Eu lutarei com você!

O garoto sabia que não era páreo. Sabia que não possuía chance alguma de vencer um lorde sombrio dos Sith. Mas escolheu ficar e lutar mesmo assim – as ações de um completo e absoluto tolo.

Darth Bane encarou seu adversário condenado com uma indiferença desdenhosa. Aquele garoto não era nada para ele – um cisco sem importância que ele sopraria para longe. Se o garoto queria a vazia glória daquela pretensa morte corajosa, Bane a concederia.

Ele baixou a mão casualmente até seu sabre de luz, mas antes que pudesse acioná-lo, Zannah reagiu. Assim como fizera quando quebrou o pescoço dos infelizes Jedi que acidentalmente mataram seu amigo, a garota liberou uma onda desenfreada de energia do lado sombrio. Ela agiu por puro instinto, tirando poder de sua afinidade com a Força sem nenhuma premeditação, preparação ou mesmo treinamento.

Aconteceu tão rápido que Bane nem teve chance de se defender... mas o ataque não foi direcionado a ele. A mão direita do garoto que ela chamara de Tomcat – seu primo e amigo de infância – se desintegrou. Com um mero pensamento, ela destruiu tudo abaixo do pulso: carne, osso e tendões desapareceram em uma explosão sangrenta, deixando apenas um toco destroçado.

Com mais nada para suportá-lo, o cabo do sabre de luz desabou no chão, a lâmina extinguida. Uivando de dor, o garoto caiu de joelhos, agarrando o membro mutilado contra o peito. Pequenos esguichos de sangue bombeavam do ferimento e manchavam o chão da caverna.

O mestre encarou sua aprendiz.

– Por quê? – ele exigiu saber.

– Porque não existe razão ou propósito para sua morte – ela respondeu, ecoando a própria explicação de Bane para deixar os dois mercenários vivos.

Bane era esperto o bastante para reconhecer o que estava acontecendo. Zannah estava tentando salvar a vida de seu primo. Ele sabia que as emoções que a impeliam – sentimentalismo, misericórdia, compaixão – eram fraquezas das quais ela precisava aprender a se livrar. Mas ele não esperava que ela aprendesse os caminhos do lado sombrio em um único dia.

Bane olhou para o garoto ferido se encolhendo no chão. O sangue esguichando do toco diminuía; a explosão que destruiu sua mão também cauterizou parcialmente o ferimento. O fluxo acabou estancado pela poeira e sujeira do chão da caverna enquanto ele rolava de um lado a outro aos pés de Zannah. Lágrimas se derramavam de seus olhos e muco escorria do nariz entupindo a boca e garganta, transformando seus gritos em um choramingo espesso. Ela o observava com um olhar frio e calculista, fingindo desinteresse.

Os riscos de deixar uma criatura miserável assim viver eram pequenos, Bane decidiu. Assim como os mercenários, ninguém acreditaria se contasse que sobreviveu a um encontro com um mestre Sith. Estava óbvio que Zannah queria o garoto vivo. Mas ela não implorou nem barganhou por sua vida. Em vez disso, tomou conta da situação, liberando o lado sombrio e depois defendendo suas ações com os próprios ensinamentos de Bane. Ela mostrara não apenas seu poder, mas também inteligência e astúcia. Era importante recompensar tal comportamento – encorajá-la quando exibia os dons e talentos que um dia permitiriam que tomasse o manto de lorde sombrio dos ombros de seu mestre. Mais importante do que acabar com a vida de um garoto insignificante e desprezível.

– Deixe-o – Bane disse, virando-se. – Ele não é nada para nós.

Zannah rapidamente igualou o ritmo de seus passos quando eles saíram da câmara e começaram a longa subida pelos túneis de volta para a superfície de Ruusan. Bane notou com satisfação que, embora fosse possível ouvir os soluços débeis de Tomcat ecoando atrás deles, sua aprendiz não olhou para trás uma única vez.



– PREPAREM-SE PARA A TURBULÊNCIA da reentrada – Irtanna os alertou do assento do piloto. Com uma tripulação de apenas cinco, ela não precisava usar o comunicador interno da nave. Ela simplesmente falou alto o bastante para todos a bordo ouvirem.

Embora a nave classe *Envoy* levasse apenas um punhado de passageiros, ela era capaz de transportar confortavelmente quatro vezes mais do que isso. A nave fora absorvida pela frota Jedi em algum momento durante as últimas semanas da campanha em Ruusan, doada por um benfeitor anônimo de Coruscant que ficara encantado com o apelo urgente de Farfalla por recursos para apoiar os esforços de guerra. Batizada de *Star-Wake*, a nave era um produto dos Estaleiros Tallaani, uma nave básica de transporte capaz tanto de voos suborbitais quanto de viagens interestelares, graças ao seu hiperpropulsor Classe 12.

O fato de que fora convocada para servir era prova do quanto o Exército da Luz ficara desesperado. Naves classe *Envoy* eram conhecidas por serem práticas e acessíveis, fazendo delas a escolha favorita de mercadores independentes e ricos viajantes recreacionais. Sua característica mais distinta era seu fácil sistema de navegação e piloto automático, permitindo aos usuários traçar e acionar rotas de hiperpropulsor para centenas de mundos conhecidos da República com um simples apertar de botão. Infelizmente, essas naves não possuíam blindagem pesada ou qualquer armamento significativo, e não eram particularmente rápidas ou manobráveis.

Johun teria preferido algo mais na veia militar; ele duvidava que a navegação automática tivesse alguma utilidade caso um buzzard Sith aparecesse de repente no horizonte. Logicamente, ele sabia que isso era altamente improvável. Todos os buzzards na frota de Kaan haviam sido contabilizados: foram derrubados, capturados pelo Exército da Luz ou avistados fugindo do sistema na última parte da batalha final. Mas os muitos voos perigosos através do espaço aéreo controlado pelo inimigo nos meses anteriores à vitória haviam treinado sua mente para estar em constante alerta durante a aproximação da superfície do planeta. Observando a maneira como Irtanna segurava o manche com força, ele soube que não estava sozinho com seus medos irracionais.

Houve um leve tremor quando eles passaram do vácuo frio do espaço para as camadas mais altas da atmosfera de Ruusan e começaram a descida. Irtanna manuseava os controles com a mão confiante, fazendo sutis ajustes enquanto Johun estudava os sensores que vasculhavam a superfície abaixo deles, procurando por sinais de vida. Quatro outras naves estavam visíveis nos monitores da cabine. Assim como a *Star-Wake*, cada uma levava uma equipe de resgate de quatro a seis pessoas enviadas por Farfalla para ajudar a limpar o resultado da guerra.

– Temos movimento na superfície – Johun disse quando pontos não identificados apareceram em sua tela. – Transmitindo coordenadas.

– Passe os detalhes – Irtanna ordenou, inclinando a nave em um grande arco para alinhá-los com as pessoas na superfície.

– Duas pessoas andando a pé – Johun informou. – Não dá para saber se são amigos daqui de cima.

– Já estou descendo – Irtanna respondeu.

Localizar e ajudar sobreviventes feridos era a prioridade número um da equipe; entregar relatórios para o Comando da Frota era a segunda, e aceitar a rendição espontânea de tropas inimigas era uma distante terceira prioridade.

O nariz da nave se inclinou para baixo, e a aceleração empurrou Johun em seu assento quando eles mergulharam para ter uma melhor visão das figuras. Irtanna desceu baixo e rápido, uma manobra militar que levou a nave civil aos seus limites.

– Eu já os tenho no meu campo de visão – Johun informou quando um par de pequenas formas indistintas no chão se tornou visível através da janela da cabine.

Bordon se ergueu em seu assento e se inclinou atrás de Johun para olhar a janela enquanto a nave mergulhava em direção às figuras. Ao se aproximarem, os detalhes entraram em foco: um homem e uma mulher, cada um vestindo armadura leve e correndo muito.

O rugido dos motores da nave fez os dois na superfície pararem de correr e se virarem para olhar a fonte do barulho. Um instante depois, eles se jogaram de cara no chão quando a nave deu um rasante a menos de dez metros da superfície e passou por eles zunindo.

Praguejando para si mesma enquanto lutava com os desajeitados controles, Irtanna fez uma curva fechada para aterrissar a menos de cinquenta metros de seu alvo. Pela janela, Johun viu as duas pessoas lentamente se erguerem do chão enquanto a piloto desligava os motores. A mulher disse algo para o homem, que assentiu concordando. Então eles ergueram as mãos e começaram a marchar lentamente na direção da nave.

Estavam vestidos como membros da Irmandade de Kaan. Mas Johun não sentia a presença do lado sombrio neles.

– Lacaios dos Sith – ele disse. – Mercenários, provavelmente.

– Pode ser uma armadilha – Bordon alertou. – Mercenários não possuem honra.

– Acho que não – Johun respondeu. Se houvesse algum perigo ali, ele teria sentido um distúrbio na Força. – Acho que eles apenas querem se entregar.

– Escória maldita – Bordon praguejou. – Acione os motores e passe por cima deles!

– Não! – Johun exclamou quando viu Irtanna estendendo o braço para apertar o botão de ignição. – Precisamos questioná-los – ele lembrou. – Ver o que eles sabem.

– E depois? – Bordon perguntou com um tom sombrio.

– Depois nós os levamos para Farfalla e os trancamos junto com o resto dos prisioneiros.

Bordon bateu na parede da cabine com força.

– Esses filhos de um bantha vieram para o meu mundo, minha casa, para matar minha gente em troca de dinheiro!

– Eles cortariam nossas gargantas sem pensar duas vezes se tivessem a chance – Irtanna concordou.

– Não somos iguais a eles – Johun disse. – Não matamos prisioneiros.

– Minha esposa morreu lutando contra cretinos como esses! – Bordon gritou. – Agora você quer ter misericórdia com eles?

– O ódio leva ao lado sombrio – Johun explicou, recitando a sabedoria dos Jedi. Mas faltava poder para as palavras saídas da boca de um padawan de dezenove anos, e ao soltá-las, ele mesmo percebeu o quanto soavam vazias.

Bordon lançou as mãos para cima em frustração, depois se jogou raivosamente de volta em seu assento.

– É por isso que você está aqui? – ele resmungou. – Para nos manter na linha? Para se certificar que não vamos nos desviar de seu precioso caminho da luz? Foi por isso que Farfalla o enviou?

Ele não me enviou, eu decidi vir, Johun pensou. Ele se virou no assento para olhar Bordon, que encarava o chão intensamente, recusando-se a olhar de volta para Johun. Seus dois filhos, entretanto, encaravam o jovem Jedi com uma fúria nos olhos. Johun entendia a raiva deles. Os Sith trouxeram a guerra para Ruusan, uma guerra que destruiu tudo que era caro a eles: suas casas, suas vidas... e, claro, sua mãe.

O que Bordon e seus filhos não enxergavam era que aqueles soldados sem nome não podiam ser responsabilizados por todos os horrores e tragédias que derrubaram o mundo deles. Fossem quais fossem seus crimes, aqueles dois não mereciam todo o peso das ações de Kaan e sua Irmandade. Eram os mestres Sith, os seguidores do lado sombrio, que realmente possuíam culpa. Porém, ao observar as expressões cheias de ódio dos garotos, Johun soube que não havia jeito de fazê-los entender. Não enquanto tudo o que sofreram ainda estivesse fresco em suas mentes.

Johun viajou até Ruusan para caçar quaisquer membros da Irmandade que pudessem ter sobrevivido à bomba de pensamento. Ele pretendia continuar o trabalho do general Hoth – seu mestre e mentor – e eliminar os lordes Sith, pondo um fim na ameaça do lado sombrio para sempre. Agora, entretanto, ele reconhecia uma missão maior: precisava salvar Bordon e seus filhos de si mesmos.

Eles eram pessoas honestas e decentes. Mas, levados pelo ódio e pela raiva, eles destroçariam seus inimigos a sangue-frio, se Johun não os impedisse. Ele sabia que, quando a raiva passasse, a memória da vingança sangrenta os assombraria para sempre. Culpa e remorso iam corroer Bordon e seus filhos até eles serem destruídos por esses sentimentos negativos. Johun não deixaria isso acontecer.

Voltando a atenção para Irtanna, ele também viu ódio nos olhos dela. Entretanto, era uma emoção fria e calculada – um soldado profissional observando seu inimigo. Johun reconheceu que ela não mataria prisioneiros por si própria, mas também não faria nada para impedir os outros. E então ele soube o que teria que fazer.

– Não foi para isso que Farfalla enviou você – ele lembrou a piloto em um tom de voz baixo. – Você veio para ajudar os sobreviventes.

Irtanna o olhou com desconfiança, mas não disse nada. Johun estava relutante em usar a Força para manipular a vontade dela outra vez. Seu subconsciente poderia estar mais atento e mais resistente a uma nova tentativa de

interferência. Além disso, era importante que ela realmente acreditasse naquilo que ele estava dizendo. Induzir sua obediência era uma solução temporária e que poderia mais tarde causar ressentimento e desconfiança contra ele e o resto dos Jedi.

– Deixe-me sair e levarei os mercenários sob custódia – Johun disse, oferecendo um plano. – Contate a frota, e eles enviarão outra nave para apanhar a nós três.

As palavras não foram fáceis para ele dizer. Johun desafiara Farfalla – um mestre Jedi – para viajar até aquele mundo. A última coisa que ele queria era deixar Ruusan agora, tão cedo após a chegada. Mas estava disposto ao sacrifício, se isso impedisse Bordon e seus filhos de se entregarem a suas fortes e imprudentes emoções. Era seu dever como Jedi proteger suas vidas, mesmo se isso significasse abandonar sua própria cruzada pessoal.

– Você e os outros devem seguir ao sul com esta nave até o campo de batalha – ele continuou. – Vão ajudar os feridos. É para isso que estão aqui.

Irtanna hesitou, depois assentiu brevemente. Johun era pouco mais do que um garoto; a longa trança fina em seus cabelos claramente marcava que ele ainda não havia completado seu treinamento padawan. Mas ele ainda era membro da Ordem Jedi. Isso contava muito entre as tropas da República. Ele confiava nisso para ajudá-la a enxergar a sabedoria de suas palavras.

Seguro de que Irtanna manteria Bordon e seus filhos longe de problemas, Johun se levantou do assento e se dirigiu para a parte de trás da *Star-Wake*. Ele se esforçou para ignorar os olhos acusadores dos dois garotos enquanto esperava a escotilha da nave se abrir. Quando finalmente abriu, ele saltou para fora e aterrissou graciosamente no chão, depois se dirigiu rapidamente para os dois mercenários que esperavam pacientemente, com as mãos ainda levantadas acima da cabeça. Assim que se afastou da nave, os motores ganharam vida e a nave decolou... para a perplexidade dos mercenários.

– Para onde eles estão indo? – a mulher exigiu saber, sua voz em um tom agudo de pânico. – Não! Eles não podem nos deixar aqui!

Seus braços caíram de volta para os lados, num gesto repetido por seu companheiro. Por um segundo, Johun pensou que fossem sacar suas armas, mas então percebeu que estavam perturbados demais com a saída da *Star-Wake* para pensar em atacá-lo.

– Não os deixe ir embora! – o homem gritou, dando as costas para Johun enquanto a nave passava por eles até desaparecer no horizonte, depois se virou de volta para implorar ao Jedi mais uma vez. – Faça-os voltar! Diga para eles voltarem! – Havia uma urgência desesperada em sua voz que espelhava o tom de sua companheira.

– Não se preocupe – o jovem Jedi os tranquilizou. – Outra nave está a caminho.

– Não podemos ficar aqui – a mulher insistiu. – Não temos tempo. Ele irá nos encontrar. *Ele irá nos encontrar!*

– Está tudo bem – Johun explicou, erguendo a mão para acalmá-los. – Eu posso protegê-los. Sou um Jedi.

A mulher ergueu uma sobrancelha e lançou um olhar cético. O franzino padawan alargou sua postura, pousou as mãos nos quadris e estufou o peito, torcendo para que parecesse nobre e admirável. Ele tentou projetar a imagem de confiança que tanto admirara em Hoth e nos outros mestres.

O homem agarrou o braço de Johun, apertando como uma criança puxando o avental da mãe.

– Temos que sair deste planeta – ele disse, as palavras saindo em um sussurro aterrorizado. – Temos que ir agora!

Johun se livrou do homem sem muita dificuldade. Havia algo de perturbador sobre aquele encontro. Pela maneira como estavam vestidos, estava claro que os dois eram experientes soldados mercenários. Ele suspeitou que fossem desertores da batalha mais recente – lacaios dos Sith que fugiram no instante em que o Exército da Luz penetrara suas defesas. Mas a fuga seria um ato de preservação oportunista em vez de medo ou covardia. Porém, aqueles combatentes veteranos, acostumados a encarar a morte e o derramamento de sangue, estavam agindo como camponeses traumatizados após um ataque de escravistas.

– Mesmo se for um Jedi, você não pode nos ajudar – a mulher murmurou, balançando lentamente a cabeça. – Você não pode nos proteger *dele*.

– Quem? – Johun queria saber. – De quem vocês estão falando?

O homem olhou ao redor rapidamente, como se tivesse medo de que alguém pudesse ouvir.

– Um lorde sombrio dos Sith – ele murmurou.

– Da Irmandade? – Johun perguntou, mal conseguindo conter sua ansiedade. – Você está dizendo que um mestre Sith sobreviveu à bomba de pensamento?

O homem assentiu.

– Ele matou Lergan e Hansh. Fritou-os com relâmpagos que saíram dos dedos.

Eu sabia!, Johun pensou triunfalmente. *Eu sabia!*

– Ele também tinha um sabre de luz – a mulher acrescentou. – Cortou no meio o Pad e o Derrin. – Ela hesitou por um momento, estremecendo com a lembrança. – O Rell ficou sem cabeça.

Johun estava prestes a pedir mais detalhes, mas o som de uma nave que se aproximava rapidamente o distraiu. Ele olhou para cima para ver um transporte de tropas Bivouac se preparando para aterrissar. Segundos após tocar o solo, três soldados da República saltaram para fora, com suas armas preparadas. Ele reconheceu o oficial sênior: era o major Orten Ledes, um dos não Jedi de maior patente na Segunda Legião do Exército da Luz.

– Esses são os prisioneiros? – o major perguntou com irritação, apontando seu rifle blaster na direção dos mercenários.

Johun confirmou. Ledes acenou com a cabeça, e seus subordinados se moveram rápido para algar o soldados inimigos. Nenhum resistiu. Após prenderem os pulsos, eles foram revistados e suas armas foram retiradas, depois começaram a marchar até a nave. Todo o encontro foi conduzido com a eficiência e competência que eram marcas de todas as tropas servindo sob o comando do major Ledes.

– Você recebeu a mensagem de Irtanna? – Johun perguntou enquanto observava os lacaios dos Sith sendo levados embora.

– Estávamos na área – o oficial respondeu. – Farfalla me enviou para pegar você.

Algo em seu tom chamou a atenção do jovem Jedi.

– Eu estou encrencado?

O oficial deu de ombros.

– Difícil dizer. Vocês Jedi nunca mostram suas emoções. Mas aposto que o general não ficou muito feliz quando descobriu que você desobedeceu uma ordem direta e viajou escondido até aqui.

– Não se preocupe – Johun respondeu com confiança. – Ele vai mudar de ideia quando ouvir o que esses prisioneiros têm a dizer.

Bane desacelerou a moto quando eles se aproximaram da pequena clareira que serviu de local de aterrissagem da *Valcyn*. Originalmente um presente dado a lorde Qordis, a nave vinha sendo comandada por Bane desde que deixara a Academia em Korriban para buscar o conhecimento dos antigos Sith. Qordis nunca se atrevera a tentar recuperá-la, e sua covardia simplesmente confirmou a decisão de Bane de abandonar seus estudos e se voltar contra a Irmandade.

Ele parou a moto a vinte metros da nave. Zannah largou sua cintura e pulou do assento, depois ficou de pé olhando para a nave.

Bane não estava prestando atenção nela; nos últimos dez minutos ele teve dificuldade em focar qualquer coisa que não fosse a dor latejando em seu crânio. Ele esperava que mergulhar nas profundezas do orbe resultante da bomba de pensamento pudesse, de alguma forma, aliviar as dores de cabeça, mas, desde que deixou a caverna, o contrário aconteceu.

Ao menos pôde confirmar que Kaan realmente estava morto. Isso facilitou para ele refutar a forma etérea que se materializara do outro lado da clareira havia pouco. Pálida sob o sol do fim da tarde, era inegavelmente a imagem do homem que fundara a Irmandade da Escuridão.

Bane sabia que era apenas uma alucinação, porém havia algo contundente sobre a figura quando começou a cruzar a clareira até parar perto da nave. O espírito se virou e o encarou com um olhar firme, depois estendeu a mão em um gesto convidativo.

– Ela é linda – Zannah sussurrou. Darth Bane virou a cabeça de repente, surpreso. Mas sua aprendiz estava olhando fascinada para a própria *Valcyn*. Quando Bane voltou a atenção para onde Kaan estivera, o espectro havia desaparecido novamente. – Nunca pensei que fosse deixar Ruusan em uma nave como essa.

– E não vai mesmo – Bane disse ao descer da moto. Não havia nada que ele pudesse fazer sobre as alucinações, podia apenas agir como se não existissem.

A jovem garota se virou para Bane, confusa.

– Não vamos usar a sua nave?

– Eu vou – seu mestre respondeu. – Mas você deve encontrar seu próprio caminho para fora deste mundo.

Levou um momento para a garota registrar aquelas palavras. Quando registrou, sua expressão se transformou em completo choque.

– Eu... eu não posso ir com você?

O grande homem sacudiu a cabeça. Inspirado pela descoberta de Zannah do manuscrito no acampamento Sith, ele idealizou um plano. Bane iria para Dxun, a grande lua de Onderon, para encontrar a tumba perdida de Freedon Nadd. Mas ele possuía outros planos para sua aprendiz.

– Mas... por que não? O que eu fiz? – a jovem garota inquiriu, soluçando e claramente à beira das lágrimas. – Por que você vai me deixar aqui?

– Isso é parte do seu treinamento – Bane explicou. – Para entender o lado sombrio você deve sofrer com adversidades e provas.

– Você não precisa me abandonar para me fazer sofrer – ela retrucou. – Deixe eu ir com você.

– A energia do lado sombrio está conectada ao poder do indivíduo – ele a lembrou. – A Força vem de dentro. Você deve aprender a extraí-la por si própria. Nem sempre estarei presente para ensiná-la.

– Mas você disse que sempre existem dois – Zannah insistiu. – Um para encarnar o poder, o outro para cobiçá-lo!

Ela aprendia rápido, Bane ficou satisfeito ao ver que a garota já havia memorizado tantas lições. Mas recitar as palavras não significava nada, se ela não entendesse a verdade por trás delas.

– Por que você me segue? – ele perguntou, colocando uma questão para direcioná-la ao caminho da sabedoria.

Zannah pensou sobre a resposta por vários segundos, cuidadosamente considerando tudo o que ele já havia ensinado a ela.

– Para libertar todo o meu potencial – ela finalmente disse. – Para aprender os ensinamentos do lado sombrio.

Bane assentiu.

– E quando eu não tiver mais nada a ensinar para você? O que irá acontecer, então?

Ela franziu as sobrancelhas concentrando-se, mas desta vez a resposta não veio.

– Não sei – ela finalmente admitiu.

– Chegará o dia em que o seu treinamento acabará – ele disse. – Chegará o dia em que você terá aprendido todas as lições, quando todo o meu conhecimento do lado sombrio será seu. Nesse dia, você irá me desafiar para tomar o título de mestre, e apenas um de nós irá sobreviver ao encontro.

Os olhos da garota se arregalaram. Depois ela cerrou os olhos enquanto focava intensamente naquilo que ele dizia.

– Você tem potencial para me superar – ele continuou. – Se alcançar seu potencial, eu não terei mais utilidade a você. Você terá que encontrar novas fontes de conhecimento.

Terá que encontrar um novo aprendiz para que possa passar os segredos da Ordem Sith para outro.

“Quando seu poder eclipsar o meu, eu me tornarei dispensável. Essa é a Regra de Dois: um mestre e um aprendiz. Quando estiver pronta para reclamar para si o manto de lorde sombrio, você fará isso eliminando a mim.

“O confronto é inevitável”. ele concluiu. “É a única maneira para a sobrevivência dos Sith. É o caminho do lado sombrio.”

Zannah não disse nada. Pela sua expressão, Bane percebeu que ela estava com dificuldades para entender por que seu mestre a treinaria sabendo que ela acabaria traindo-o no final. Mas ela não precisava entender. Ainda não. Agora precisava apenas obedecê-lo.

– Encontre um caminho para Onderon – Bane a instruiu. – Eu encontrarei você lá daqui a dez dias-padrão. – *Após eu descobrir a tumba de Dxun.*

– Como é que eu vou conseguir chegar lá? – ela protestou.

– Você é a escolhida, a herdeira do legado de nossa ordem. Você encontrará um caminho.

– E se eu não encontrar?

– Então ficará provado que você não é digna de ser minha sucessora, e eu buscarei um outro aprendiz.

Não havia mais nada a dizer. Bane deu as costas a ela e se dirigiu para a nave. Zannah apenas observou seu mestre, sem nada dizer. Ao se afastar, ele podia sentir a raiva dela aumentando, tornando-se um furioso inferno de ódio quando Bane entrou na cabine. O calor da fúria de Zannah trouxe um sombrio sorriso aos lábios de Bane quando ele acionou os motores.

A *Valcyn* decolou, deixando Zannah para trás – uma pequena figura na superfície do planeta olhando para a nave, imóvel, como se fosse feita de pedra fria e dura.



– ISSO TUDO É APENAS UM mal-entendido – o homem insistiu de dentro da cela.

– Vocês estão cometendo um erro – a mulher junto dele concordou.

Johun respirou fundo, depois soltou o ar em um longo e cansado suspiro. Ele voltara à *Fairwind* com seus dois prisioneiros já fazia uma hora. Seu pedido para uma imediata audiência com Farfalla fora negado, uma vez que o general estava ocupado com a operação em Ruusan. Então Johun levava os prisioneiros ao convés inferior e para dentro de uma cela para esperarem. Sem nada melhor a fazer, ele decidira se sentar em uma cadeira perto deles para esperar.

O jovem Jedi agora se arrependia dessa decisão.

– Nunca fizemos parte do exército de Kaan – a mulher disse a ele atrás das grades da cela. – Somos apenas fazendeiros.

– Fazendeiros não vestem armaduras de combate e carregam armas – Johun disse, apontando para o canto da sala onde as roupas e equipamentos confiscados dos mercenários estavam empilhados sobre uma mesa pequena.

– Essa tralha não é nossa – o homem explicou. – Nós... apenas encontramos isso tudo. Saímos para uma caminhada de manhã e... demos de cara com essas coisas no acampamento deserto. Vimos todo esse equipamento dando sopa e, hum, achamos que seria engraçado se nos vestíssemos igual aos soldados.

O guarda da República que vigiava os prisioneiros com Johun explodiu em risada quando ouviu a mentira patética. Johun apenas fechou os olhos e esfregou as têmporas. Em Ruusan os prisioneiros confessaram rapidamente seus crimes. Logo depois do encontro com o misterioso lorde Sith, eles estavam temporariamente em pânico. Mas agora que estavam seguros e longe da superfície do planeta, a dura realidade de uma sentença de cinco a dez anos em um mundo-prisão da República os fez voltar atrás em seu testemunho.

– E quanto aos outros? – Johun perguntou, querendo apanhá-los em sua teia de mentiras. – Seus amigos que morreram no ataque. Também eram fazendeiros?

– Sim – o homem respondeu ao mesmo tempo em que a mulher disse:

– Nós não os conhecíamos.

O jovem Jedi argumentou calmamente:

– Bom... ou é uma coisa ou é outra.

Os dois mercenários olharam um para o outro com uma expressão irritada, mas foi a mulher quem finalmente respondeu:

– Nós os conhecemos hoje de manhã. No acampamento Sith. Eles disseram que eram fazendeiros iguais a nós, mas é possível que estivessem mentindo.

– Mentindo? Sério? – Johun perguntou sarcasticamente. – Difícil de imaginar por que alguém faria isso.

O guarda riu novamente.

– Vocês deveriam ser comediantes – ele disse. – Claro, se sobreviverem à prisão.

O homem na cela fez menção de responder algo cáustico, mas segurou a língua quando sua companheira bateu com o cotovelo em suas costelas. Naquele momento, uma das assistentes de Farfalla apareceu na porta.

– O general já pode vê-lo agora – ela disse para Johun.

Johun saltou da cadeira para segui-la.

– Ei, diga a ele para nos tirar daqui – o homem disse. – Não se esqueça de nós!

Impossível de esquecer, Johun pensou. Para o guarda, ele disse:

– Fique de olho neles. E não acredite em nada do que dizem.

A assistente o conduziu por uma longa e sinuosa jornada pelos vários níveis da *Fairwind*. As celas ficavam na parte mais funda do casco da grande nave; Johun encontraria Farfalla no convés de comando no topo. Pelo caminho, eles passaram por centenas de rostos que Johun reconhecia, colegas Jedi e soldados que lutaram ao seu lado durante a campanha. A maioria acenava com a cabeça ou a mão, ocupados demais com suas tarefas para iniciar qualquer tipo de conversa.

Havia também muitos rostos que Johun não reconhecia: refugiados de Ruusan. Muitos eram pessoas resgatadas trazidas até ali durante a louca corrida para escapar da bomba de pensamento, e que agora se preparavam para voltar à superfície para tentar reconstruir suas vidas. Outros eram homens e mulheres cujas casas ou famílias haviam sido completamente destruídas pela guerra – para eles, não restou nada no planeta, a não ser dolorosas memórias daquilo que perderam. Farfalla havia arranjado para aqueles que não queriam voltar para Ruusan um transporte para os mundos do Núcleo da República, onde poderiam encontrar um novo começo longe dos horrores que testemunharam.

Tantas pessoas, Johun pensou enquanto era conduzido em silêncio por sua guia. *Tanto sofrimento. E será tudo em vão se algum Sith conseguir escapar.*

Quando chegaram ao convés de comando, a assistente o levou até os aposentos pessoais de Farfalla. Ela bateu na porta fechada, e uma voz do outro lado disse:

– Entre.

Ela tocou o console e a porta se abriu, depois assentiu para Johun. Ele deu um passo à frente e entrou no quarto, então ouviu a porta se fechando atrás dele.

O quarto era maior do que ele esperava, e decorado no estilo extravagante pelo qual Valenthynne Farfalla era famoso. Havia um berrante tapete vermelho e dourado cobrindo o chão, e as paredes eram decoradas com obras que não fariam feio nas mais finas galerias de arte de Alderaan. No lado oposto do quarto havia uma enorme cama com uma cobertura feita de madeira de árvores wroshyr – um presente de líderes tribais em Kashyyyk. As cobertas e travesseiros eram feitos de seda brilhante amarela e vermelha, e cada um dos enormes postes da cobertura da cama eram pintados com um mural representando os grandes eventos da vida de Farfalla: seu nascimento na realeza, sua aceitação na Ordem Jedi, sua ascensão ao posto de mestre, seu famoso triunfo sobre as forças Sith em Kashyyyk.

O general estava sentado atrás de uma enorme escrivaninha no canto, revisando relatórios em um monitor construído na parede.

– Você me desapontou, jovem padawan – ele disse enquanto desligava a tela e se virava no assento para encarar Johun.

– Sinto muito por tê-lo desobedecido, mestre Valenthynne – ele respondeu.

Farfalla se levantou e cruzou o quarto, seus pés pisando suavemente sobre o tapete luxuoso.

– Essa é a menor das minhas preocupações – ele disse, pousando uma mão pesada no ombro do jovem Jedi. Seus olhos estavam sombrios e cansados, e sua expressão normalmente alegre se escondia sob uma máscara de preocupação e fadiga.

– Irtanna – Johun disse, baixando a cabeça envergonhadamente diante da memória de como usara a Força para convencer a piloto a levá-lo junto com sua tripulação.

– Um Jedi não usa seus poderes para manipular as mentes de seus amigos. Mesmo se seus motivos são puros, é um abuso de sua posição e uma traição da confiança que os outros depositam em nós.

– Sei que o que fiz é errado – Johun admitiu. – E aceitarei qualquer punição que você ache necessária para reparar aquilo que fiz. Mas há algo mais importante sobre o que precisamos conversar primeiro.

Farfalla olhou nos olhos de Johun, depois deixou a mão cair. O padawan pensou ter visto um lampejo de decepção cruzar o rosto do mestre.

– Sim, é claro – Farfalla disse, virando-se e voltando para a escrivaninha, onde religou o monitor. – O relato daqueles prisioneiros que você capturou.

– Você já leu? – Johun perguntou, surpreso.

– Eu leio todos os relatos – ele respondeu. – É responsabilidade do líder saber o que seus seguidores estão fazendo. Mais importante, ele deve impedi-los de tomar decisões imprudentes e equivocadas.

– Você ainda acredita que nenhum Sith sobreviveu à bomba de pensamento – Johun disse.

– Não tenho fé na credibilidade de suas fontes – Valenthynne respondeu. – Esses mercenários são, sinceramente, a escória da galáxia. Como você sabe que eles não estão simplesmente dizendo aquilo que você quer ouvir?

– Por que fariam isso?

Farfalla deu de ombros.

– Talvez eles pensem que você irá protegê-los. Ou tratá-los melhor como prisioneiros. Ou talvez pensem que receberão uma sentença menor por seus crimes. Essas pessoas são oportunistas. Eles procuram tirar vantagem em tudo. Mentir faz parte de seu estilo de vida.

– Não acho que estejam mentindo, mestre – Johun disse, sacudindo a cabeça. – Se você tivesse visto os dois na superfície... eles estavam aterrorizados! Algo terrível aconteceu com eles.

– Isso é uma guerra. É claro que coisas terríveis aconteceram.

– E quanto aos detalhes do relato? – Johun insistiu. – O sabre de luz vermelho? O relâmpago da Força? São as armas do lado sombrio!

– Se eles foram soldados no exército de Kaan, saberiam muito bem quais são as ferramentas que os Sith usam contra seus inimigos. Seria fácil para eles acrescentarem esses elementos em qualquer história que inventassem.

Cerrando os dentes em frustração, Johun deixou escapar uma forte acusação.

– Você apenas quer acreditar que os Sith se foram para sempre! É por isso que se recusa a enxergar aquilo que está diante de nós.

– E você quer acreditar que os Sith ainda existem – Farfalla retrucou, embora sua voz não ecoasse nem um pouco da raiva que havia no desafio do padawan. – Você quer revidar contra aqueles que mataram seu mestre. Seu desejo de vingança o deixou cego para os fatos. Se estivesse pensando claramente, veria que existe uma parte da história que coloca todo o relato em dúvida.

Johun piscou, surpreso.

– Você tem prova de que eles estão mentindo?

– Está no próprio relato que você escreveu – Farfalla o informou. – Eles dizem que um lorde sombrio dos Sith massacrrou seus amigos. Mas de algum jeito eles sobreviveram ao encontro. Como isso é possível?

– Eles... eles escaparam no meio das árvores – Johun balbuciou, sabendo o quanto suas palavras soavam tolas até para seus próprios ouvidos.

– Você é um Jedi – Farfalla o advertiu. – Conhece o poder da Força. Acredita mesmo que eles poderiam ter escapado da fúria de um mestre Sith simplesmente correndo para a floresta?

Ele teria caçado e abatido os dois como se fossem porcos zucca, Johun admitiu para si mesmo.

– Talvez ele quisesse que os dois permanecessem vivos por algum motivo – ele sugeriu, ainda relutando em ceder.

– Por quê? – Farfalla perguntou. – Se um lorde Sith sobrevivesse à bomba de pensamento, por que deixaria testemunhas para trás que poderiam expor sua existência para seus inimigos?

Johun não tinha resposta para aquilo. Não fazia sentido. Mas por algum motivo ele sabia – *ele sabia* – que os mercenários estavam dizendo a verdade.

– Johun – o general disse, sentindo seu conflito interior. – Você precisa ser completamente honesto consigo mesmo. Você acredita mesmo que podemos confiar nesses mercenários?

Johun pensou nos prisioneiros na cela e nas intermináveis mentiras saindo de suas bocas. Pensou em seu próprio alerta para o guarda: *Não acredite em nada do que dizem*. E Johun finalmente percebeu o quanto fora tolo.

– Não, mestre Valenthine. Você está certo. Não podemos confiar neles.

Após um momento, ele acrescentou:

– Eu... eu gostaria de falar com Irtanna e Bordon quando eles voltarem. Para me desculpar por aquilo que fiz com eles.

– Fico satisfeito por ouvir isso, Johun – Farfalla disse com um sorriso abatido. – Nós, Jedi, não somos infalíveis. É importante permanecer humilde e admitir quando cometemos um erro.

“Infelizmente, desculpar-se pessoalmente não será possível”, ele continuou. “Fui chamado a Coruscant para encontrar o chanceler Valorum. Já que obviamente não posso confiar em você para seguir minhas instruções em minha ausência, você irá me acompanhar como meu adjunto.”

Aquela proclamação foi feita como punição, mas o coração de Johun saltou diante das palavras. Na realidade, o mestre Valenthine estava se oferecendo para se tornar seu mentor.

– Eu... obrigado, mestre – foi tudo que ele conseguiu dizer. Sem saber o que mais fazer, ele fez uma breve reverência.

– É o que Hoth gostaria que acontecesse com você – Farfalla disse suavemente. Depois, mais alto: – Vamos partir assim que eu terminar os preparativos para os outros tomarem o comando da frota.

– Por que o chanceler quer se encontrar com você com tanta urgência? – Johun perguntou, repentinamente curioso.

– Agora que a Irmandade da Escuridão foi derrotada, o Senado Galáctico quer dar um fim oficial para a guerra. Há uma importante legislação sendo discutida que poderia mudar a face da República para sempre. Valorum quer discutir comigo antes da votação no Senado.

– E essa legislação também afetará os Jedi?

– Sim – Farfalla respondeu sombriamente. – De maneiras que você não pode nem imaginar.



Os pés de Zannah doíam. Suas panturrilhas doíam. Suas coxas queimavam a cada passo. Mas de alguma forma ela ignorava a dor e continuava seu caminho.

Ela vinha andando desde que a nave de Darth Bane desaparecera no horizonte, deixando-a sozinha novamente. Sua missão era clara: viajar até Onderon. Para isso, ela precisava encontrar uma nave para tirá-la de Ruusan. Isso significava encontrar outras pessoas. Mas Zannah não fazia ideia de onde encontrar outras pessoas, então ela simplesmente escolheu uma direção aleatória para seguir.

Ela era pequena demais para pilotar a moto flutuante que Bane usara para transportá-los. A princípio isso não fora importante: ela usara seus novos talentos com a Força para impulsioná-la, correndo tão rápido que o mundo passava como um grande borrão de vento e cores. Mas embora a Força fosse infinita, sua capacidade de extrair poder dela não era. Suas habilidades ainda estavam se desenvolvendo, e a fadiga se instalara rapidamente. Ela sentira seu ritmo diminuindo conforme sua força minguava, e embora tivesse tentado convocar o poder do lado sombrio outra vez usando suas mais profundas reservas de raiva e ódio, sua vontade exaurida conseguiu apenas conjurar uma fraca resposta.

Agora ela fora reduzida a uma pequena garotinha cansada se movendo pesadamente pela paisagem devastada de Ruusan. Mas ela se recusava a se entregar ao desespero, preferindo focar toda sua energia em colocar um pé na frente do outro. Era impossível dizer por quanto tempo ela continuou sua marcha forçada – quantas horas ou quilômetros de sofrimento – antes de ser recompensada com aquilo que queria: a visão de uma nave ao longe.

A esperança deu vida nova a seus membros cansados, e Zannah conseguiu engatar uma corrida desajeitada na direção da nave. Ela podia ver pessoas nos arredores da nave: uma jovem mulher, um homem mais velho e dois garotos adolescentes. Ao se aproximar, a mulher a notou e chamou um de seus companheiros.

– Bordon! Diga para os garotos que encontramos alguém que precisa de ajuda.

Minutos mais tarde Zannah se encontrava dentro do compartimento de carga da nave, sentada em uma caixa de suprimentos enquanto devorava barras de nutrientes de um kit de ração junto com uma xícara de chá quente. Um dos garotos a envolveu em um grosso cobertor por sobre os ombros, e toda a tripulação agora estava reunida de modo protetor ao redor dela.

– Nunca vi alguém tão pequeno comer tanto – a mulher disse com uma risada.

Ela não parecia ser originalmente de Ruusan. A mulher possuía pele morena e cabelos curtos e pretos, e vestia um grosso colete acolchoado debaixo de um casaco. Havia também uma pistola blaster pendurada na cintura, fazendo Zannah ter certeza de que ela era algum tipo de soldado.

– O que você esperava, Irtanna? – o homem mais velho perguntou. Em contraste com a mulher, ele parecia ser nativo de Ruusan. Ele possuía ombros largos, pele áspera e uma barba castanha curta. Lembrava Zannah de Root, o primo que a criara quando era uma criança em seu mundo natal de Somov Rit. O homem continuou: – A pobrezinha não é nada além de pele e osso. Quando foi a última vez que você teve uma refeição decente, garota?

Zannah sacudiu a cabeça.

– Não sei – ela disse com a boca cheia.

Ela apenas aceitara a oferta de comida por educação. Desde que chegara a Ruusan, ela se sustentava com raízes e frutas, com seu corpo sempre à beira do colapso por causa da fome. Já fazia tanto tempo que vivia assim que já se acostumara às dores de um estômago perpetuamente vazio, adaptando-se até o ponto de quase nem mais perceber a fome. Mas no momento em que a primeira mordida de comida de verdade atingiu sua língua, ela se lembrou de seu apetite, e agora seu corpo estava determinado a compensar as várias semanas de péssima nutrição.

– Onde estão os seus pais? – a mulher chamada Irtanna perguntou.

– Eles morreram – Zannah respondeu após um momento de hesitação e deixando de lado o resto da ração. A comida estava ótima; o simples prazer físico de comer era uma sensação gloriosa. Mas ela não podia se deixar distrair por aquilo. Precisava ter muito cuidado com o que dizia para aquelas pessoas.

O homem se agachou ao lado dela até ficar no mesmo nível de seus olhos. Quando falou, sua voz saiu em um tom suave e compreensivo.

– Tem algum outro familiar? Irmãos ou irmãs? Mais alguém?

Zannah respondeu sacudindo a cabeça negativamente.

– Uma órfã da guerra – Irtanna murmurou tristemente.

– Meu nome é Bordon – o homem disse a ela. – Esta é Irtanna, e esses são meus filhos Tallo e Wend. Qual é o seu nome?

Não querendo revelar seu nome verdadeiro, ela hesitou por um segundo.

– Eu sou... Rain – ela finalmente disse, dando a eles seu apelido de infância.

– Rain? Que nome engraçado. Nunca ouvi antes – o garoto mais velho, Tallo, disse. Ele parecia ter uns dezesseis anos.

– Existem muitos nomes que você nunca ouviu – Bordon o repreendeu em um tom ríspido. Depois, suavizando a voz, ele perguntou para Zannah: – Você está ferida, Rain? Ou doente? Temos medicamentos, se você precisar.

– Estou bem. Eu só estava com fome.

– Será que devemos levá-la conosco? – Irtanna perguntou.

Bordon manteve os olhos sobre Zannah quando respondeu:

– Por que não perguntamos a ela? Rain, você quer vir com a gente?

– Preciso ir para Onderon – Zannah respondeu sem pensar. Assim que as palavras saíram de sua boca, ela se arrependeu de dizê-las.

– Onderon? Naquele pedregulho só tem monstros e bandidos – Tallo disse. – Você tem que ser muito idiota se quiser ir até lá.

– Quietos, garoto – Bordon ralhou. – Você nunca saiu de Ruusan, então como é que pode saber?

– Eu ouvi as pessoas falando – Tallo respondeu. – Nos acampamentos e tal.

– Você não pode acreditar em cada história que escuta por aí – seu pai o lembrou. – Agora vá com seu irmão esperar na frente da nave.

– Vamos – Tallo resmungou, agarrando seu irmão mais novo pelo braço.

– Isso não é justo! – Wend protestou enquanto era levado. – Eu não fiz nada!

– Por que você quer ir para Onderon? – Irtanna perguntou depois que os garotos se foram. – É um mundo muito perigoso. Não é o tipo de lugar onde uma garotinha pode ficar sozinha.

– Não estarei sozinha. Eu... eu tenho família lá – Zannah mentiu. – Só preciso achá-los.

Bordon esfregou o queixo, puxando levemente a barba.

– Pode ser bem difícil encontrar alguém em um lugar como Onderon – ele disse. – Tem mais alguém que podemos contatar para você? Talvez um amigo da família em Ruusan?

– Tenho que ir para Onderon – Zannah insistiu.

– Entendo – o homem disse, depois se levantou e se virou para Irtanna. – Nossa jovem hóspede parece bastante determinada em sair deste mundo.

– Não podemos levá-la para Onderon – Irtanna disse –, mas podemos levá-la junto quando sairmos de Ruusan.

– Levar para onde? – Zannah perguntou, desconfiada.

– Temos uma frota inteira de naves orbitando o planeta, Rain. Você estará segura lá. Encontraremos alguém para cuidar de você.

– Eu posso cuidar de mim mesma – ela respondeu em um tom desafiador.

– Sim, eu posso ver isso – Bordon disse. – Mas aposto que é muito solitário viver sozinha assim. – Quando Zannah não respondeu, ele continuou: – Então, é o seguinte, está ficando escuro lá fora. Por que você não vem com a gente até a frota? Depois, amanhã podemos decidir o que fazer em seguida. Se você ainda quiser seguir para Onderon, nós podemos tentar ajudá-la. Mas se mudar de ideia, você pode ficar aqui em Ruusan comigo e com os garotos por um tempo. Ao menos até encontrarmos a sua família.

Zannah abriu a boca diante da oferta, mas não disse nada.

Bordon a tocou gentilmente no ombro.

– Está tudo bem – ele disse. – Não precisa responder agora. É só algo para você pensar.

Com um leve aceno de cabeça, Zannah voltou a comer sua refeição, a mente ainda digerindo aquela ideia.

– Vou preparar a nossa partida – Irtanna disse ao se retirar, dirigindo-se para a frente da nave.

Bordon resmungou, concordando, depois falou mais uma vez com Zannah.

– Tenho que ir ajudar Irtanna. Você pode ficar aqui e terminar sua comida, certo?

Zannah assentiu outra vez. Havia algo de tranquilizador sobre a maneira como Bordon falava com ela. Ele a fazia se sentir segura e importante ao mesmo tempo. Ela observou quando ele desapareceu atrás da porta que separava o compartimento de carga da cabine do piloto.

– Grite se precisar de alguma coisa – a voz de Bordon veio do outro lado.

Um minuto depois, os motores ganharam vida e a nave se ergueu do chão, mas Zannah mal notou. Seu cérebro estava sobrecarregado com emoções conflitantes. Parte dela estava gritando silenciosamente dizendo que não podia simplesmente ficar sentada ali – ela precisava fazer alguma coisa *agora*! Não podia deixar que eles a levassem para a frota. Havia pessoas demais lá. Havia Jedi demais lá. Alguém notaria seus dons especiais e começaria a fazer perguntas. Eles descobririam sobre Darth Bane e tudo que ele prometera a ela – todo o conhecimento e poder do lado sombrio – seria perdido.

Porém, outra parte dentro dela *queria* seguir para a frota. Bane alertara que seu aprendizado seria uma longa e difícil luta. Ela estava cansada de lutar. E Bane a abandonara. Bordon, por sua vez, oferecera um lar, oferecera uma família. Por que seria tão errado simplesmente aceitar a oferta? Bane dissera que ela era a escolhida para receber o legado dos antigos Sith, mas será que era isso mesmo que ela queria?

Antes que pudesse encontrar uma resposta, ela ouviu um barulho, e quando ergueu os olhos viu Wend, o filho mais jovem de Bordon, aparecendo para falar com ela. Zannah imaginou que ele possuía uns treze anos – apenas alguns anos mais velho do que ela.

– Meu pai disse que você não tem família – ele disse, em sua estranha maneira de se apresentar.

Zannah não sabia o que dizer, então ela apenas assentiu.

– Eles morreram na guerra? – Wend perguntou. – Eles foram mortos pelos Sith?

Ela encolheu os ombros, sem querer elaborar para não deixar escapar nenhum detalhe que pudesse expor a verdade.

– Minha mãe era uma soldada – Wend continuou. – Ela era muito corajosa. Ela foi lutar contra os Sith quando eles chegaram pela primeira vez em Ruusan.

– O que aconteceu com ela? – Zannah apenas perguntou porque isso era esperado e seria estranho se não perguntasse. Ela não queria fazer nada que chamasse atenção desnecessária.

– Ela morreu na Quarta Batalha de Ruusan. Foi morta pelas Sith. Meu pai disse que...

– Wend! – veio a voz de Bordon da cabine. – Volte aqui. Deixe a Rain ter um pouco de paz e sossego.

O garoto sorriu timidamente, depois se virou e a deixou novamente sozinha com seus pensamentos. Mas graças a suas palavras, ela tomou uma decisão.

Bordon oferecera uma alternativa. Oferecera fazer dela parte de sua família. Ele estava colocando na mesa a tentação de uma vida simples, mas feliz. Mas suas palavras não ofereciam nada além de promessas vazias. *A paz é uma mentira.*

Que bem fariam família e amigos, se você não tiver força para protegê-los? Bordon perdera a esposa, e Tallo e Wend perderam sua mãe. Quando os Sith apareceram, eles foram incapazes de salvar a pessoa que mais amavam.

Zannah sabia como era se sentir indefesa. Sabia como era ter as coisas mais valiosas em sua vida tiradas de você. E ela havia jurado nunca mais deixar isso acontecer.

Bordon e sua família eram vítimas – escravos presos com as correntes de sua própria fraqueza. Zannah nunca mais seria uma vítima. Bane prometera ensinar os caminhos do lado sombrio. Ele mostraria a ela como liberar seu poder interior e se libertar das correntes do mundo.

Pelo poder eu ganho a vitória. Pela vitória minhas correntes se partem!

O entendimento sobre aquilo que ela era – a aceitação de seu destino – impeliu Zannah a agir. Ela tentou usar a Força para ganhar poder, mas estava exausta demais para usar seus talentos. Sem desanimar, ela começou a vasculhar as caixas de suprimentos ao redor, procurando algo que pudesse usar para impedir que a nave e sua tripulação a levassem para o resto da frota.

Zannah encontrou o que estava procurando ao mesmo tempo que Tallo entrou no compartimento, flagrando-a no ato.

– Meu pai quer saber se você... Ei! O que você está fazendo?

Zannah agarrou o cabo do blaster uma fração de segundo antes de Tallo saltar sobre ela, derrubando-a no chão.

– Sua maldita pivete! – o garoto praguejou, tentando prendê-la no chão e puxar a arma de sua mão. Ele era uns trinta quilos mais pesado do que ela, mas Zannah lutou com um desespero selvagem que o impediu de segurá-la com firmeza enquanto os dois lutavam.

Atraído pelo som da luta, Bordon chegou correndo ao compartimento.

– O que diabos está acontecendo aqui? – ele gritou.

Naquele exato instante, o blaster disparou. Era impossível dizer de quem foi o dedo que apertou o gatilho; Tallo e Zannah seguravam a arma com as duas mãos tentando ganhar posse dela. Mas por má sorte ou por um destino sombrio, quando o tiro disparou, o cano da arma estava voltado diretamente para Tallo. O impacto deixou um grande ferimento no centro de seu peito, matando o garoto instantaneamente.

As mãos de Tallo relaxaram e soltaram o blaster. Seu corpo pendeu para a frente, prendendo as pernas de Zannah debaixo dele. Do outro lado do compartimento, os olhos de Bordon se arregalaram cheios de horror. Com um grito de angústia, ele correu para ajudar seu filho.

Vendo o pai do garoto que ela acabara de matar correndo em sua direção, Zannah agiu por instinto e disparou a arma novamente. O tiro acertou Bordon pouco acima da cintura, interrompendo seu grito e o derrubando de joelhos. Ele soltou um grunhido de dor e agarrou o furo em sua barriga, depois estendeu a mão ensanguentada para Zannah. Ela gritou de medo e repulsa e disparou outra vez, pondo um fim na vida de Bordon.

– Bordon! – a voz de Irtanna veio através do intercomunicador. – Eu ouvi tiros! O que está acontecendo aí atrás?

Movendo-se rapidamente, Zannah saiu de baixo do cadáver de Tallo e correu para a cabine. Ao chegar, ela viu Wend ainda preso com o cinto de segurança em seu acento, tentando se virar para ver o que estava acontecendo.

Irtanna estava se levantando para ir ajudar Bordon. Ela ativara o piloto automático antes de se erguer, e esse atraso deu a Zannah os preciosos segundos de que precisava para ganhar a vantagem.

– Sente aí e não se mexa! – Zannah gritou, apontando o blaster para Irtanna. Sua voz saiu fraca e vazia no confinamento da cabine – a voz de uma criança em pânico.

Irtanna hesitou, mas obedeceu.

– O que aconteceu? – a mulher perguntou, com um tom cuidadosamente neutro. – Alguém se machucou?

– Trace a rota para Onderon – Zannah mandou, recusando-se a responder. Ela mal conseguia ouvir a si mesma falando sobre o martelar ensurdecedor de seu coração disparado.

– Certo – Irtanna disse lentamente, digitando as coordenadas no console da nave. – Farei o que você quer. Apenas fique calma.

O computador navegacional emitiu um bipe confirmando o novo destino, e a mulher se virou apenas o suficiente para olhar a garota diretamente nos olhos. Ela disse:

– Rain, abaixe a arma. – Havia uma confiança tranquilizadora em suas palavras, e uma determinação ameaçadora em seu rosto.

– Eu não sou Rain – a garota retrucou através de dentes cerrados. – Meu nome é Zannah!

– Seja quem for – Irtanna disse, levantando-se lentamente –, você vai me dar esse blaster.

– Não se mexa ou eu atiro! – Zannah alertou, sua voz cada vez mais aguda. *Como ela pode estar tão calma?*, ela pensou, enquanto lutava para manter a própria respiração sob controle. Era ela quem possuía o blaster, mas por algum motivo sentia que estava perdendo o controle da situação.

– Não – a jovem mulher respondeu calmamente, dando um único passo na direção de Zannah. – Você não vai atirar em mim. Você não é uma assassina.

A memória dos dois Jedi mortos em Ruusan surgiu na mente de Zannah, seguida rapidamente pela imagem de Bordon e seu filho caídos sem vida no compartimento de carga.

– Sim, eu sou – ela sussurrou quando apertou o gatilho.

Irtanna ainda soltou uma expressão de surpresa que entalou na garganta, depois desabou no chão – uma morte rápida e limpa. Zannah esperou um segundo para confirmar que a mulher estava morta, depois se virou para apontar o blaster para Wend. Ele assistira ao desenrolar do encontro como se estivesse paralisado, sem nem se dar ao trabalho de remover o cinto de segurança.

– Não me mate! – ele implorou, encolhendo-se no assento.

Zannah podia sentir o medo emanando dele. Ela sentiu o familiar calor do lado sombrio ganhar vida dentro dela, respondendo ao apelo de sua vítima, alimentando-se de seu terror. Fluiu através dela como uma onda de fogo líquido, queimando sua culpa e incerteza e fortalecendo sua determinação.

A mente de Zannah foi tomada por uma grande e súbita percepção: medo e dor eram parte inevitável da existência. E era muito melhor infligir nos outros do que sofrer por si mesma.

– Por favor, não atire – Wend choramingou, suplicando uma última vez por sua vida. – Sou apenas uma criança. Igual a você.

– Eu não sou uma criança – Zannah disse quando puxou o gatilho. – Sou uma Sith.



BANE PODIA OUVIR O ZUNIDO dos motores da *Valcyn* enquanto a nave cortava através das camadas mais altas da atmosfera de Dxun, protestando quando ele levou a nave aos seus limites. Normalmente, a viagem de Ruusan para a lua gigante de Onderon duraria entre quatro e cinco dias com um cruzador classe T como a *Valcyn*. Bane cobriu a distância em apenas dois.

Em questão de horas após deixar Ruusan – e Zannah – para trás, ele fora tomado pelo retorno das quase insuportáveis dores de cabeça. E, com elas, veio também uma companhia altamente desagradável e indesejável. A forma espectral de lorde Kaan pairou sobre ele na cabine durante todo o primeiro dia da viagem, uma manifestação visível dos danos que a mente de Bane sofrera com a bomba de pensamento. O espírito não dissera nada, apenas o observara com seus olhos acusadores, uma constante presença nos limites da consciência de Bane.

A aparição fantasmagórica fez Bane adotar um ritmo irresponsável, até mesmo perigoso, para sua jornada. Ele levou a *Valcyn* muito além dos parâmetros recomendados de segurança, como se parte dele tentasse usar a velocidade da nave para deixar sua loucura para trás. Ele estava desesperado para alcançar Dxun e procurar a tumba de Freedon Nadd, e talvez descobrir alguma forma de se livrar das alucinações torturantes.

Kaan desaparecera no final do primeiro dia da jornada, porém foi substituído por uma visita ainda pior. Agora já não era o fundador da Irmandade da Escuridão que pairava ao seu lado, mas sim Qordis – o antigo diretor da Academia Sith em Korriban. Pálida e semitranslúcida, a figura parecia uma réplica quase perfeita de como o lorde Sith se parecia em seu encontro final, quando Bane o matara. Alto e lúgubre, Qordis possuía feições esqueléticas que pareciam mais adequadas a um espírito do que a uma criatura de carne e sangue. Diferente de Kaan, entretanto, Qordis falara com ele, lançando uma interminável ladainha de culpa, denunciando tudo o que Bane fizera.

– Você nos traiu – o fantasma disse, estendendo um longo e magro dedo com uma afiada unha. Bane não precisava olhar para saber que o dedo estava adornado com os anéis de pedras preciosas que Qordis usara em vida. – Você destruiu a Irmandade, você deu a vitória aos Jedi. E agora foge da cena como um ladrão covarde no meio da noite.

Não sou um covarde!, Bane pensou. Não havia razão para dizer as palavras em voz alta; a visão estava inteiramente dentro de sua mente. Falar com ela seria apenas um sinal de que sua condição mental se deteriorava ainda mais. *Fiz o que precisava ser feito. A Irmandade era uma abominação. Eles precisavam ser destruídos!*

– A Irmandade possuía conhecimento sobre o lado sombrio. Uma sabedoria perdida para sempre por sua causa.

Bane já estava se cansando daquela ladainha familiar. Tivera essa conversa consigo mesmo antes de decidir destruir Kaan e seus seguidores, e agora a estava revivendo de novo e de novo através dos delírios de sua mente ferida. Mas ele se recusava a permitir que qualquer dúvida ou incerteza enfraquecesse sua determinação; ele fizera aquilo que era necessário.

A Irmandade estava desvirtuada. Eles se desviaram do verdadeiro caminho do lado sombrio. Todo o estudo e treinamento que Qordis exigia de seus alunos na Academia era inútil.

– Se isso fosse verdade – a aparição retrucou, respondendo aos argumentos em sua mente –, então como explica sua atual missão? Você diz que rejeita meus ensinamentos, porém fui eu quem descobriu a localização da tumba perdida de Freedon Nadd.

Você não descobriu nada. Você é apenas uma alucinação. E Qordis pode ter se deparado com essa informação, mas ele não sabia o que fazer com ela. Um verdadeiro mestre Sith teria partido de Ruusan para procurar a tumba de Nadd. Mas ele decidiu ficar e ajudar Kaan a brincar de exército com os Jedi.

– Desculpas e justificativas – o espírito respondeu. – Kaan era um guerreiro. Mas você preferiu se esconder de seus inimigos em vez de enfrentá-los.

Bane rangeu os dentes quando a *Valcyn* atingiu a turbulência da pesada cobertura de nuvens de Dxun. A nave ainda descia rápido demais, forçando Bane a agarrar o manche com tanta força para manter a nave no rumo certo

que as juntas dos dedos embranqueceram. Ele ouviu os rangidos e gemidos do casco sobrecarregado que cortava através da grossa atmosfera.

– Você nos traiu – Qordis disse novamente.

Bane praguejou para si mesmo, tentando ignorar as lamúrias da imagem projetada por sua própria mente. Quantas vezes ouvira aquela exata conversa no dia que se passou? Cinquenta? Cem? Era como ouvir um holoprojetor quebrado que repetia a mesma parte da mensagem ininterruptamente.

– Você destruiu a Irmandade, você deu a vitória aos Jedi. E agora foge da cena como um ladrão covarde no meio da noite.

– Cale-se! – Darth Bane gritou, não mais capaz de conter sua raiva. – Você nem mesmo é real!

Ele usou a Força, causando uma explosão de energia sombria dentro da cabine, determinado a destruir aquela visão irritante. Qordis desapareceu, mas a vitória de Bane não durou muito. Luzes de emergência começaram a piscar dentro da nave, acompanhadas pelo grito agudo dos alarmes de falha crítica.

O console da nave foi fritado pela explosão de energia. Praguejando contra Qordis e sua própria instabilidade emocional, Bane começou uma luta desesperada para aterrissar a nave em segurança. Vindo de todos os lados, ele podia ouvir a risada fantasmagórica de Qordis.

A *Valcyn* estava em queda livre, despencando na direção das florestas densas da superfície de Dxun. Bane puxou o manche com toda a força de seu enorme corpo, conseguindo redirecionar a nave em um ângulo de aproximação mais aberto. Mas se não conseguisse desacelerar, tudo estaria perdido.

Ele digitou nos controles, tentando reiniciar os propulsores com uma mão enquanto a outra ainda lutava com o manche. Sem resposta, ele fechou os olhos e usou a Força, vasculhando os circuitos queimados e fios derretidos da nave.

Sua mente correu através do labirinto de circuitos eletrônicos que controlavam todos os sistemas da *Valcyn*, refazendo-os e redirecionando-os para encontrar uma configuração que pudesse restaurar energia ao interruptor danificado da ignição. Sua primeira tentativa resultou em uma chuva de faíscas emergindo do painel de controle, mas a segunda foi recompensada com o rugido dos propulsores ganhando vida.

Bane conseguiu reverter a força dos motores apenas alguns metros acima da superfície de Dxun. A velocidade da descida diminuiu, mas não chegou nem perto de parar. Uma fração de segundo antes de a *Valcyn* atingir a floresta abaixo, Bane envolveu a si próprio com a Força, criando um casulo protetor que ele esperava ser forte o bastante para fazê-lo sobreviver ao inevitável impacto.

A *Valcyn* atingiu a cobertura das árvores em um ângulo de quarenta e cinco graus. O trem de pouso foi arrancado no impacto, despedaçando-se com um grande estrondo. Largas fendas marcaram as laterais da nave, o casco raspando em grossos galhos e ramos com força o bastante para abrir uma fenda no metal reforçado e arrancá-lo da estrutura.

Dentro da cabine, Bane foi lançado contra as paredes e o teto. Ele ricocheteou nos lados da cabine enquanto a nave atravessava as árvores. Mesmo a Força não foi capaz de protegê-lo completamente enquanto a nave esculpia um túnel de um quilômetro entre a folhagem antes de atingir o chão macio e lamacento de um pântano, onde finalmente parou.

Por vários segundos Bane não se moveu. Sua nave fora reduzida a uma pilha de sucata fumegante, mas milagrosamente ele sobrevivera, salvo pelas energias do lado sombrio que o envolveram. Mas ele não escapou ileso. Seu corpo estava coberto de ferimentos e contusões doloridas, seu rosto e mãos cheios de cortes de cacos de vidro que penetraram em seu casulo protetor; seu biceps direito sangrava muito com um profundo corte de cinco centímetros. O ombro esquerdo fora deslocado e duas costelas foram quebradas, mas não perfuraram os pulmões. O joelho direito já estava inchando, mas não parecia que nenhuma cartilagem ou ligamento fora rompido. E ele sentia o gosto de sangue na boca, derramando do vazio onde dois dentes foram arrancados. Felizmente, nenhum dos ferimentos era fatal.

Bane se levantou devagar, favorecendo o joelho esquerdo. O que restara da *Valcyn* terminou de lado, virando tudo na cabine em um desconcertante ângulo de noventa graus. Movendo-se com cuidado, Bane se dirigiu para a escotilha de emergência, seu braço esquerdo pendurado ao corpo e praticamente inutilizado. Por causa da posição da nave, a escotilha de saída agora estava acima dele, abrindo-se para o céu.

Por mais forte que fosse, Bane sabia que não seria capaz de ganhar a liberdade com apenas um braço. Um Jedi poderia usar a Força para curar seus ferimentos, mas Bane era um estudante do lado sombrio. Mesmo se sua capacidade de extrair poder da Força não estivesse temporariamente exaurida, o poder curativo não era uma habilidade familiar aos Sith. Entretanto, antes de se tornar um mestre Sith, Bane servira como um soldado, onde recebera treinamento médico básico.

A *Valcyn* era equipada com um medpac de emergência sob o assento do piloto. O medpac possuía ampolas curativas que ele poderia usar para tratar o pior de seus ferimentos. Mas, quando se abaixou para olhar debaixo

do assento, o kit não estava lá.

Percebendo que o kit se soltara durante a aterrissagem, ele vasculhou a cabine até encontrar o que procurava. O exterior do kit estava um pouco amassado, mas, de maneira geral, parecia intacto. Bane precisou de três tentativas para abrir a trava com apenas uma mão. Quando finalmente conseguiu, ficou aliviado ao ver que várias ampolas haviam sobrevivido intactas.

Ele retirou uma e a injetou diretamente em sua coxa. Em questão de segundos, Bane sentiu a capacidade de regeneração de seu corpo se intensificar em resposta à injeção. O sangue fluindo de seus cortes começou a coagular. Mais importante, a injeção ajudou a aliviar a dor de seu joelho inchado e das costelas quebradas, permitindo a ele caminhar e respirar mais facilmente.

Entretanto, seu ombro deslocado necessitava de um tratamento mais direto. Agarrando seu pulso esquerdo com a mão direita e cerrando os dentes contra a dor, Bane puxou com toda a força, esperando que o ombro voltasse ao lugar. Graças a seu tamanho e força, ele fora recrutado várias vezes no campo de batalha por médicos que precisavam de sua ajuda para encaixar membros deslocados de soldados durante seus dias no exército. Um procedimento simples que necessitava uma tremenda força para funcionar efetivamente, e Bane logo descobriu que simplesmente não conseguia apoio suficiente para aplicar a manobra em si mesmo.

Grunhindo e suando por causa do esforço, ele percebeu que teria de tomar medidas mais extremas. Abaixando-se até se sentar no chão, ele se inclinou para a frente e dobrou os joelhos para conseguir agarrar o pulso do braço ferido com força entre os dois calcanhares. Bane respirou fundo, depois jogou as pernas para frente enquanto jogava o torso para trás.

Ele gritou quando o ombro voltou a se encaixar com um estalo alto. O súbito lampejo de dor foi excruciante; foi preciso toda a sua força para não desmaiar. Ele então simplesmente deitou de costas, pálido e tremendo por causa da provação. Bane foi recompensado alguns segundos mais tarde pela sensação de formigamento rapidamente voltando aos dedos da mão esquerda.

Alguns minutos e outra ampola curativa depois, ele conseguiu usar as duas mãos para se erguer pela escotilha e depois descer pela lateral da *Valcyn* até ficar de pé, ferido, mas não vencido, na superfície de Dxun.

Ele não se surpreendeu ao encontrar Qordis esperando por ele.

– Você está preso aqui, Bane – o espírito zombou. – Sua nave foi destruída e não pode ser recuperada. Você não encontrará outra nave aqui, não há civilizações ou criaturas inteligentes em Dxun. E você não pode esperar por uma equipe de resgate. Ninguém sabia que você estava vindo até aqui. Nem mesmo sua aprendiz.

Bane não se deu ao trabalho de responder, apenas fez uma checagem final de seu equipamento. Ele apanhou um pacote de suprimentos básicos da nave e o prendeu nas costas. O pacote continha rações, bastões de luz, um punhado de ampolas curativas e uma simples adaga de caça que ele prendeu em uma bota. O pacote e seu conteúdo, além do sabre de luz pendurado na cintura, eram as únicas coisas que valia a pena salvar dos destroços.

– As selvas de Dxun estão repletas de predadores mortais – o espírito continuou. – Eles irão persegui-lo dia e noite, e no momento em que você baixar a guarda, eles atacam. E, mesmo se você sobreviver aos terrores da selva, como fará para deixar este mundo?

“Não existe escapatória”, o fantasma de Qordis provocou. “Você morrerá aqui, Bane.”

– É *Darth* Bane – o grande homem disse com um sorriso sombrio. – E ainda não estou morto. Diferente de você.

A resposta pareceu satisfazer a parte de seu subconsciente que estava criando a ilusão, pois Qordis desapareceu abruptamente.

Sem aquela distração, Bane estava livre para examinar o lugar com mais cuidado. A densa cobertura da floresta bloqueava a maior parte da luz; embora fosse meio do dia, ele se encontrava banhado por um crepúsculo. Mesmo assim, ele não precisava dos olhos para enxergar claramente.

Usando a Força, ele vasculhou os arredores. Bane estava no coração da floresta; as árvores se estendiam por centenas de quilômetros em todas as direções. E, ao examinar a folhagem em busca de sinais de vida, ele percebeu que a aparição estava certa sobre uma coisa: as florestas de Dxun ferviam com uma porção de feras mortais e vorazes. Bane se perguntou quanto tempo passaria até que um dos habitantes da selva decidisse descobrir onde ele se encaixava na cadeia alimentar.

Mas ele não tinha medo. Mesmo antes de a tumba de Nadd ser escondida ali, os antigos Sith eram atraídos até Dxun. Os Jedi haviam condenado a lua como um local maligno, mas Bane a reconhecia por aquilo que era: um mundo repleto de poder do lado sombrio. Ele se sentia forte ali, rejuvenescido... embora fosse inteligente o bastante para entender que as criaturas à espreita nas selvas também estariam bebendo desse mesmo poder.

E então sua exploração mental encontrou aquilo que procurava. A muitos quilômetros de distância, ele sentiu uma concentração de poder. Ele localizou a fonte de energia sombria que permeava a floresta ao redor, irradiando poder como um farol emitindo um sinal de localização.

Tinha de ser a tumba de Nadd, e agora que tinha chegado, Darth Bane sentia o chamado daquele lugar. Deixando os destroços da *Valcyn* para trás, ele começou a andar na direção da fonte. Ele marchou em uma perfeita linha reta, tomando a rota mais direta possível até seu destino, usando o sabre de luz para cortar a vegetação no caminho.

Mantendo um canto de sua mente focado na rota para a tumba de Nadd, Bane focou o resto de sua consciência em um estado de hipervigilância. Assim como na maioria dos ecossistemas florestais, as criaturas que evoluíram em Dxun eram mestres de seu ambiente. Muitas provavelmente desenvolveram a capacidade de se camuflar, misturando-se não apenas aos galhos e árvores, mas também no sempre presente sussurro do lado sombrio que pairava sobre a floresta.

Mesmo tomando cuidado, Bane quase foi pego de surpresa quando o ataque veio. Uma enorme criatura felina apareceu vinda de cima, silenciosa, com exceção do zunido de suas garras cortando o vazio do ar onde a garganta de sua presa estivera um segundo antes.

Bane sentira a fera no último instante possível, sua percepção da Força dando a ele um alerta prévio que lhe permitiu escapar das garras letais. Mesmo assim, o enorme corpo da fera atingiu Bane, fazendo-o cambalear.

O lorde sombrio dos Sith teria morrido ali mesmo, se a criatura não tivesse ficado momentaneamente confusa pelo inesperado fracasso de seu ataque. A hesitação da fera deu a Bane o segundo de que ele precisava para se afastar do inimigo e assumir uma postura de combate.

Com a fera não mais oculta pela floresta, Bane deu sua primeira boa olhada na criatura que quase o matou. O animal o estudava com luminosos olhos verdes que definitivamente eram felinos, embora sua pelagem tivesse um tom cinza metálico, salpicado com pequenas placas cor de bronze que brilhavam quando os músculos se moviam debaixo da pele. Media um metro e meio até os ombros, pesando facilmente trezentos quilos. Possuía quatro pernas musculosas que terminavam em afiadas garras retráteis. Mas a característica que chamou imediatamente a atenção de Bane foram as sinuosas caudas gêmeas, cada uma exibindo um mortal ferrão que pingava com um brilhante veneno esverdeado.

Bane recuou lentamente até suas costas tocarem o tronco de uma árvore alta. A criatura monstruosa avançou, e com um rugido grave que fez a pele de Bane arrepiar, saltou sobre ele novamente, com suas caudas gêmeas estalando rapidamente no ar. Bane se jogou para o lado, querendo analisar a tática de seu oponente antes de iniciar um combate direto. Ele viu as garras frontais cortando através do ar repentinamente vazio e observou as duas caudas se arquearem sobre as costas da fera para atacar o espaço onde ele estivera um momento antes. Os ferrões acertaram a árvore onde ele estava encostado com força suficiente para partir o tronco, injetando seu veneno corrosivo na madeira e deixando dois círculos pretos soltando fumaça.

A criatura aterrissou nas quatro patas simultaneamente e girou para encarar Bane antes que ele tivesse chance de atacar seu flanco desprotegido. Mais uma vez a fera começou a avançar lentamente. Mas agora, quando saltou, Bane estava preparado.

A fera agia por instinto; era um bruto irracional que dependia de sua força e velocidade para derrotar seus inimigos. Seus métodos de ataque evoluíram durante incontáveis gerações até se tornarem instintivos, e inevitavelmente usaria a mesma sequência de movimentos para atacar Bane outra vez.

A fera veio de repente, usando as garras, como Bane esperava. A reação natural da maioria das presas seria recuar para longe delas saltando para trás – apenas para ser empalada pelos ferrões mortais. Mas Bane se abaixou sob as garras e avançou sobre o ataque da criatura, segurando o sabre de luz acima da cabeça.

A lâmina cortou através da barriga do animal, dilacerando carne, tendão e osso. Bane girou a lâmina enquanto serrava a criatura, redirecionando o corte em um ângulo diagonal que certamente atingiria vários órgãos vitais. O movimento foi simples, rápido e mortal.

A inércia lançou o felino sobre a cabeça de Bane, seu corpo atingindo o chão e se abrindo na metade num corte preciso do peito até as caudas. A criatura estrebuchou uma vez, as caudas relaxaram e seus luminosos olhos se tornaram esbranquiçados.

O coração de Bane martelava com a excitação do combate. Ele se afastou do cadáver de seu inimigo derrotado, adrenalina ainda bombeando em suas veias. Com uma risada triunfante, ele jogou a cabeça para trás e gritou:

– É só isso que você tem, Qordis? É o melhor que pode fazer?

Ele olhou ao redor, esperando ver o fantasma de seu antigo mestre se materializar. Mas quem apareceu desta vez não foi Qordis.

– Você de novo – Bane disse para a imagem espectral de lorde Kaan. – O que você quer?

Kaan, como de costume, não disse nada. A figura apenas se virou e se afastou até se embrenhar no meio da floresta, sua forma corporal passando sem dificuldade entre os galhos e raízes. Bane precisou de um segundo para perceber que o fantasma andava na direção da tumba de Nadd.

– Que seja – ele murmurou, usando o sabre de luz para cortar os galhos ao seguir aquele mesmo caminho.

Seu guia ilusório o acompanhou pelo resto da trilha, sempre distante apenas o bastante para Bane precisar se esforçar para manter o ritmo. Ele precisou de quase quatro horas de andança no meio da mata para alcançar seu destino – uma pequena clareira na floresta onde a vegetação não crescia. Uma pirâmide irregular feita de metal polido se erguia a vinte metros no meio da clareira.

Bane parou no limiar da clareira. O chão adiante era apenas sujeira e lama; nenhum organismo vivo prosperava sob a sombra da cripta de Nadd. Mesmo as plantas e árvores ao redor da clareira estavam atrofiadas e deformadas, corrompidas pelo poder do lado sombrio que se agarrava aos restos do grande mestre Sith mesmo na morte. A tumba em si possuía um formato desconcertante: as paredes da pirâmide possuíam ângulos estranhos e inusitados, como se a pedra da cripta tivesse empenado durante o passar dos séculos.

Havia uma única entrada para a estrutura, uma porta que fora selada no passado, mas que agora parecia forçada por alguém que buscara os segredos de Nadd muitos séculos antes. A figura fantasmagórica de Kaan estava parada ao lado da entrada, acenando para Bane antes de desaparecer lá dentro.

Bane avançou lentamente, usando seus sentidos em busca de qualquer armadilha que ainda pudesse existir. Sua mente se lembrou das antigas tumbas no Vale dos Lordes Sombrios, em Korriban. Um pouco antes de deixar a Academia, ele se aventurara naquelas escuras e perigosas criptas em busca de orientação. Ele lera relatos sobre espíritos Sith que apareciam para compartilhar os segredos do lado sombrio com poderosos aprendizes que os buscavam. Mas tudo que Bane encontrara em Korriban era poeira e ossos.

Ele tirou a mochila das costas para que não atrapalhasse. De dentro, tirou meia dúzia de bastões luminosos e os colocou na cintura, depois deixou a mochila no chão perto da entrada da cripta.

O teto dentro da pirâmide era baixo, por isso Bane precisou se abaixar bem o suficiente ao entrar. Usando um bastão luminoso, ele se encontrou dentro de uma pequena antecâmara, com passagens que levavam a três direções diferentes. Escolhendo a passagem da esquerda, ele começou a explorar. Sala após sala, ele vasculhou a pirâmide, sem encontrar nada de valor. Várias das câmaras mostravam evidências de que outra pessoa já estivera ali, e Bane se lembrou das histórias de Exar Kun, um Jedi sombrio de um tempo há muito esquecido que também dizia ter localizado o local do descanso final de Nadd. De acordo com as lendas, Kun emergira com poderes além de sua imaginação. Porém, enquanto Bane continuava sua exploração infrutífera, dúvidas começaram a surgir em sua mente. Seria possível que aquela cripta – igual àquelas que ele havia vasculhado em Korriban – era nada além de uma tumba vazia e sem valor?

Com sua frustração crescendo ele continuou a busca, serpenteando pelas passagens até alcançar uma câmara aparentemente insignificante, quase enterrada no coração do templo. Kaan e Qordis esperavam por ele ali.

Ambos estavam ao lado de uma pequena porta esculpida na parede. A porta possuía apenas um metro, e estava bloqueada por um bloco de pedra negra encaixado perfeitamente, dando a Bane esperança mais uma vez. A pedra parecia não ter sido tocada pela pessoa que já estivera ali antes. Era possível que ninguém tivesse encontrado aquela sala, escondida ao final do labirinto de passagens. Ou talvez alguém a tivesse encontrado, mas fora incapaz de mover o bloco. Era até mesmo possível que a pequena entrada tivesse sido escondida pela arte perdida da feitiçaria Sith, e o feitiço que a ocultava pode ter gradualmente se esvaído durante os séculos, tornando-a visível agora.

Após olhar rapidamente para as manifestações gêmeas em cada lado da pequena entrada, Bane se abaixou para examinar o bloco. A superfície era lisa e se estendia apenas alguns centímetros para fora da passagem, impossibilitando qualquer manuseio com firmeza. É claro, havia outra maneira de movê-lo.

Convocando seu poder, Bane usou a Força e tentou puxar a pedra em sua direção. Mal se moveu. A pedra era pesada, mas não era apenas sua massa que a segurava no lugar. Havia algo lutando contra seu poder, resistindo a ele. Bane respirou fundo e inclinou a cabeça de um lado a outro, estalando o pescoço enquanto se preparava para outra tentativa.

Dessa vez ele foi mais longe, mergulhando no poço de poder que existia dentro de si. Ele voltou ao seu passado, desenterrando lembranças profundas de seu subconsciente: memórias de seu pai, Hurst, memórias das surras, memórias do ódio que carregava pelo homem que o criara. Ao fazer isso, Bane sentiu seu poder crescendo.

Tudo começou, como sempre, como uma única faísca de calor. A faísca rapidamente se transformou em chama, e a chama em um inferno. O corpo de Bane tremia com o esforço para conter o poder, deixando a energia sombria se acumular até alcançar uma massa crítica. Ele forçou a si mesmo a aguentar o calor insuportável pelo máximo de tempo possível, depois lançou o punho à frente, canalizando tudo dentro dele na direção da pedra que o separava de seu destino.

O pesado bloco voou pela sala e atingiu a parede mais afastada com um grande baque. Uma longa rachadura vertical apareceu na parede, embora o bloco de pedra negra estivesse intacto. Bane caiu de joelhos, ofegante

devido ao esforço. Ele ergueu os olhos para encarar os fantasmas ainda mantendo a vigia ao lado da entrada. Sacudindo a cabeça, ele rastejou até a porta e contemplou o seu interior.

A sala estava vazia, então Bane apanhou um dos bastões luminosos e o jogou através da abertura. O bastão caiu no chão, iluminando a sala. Pelo que podia ver, era uma câmara circular de teto alto com cerca de cinco metros de diâmetro. Havia um pedestal de pedra no centro. Acima dele, uma pequena pirâmide de cristal que Bane imediatamente reconheceu como sendo um holocron Sith.

Os antigos mestres do lado sombrio usavam holocrons para armazenar toda sua sabedoria, conhecimento e segredos. Um holocron podia conter antigos rituais de um poder devastador, ou as chaves para destravar as magias dos antigos feiticeiros Sith, ou mesmo avatares que simulavam a personalidade do criador original do holocron. As informações que continham eram tão valiosas que por muitos séculos os holocrons foram a ferramenta mais importante para se transmitir o legado dos grandes lordes Sith para as futuras gerações.

Infelizmente, a arte de criar holocrons Sith fora perdida havia vários milênios. E, com o passar dos anos, os Jedi vasculharam a galáxia para encontrar todos os holocrons Sith conhecidos, depois os esconderam em sua biblioteca, em Coruscant, para que ninguém pudesse mergulhar em seu conhecimento proibido. Encontrar um holocron daquela maneira, um que podia conter os ensinamentos do próprio Freedon Nadd, era uma sorte além de qualquer coisa que Bane imaginara.

Abaixando-se, ele apertou seus largos ombros através da pequena porta. Como esperado, Kaan e Qordis já estavam lá dentro. Bane os fitou e então olhou para o teto de cinco metros. Com o brilho do bastão luminoso ele podia distinguir movimento, como se um carpete de criaturas vivas estivesse rastejando pela superfície acima de sua cabeça.

Ele ficou parado, seus ouvidos captando sons de algo rastejando na água. Quando seus olhos se acostumaram com a pouca luz, ele foi capaz de distinguir uma colônia de estranhos crustáceos que se penduravam no teto. Eram quase totalmente planos e ligeiramente ovais – uma concha circular que terminava em uma ponta afiada. Possuíam tamanhos variados, desde menores do que um punho até maiores do que um prato, e a coloração variava de bronze até um vermelho-dourado. O som de água vinha quando eles se arrastavam pelo teto, subindo uns sobre os outros e deixando rastros brilhantes de viscosidade.

Enquanto os estudava, uma das criaturas se desprende das outras e caiu na direção dele. Bane deu um tapa desdenhoso com uma das mãos, lançando a concha pelo chão da caverna.

Um segundo depois outro crustáceo se desprende e caiu. Bane acionou o sabre de luz e o golpeou. O golpe jogou a criatura para longe, que acabou de ponta-cabeça em um dos cantos mais afastados da sala. Bane olhou para aquilo com espanto – o sabre de luz deveria ter cortado a criatura em duas. Mas sua arma nem mesmo provocou um arranhão na concha dura e brilhante.

Repentinamente percebendo que estava em grande perigo, Bane se lançou sobre o holocron. Quando sua mão envolveu o objeto, a colônia de crustáceos se soltou em massa e despencou sobre ele como uma nuvem quitinosa. Com uma mão agarrando o holocron, ele golpeou as criaturas com o sabre de luz e desviou outras com o poder da Força. Mas havia criaturas demais para afastar todas – era como tentar desviar pingos de chuva em uma tempestade.

Uma delas o atingiu no ombro e se prendeu a ele, instantaneamente queimando através de sua armadura e roupas com uma secreção ácida até se fixar em sua pele. Bane sentiu milhares de pequenos dentes se cravando na carne grossa de suas costas, seguidos por uma dor abrasiva da secreção ácida queimando sua carne.

Ele gritou e jogou as costas contra a parede na esperança de soltar a criatura, mas não adiantou. Enquanto tentava se livrar, um segundo crustáceo o atingiu no meio do peito. Bane gritou novamente quando o ácido e os pequenos dentes perfuraram roupas, pele e até seus poderosos músculos peitorais até se fixarem diretamente em seu esterno.

Ele cambaleou sob a dor massacrante, mas conseguiu atacar com a Força. O resto das criaturas foi lançado para longe como folhas carregadas por um vento forte, suas conchas batendo nas paredes e chão com um som peculiar. O breve respiro deu a Bane a chance de se ajoelhar e se arrastar através da abertura de volta para a sala pequena de onde ele havia entrado.

Ignorando a agonia das duas criaturas ainda fixadas em seu corpo, ele usou a Força e atraiu o bloco de pedra do outro lado da câmara. Seus poderes foram incrementados pela dor e pela urgência desesperada, e o bloco se moveu facilmente desta vez, voando através da câmara para selar a entrada antes que mais daqueles estranhos crustáceos pudessem sair de lá atrás dele.

Por um segundo ele apenas ficou parado ofegando, segurando o holocron e tentando ignorar a dor vinda dos dois organismos parasitas se alimentando de seu corpo. Ele podia ouvir o resto da colônia do outro lado da parede, o barulho molhado de suas bocas sugando, misturado com o estalido de suas conchas enquanto subiam pelas paredes de volta para o teto.

Bane também imaginou ter ouvido outro som: a forte risada de Qordis e Kaan ecoando nas paredes da tumba de Freedom Nadd.



– O CHANCELER VALORUM IRÁ RECEBÊ-LOS agora – a assistente Twi’lek disse de trás de sua mesa.

Quando Farfalla se levantou, Johun fez o mesmo, ajeitando o pouco familiar traje cerimonial que seu novo mestre insistira que ele usasse para a reunião. Johun protestara dizendo que aquelas roupas não tinham nada a ver com o que ele era ou com a razão de sua presença ali, mas Farfalla apenas respondera:

– Em Coruscant, as aparências importam.

Johun nunca estivera em Coruscant antes – ou em qualquer dos outros Mundos do Núcleo. Ele nasceu e foi criado em Sermeria, um mundo agrícola na Região de Expansão entre as Orlas Interior e Média da galáxia. Sua família trabalhara em uma fazenda nos arredores de Addolis, uma pequena engrenagem no grande complexo agricultor de Sermeria que produzia uma fartura de comida e a vendia para mundos mais desenvolvidos que não possuíam terras aráveis o suficiente para sustentar suas próprias populações.

Ele deixara Sermeria aos dez anos para começar seu treinamento Jedi. Desde então ele acompanhara o general Hoth em dezenas de mundos, embora seu antigo mestre preferisse ficar na Orla Exterior, longe dos políticos e da cultura urbana da capital da República. Os planetas que eles visitavam tendiam a ser mundos rurais menos desenvolvidos, parecidos com a própria Sermeria. Como resultado, Johun nunca vira nada parecido com a metrópole planetária que era a Cidade Galáctica.

Durante a descida na atmosfera, Farfalla tentara apontar as estruturas mais importantes, como a Grande Rotunda do Senado e o Templo Jedi. Mas, para o olho provinciano de Johun, tudo se misturava em um oceano de macreto, hiperaço e luzes coloridas que piscavam.

Após a aterrissagem, eles desembarcaram e tomaram um airspeeder que os levava na direção de onde aconteceria a reunião com o chanceler Valorum. Johun simplesmente sentara e observara espantado o espetáculo enquanto atravessavam a via aérea, com o speeder passando entre arranha-céus tão altos que o chão nem mesmo era visível abaixo deles. Ocasionalmente eles mergulhavam ou subiam quando a jornada os levava por cima ou por baixo de passarelas de pedestres, letreiros flutuantes e até mesmo outros veículos.

Ao final da viagem, os sentidos já maravilhados de Johun foram completamente sobrecarregados pelo constante fluxo do tráfego e a quantidade de pessoas que escolheram viver e trabalhar em Coruscant. A impressão geral que ficou da experiência foi uma mancha nauseante de movimento contra uma ensurdecadora cacofonia... Demais para um simples garoto da fazenda.

Farfalla, por outro lado, estava em seu elemento. Johun notara seu novo mentor ganhando vida quando eles aterrissaram, como se estivesse se alimentando da energia da grande metrópole. O ritmo frenético e as enlouquecedoras multidões pareceram revitalizar Valenthynne, a cidade levando embora o cansaço de uma longa campanha militar naquele cinzento e pequeno planeta. Até mesmo a aparência de Farfalla estava diferente; contra o cenário vibrante e cosmopolita da capital galáctica, as roupas que demonstravam tanta vaidade e extravagância em Ruusan agora pareciam o auge da moda e estilo.

Mesmo no centro do poder, Farfalla parecia completamente à vontade. Ele fez uma graciosa reverência para a assistente do chanceler, provocando um sorriso charmoso na jovem mulher, depois passou a andar com passos confiantes até a porta do gabinete pessoal de Valorum. Johun também fez uma reverência, constrangida e forçada, depois se apressou atrás de seu mestre.

O gabinete do chanceler era menos ornado e mais funcional do que Johun esperava. As paredes, carpete e mobília possuíam um profundo tom de marrom que dava ao lugar um ar de importância. Havia uma grande janela em uma parede, mas, para o alívio do jovem Jedi, as cortinas foram fechadas para aquela reunião. No centro da sala havia meia dúzia de confortáveis cadeiras ao redor de uma mesa de conferência circular; vários monitores forravam as paredes, exibindo atualizações de vários programas jornalísticos da HoloNet.

Tarsus Valorum estava sentado atrás de sua grande mesa que ficava em frente à porta, e ele se levantou para recebê-los. Ele era um homem alto de cerca de cinquenta anos, embora parecesse dez anos mais jovem. Possuía cabelos negros, olhos penetrantes e acesos, um nariz pontudo e reto e um queixo quase perfeitamente quadrado –

um rosto que muitos chamavam de “honesto e determinado”. Foram esses traços, junto com sua perfeita reputação no serviço público, que levaram Valorum a ser nomeado o primeiro chanceler não Jedi em mais de quatro séculos.

Johun ouvira rumores de que Farfalla fora o primeiro na lista para a posição, mas declinara para poder se juntar ao Exército da Luz, em Ruusan. O jovem se perguntou se seu mestre aprovava o homem que fora escolhido em seu lugar.

– Mestre Valenthynne – Valorum disse, apertando a mão de Farfalla de um modo bem treinado. – Obrigado por aceitar nosso encontro com um aviso tão curto.

– Você não me deixou muitas opções, Vossa Excelência – Valenthynne notou.

– Peço perdão por isso – o chanceler respondeu ao mesmo tempo em que se virava e estendia a mão para Johun. – E este deve ser o seu aprendiz – ele disse, observando a longa trança que marcava o jovem como alguém que ainda não havia completado seu treinamento inicial Jedi.

– Sou o padawan Johun Othone, Vossa Excelência.

O aperto de mão de Valorum foi firme, mas não dominador – perfeito para um político. Ele balançou a mão duas vezes, depois desfez o aperto de mão e indicou as cadeiras ao redor da mesa de conferência.

– Por favor, nobres Jedi. Fiquem à vontade.

Farfalla tomou o primeiro assento do lado mais próximo da mesa. Johun se sentou no lugar diretamente à frente dele, deixando o chanceler no assento da cabeceira, entre os dois Jedi. Assim que todos tomaram suas posições, foi Farfalla quem iniciou a discussão, virando-se um pouco para encarar melhor o chanceler.

– A mensagem que você me enviou foi muito inesperada, Vossa Excelência. E o momento foi um pouco inconveniente. Ainda estamos lidando com o resultado da bomba de pensamento em Ruusan.

– Entendo sua posição, mestre Valenthynne. Mas você também precisa entender a minha. A notícia da derrota da Irmandade já alcançou a HoloNet. Até onde o público sabe, a guerra acabou. E o Senado está ansioso para deixar essas coisas desagradáveis para trás.

– Assim como os Jedi – Farfalla respondeu. – Mas essa moção que você pretende votar, a chamada Reforma de Ruusan, pede algumas medidas realmente extremas.

– É por isso que eu o chamei aqui, para discutir as recomendações antes de a votação acontecer – Valorum respondeu. – Eu queria que você entendesse por que isso precisa ser feito.

Johun não lera os detalhes da mensagem que Farfalla recebera, nem seu mestre falara sobre isso durante a jornada até Coruscant. Como resultado, ele estava tendo dificuldade para entender os significados políticos daquela conversa. Felizmente, Farfalla decidiu encerrar as amenidades diplomáticas e abordou diretamente o assunto em sua resposta seguinte.

– Você entende as ramificações do que está pedindo, Tarsus? Sua proposta pede que todos os Jedi renunciem suas posições militares e dissolvam completamente nossas forças militares, navais e aeroespaciais. Você está nos usando para destruir o Exército da Luz!

– O Exército da Luz foi criado como uma reação à Irmandade da Escuridão – Valorum retrucou. – Sem a Irmandade, já não serve a nenhum propósito.

Johun não podia acreditar naquilo que estava ouvindo.

– Seu propósito é proteger a República! – ele gritou, incapaz de se conter.

– Proteger contra quem? – o chanceler o desafiou, virando a cabeça de repente em sua direção. – Os Sith não existem mais.

– Os Sith nunca deixarão de existir – Johun disse sombriamente.

– E é aí que mora o problema – Valorum respondeu. – Nos últimos quatro séculos nós vimos os Jedi declararem guerra contra os agentes do lado sombrio de novo e de novo. É uma luta que nunca acaba. E com cada conflito, mais civis são tragados em sua teia de guerra. Seres inocentes morrem quando exércitos se aliam a vocês ou a seus inimigos. Mundos leais à República se separam, fragmentando uma galáxia que já foi unida. É hora de colocar um fim a esse ciclo de loucura.

Farfalla ergueu a mão, cortando Johun antes que o jovem pudesse dizer mais alguma coisa. Ele esperou Valorum voltar sua atenção, depois perguntou:

– Tarsus, você realmente acredita que as mudanças que propôs farão isso?

– Sim, eu acredito, mestre Valenthynne. – Havia uma convicção inegável em sua voz. – Existem muitas pessoas boas que temem os Jedi e aquilo que são capazes. Elas enxergam os Jedi como instigadores da guerra. Vocês alegam que suas ações são guiadas pela Força, mas, para aqueles que não conseguem sentir sua presença, parece que sua ordem não responde a nada e a ninguém.

– Então você quer que os Jedi respondam a vocês. – Farfalla suspirou. – Ao chanceler e ao Senado.

– Eu quero que vocês respondam aos oficiais eleitos que representam os cidadãos da República – Valorum declarou. Depois acrescentou: – Isso não é uma tentativa de tomar o poder para mim. O Conselho Jedi continuará controlando sua ordem. Mas farão isso sob a supervisão do Departamento Judicial do Senado. É a única maneira para curar as cicatrizes deixadas por suas guerras contra os Sith.

“A República está desmoronando”, ele continuou. “Nos últimos mil anos a República vem lentamente se enfraquecendo e apodrecendo. Um renascimento é a única maneira para reverter esse processo.

“Muitas das medidas propostas na Reforma de Ruusan são simbólicas, mas existe um poder nesse simbolismo. Será o início de uma nova era para a República. Entraremos em uma nova época de prosperidade e paz.”

“Queremos que os Jedi mostrem seu compromisso com essa paz. Deixem de lado as armadilhas da guerra e assumam seu lugar de direito como conselheiros e guias. Em vez dessa batalha interminável contra o lado sombrio, vocês deveriam nos guiar na direção da luz.”

Valorum terminou seu discurso e olhou com expectativa para Farfalla. Johun prendeu a respiração, esperando uma explosão indignada de seu mestre. Ele queria testemunhar quando Valenthynne refutasse com eloquência os argumentos do chanceler. Mal podia esperar a defesa apaixonada de tudo aquilo que os Jedi representavam e acreditavam e que justificaria as ações do general Hoth.

– Conversarei com o Conselho Jedi e me certificarei que nossa ordem obedeça suas exigências, Vossa Excelência – Farfalla disse, com a voz pesada. – E pedirei à ordem para começar a dissolução do Exército da Luz assim que o Senado aprovar a sua proposta.

O queixo de Johun caiu, mas ele ficou espantado demais para dizer qualquer coisa.

– Eu agradeço muito a sua cooperação, mestre Valenthynne – Valorum respondeu, levantando-se. – Agora, se me dão licença, preciso convocar o Senado para uma sessão.

A princípio, pareceu que ele acompanharia os dois até a porta. Mas, quando olhou para Johun, ele obviamente sentiu que o jovem rapaz não estava pronto para encerrar o assunto. O chanceler hesitou, dando a ele uma chance de se manifestar.

Johun, no entanto, permaneceu em um silêncio teimoso. Valorum trocou um breve olhar com Farfalla, depois assentiu em respeito ao mestre Jedi.

– Por favor, fiquem o quanto quiserem – o chanceler disse, antes de assentir cordialmente para cada um deles e os deixar sozinhos na sala.

– Como você pôde? – Johun disse com um tom irritado assim que Valorum se retirou, inclinando-se sobre a mesa na direção de Farfalla.

O homem mais velho suspirou e se recostou na cadeira, juntando as mãos abaixo do queixo em um gesto pensativo.

– Sei que é difícil entender, Johun. Mas o chanceler estava certo. Tudo que disse era verdade.

– O general Hoth nunca concordaria com isso! – Johun vociferou.

– Não – Farfalla admitiu. – Ele nunca entenderia o valor de se fazer concessões. Esse foi seu grande defeito.

– E qual é o seu? – Johun gritou, batendo na mesa com o punho fechado e levantando-se tão de repente que acabou derrubando sua cadeira. – Trair a memória dos seus amigos?

– Cuidado com a sua raiva – Farfalla disse suavemente.

Johun congelou, depois sentiu o rosto queimando de vergonha e embaraço. Ele respirou fundo várias vezes – um ritual Jedi para acalmar e focar a mente. Assim que retomou o controle das emoções, ele se virou e apanhou a cadeira caída, depois se sentou novamente.

– Desculpe, mestre Valenthynne – ele disse, tentando manter a voz calma. – Mas parece que estamos desonrando o general Hoth.

– Seu mestre foi um homem de grande força e convicções – Farfalla lhe assegurou, ainda sentado com os dedos das mãos formando um triângulo sob o queixo. – Ninguém mais poderia ter nos guiado durante nossa crise. Mas a galáxia não existe em um estado de perpétua crise.

“Os Jedi são servos jurados da República”, ele continuou. “Lutaremos para defender a República em tempos de guerra, mas, quando a guerra acaba, precisamos estar dispostos a largar nossas armas e nos tornar embaixadores da paz.”

O rapaz sacudiu a cabeça.

– Isso não parece correto.

– Desde os primeiros dias de seu treinamento, você apenas conheceu a guerra – Farfalla o lembrou. – Pode ser difícil para você se lembrar que a violência deve apenas ser usada quando todos os outros métodos falharem.

“Mas você deve sempre ter em mente que um Jedi valoriza a sabedoria e a sensatez acima de tudo. As grandes verdades que buscamos geralmente são difíceis de encontrar e, às vezes, é mais fácil buscar um inimigo para

combater... principalmente quando estamos ansiosos para vingar aqueles que caíram. Esse é um dos caminhos que leva até mesmo pessoas boas para o lado sombrio.”

– Sinto muito, mestre – Johun sussurrou. As palavras pareciam presas na garganta, embora o pedido de desculpa fosse sincero.

– Você ainda é um padawan. Não se espera que já possua a sabedoria de um mestre – Farfalla o consolou. – É por isso que eu trouxe você aqui. Para aprender.

– Farei o meu melhor – Johun garantiu.

– Isso é tudo que eu posso pedir – seu mestre respondeu.



Graças ao holocron que ele descobrira na tumba de Nadd, Bane agora sabia que os estranhos crustáceos que se fixaram em seu corpo eram chamados de orbalisks. Ele também descobrira, por meio de tentativa e erro, que eles não podiam ser removidos.

Nos momentos após sua fuga da câmara dos orbalisks, ele tentara arrancar aquele em seu peito usando a faca de caça em sua bota, sem sucesso. Então ele tentara remover a criatura cortando a carne em volta. Ele passara a faca pelo peito em uma longa linha reta, sentindo a agonia da lâmina cortando fundo o bastante para dilacerar pele e músculo. E então observara, espantado, o ferimento cicatrizar quase instantaneamente: a criatura de algum modo fizera seu tecido se regenerar.

Bane tentara a Força em seguida, vasculhando profundamente para entender melhor o que estava acontecendo. Ele pôde sentir as criaturas se alimentando de seu poder, devorando as energias do lado sombrio que corriam através de cada fibra e célula de seu ser. Mas, embora fossem parasitas, as criaturas também davam algo em troca. Enquanto se alimentavam, elas bombeavam um constante fluxo de substâncias químicas em seu corpo. Os fluídos estranhos ao seu corpo queimavam como ácido ao serem absorvidos em seu sistema circulatório, como se cada gota de sangue estivesse fervendo... mas os benefícios eram poderosos demais para serem ignorados. Além da milagrosa capacidade regenerativa, ele se sentia mais forte que nunca. Seus sentidos estavam mais afiados, os reflexos mais rápidos. E em seu peito e costas, onde as criaturas haviam se fixado, as conchas virtualmente impenetráveis serviriam como armaduras capazes de aguentar até mesmo o golpe direto de um sabre de luz.

A relação, ele finalmente entendera, era simbiótica – desde que ele fosse capaz de aguentar a constante dor dos fluídos sendo absorvidos e metabolizados em seu fluxo sanguíneo. Um pequeno preço a pagar, Bane decidira antes de voltar a atenção ao holocron. Sentado de pernas cruzadas no chão duro da antecâmara dentro da cripta de Nadd, ele projetou hesitante o lado sombrio e passou a mão sobre a pequena pirâmide de cristal. Respondendo ao seu toque, o objeto começou a brilhar.

Nos quatro dias e quatro noites seguintes ele se perdeu no meio dos segredos do antigo artefato. Como suspeitava, fora criado por Freedon Nadd. Bane mergulhou nos segredos do holocron com a ajuda do avatar: uma projeção holográfica em miniatura do mestre Sith responsável por sua criação. O avatar guiou e direcionou seus estudos, servindo como um mentor virtual para aqueles que buscavam os segredos perdidos de Nadd dentro da sinistra pirâmide.

Embora Nadd fosse um humano, seu avatar era a imagem de um homem que sucumbira à corrupção física que às vezes afetava aqueles que mergulhavam fundo demais no poder do lado sombrio. Sua pele era pálida, a carne seca e corroída, e seus olhos eram luminosos globos amarelos que não possuíam íris ou pupilas. Apesar disso, ele ainda parecia um guerreiro formidável: ombros largos, vestido em pesada armadura de combate e usando o elmo que servira como sua coroa quando ele se proclamara rei no mundo de Onderon.

Através do avatar, Bane aprendeu sobre os experimentos do mestre sombrio com os orbalisks, e seus esforços apenas parcialmente bem-sucedidos de controlar seu poder. Ele descobriu não apenas como eram chamados, mas também todos os detalhes de sua ecologia. Algumas informações meramente confirmaram aquilo que ele já sabia: uma vez fixados em um hospedeiro, os orbalisks não podiam ser removidos. Mas também aprendeu que, além de aumentarem as capacidades físicas do hospedeiro, era possível usar a capacidade dos parasitas de se alimentarem do lado sombrio para aumentar em muito seu comando da Força.

Entretanto, a pesquisa de Nadd também alertou sobre vários perigosos efeitos colaterais da infestação que iam além da constante dor física. Se algum dos organismos fosse morto, liberaria níveis cada vez maiores de toxinas, matando o hospedeiro em questão de dias. Os orbalisks também cresceriam com o tempo, lentamente se espalhando até cobrirem todo o corpo, dos pés à cabeça. Felizmente, junto com essa perturbadora revelação, Bane descobriu instruções para um capacete especial e proteção de rosto criados para impedir que os parasitas crescessem sobre os olhos, nariz e boca durante o sono.

Mas a pesquisa sobre os orbalisks foi apenas o começo. Freedom Nadd fora um Jedi que se voltou para o lado sombrio como aprendiz de Naga Sadow, o antigo governante do Império Sith. O poder de Sadow fora tão imenso que lhe permitiu sobreviver por seis séculos, alimentado pelas energias do lado sombrio. Como seu aprendiz, Nadd absorvera todo o seu conhecimento e ensinamentos, transferindo-os para o holocron antes de assassinar Sadow e tomar seu lugar.

Como esperado, a maior parte das informações dentro do holocron estava escondida, lacrada nas profundezas de sua estrutura cristalina, onde poderia ser acessada apenas através de tempo, meditação e estudo cuidadoso. Levaria muitos meses, talvez até anos, antes de Bane conseguir destravar seus maiores segredos. E no momento havia preocupações mais imediatas com que ele precisava lidar.

Guardando o holocron em segurança, ele seguiu pela cripta em seu caminho de volta à superfície de Dxun. Os espectros de Kaan e Qordis o esperavam lá fora.

– Você está preso aqui – Qordis disse, imediatamente voltando com sua litania de fracasso e desespero. – Que serventia terá o holocron, se você não puder deixar esta lua?

Bane se voltou para dentro de si para convocar o lado sombrio, extraíndo poder não apenas de si mesmo, mas também dos orbalisks fixados em seu peito e costas. Sentindo uma incrível onda de poder além de qualquer coisa que já sentira antes, ele liberou tudo em uma explosão de energia. As alucinações que infernizavam sua mente danificada desde a detonação da bomba de pensamento desapareceram, completamente aniquiladas por seu poder recém-descoberto. Ele agora estava mais forte do que nunca, e sabia que as visões dos mortos não iriam mais assombrá-lo.

Livre de seus torturadores, ele ainda precisava encontrar uma maneira de deixar Dxun. Quando olhou para o céu, Bane viu Onderon pairando de modo grandioso sobre ele, o planeta tão próximo de sua lua que suas atmosferas chegavam a se tocar ocasionalmente. Por uma breve janela de tempo, isso permitira que as grandes feras aladas de Dxun migrassem para o outro mundo, onde algumas foram domadas e treinadas para se tornar as terríveis montarias dos famosos clãs de Onderon.

Olhando para o mundo que estava quase próximo o bastante para ser tocado, Bane sentiu a iminente chegada de Zannah. Logo ela aterrissaria no perigoso e mortal planeta, e se seu mestre não estivesse lá com ela, sua sobrevivência era pouco provável.

Enquanto olhava para cima, ele notou uma enorme criatura alada circulando o ar, caçando comida. Ao mesmo tempo, o caçador também o notou. Dobrando suas grandes asas junto ao corpo, o animal despencou em uma descida que focava exclusivamente Bane.

Ele encarou a criatura com uma precisão clínica e analítica enquanto ela descia sobre ele. Pelo holocron, Bane sabia que a espécie da criatura se chamava drexl, um dos predadores reptilianos que dominavam os céus de Dxun. Sua aparência lembrava a de um lagarto com asas: pele cheia de escamas violeta; uma longa e grossa cauda; corpo e pernas musculosos. Uma grande cabeça ficava ao final do extenso pescoço. Possuía pequenos olhos típicos de pássaros, um focinho plano e uma larga mandíbula cheia de dentes amarelos afiados. Bane estimou que aquela criatura possuía dez metros do nariz até a cauda, com uma envergadura de asas de quase vinte metros – um macho totalmente desenvolvido e capaz de suprir muito bem suas necessidades.

Um instante antes de a fera atacar com suas garras afiadas, Bane usou a Força e tocou a mente do drexl, tentando dominar a vontade do bicho com a sua própria. Já fizera isso antes, com um rancor no mundo de Lehon. Mas a mente do drexl era mais forte do que ele esperava, e a fera afastou seus esforços com um guincho monstruoso e atingiu seu corpo.

Um dos pés do drexl foi lançado para rasgá-lo com suas enormes garras, mas foi desviado pela impenetrável carapaça do orbalisk em seu peito. Em vez de ser empalado e carregado pelo ar, Bane foi jogado para trás pelo impulso do mergulho da criatura. Ele atingiu o chão e rolou várias vezes até se levantar, sem nenhum ferimento graças à sua recém-adquirida capacidade física.

Ele viu o drexl subindo para o céu novamente, preparando-se para uma segunda tentativa de mergulhar e agarrar sua presa. Bane usou a Força outra vez para tocar a mente da criatura, destruindo sua vontade com a força arrebatadora dos martelos que ele usava nas minas de Apatros.

O corpo do drexl estremeceu sob o impacto do ataque mental e soltou um estridente grito de protesto que rasgou o céu e reverberou sobre a copa das árvores. Desta vez, no entanto, Bane conseguiu subjugar os pensamentos da fera.

A criatura circulou mais duas vezes antes de aterrissar ao lado dele. Com um comando silencioso de seu novo mestre, o drexl se abaixou e permitiu que Bane montasse em suas costas. As asas se abriram um instante mais tarde, e o animal ganhou os céus, subindo cada vez mais.

Bane comandou sua montaria, instigando que subisse até os limites da atmosfera respirável. Acima deles o mundo de Onderon cresceu de tamanho até preencher completamente o horizonte. Apenas algumas centenas de

quilômetros separavam Dxun de seu vizinho, uma insignificante distância na escala dos mundos e sistemas solares.

Ele já podia sentir a leve atração gravitacional de Onderon tentando puxá-lo, a massa do enorme planeta lutando contra a influência de sua lua menor. Tomado pela vontade implacável de Bane, o drexl batia suas asas furiosamente, ganhando velocidade e altitude a cada movimento.

Bane começou a convocar a Força, deixando-a se acumular até o último instante possível. Então, juntando a energia sombria ao redor dele e de sua montaria como um manto protetor, ele impeliu o drexl a continuar, e um segundo mais tarde os dois se libertaram da atmosfera de Dxun e mergulharam no vácuo congelante do espaço que separava Bane de Onderon e a liberdade.



O APITO DO COMPUTADOR NAVEGACIONAL da *Star-Wake* atualizando as coordenadas fez Zannah acordar assustada de um sono inquieto. Ela havia se encolhido no assento do piloto, e agora seu pescoço doía por ter dormido em uma posição desconfortável. Havia vários lugares para ela se deitar no compartimento de cargas, mas Zannah não poderia dormir ali. Não com todos os corpos.

Ela removera Wend e Irtanna da cabine nos primeiros minutos após suas mortes. Foi difícil tirar Wend do assento, mas sua adrenalina ainda estava alta por causa do confronto com Irtanna e ela conseguira arrastá-lo pelo corredor até o compartimento de cargas onde estavam seu pai e irmão.

Remover Irtanna fora ainda mais difícil. Ela possuía o físico de um soldado, magra e musculosa, e pesava facilmente o dobro de Zannah. A princípio a garota não conseguira mover o corpo nem um centímetro. Quando percebeu que teria que usar a Força, a excitação do momento já havia passado. Ela achara muito mais difícil convocar o lado sombrio; a cada vez que tentava se alimentar de sua raiva interna, sua consciência lutava de volta. Em vez do familiar calor do poder, ela sentira apenas culpa e dúvida. Imagens de Bordon e seus filhos caídos lado a lado no chão do compartimento de cargas embaralhavam seus pensamentos, dificultando qualquer concentração.

Zannah tentara bloquear as imagens para permitir que o lado sombrio fluísse através dela, mas obteve apenas sucesso parcial. No final, ela se valeu mais de determinação e suor que do poder da Força propriamente dito. Grunhindo e se esforçando, ela conseguiu arrastar Irtanna por meio metro antes de precisar parar e recobrar o fôlego. Ela repetira o processo de novo e de novo, lentamente puxando o corpo pelo corredor da nave até posicionar Irtanna ao lado dos outros.

Não houve muito sangue; com exceção do primeiro tiro na barriga de Bordon, todos os ferimentos foram cauterizados pelo calor dos tiros do blaster. Porém, a falta de entranhas não ajudara em nada a tornar a aparência dos corpos menos perturbadora. Seus olhos sem vida apontavam para o vazio, forçando Zannah a se abaixar e fechar as pálpebras, sua mão tremendo ao raspar na pele fria. Ainda não satisfeita, ela procurou ao redor até encontrar vários cobertores para cobrir os cadáveres. Mesmo sob as cobertas, os perfis de suas vítimas ainda eram reconhecíveis, mas não havia mais nada que ela pudesse fazer quanto a isso. Ela apenas voltara ali uma vez desde então para apanhar o máximo de kits de ração possível e levá-los para a cabine, tentando não olhar para os corpos cobertos aos seus pés.

Nos sete dias seguintes ela ao mesmo tempo temeu e rezou pelo fim da jornada, quando reencontraria seu mestre e começaria seu treinamento nos caminhos dos Sith. Ela apenas saiu da cabine para usar o banheiro. Sempre que tentava dormir, não conseguia nada além de um cochilo inquieto cheio de pesadelos em que ela revivia sua matança de novo e de novo.

Sempre que acordava, ela abria um kit de ração e comia um pouco, seu corpo lentamente recuperando aquilo que havia perdido durante as semanas em Ruusan. Mas as rações eram feitas para adultos, e ela nunca conseguia terminar toda a comida. Quando se satisfazia, ela jogava a porção restante no corredor do compartimento de cargas. Após alguns dias, os cheiros de meia dúzia de refeições pela metade começaram a se misturar em um aroma adocicado nauseante que pairava como uma fina cortina no ar. Zannah, na verdade, recebeu bem o cheiro de comida apodrecida: a nova fragrância disfarçava o fedor dos corpos em decomposição no fundo da nave.

Para combater o tédio, ela tentava imaginar como seria seu futuro como aprendiz de Bane. Ela vislumbrava tudo que ele lhe prometera: a capacidade de chamar e comandar a Força quando quisesse, os misteriosos segredos do lado sombrio, o poder para alcançar seu verdadeiro potencial e cumprir seu destino. Sua mente, no entanto, continuava voltando para a tripulação morta da *Star-Wake*. E sempre que isso acontecia, ela se perguntava o que seu mestre pensaria sobre tal fraqueza.

O computador apitou de novo. Zannah olhou para a tela: a nave entraria na atmosfera em cinco minutos. O computador pedia por coordenadas de aterrissagem.

Zannah se endireitou no assento do piloto, franzindo as sobrancelhas enquanto estudava o monitor. Ela esperava que os sistemas automáticos que levaram a nave de Ruusan até Onderon também programassem a aterrissagem. Infelizmente parecia que a tarefa recaía agora sobre ela... e Zannah não fazia ideia de como fazer a nave aterrissar em segurança.

Ela apertou um botão na tela chamado ZONAS DE ATERRISSAGEM. Uma longa lista de locais e coordenadas não familiares começou a passar pela tela. Zannah não sabia o que aqueles números significavam, nem como selecionar algum deles.

Enquanto encarava as informações – com a nave agora entrando na atmosfera – Zannah sentiu o familiar tranco da turbulência. Aturdida entre a frustração e o pânico, ela começou a apertar os botões aleatoriamente. Parou apenas quando o computador apitou duas vezes: destino aceito.

Suspirando de alívio, ela desabou de volta no assento e prendeu o cinto de segurança para a aterrissagem. Zannah tentou olhar acima do console para ter uma visão da janela da cabine e ver para onde estava indo, mas ela era pequena demais para ver claramente. Tudo que podia distinguir eram quilômetros de árvores que se estendiam e encobriam o terreno por todas as direções. Evidentemente ela escolhera um local de aterrissagem em uma parte menos civilizada do planeta.

Uma pergunta séria cruzou sua mente. *Será que o piloto automático sabe aterrissar no meio de uma floresta? Ou será que vai fazer picadinho de mim no alto das árvores?*

Como se pudesse ler seus pensamentos, o computador apitou um aviso de alerta. Zannah leu a atualização:

“Condições não ideais detectadas na zona de aterrissagem escolhida. Procurando local alternativo mais próximo.”

Ela sentiu a nave se inclinar um pouco, fazendo uma curva e se endireitando novamente até voar por sobre a cobertura das árvores à procura de uma clareira grande o bastante.

– Zona de aterrissagem alternativa localizada – a tela a tranquilizou alguns momentos mais tarde, e ela sentiu o nariz mergulhar quando a nave começou a descida final.

Zannah ouviu um barulho alto seguido pelo som repetido de galhos batendo no casco da *Star-Wake*, que abria caminho entre uma camada fina de vegetação em direção à superfície escolhida. Um segundo mais tarde, a nave tombou para o lado, após bater em um tronco de árvore grosso demais. Em seguida veio uma série de solavancos quando a nave ricocheteou e derrapou no chão até finalmente parar.

Abalada, mas inteira, Zannah destravou o cinto e abriu a escotilha de saída. Ao descer pela rampa de embarque, notou que estava na fronteira de uma grande clareira que fora esculpida na floresta para criar um círculo de quase duzentos metros de diâmetro. Para sua surpresa, havia alguém no meio da clareira acenando para ela.

– O sujeito pilotando a sua nave deve ser o pior piloto da galáxia – o homem disse, olhando para ela de cima a baixo quando Zannah se aproximou e parou a poucos metros dele.

O homem parecia ter vinte e poucos anos, embora fosse difícil dizer por causa de sua aparência desleixada e magra. Seus longos cabelos cor de bronze eram embaraçados e encardidos, e sua barba vermelha parecia desigual em seu rosto sujo. Ele vestia calças largas e uma camisa rasgada que podia até ser branca debaixo da lama e outras manchas desconhecidas. Sobre a camisa ele vestia um curto colete de couro gasto nas extremidades, e um par de botas puidas. Ele exalava um odor ofensivo.

– Qual é o problema, garotinha? – ele perguntou. – Você não fala língua básica? Eu disse que o sujeito pilotando a sua nave deve ser o pior piloto que eu já vi.

– Não tinha ninguém pilotando – Zannah respondeu cuidadosamente, olhando de volta para a nave que agora já estava a uns bons trinta metros atrás de si. – Era o piloto automático.

– Isso explica tudo – ele disse. – Piloto automático só é bom para aterrissar em uma pista de permacreto. Não serve nem pra esterco de bantha por aqui.

O homem deu um passo à frente, e Zannah instintivamente deu um passo para trás. Havia algo muito errado em encontrar aquele homem esperando por ela no coração de uma clareira no meio da floresta. Mas ela não estava preocupada com a estranheza da situação. Sua mente estava desesperadamente tentando pensar em alguma maneira de impedir que ele descobrisse os corpos dentro da *Star-Wake*.

– Por que você está usando o piloto automático por essas bandas, garotinha? Você não tem um piloto nessa nave aí com você?

Zannah sacudiu a cabeça.

– Não. Não tinha ninguém a bordo. Era só eu.

– Só você? – ele disse, arqueando uma sobrancelha. – Tem certeza?

– Eu roubei a nave – ela disse em um tom desafiador. Talvez, se pudesse convencê-lo de que estava sozinha na nave, ele não entraria nela e não acharia os corpos.

O homem riu um pouco.

– Roubou, é? – Então, em um tom mais alto, ele anunciou: – Parece que temos uma ladra aqui!

Uma dúzia de homens e mulheres saiu do meio das árvores ao redor da grande clareira onde a *Star-Wake* havia aterrissado. Eram todos humanos, e a maioria deles parecia ter a mesma idade do homem ruivo que falou com Zannah primeiro. Assim como ele, o grupo vestia uma variedade de roupas sujas e gastas. Vários apareceram atrás do ruivo, mas outros apareceram nas árvores do outro lado da clareira atrás de Zannah, efetivamente cortando seu caminho até a nave. E, diferente do homem que a recebera, os recém-chegados estavam todos armados com vibrolâmina e rifles blaster.

– Como... como vocês me acharam? – ela quis saber, olhando de um lado a outro e começando a entender que estava cercada.

– Olheiros viram a sua nave voando sobre nosso território – o ruivo respondeu. – Então a gente achou que, se você estava procurando um lugar para descer, acabaria aqui em nossa plataforma de aterrissagem.

– Plataforma de aterrissagem? – Zannah repetiu, surpresa e esquecendo-se momentaneamente de sua perigosa situação. – Você fez este lugar para que as naves pudessem descer aqui?

– Quem falou em naves? – o homem respondeu com um sorriso no canto da boca. Ele tocou os lábios com dois dedos e soltou um assobio tão alto e agudo que fez Zannah estremecer.

O ar acima foi preenchido com o som de um grande vento, e uma sombra negra bloqueou o sol. Zannah olhou espantada para cima quando quatro enormes répteis alados desceram do céu e aterrissaram no lado mais afastado da clareira. As criaturas usavam rédeas e esporas, e cada uma possuía uma grande sela nas costas que parecia grande o bastante para carregar três pessoas ao mesmo tempo.

– Vocês são montadores de feras – ela disse, lembrando-se do alerta de Tallo quando mencionara Onderon.

– Do clã Skelda – o homem disse. – E como eu já disse antes, você está em nosso território.

– Eu... desculpe – Zannah disse. – Eu não sabia.

O homem deu de ombros.

– Não importa se você sabia ou não. Se usar uma plataforma do clã Skelda, você precisa pagar pelo privilégio. Com o canto do olho, Zannah notou seus companheiros lentamente fechando o círculo em volta dela.

– Não tenho dinheiro – ela disse, dando meio passo para trás.

– Tudo bem – o homem respondeu com indiferença. – Vamos então ficar com a sua nave.

Zannah girou nos calcanhares e tentou correr para a floresta, e o homem se lançou sobre ela. Ele estava esperando que ela fizesse isso, e conseguiu ser mais rápido. Conseguiu chegar até ela com poucos passos, agarrando a garota por trás. Ele a derrubou no chão, seu peso prendendo-a contra a terra dura. E no instante seguinte ele estava voando no ar para trás.

O homem atingiu o chão, soltando um grunhido, o ar de seus pulmões foi expulso quando ele aterrissou de lado, a cinco metros de distância. Zannah se levantou rapidamente. Os outros membros do clã haviam começado a correr na direção dela: agora todos deram um rápido passo para trás, com suas armas erguidas acima da cabeça. Eles a olhavam com olhos arregalados e expressões de medo e assombro.

Zannah se voltou para o líder quando ouviu sua risada. Ele se levantou e piscou para ela.

– Parece que temos uma pequena Jedi em treinamento – ele disse, alto o bastante para seus companheiros ouvirem. – O que a trouxe para Onderon, pequena Jedi? Decidiu fugir de seu mestre?

– Não sou uma Jedi – Zannah disse com um sussurro frio.

– Certo – ele concordou. – Você não sabe como controlar seu poder, não é? Ele apenas aparece quando você está com raiva ou com medo. Não é mesmo?

Zannah apertou os músculos da mandíbula e cerrou os olhos, mas não disse nada.

– Ouça, pequena Jedi – ele disse, puxando uma pequena lâmina de sua bota e começando a andar lentamente na direção dela. – Aqui são doze contra uma. Você acha mesmo que consegue lutar contra todo mundo?

– Talvez – Zannah disse, erguendo o queixo.

– E quanto a eles? – o ruivo perguntou, acenando com a cabeça na direção dos animais alados enquanto continuava seu avanço cauteloso. – É só eu assobiar e os drexls vão arrancar a cabecinha loira do seu corpo. Você acha mesmo que seus poderes serão o bastante para impedi-los?

– Não – Zannah admitiu. No fundo de sua mente ela sentiu um puxão, quase como se alguém a estivesse chamando.

– Tá na hora de você desistir, garotinha – o ruivo disse com um sorriso cruel. Ele já estava apenas a alguns passos dela, segurando a adaga diante do peito. – Você está sozinha.

Zannah sorriu de volta para ele.

– Não, não estou.

Quando as palavras saíram de sua boca, uma sombra surgiu no meio dos dois. O homem teve tempo apenas de erguer os olhos antes de ser arrancado do chão pelas garras de um drexl muito maior que os outros quatro que ele havia chamado. O drexl soltou um guincho capaz de fazer o chão sob os pés de Zannah tremer no instante em que se arqueou e tornou aos céus. Montado sobre o pescoço do grande animal estava a familiar figura de Darth Bane.

O drexl subiu até uns trinta metros, depois soltou o homem ruivo. Seu corpo sem vida despencou no chão, aterrissando com um baque surdo e o estalar de ossos quebrados.

A visão do cadáver de seu líder caindo do céu fez o resto do clã entrar em ação. Com gritos e assobios agudos, eles correram até suas montarias para levar a batalha ao céu, esquecendo-se completamente da pequena garotinha no chão.

O primeiro drexl a decolar levou apenas dois montadores. A mulher na frente segurava as rédeas, focando toda a atenção e energia para a difícil tarefa de direcionar e controlar a montaria. O homem sentado atrás dela servia como seus olhos e seu estrategista, gritando instruções que ela seguia sem questionar – quando subir, quando descer, quando virar e quanto atacar. O assento vazio atrás deles certamente seria o lugar ocupado pelo ruivo, se estivesse vivo.

Os outros drexls carregavam um grupo completo de três montadores – um para operar as rédeas, um para dar ordens e um armado com um rifle blaster. Os tiros teriam pouco efeito contra a pele grossa de um drexl, mas um tiro certo podia derrubar um inimigo montador a uma grande distância. Entretanto, a vantagem ofensiva do terceiro montador diminuía por causa do peso extra que deixava a montaria mais devagar e difícil de manobrar.

Com apenas dois passageiros, o primeiro drexl conseguiu rapidamente deixar os outros para trás. A criatura subiu no céu azul onde Bane e seu novo bicho de estimação circulavam, oferecendo um desafio que não podia ser ignorado.

Quando o primeiro oponente se aproximou, o drexl do lorde sombrio soltou seu guincho de guerra e fez uma curva para interceptá-lo. Do chão, Zannah observou quando os dois reptavianos se tocaram, as feras parecendo se lançar uma contra a outra. Enlaçando-se, eles despencaram em um curto, mas selvagem confronto. Os dois grandes corpos se contorceram um sobre o outro, golpeando com asas e cortando com garras que brilhavam sob o sol. As caudas batiam, tentando cegar o inimigo alado ou derrubar seu montador. Mandíbulas morderam e rasgaram, com as grandes cabeças dos drexls dançando sobre seus pescoços sinuosos.

Os montadores de feras contavam com suas habilidades e experiência em combate aéreo para ganhar a vitória contra um montador solitário sobrecarregado pela dificuldade de controlar um animal daqueles sozinho. Mas eles não sabiam que a Força dava a Bane um completo e total comando da criatura. Sem essa vantagem, a derrota deles nunca esteve em dúvida. A montaria de Bane era maior e mais forte, carregava o peso de um único montador e não possuía rédeas, esporas ou cela para atrapalhar seus movimentos.

A menos de vinte metros do chão, o drexl de Bane se retorceu, abaixou e rasgou a garganta de seu inimigo. A dez metros do chão, o animal se separou do adversário, interrompeu sua queda e voltou a subir triunfalmente. O outro drexl, mortalmente ferido, caiu na terra em uma aterrissagem que matou a montaria e os dois montadores instantaneamente.

Toda a sequência levou menos de dez segundos, mas permitiu que os outros membros do clã Skelda subissem mais alto do que o inimigo, dando a eles uma vantagem tática. Com poderosos movimentos de suas grandes asas, a montaria de Bane subiu para encontrá-los. Eles reagiram com uma saraivada de tiros sobre o misterioso montador solitário, apenas para ver o mestre Sith acionar seu sabre de luz e desviar os tiros.

Um dos inimigos voadores se lançou contra Bane, um movimento pensado para tirar sua atenção dos outros dois. A criatura mergulhou passando por ele, a uma distância grande demais para iniciar o combate, depois fez uma curva fechada, quando seu montador puxou as rédeas com força. Quando passaram de novo, Bane usou a Força e arrancou as faixas que prendiam a cela às costas do drexl. Houve um trio de gritos primeiro surpresos, depois aterrorizados, quando a cela se abriu e os montadores despencaram centenas de metros até o chão. A montaria, sem perceber o acontecido, continuou circulando em preparação para outro mergulho.

Bane não perdeu tempo alimentando-se do medo dos inimigos caídos. Antes mesmo de atingirem o chão, ele voltara a atenção para o terceiro oponente, liberando uma tempestade de relâmpagos Sith que reduziu os montadores a cinzas e o drexl a um pedaço de carne carbonizada despencando do céu.

Com um único pensamento, Bane direcionou a atenção de sua montaria para a equipe voadora restante... um erro tático de sua parte. Pois embora seus montadores estivessem mortos, o segundo drexl ainda vivia. Agindo sob um instinto primal, o animal fez uma curva para atacar o macho estranho que invadia seu território.

O drexl solitário atingiu a montaria de Bane no exato instante em que ele atacava a equipe final. As três feras se enrolaram umas nas outras, transformando-se em uma massa de carne, garras e dentes desabando na direção do chão. Um esguicho de sangue quente atingiu o rosto de Bane enquanto as criaturas rasgavam umas às outras.

Por um breve instante ele vislumbrou um dos outros montadores através das asas e membros das montarias, suas feições congeladas quando percebeu que estavam todos caindo para um fim horrível e inescapável.

Bane libertou a mente de seu drexl e se concentrou no terror dos outros três montadores. Ele se alimentou de seus medos, usando-os para ativar suas próprias emoções. Ele focou seu poder e o canalizou através dos orbalisks, permitindo que se empanturrassem da energia do lado sombrio. Em retorno, eles bombearam uma nova dose de adrenalina e hormônios em seu fluxo sanguíneo, permitindo gerar ainda mais poder, em um ciclo que Bane repetiu de novo e de novo até o último momento antes do impacto.

Zannah viu as três criaturas restantes digladiando-se. Ao caírem do céu em uma espiral cada vez mais rápida, ela as observou, esperando que uma delas se soltasse e voltasse a subir até as nuvens. Mas nenhuma delas fez isso.

Ela gritou horrorizada quando todos atingiram o chão ao mesmo tempo. O som da batida foi como uma explosão; a onda de choque derrubou Zannah e lançou no ar uma grande nuvem de poeira e destroços. A nuvem rolou rapidamente pelo chão até envolver Zannah.

A aspirante a aprendiz Sith se levantou com dificuldade, tossindo e engasgando com a poeira que choveu sobre ela. Através da nuvem ela olhou perplexa para a cratera de vinte metros de largura e dois metros de profundidade. No centro havia uma montanha de carne pulverizada: os corpos individuais das montarias e montadores foram compactados em uma única massa disforme. E andando em sua direção e saindo do meio da carnificina estava a forma encharcada de sangue de seu mestre.

Ele mancava e agarrava a lateral do corpo. Mas mesmo através da poeira, Zannah o reconheceu imediatamente. Ela só podia encará-lo incrédula enquanto ele se aproximava, seu andar tornando-se cada vez mais firme. A cada passo ele se endireitava mais, e quando descansou o braço na lateral do corpo, o coração de Zannah começou a martelar com entusiasmo.

Darth Bane estava vivo! E o poder que permitiu a ele sobreviver àquela incrível provação – o poder do lado sombrio – seria um dia o poder que ela comandaria! Sobrecarregada de emoções, ela deu um passo adiante para abraçar seu mestre... mas recuou quando viu a protuberância alienígena presa em seu peito.

– São chamados de orbalisks – Bane disse, oferecendo uma explicação em vez de um cumprimento. – São criaturas que se alimentam do poder do lado sombrio. Sem eles, eu nunca poderia ter sobrevivido a essa queda. – Ele ofegava levemente ao falar, mas se era de dor ou cansaço por usar a Força, ou talvez os dois, Zannah não sabia dizer.

Bane parou na frente dela, e Zannah estendeu o braço lentamente para tocar a fria e sólida carapaça. Ela recuou de repente quando sentiu a criatura tremer sob seus dedos.

– Eles sentem o poder do lado sombrio dentro de você – Bane disse, falando como um pai orgulhoso.

– Como é que você vai tirar isso daí? – Zannah perguntou, com níveis iguais de curiosidade e repulsa.

– Não vou – Bane respondeu. – Esta armadura é permanente.

– Eu também vou precisar usar isso? – ela perguntou suavemente.

Bane considerou antes de responder.

– Os orbalisks me deram grande poder, mas existe um custo. As demandas físicas são... altas. Seria demais para uma criança como você. Talvez seja demais para você usar em qualquer momento da vida.

Aliviada, Zannah apenas assentiu. Seu mestre parecia quase completamente recuperado, embora seu rosto e armadura ainda estivessem cobertos de sangue.

Zannah notou Bane olhando atrás dela para a *Star-Wake* do outro lado da clareira.

– Eu roubei uma nave – ela disse. – Eu... tive que matar a tripulação.

– Você fez o que era necessário para alcançar seu objetivo – Bane disse. – Você mostrou o poder e a força de vontade para destruir aqueles que bloqueavam seu caminho. Você tomou aquilo que queria, independente do custo.

“Você agiu como uma Sith.”

A jovem garota sentiu uma onda de orgulho surgir dentro dela.

– E agora, mestre?

– Agora o seu verdadeiro treinamento começa – Bane disse, marchando na direção da *Star-Wake*.

Ela rapidamente igualou seu ritmo. As dúvidas e medos que Zannah sentira durante o tempo em que ficou sozinha na nave sumiram, levados pelas palavras de seu mestre e a exibição de poder que ela havia testemunhado. Já não estava mais com medo ou incertezas sobre o futuro; ela finalmente aceitara quem e o que era de verdade. Ela era a aprendiz escolhida de Darth Bane. Era herdeira do legado do lado sombrio. E era a futura lady sombria dos Sith.



– Mandou me chamar, mestre Valenthynne? – Johun disse quando entrou nos aposentos privados de Farfalla.

Já fazia três dias que o Senado aprovara as Reformas de Ruusan, e eles ainda estavam em Coruscant. Johun estava ansioso para deixar o planeta-cidade para trás, mas, após o seu ataque de emoções na câmara do chanceler Valorum, ele estava determinado a mostrar que podia controlar seus impulsos e que confiava na sabedoria de seu mestre. Desde que Farfalla sentisse que eles eram necessários ali, Johun serviria a ele sem reclamar.

– Sente-se, Johun – o mestre Jedi disse suavemente, apontando para uma cadeira próxima. Seu tom de voz deixou claro que ele possuía más notícias.

Johun obedeceu e se sentou, temendo o que viria.

– Nós localizamos a *Star-Wake*.

Por um breve instante, seu coração disparou. Em algum momento após deixar Irtanna e sua tripulação, a nave desaparecera. Equipes de busca foram enviadas, mas voltaram sem nada. Agora, quase duas semanas após desaparecer, ela foi encontrada!

A alegria de Johun desapareceu quando ele percebeu que seu mestre disse especificamente que a nave fora localizada; não fizera menção à tripulação.

– O que aconteceu? – Johun perguntou, quase sem conseguir pronunciar as palavras.

– Nós achamos que foram mercenários – Farfalla explicou. – A nave foi descoberta flutuando no setor Japrael, abandonada. Tudo de valor desapareceu. Todos a bordo estavam mortos, com tiros de blaster à queima-roupa.

– Todos? Irtanna? Bordon? Até mesmo seus filhos?

Farfalla respondeu apenas com um solene aceno de cabeça.

Não há emoção, Johun pensou, recitando o Código Jedi enquanto lutava para controlar a súbita explosão de raiva diante daquelas mortes sem sentido. *Há apenas paz*.

– Sei que é difícil para você aceitar – Farfalla disse, sentando-se na frente de Johun para poder encarar o rapaz.

– Mas não há nada que possamos fazer por eles agora. E seja lá o que acontecer daqui para a frente, você não pode querer vingar suas mortes.

– Eu entendo, mestre – Johun disse, segurando as lágrimas. – Mas não posso deixar de sentir tristeza por suas perdas.

– E nem deve, meu jovem padawan – Farfalla disse, tocando seu joelho de modo tranquilizador antes de se levantar. – É natural ficar triste com o que aconteceu. A tristeza em si não é perigosa.

Farfalla caminhou até o lado mais afastado do quarto e estudou um quadro na parede, dando ao jovem um pouco de privacidade e tempo para se recompor. Quando Johun se levantou, alguns minutos mais tarde, seu mestre se virou para encará-lo novamente.

– Essa notícia pesa em meu coração, mestre Valenthynne – o rapaz disse. – Mas entendo que não é minha função buscar seus assassinos. E fico agradecido por você me trazer até aqui para me contar.

– Essa não foi a única razão para eu chamá-lo aqui – Farfalla admitiu. – Tenho uma missão para você.

– Diga-me, mestre. Estou pronto para servir. – Johun pensou que essa era a mais pura verdade. Ele estava desesperado por algo, qualquer coisa, que tirasse sua mente dos pensamentos sobre Irtanna e sua tripulação.

– O Senado passou as reformas de Ruusan. Você já sabe o que isso significa para nossa ordem, mas existem muitos outros aspectos sobre essa legislação. Como disse o chanceler Valorum, a República precisa renascer.

Johun assentiu para mostrar que compreendia.

– Haverá muitas pessoas pela galáxia que se oporão a essa nova legislação – Farfalla continuou. – Alguns enxergam os esforços de Valorum para reunificar a República como uma tentativa de restabelecer o controle do Senado sobre mundos que declararam sua independência... ou mundos que estavam prestes a fazer isso.

– Você acha que a vida do chanceler pode estar em perigo – Johun arriscou.

– Exatamente. E também sinto que é importante que os Jedi mostrem apoio ao chanceler e às reformas de Ruusan. Precisamos tomar um papel de liderança na proteção do chanceler contra aqueles que querem seu mal.

Johun se esforçou para manter as emoções sob controle. Farfalla dissera que possuía uma missão especial para ele. Talvez fosse enviá-lo para os Territórios da Orla Exterior para se infiltrar em algum movimento separatista radical, ou enviá-lo para a linha de frente de uma batalha contra alguma perigosa facção rebelde!

– Escolhi você para servir como o representante Jedi dentro da guarda pessoal do chanceler Valorum – Farfalla continuou, e Johun sentiu aquilo como se fosse um soco no estômago.

A última coisa que queria era ficar em Coruscant, e agora ele fora condenado a permanecer ali até o fim do mandato do chanceler. Mais quatro anos, se o chanceler lançasse sua reeleição.

– Você parece contrariado, Johun.

– Não contrariado, mestre – o jovem rapaz respondeu cuidadosamente. – Decepcionado. Não era isso que eu esperava.

– Nossa ordem jurou servir a República. Muitas vezes precisamos sacrificar aquilo que mais valorizamos para o bem dos outros. É isso que significa ser um Jedi.

Johun não queria discutir. Como sempre, seu mestre estava certo. Se aquele era seu dever, se era o papel que lhe fora designado, então ele não apenas aceitaria, mas se dedicaria ao máximo.

– Mestre Valenthynne, eu humildemente aceito essa grande honra que você me deu. Servirei ao chanceler Valorum com todo meu coração e espírito, e darei o meu melhor.

– Fico muito satisfeito em ouvi-lo aceitar seu destino com tanta disposição, Johun – Farfalla respondeu com um sorriso maroto. – Mas ainda há uma pequena questão. Terei que deixar Coruscant nos próximos dias para cuidar de outros assuntos. Como pode imaginar, esta é uma hora difícil para nossa ordem.

– É claro, mestre.

– Mas você deve entender que eu não posso deixar um padawan aqui em Coruscant sem supervisão.

Era verdade. Todos os padawans eram obrigados a ficar sob o constante cuidado e o olhar vigilante de um mestre Jedi até completarem o treinamento.

– Acho que não entendi. Se você vai se ausentar, então quem será o meu novo mestre?

– Acho que o seu período de serviço chegou ao fim, meu jovem Jedi.

Por um momento Johun apenas ficou ali parado, incapaz de registrar totalmente aquilo que acabara de ouvir. Ficou claro apenas quando percebeu que Farfalla usara o honroso termo *Jedi* em vez de *padawan*.

– Você quer dizer que... eu serei declarado um cavaleiro?

– Foi exatamente o que eu quis dizer – Farfalla confirmou. – Eu me reuni com o Conselho e eles concordaram que você está pronto.

A mão de Johun involuntariamente tocou o cabo de seu sabre de luz. Ele o construíra em Ruusan após a insistência de Hoth, poucas semanas antes da morte de seu mestre. Ele entendeu que o general provavelmente estava preparando-o para aquele momento desde então. Entretanto, construir um sabre de luz era apenas um passo no caminho para se tornar um Cavaleiro Jedi.

– E quanto aos testes? – Johun perguntou, tentando se conter. – Ainda preciso passar pelos testes finais do Conselho.

– Também conversei com eles sobre isso, e eles concordaram que você já provou seu valor muitas vezes durante seu serviço em Ruusan. Nomeá-lo para a guarda pessoal de Valorum foi o seu teste final. Ao aceitar a posição como fez, você demonstrou além de qualquer dúvida que está disposto a sacrificar seus próprios desejos e vontades em prol de um bem maior.

– Eu... eu não sei o que dizer, mestre – o jovem rapaz balbuciou.

– Você mereceu, Johun – Farfalla o tranquilizou. – O general Hoth ficaria orgulhoso.

O sabre de luz do mestre Jedi apareceu em sua mão, e a lâmina foi acionada junto com um sólido zunido. Johun baixou a cabeça e a virou levemente para o lado. Farfalla girou o punho, e o sabre de luz cortou a trança que se pendurava sobre seu ombro. O jovem rapaz sentiu o peso da trança caindo até o chão, depois ergueu a cabeça com lágrimas nos olhos.

Ele não conseguia falar, sua mente girando como tudo que acontecera: sua ascensão a Cavaleiro Jedi, sua nova função na guarda de Valorum, a trágica notícia sobre Irtanna e sua tripulação.

– Você sempre se lembrará deste dia como um momento de grande alegria, mas também de grande tristeza – Farfalla disse a ele, oferecendo um último conselho. – Isso ajudará a lembrá-lo de que, na vida, essas duas coisas geralmente são intimamente ligadas.

– Eu me lembrarei, mestre – Johun jurou, percebendo que, pela primeira vez na vida, ele dizia suas palavras não como um padawan, mas como um verdadeiro Cavaleiro Jedi.



Darovit se movia com um ritmo lento, mas constante, através do solo rachado do campo queimado pelo sol. Sua mão esquerda se apoiava em um cajado enquanto o toco de onde sua mão direita fora decepada estava envolto com faixas grossas. Um Bouncer acompanhava seu ritmo em cada um de seus lados; seus corpos redondos flutuavam como um par de balões verdes felpudos amarrados em seus ombros. Eles possuíam grandes olhos cheios de vida, mas nenhuma boca ou nariz visíveis. Suas longas caudas se estendiam atrás deles como fitas ondulando ao vento.

Os Bouncers primeiro vieram até ele na caverna, onde Darovit ficara caído no chão por dias em um estado quase catatônico. Encolhido e apertando seu membro mutilado, ele havia desistido de qualquer esperança. Quando os animais o encontraram, ele queria apenas morrer.

As bondosas criaturas telepáticas o envolveram em um círculo, falando-lhe telepaticamente, oferecendo palavras de conforto e segurança. Eles acalmaram seu espírito atormentado, e embora não pudessem curar seus ferimentos, eles conseguiram aliviar sua dor física.

As criaturas o guiaram para fora dos túneis subterrâneos até o sol e ar fresco da superfície. Eles o levaram a um bosque onde Darovit encontrou água para saciar a sede e frutas para saciar a fome. Até mostraram a ele onde encontrar um caixote com suprimentos médicos, para que pudesse limpar e fazer um curativo adequado em seu toco amputado para prevenir infecções.

Por vários dias o jovem rapaz ficou escondido no bosque dos Bouncers, juntando sua força e se recuperando de seu terrível ferimento. Ele estava com medo demais de ser reconhecido como um dos Sith para sair em busca de outros de sua própria espécie, com vergonha demais de suas ações e seu membro mutilado para encarar outros de sua própria gente. Porém, mais poderosa do que seu medo e vergonha era sua raiva – Rain destruíra sua mão! Sua própria prima o traía e mutilara! Pensamentos de vingança e retribuição o consumiam; imagens dele caçando e destruindo Rain preenchiam seus sonhos.

Mas, quando seu corpo começou a se curar, seu ódio começou a sumir. Desesperado para manter a raiva, ele revivera o encontro com Rain de novo e de novo em sua mente... apenas para a verdade repentinamente se tornar clara. Rain estava tentando salvá-lo!

Cercado pelos gentis Bouncers e sua tranquilizadora presença, Darovit finalmente foi capaz de entender o que ela havia feito. O Sith ao lado de sua prima teria matado Darovit sem pensar duas vezes. Ao amputar sua mão, Rain poupou sua vida; um ato final de misericórdia antes de cair nos feitiços de seu novo mestre do lado sombrio.

E com esse entendimento veio também a aceitação: Darovit perdera a mão. Rain se foi. Seus sonhos de se juntar aos Jedi – ou aos Sith – se foram. Os Bouncers eram tudo o que restara.

Darovit estava agradecido pela bondade deles, mas não conseguia entender por que eles o ajudaram. Talvez porque já não havia mais ninguém lá: os Sith foram destruídos, seus lacaios fugiram do planeta ou foram levados como prisioneiros. Os Jedi e os soldados da República servindo ao Exército da Luz também se foram. Duas noites atrás ele vira no céu estrelado o rastro luminoso típico de naves saltando ao hiperespaço após a frota deixar a órbita do planeta. Mesmo aqueles que viviam em Ruusan voltaram para suas fazendas e vilas, abandonando o local da grande batalha entre a escuridão e a luz. Por vários dias ele não vira nenhuma criatura viva que não fossem os Bouncers que o salvaram.

Darovit entendia que os Bouncers deram a ele uma segunda chance na vida. Ele poderia deixar seu passado para trás e começar de novo. Mas para qual propósito? Para qual fim? Os Bouncers falavam muito sobre o futuro, como se tivessem alguma habilidade para enxergar lampejos daquilo que estava por vir. Entretanto, como a maioria dos oráculos, eles usavam palavras cheias de enigmas vagos e generalizações, palavras que não ofereciam nenhuma pista sobre seu destino.

Darovit triste, uma das criaturas projetou em sua mente, uma afirmação mais do que uma questão.

– Não sei o que fazer agora – ele respondeu em voz alta. Embora os Bouncers pudessem projetar seus pensamentos e ter uma sensação geral das emoções dos outros, eles não conseguiam ler mentes. Era necessário falar em voz alta para se ter uma conversa com eles.

– Que tipo de futuro existe para mim? – ele continuou, dando voz ao problema que o afligia internamente. – Eu fracassei como um Jedi. Eu fracassei como um Sith. O que eu poderia me tornar agora?

Homem?

A resposta o fez parar de andar.

– Um homem? – ele repetiu.

Não um Sith, não um Jedi. Não um mercenário, não um soldado. Nada, apenas um homem simples e comum. Ele assentiu e retomou sua marcha pelo campo vazio, sentindo que um grande peso fora tirado de suas costas.

– Apenas um homem. Por que não?

10



DEZ ANOS DEPOIS

O MUNDO DA ORLA EXTERIOR de Serenno era um dos mais ricos planetas da República. Também era um criadouro de sentimentos antirrepublicanos e movimentos separatistas radicais, muitas vezes financiados secretamente pela vasta riqueza das muitas famílias nobres de Serenno ansiosas para se livrarem do cabresto político do Senado Galáctico.

Porém, apesar das perigosas correntezas revolucionárias de sua cultura, ou talvez por causa delas, o grande mercado a céu aberto da capital planetária de Carannia se tornara conhecido como um centro de mercantilismo interestelar. Consumidores de duas dezenas de diferentes espécies se misturavam abertamente sob as tendas e toldos de mil barracas de vendedores. Do nascer ao pôr do sol os gritos dos vendedores oferecendo seus produtos importados de todos os cantos da galáxia se mesclavam com os gritos dos consumidores barganhando. Até mesmo os ricos e privilegiados se aventuravam no meio das massas que lotavam a praça, entregando-se voluntariamente à multidão selvagem em busca de tesouros valiosos e raros que não podiam ser encontrados em mais nenhum lugar.

Zannah estava imóvel em um canto afastado da praça, tentando não ser notada. Não era fácil para ela se misturar na multidão; embora tivesse estatura média, ela era uma jovem mulher de beleza excepcional. Era necessário tomar precauções quando não queria atrair os olhares apreciadores dos homens ou os relances invejosos de outras mulheres. Naquele momento em particular, ela vestia um manto negro folgado que a cobria da cabeça aos pés, disfarçando seu perfil magro e atlético. O capuz cobria seus longos cabelos loiros e ondulados, e a sombra que se projetava sobre seu rosto escondia seus brilhantes olhos determinados.

Ela também se envolvera em uma leve aura de insignificância, uma ilusão do lado sombrio que permitia a ela se esconder em plena vista quando se aventurava em público. Isso não a escondia dos olhos de alguém que a estivesse procurando, mas desde que não chamasse atenção para si mesma, ela permaneceria sem ser notada e não seria lembrada pela vasta maioria das pessoas comuns de mente fraca.

Mesmo com essas precauções, Zannah ocasionalmente notava alguém lhe lançando uma segunda olhada. Havia algo sobre ela, um balanço endurecido na maneira como se movia, e até mesmo quando ficava parada, que a diferenciava dos outros. Porém, era muito mais fácil para ela se manter discreta do que para seu mestre. No transcorrer da última década, os orbalisks que se fixaram no torso de Bane se espalharam até cobrir praticamente o seu corpo inteiro. Apenas os pés, mãos e rosto permaneciam livres da infestação, e apenas porque ele tomava precauções extremas: Bane usava luvas e botas especiais o tempo todo, e quando dormia ele usava um capacete especial que parecia uma jaula, criado para impedir que os parasitas crescessem sobre seu rosto.

Mantos e grossas camadas de roupas não podiam esconder completamente aquilo que ele havia se tornado. Qualquer um que vislumbasse as brilhantes carapaças por baixo das roupas definitivamente se lembraria. Como resultado, Bane raramente deixava o acampamento em Ambria. Ele contava com sua aprendiz para ser seus olhos e ouvidos no mundo lá fora. Contava com ela para ser agente de sua vontade, para coordenar e supervisionar os intrincados planos que ele orquestrava nos bastidores.

Era por isso que Zannah estava ali agora, esperando por um jovem Twi'lek chamado Kelad'den. Mas era improvável que esse fosse seu nome verdadeiro. Afinal de contas, ele também não sabia o verdadeiro nome dela... apesar do fato de serem amantes.

Kel era um revolucionário político – um combatente da liberdade lutando contra a tirania como um alto membro de um pequeno grupo extremista determinado a derrubar a República. Zannah precisou de vários meses para ganhar sua confiança, mas ele finalmente sucumbira. Na noite passada, deitados em meio aos lençóis ásperos da pequena cama no apartamento alugado de Zannah, o Twi'lek havia prometido se encontrar com ela ao meio-dia na praça para levá-la a uma das reuniões clandestinas de sua organização.

Pela altura do sol no céu da tarde, ficou óbvio que Kelad'den estava atrasado. Mesmo assim. Zannah continuou esperando. Ela aprendera o valor da paciência muito cedo em seus estudos...

– Discrição. Astúcia. Paciência. Essas são as armas dos Sith – seu mestre disse a ela.

Eles haviam deixado Onderon já fazia oito dias, abandonando a Star-Wake e adquirindo outra nave de um mercador Neimoidiano para levá-los até Ambria. Seria ali, naquele mundo remoto, que Bane começaria seu treinamento.

– Aja de modo apressado e você dará a vantagem para seu inimigo – Bane explicou. – Às vezes, o caminho mais adequado, e mais difícil, é não agir. Até mesmo o maior guerreiro muitas vezes não espera até o momento certo para atacar. Esse é um erro que não podemos cometer.

Ela assentiu, absorvendo suas palavras e guardando-as na memória. Mas palavras eram apenas parte do treinamento. Seu mestre também lhe deu uma tarefa – um teste que provaria se realmente aprendera a lição.

Em uma das cavernas perto da orla do lago Natth, a alguns quilômetros de distância do acampamento, vivia uma pequena família de neeks: pequenos herbívoros reptilianos nativos de Ambria. Com apenas um metro de altura, eles se mantinham eretos com as patas traseiras, usando as caudas para equilíbrio e apoio. Seus membros posteriores eram curtos e atrofiados, bons apenas para desenterrar raízes rasteiras e carregar pequenas nozes de volta para o ninho. Possuíam longos pescoços e pequenas cabeças com mandíbulas sem dentes que lembravam bicos.

No dia em que ela e Bane chegaram ao planeta, Zannah notara os animais correndo pelas areias quentes da praia. Como primeira parte de seu treinamento, Bane mandara que ela trouxesse um dos neeks para ele, vivo e solto.

A missão provou ser muito mais difícil do que ela imaginara. Uma fonte comum de comida para os carnívoros maiores que espreitavam a orla do lago Natth, neeks eram arredios por natureza. Eles fugiam logo que avistavam Zannah, desaparecendo nas pequenas rachaduras e fendas nas rochas ao redor das cavernas onde moravam.

Então ela não podia simplesmente armar uma armadilha; as instruções de Bane exigiam que ela trouxesse uma criatura que viesse por vontade própria. Primeiro Zannah tentara atraí-los para o acampamento deixando um rastro de comida, mas os animais eram desconfiados e recusaram a oferta. Em seguida, ela tentou dominar a mente de um neek, igual vira Bane fazendo com o drexl. Mas no lago Natth, um antigo Jedi havia aprisionado o poder do lado sombrio de seus inimigos. Aquele mesmo poder emanara das profundezas das águas tóxicas durante séculos, provocando mutações nos neeks e tornando-os imunes aos esforços desastrosos de Zannah para controlá-los com a Força.

No fim ela percebeu que teria que domar uma criatura, treinando-o para que se acostumassem com sua presença. Então, logo cedo toda manhã ela andava até a entrada da caverna, onde se sentava de pernas cruzadas e praticava os exercícios de meditação que Bane lhe ensinara.

Ela ficava imóvel por horas, depois se levantava calmamente e retornava ao acampamento no final da tarde, apenas para repetir o processo na manhã seguinte. Nos primeiros três dias ela ficou completamente sozinha, mas no quarto dia os neeks começaram a aparecer. Cautelosos a princípio, eles apareciam na frente dela e depois corriam para longe, muito além de seu alcance. No meio da segunda semana, eles começaram a se acostumar com sua presença e se sentavam olhando para ela, a apenas alguns metros de distância. Ocasionalmente um deles soltava um chiado agudo em sua direção, ou emitia um assobio grave e trêmulo no fundo da garganta. Na terceira semana, um jovem neek particularmente curioso, que não alcançava nem a altura dos joelhos de Zannah, chegou perto o bastante para ela estender o braço e tocar a criatura.

Depois disso, ela começou a levar comida para sua vigília, deixando uma porção sobre a palma da mão aberta. O mesmo neek corajoso se aproximava com trepidação todas as vezes, equilibrando seu medo contra o aroma atraente das nozes na mão da jovem garota. Ela sussurrava suavemente para a criatura, e eventualmente o neek juntava coragem suficiente para correr e agarrar a comida antes de fugir para a segurança da caverna, chiando de excitação.

Zannah começou a se posicionar cada vez mais longe da caverna para suas meditações. A cada dia o neek aparecia procurando por ela, cruzando os familiares limites de seu território em sua busca por Zannah. Pouco a pouco ela o atraiu para cada vez mais perto do acampamento, até que um dia, quando se levantou para ir embora, o neek começou a segui-la.

Ela se esforçou para manter os passos suaves e lentos para não assustá-lo. Andando com passadas curtas para não perder o equilíbrio, ela habilmente trocava o peso do corpo de um pé para outro enquanto conduzia a criatura por todo o caminho até seu mestre.

Já era quase noite quando ela chegou, seu ritmo transformando a relativa pouca distância até o acampamento em uma jornada de quatro horas. Havia várias tendas no acampamento; além daquelas onde ela e Bane dormiam, havia uma para estocar comida, outra para roupas e equipamentos, e ainda outras para armas e combustível para sua nave e veículo terrestre. As tendas foram dispostas em um semicírculo voltado para a fogueira ao centro.

Bane estava sentado em frente à fogueira, esperando por ela, mexendo um caldeirão com um ensopado de cheiro suave. Ele havia tirado a camisa no calor da noite de verão. Sob o brilho tremulante das chamas, sua aprendiz podia ver que os orbalisks estavam começando a se espalhar. Aquele atrás do ombro havia se movido pelo biceps até o cotovelo de seu braço musculoso, e o organismo no peito agora se estendia pela metade dos músculos abdominais e no começo da garganta. Várias faixas estreitas de carne escura e macia cortavam cada carapaça verticalmente, e a garota entendeu que, além de crescerem, as criaturas estavam prestes a se separar e se multiplicar.

Suprimindo um estremecimento, Zannah falou suavemente para ele:

– Completei minha primeira lição, mestre.

Bane olhou para o pequeno neek no acampamento atrás dela, prova visível de que sua aprendiz havia cumprido a primeira tarefa dada. Zannah seguiu seu olhar, virando-se para a pequena criatura. O neek olhou de volta e piou com expectativa. Ela se abaixou para acariciá-lo, e Bane usou a Força para quebrar seu longo e magro pescoço.

– Você fez bem – ele murmurou enquanto ela olhava horrorizada para o pequeno corpo estrebuchando aos seus pés. – Agora, jogue-o no ensopado.

Zannah precisou de um momento para se recompor, afastando a tristeza que ameaçava transbordar dentro dela. Quando Bane passara a tarefa inicialmente, ela agora entendia, ele provavelmente sabia que ela desenvolveria afeto pelo pequeno neek. Se fosse mais esperta, teria previsto isso e encarado a criatura como uma simples ferramenta – algo para ser usado e depois descartado –, em vez de se permitir criar uma conexão emocional. A dor que ela sentia agora por sua morte era um alerta – um lembrete de que sua única lealdade era para com seu mestre.

Ela apanhou o corpo e o carregou até o ensopado fervilhante. Jogando o neek dentro, ela olhou para Bane diretamente em seus olhos.

– Estou vendo que você decidiu me ensinar duas lições hoje, mestre.

Sua única resposta foi um sorriso sombrio...

– Rainah – ela ouviu uma voz gritando sobre o burburinho do mercado, usando o nome falso que ela adotava para todas as suas missões. Após um momento ela enxergou Kelad'den no meio da multidão, fazendo um gesto para ela se juntar a ele do outro lado da praça.

A pele dos Twi'leks possuía uma variedade de cores, mas Kel era da raça extremamente rara dos Lethanos, cujo tom de pele era avermelhado. Assim como a maioria dos Lethanos, ele era inegavelmente bonito. Era alto e de ombros largos, com um estômago duro e reto e membros perfeitamente proporcionais. Ele vestia calças pretas apertadas e uma túnica bege folgada que se abria no meio, expondo os músculos de seu peito e abdômen. Ele possuía feições sensuais e perfeitamente simétricas: lábios macios e cheios, e olhos negros fumegantes que pareciam atrair quanto mais você olhava para eles. Seu firme e torneado lekku se enrolava ao redor do pescoço e ombros de modo sugestivo pela frente da túnica aberta e do peito exposto.

– Rainah! – ele gritou uma segunda vez, o que fez com que algumas poucas pessoas olhassem para ele com curiosidade. Zannah praguejou para si mesma, e se moveu rapidamente entre a multidão até chegar ao seu lado.

– Não fale tão alto – ela o repreendeu quando chegou perto. – Estão todos olhando para nós!

– Deixe que olhem – ele disse com um tom desafiador, embora tenha baixado a voz. – Eles são gente comum. A opinião deles não significa nada para mim.

Kel era um privilegiado filho de bom berço. Além de ser da raça Lethana, ele vinha de uma família que pertencia à nobreza da casta guerreira dos Twi'leks. Ao longo de sua vida, ouvira de todos ao redor o quanto ele era especial; era apenas natural que crescesse acreditando que os outros estavam abaixo dele.

Às vezes Zannah admirava sua arrogância. Era um sinal de poder: ele sabia que era de uma espécie superior e não tinha medo de mostrar. Mas também era sua maior fraqueza. Ela descobrira cedo que Kel era facilmente manipulado através de elogios ou desafios contra seu orgulho e ego, e ela não tinha medo de explorar esse fato na busca de seus objetivos.

– Você está atrasado – ela disse a ele. – Não gosto de ficar esperando.

– Eu nem deveria estar fazendo isto – ele retrucou.

– Desculpe – ela disse, chegando mais perto e envolvendo os braços ao redor de seu pescoço e ombros. – Eu já estava pensando que você estava com outra amante – ela sussurrou. – Se eu pegar você com outra fêmea, eu vou cortar a cabeça dela.

Kel a pressionou ainda mais contra seu corpo.

– Você é mais do que suficiente para um macho – ele sussurrou de volta em seu ouvido, enviando calafrios pelas costas de Zannah.

Ela o beijou nos lábios, depois desfez o abraço.

– Não temos tempo para isso – ela protestou. – Os seus amigos estão esperando por nós.

Lambendo os lábios como se ainda pudesse sentir o sabor dela, Kel assentiu e apanhou sua mão.

– Vamos – ele disse, conduzindo-a pela multidão.



Quando a noite começava a cair sobre Ambria, Darth Bane estendeu o braço na direção da pequena pirâmide de cristal que ele cuidadosamente havia posicionado sobre o pedestal no centro da tenda vazia. Movendo-se lentamente, ele passou os dedos gentilmente contra a superfície fria e morta, depois puxou a mão de volta quando a sentiu tremer. Um instante mais tarde e seus dedos começaram a ter espasmos quando lampejos de dor aguda dispararam de seu cotovelo até o pulso. Praguejando para si mesmo, ele cerrou os dentes e fechou os olhos, tentando controlar a dor.

Por causa dos orbalisks que envolviam seu corpo, ele estava acostumado a viver em dor constante. Sempre estava lá, uma dor pulsante logo acima do nível da consciência. Normalmente, ele conseguia enterrar essa dor, aguentando os tormentos de sua infestação sem nenhum efeito visível. Entretanto, se não tivesse cuidado – se o seu esforço fosse longe demais –, as demandas físicas podiam sobrecarregá-lo. O tremor fora um aviso, o primeiro sinal de que estava chegando aos limites de sua resistência.

Três vezes antes ele havia tentado criar seu próprio holocron Sith, e todas as tentativas terminaram em fracasso. Mas agora seria diferente. Ele sabia que um movimento em falso naquele estágio e todo seu trabalho – literalmente anos de preparação – seria perdido. Mas ele também sabia que não tinha escolha a não ser encontrar uma maneira de lidar com a dor e continuar seu trabalho.

Bane havia feito a primeira tentativa cinco anos antes. Usando o holocron de Freedon Nadd como guia, ele recriara a intrincada matriz de arestas e vértices – a chave para estocar quantidades quase infinitas de conhecimento em um sistema de informação pequeno o bastante para caber na palma da mão. Levou meses para juntar os raros cristais e usá-los para confeccionar os filamentos e fibras da rede entrelaçada, seguidos por semanas de ajustes delicados e cuidadosos. A rede precisava possuir especificações altamente exatas, e Bane usara a Força durante centenas de horas para fazer milhares de alterações subatômicas precisas a fim de assegurar que cada fio cristalino estivesse no lugar certo.

Assim que a rede de cristais dentro do holocron ficara pronta, ele transcreveu cuidadosamente os antigos símbolos dos Sith na superfície da pirâmide. As marcações eram parte de um poderoso ritual crucial para manter a estabilidade da rede após ser impregnada com as energias do lado sombrio. Desconhecendo o exato propósito ou significado dos glifos arcaicos, Darth Bane mais uma vez usara o holocron de Nadd como guia, estudando as marcas em sua superfície, depois copiando-as para sua própria criação.

Mas quando tentara ativar o holocron canalizando seu poder através dele, a rede implodiu, desabando sobre si mesma e reduzindo o artefato a uma pilha de poeira brilhante.

Ele tentara outra vez alguns meses mais tarde, mas o resultado foi o mesmo. Forçado a admitir que o segredo da criação dos holocrons ainda estava além de suas capacidades, Bane começara uma campanha para descobrir tudo que podia sobre os poderosos talismãs. Com a ajuda de Zannah, ele acumulou uma vasta quantidade de informações sobre o assunto.

Ele devorou cada datacard, relato, história e memórias pessoais que pôde encontrar que tratava dos passos necessários para criar uma das pirâmides altamente complexas. Encontrou milhares de referências veladas e centenas de especulações teóricas sobre a arte da criação de holocrons. Entretanto, foi incapaz de encontrar uma única fonte que descrevesse os feitiços e rituais necessários explicitamente, e seus segredos continuaram intocáveis.

Bane se recusou a desistir. Ele continuou a pesquisa, procurando por livros raros, documentos secretos e obras proibidas. Levou mais três anos até descobrir o propósito e significado por trás dos glifos... e, ao fazer isso, encontrou uma resposta para a razão de seus primeiros esforços terem falhado. Ele descobriu que cada holocron era marcado com símbolos unicamente ligados ao lorde Sith responsável pela criação do artefato. As pirâmides em miniatura eram muito mais do que uma simples coleção de informações. Os ensinamentos eram transmitidos através da sabedoria de um avatar – uma avançada personalidade simulada que imitava a identidade do criador. A combinação certa de símbolos, aplicada em conjunto com magias e feitiços

específicos dos antigos Sith, permitiriam a Bane capturar sua aparência, conhecimento e processos cognitivos. Dentro da estrutura do holocron eles seriam transformados em um holograma tridimensional para guiar e direcionar qualquer um que usasse o artefato. A rede cognitiva que alimentava o avatar também estabilizava as arestas e vértices da matriz, impedindo que entrassem em colapso, como acontecera nas tentativas anteriores de Bane.

Armado com seu novo conhecimento, Bane fizera uma terceira tentativa de criar seu próprio holocron dois anos antes. Ele procedera cuidadosamente: os Rituais de Invocação necessários para predizer e inscrever os símbolos corretos na superfície da pirâmide eram exaustivos, tanto física quanto mentalmente. Sempre atento para não cometer erros, ele arrastara o processo por duas longas semanas. Ironicamente, sua cautela provou ser sua ruína. Quando começou a manipular as estruturas internas da rede cristalina durante a fase final do projeto, ele sentiu que o poder dos símbolos havia desvanecido. A rede cognitiva do avatar havia se degradado a ponto de se tornar incapaz de apoiar e estabilizar a matriz.

Desesperado, ele buscara algum jeito de restaurá-la, mas percebeu que seus esforços eram vãos. Enraivecido com mais um fracasso, ele esmagou a pirâmide inútil com as próprias mãos.

Antes de iniciar sua quarta e mais recente tentativa, Bane havia jurado que não falharia novamente. O tempo era a verdadeira chave. Ele precisava finalizar o alinhamento da matriz e impregná-la com suas energias sombrias dentro de poucos dias, antes que as funções cognitivas do avatar comessem a se degradar. Agora, após meses juntando materiais raros, semanas de meditação para focar seu poder, e três dias e noites diretos de intensa concentração, ele estava finalmente chegando perto do fim. Era preciso apenas mais alguns ajustes menores, mas Bane estava muito ciente de que o tempo estava se esgotando.

Três dias de constante extração de poder da Força sem comida ou descanso deixaram seu corpo, mente e espírito exaustos. Ele ficou particularmente vulnerável aos orbalisks naquele estado. Normalmente eles se alimentavam das energias do lado sombrio que naturalmente fluíam através dele, mas a criação do holocron exigia que ele canalizasse todo o seu poder diretamente para seu trabalho. Os parasitas estavam lentamente morrendo de fome, e em resposta eles inundaram seu fluxo sanguíneo com hormônios e substâncias químicas que tinham o propósito de despertar uma fúria cega para que as criaturas pudessem se empanturrar com o lado sombrio quando ele liberasse sua raiva.

Os espasmos dos músculos das mãos e dedos eram resultado direto de seus esforços, e não havia nada que Bane pudesse fazer além de esperar o tremor passar. Ele possuía apenas algumas horas para completar seu trabalho, porém não podia arriscar cometer um erro e danificar as delicadas fibras de cristal entrelaçadas da estrutura interna do holocron.

Lentamente ele conseguiu retomar o controle dos dedos, lamentando cada precioso segundo perdido. Quando sua mão finalmente parou de tremer, ele respirou fundo para voltar a concentrar a mente, depois usou a Força para tocar a matriz mais uma vez.

Uma onda de lâminas elétricas se desenrolou ao redor dos músculos e nervos de sua coluna, fazendo Bane curvar as costas e gritar em agonia. A dor momentaneamente quebrou sua concentração, e uma incontrolável explosão de energia escura disparou através dele e para dentro do holocron. O artefato explodiu um instante mais tarde, lançando sobre Bane uma chuva de fragmentos de cristal e poeira.

Por vários segundos ele simplesmente observou o pedestal vazio, sentindo a fome pulsante dos orbalisks e sua própria raiva se acumulando. Um véu vermelho caiu sobre sua visão, e Darth Bane se entregou à fúria.

11

— QUEM É ESSA? — O HOMEM na porta exigiu saber, olhando desconfiado para Zannah. Ele era humano, embora seu rosto e cabeça raspada fossem cobertos com tatuagens verdes e roxas que tornavam difícil distinguir suas feições. Ele usava uma camisa azul-clara e calças azul-escuras. Era mais baixo do que Kel, mas muito mais encorpado na cintura e peito.

— Ela está comigo, Paak — Kel respondeu, empurrando-o de lado e passando pela porta, puxando Zannah junto.

A sala sem mobília era pequena e escura. Música e risadas vazavam da cantina no andar acima, mas aqueles no porão falavam apenas em sussurros baixos e conspiratórios. Dentro da sala havia quatro outros reunidos em um círculo: mais dois jovens rapazes, uma mulher um pouco mais velha que Zannah e uma Chiss fêmea de pele azul e olhos vermelhos.

Paak veio atrás deles, continuando a reclamar:

— Você não pode trazê-la aqui! — ele insistiu.

— Ela trabalha na embaixada — Kel o tranquilizou, passando a história falsa que Zannah contara quando se conheceram. — Ela pode nos ajudar.

O homem mais gordo agarrou o cotovelo de Kel e girou o Twi'lek para encará-lo.

— Essa decisão não é sua! Hetton é nosso líder, não você!

— Hetton colocou a *mim* no comando desta missão — Kel o lembrou com irritação.

— Só porque você se ofereceu para comprar aqueles passes forjados para passarmos pelos guardas da embaixada! — Paak retrucou. — Ele colocou você no comando porque ele precisava dos seus créditos!

— Hetton não precisa dos créditos de ninguém — o Twi'lek de pele vermelha respondeu, com um tom de desprezo. — Ele me colocou no comando porque estava cansado de lidar com idiotas como você.

Os lábios de Paak se curvaram em um rosnado ameaçador, mas Kel já tinha lido as costas, dispensando seu subordinado. Zannah esperou para ver se o homem tatuado se lançaria contra Kel, mas ele apenas sacudiu a cabeça e voltou para sua posição como vigia da porta.

Kel marchou na direção dos outros, que abriram o círculo para acomodá-lo. Zannah se manteve um pouco afastada, notando os outros olhando-a com curiosidade. Ela retribuiu o olhar, embora já estivesse muito ciente de tudo que precisava saber sobre eles.

Assim como Kelad'den, eles eram revolucionários: jovens, idealistas e patéticos. Facilmente manipulados por discursos incendiários e retórica apaixonada, eles foram recrutados pelo misterioso “Hetton” para se juntar à Frente de Liberação Antirrepublicana (FLA) — uma das centenas de pequenos e insignificantes movimentos separatistas espalhados pela galáxia.

Para um grupo radical pequeno, no entanto, a FLA era particularmente bem financiada, e os membros incluíam uma excessiva quantidade de indivíduos altamente habilidosos e perigosos. Guerreiros de elite como Kel, ou seres com avançado treinamento militar, eram a norma, não a exceção. Por uma razão ou outra, todos eles juraram lealdade a Hetton e sua organização.

Zannah achava que eles acreditavam que eram heróis, ou mesmo eventuais mártires de sua gloriosa causa. Porém, ela não sentia nada além de desprezo por eles. Apesar da origem marcial, eles eram pouco mais do que crianças crescidas se reunindo em porões escuros para sussurrar planos secretos e organizar ações terrorista mesquinhas contra um governo galáctico que nem mesmo sabia que eles existiam.

Até mesmo Kel não escapava de seu desprezo. Porém, Zannah precisava admitir que havia *algo* de atraente nele. Permitir que ele se apaixonasse por ela não seria necessário para completar a missão, mas ela estava disposta — talvez até ansiosa — para ter a atenção dele. A atração ia além da mera aparência física. Havia uma energia selvagem nele. Kel queimava com uma arrogância bruta; seu fogo a envolvia sempre que estavam juntos.

Zannah sabia que era atraída pelo calor de Kel em parte porque seu mestre sempre era tão frio. Bane servira como seu guardião por dez anos; ele a criara, protegera e treinara nos ensinamentos dos Sith. Mas ela não o enxergava como uma figura paterna. Embora não fosse cruel ou abusivo, ele também não mostrara qualquer

afeto por ela, nem mesmo um traço de empatia ou compaixão. Ele a valorizava não como uma pessoa, mas como sua herdeira; Zannah não era nada além de um mecanismo para continuar o legado dos Sith após a morte de Bane.

Coberto por sua armadura orbalisk, Bane mal podia ser chamado de humano. Raiva, ódio, amor, desejo – não eram nada para ele agora, apenas um meio para alimentar seu poder. Porém, Zannah ainda precisava sentir. Ela ansiava pela paixão crua de emoções reais. Estava sedenta por ela.

Zannah encontrara o que queria em Kel. Ele dera a ela a única coisa que seu mestre não podia. Mas nunca considerou trair ou abandonar Darth Bane. Ela foi testemunha de seu absoluto comando da Força; ela sentira o poder do lado sombrio dentro dele. Bane era o lorde sombrio dos Sith, e Zannah um dia iria arrancar o manto de seus ombros e tomá-lo para si. Nada – nenhuma noção ingênua, nenhuma tentação por emoções ou mesmo amor – a impediria de reclamar o destino que era seu por direito.

Comparado a isso, Kel e os outros separatistas reunidos no porão eram apenas pessoas pequenas levando vidas insignificantes. Seu único valor era que Bane enxergava um uso potencial para eles, e era tarefa de Zannah se certificar que as ações deles se encaixassem no grande plano de seu mestre.

Kel havia revelado o plano do grupo para ela durante um jantar romântico: eles iriam sequestrar oficiais menos importantes e exigir dinheiro por seu resgate. Acreditavam que o interesse da mídia gerado por suas ações seria o catalizador que uniria os povos da Orla Exterior em um levante para derrubar o Senado.

Eles eram patéticos em sua ingenuidade, tolos que Zannah escolhera para ser peões de sua própria missão. Eram ferramentas que seriam usadas e depois descartadas assim que cumprissem seu propósito... e esse propósito era a morte, para que ela pudesse cumprir a diretiva de seu mestre.

– Meus companheiros patriotas – Kel começou a dizer, sua voz se erguendo como se fosse um orador profissional falando em público. – Nós nos unimos por uma única causa: a completa destruição da República. Porém, o que fizemos até agora para conquistar isso?

– Nós falamos sobre revolução, porém, temos medo de fazer o necessário para isso acontecer. Mas isso logo irá mudar. Em três dias, nós forcemos a República a notar nossa existência!

– Três dias? – Cyndra, a Chiss, protestou. – Do que você está falando?

– Hetton quer um ataque durante as Celebrações do Armistício – Paak acrescentou. – Chamará mais atenção do que um ataque no aniversário das Reformas de Ruusan.

– Por que esperar meses quando a perfeita oportunidade está diante de nós? – Kel perguntou, usando os mesmos argumentos que Zannah usara para persuadi-lo. – Ninguém se importará com a morte de um único embaixador. Precisamos encontrar um alvo que fará toda a galáxia saber da nossa existência!

– Quem? – um dos jovens rapazes perguntou.

– O chanceler Valorum.

– O mandato do chanceler Valorum terminou dois anos atrás – Paak disse num tom irritado.

– Ele ainda serve ao Senado como emissário diplomático. E foram suas Políticas de Unificação que atraíram tantos mundos de volta para a teia de influência da República. Ele é responsável por tudo que lutamos contra, é o símbolo de tudo que desejamos destruir. Ele é o alvo perfeito.

– Como podemos pegá-lo? – Cyndra perguntou.

– Ele marcou uma reunião secreta com os chefes das mais poderosas famílias nobres de Serenno. Acreditamos que irá tentar persuadi-los a agir contra os movimentos separatistas em nosso planeta – movimentos como o nosso.

– Como você descobriu isso? – a jovem mulher perguntou.

Kel assentiu na direção de Zannah, as caudas em sua cabeça tremendo um pouco. Ela deu um passo adiante e começou a falar:

– Meu nome é Rainah. Sou assistente administrativa na embaixada da República.

Essa era a mentira que ela primeiro usara para atrair a atenção de Kel, e era um disfarce conveniente para a informação que ela comprara de um dos misteriosos contatos de Bane no submundo...

– *Tudo está preparado, lorde Eddels – o Muun disse, entregando um datapad para o mestre de Zannah. – Tudo que você precisará está aqui.*

Zannah nunca vira um Muun antes, e ela achou sua aparência um tanto perturbadora. Ele era alto o bastante para encarar Bane de frente, mas sua cabeça, corpo e membros eram alongados e finos, como se ele tivesse sido horrivelmente esticado para alcançar sua altura atual. Sua pele possuía um branco pálido com um desconcertante tom rosa-azulado. Suas feições eram aborrecidas, os olhos e maçãs do rosto pareciam afundados, e ele não parecia possuir um nariz. A cabeça era careca, e ele vestia roupas marrons enfadonhas.

Parecia extremamente desconfortável sob os sóis gêmeos de Tatooine, mas era profissional demais para reclamar.

Mais cedo, Bane havia explicado que aquele encontro no deserto do Mar das Dunas era a culminação de um plano colocado em movimento quase um ano antes, pouco depois de terem chegado a Ambria. Um plano no qual ela fora inadvertidamente a catalisadora. Rabiscado na capa traseira do manuscrito que Zannah havia descoberto e entregue para seu mestre no acampamento Sith em Ruusan, havia uma longa lista de números misteriosos: contas anônimas abertas com o Clã Bancário Intergaláctico.

Lorde Qordis, Bane disse a ela, fora um colecionador de tesouros raros e caros. Com o passar dos anos ele desviou uma fortuna incrível da Irmandade da Escuridão de Kaan, depositando-a em contas secretas e fazendo retiradas sempre que comprava outro item para alimentar sua avareza. Com o fim da Irmandade, Bane se tornou o único que sabia da existência e que podia reclamar posse das contas. Mas riquezas materiais não atraíam seu mestre além da utilidade que poderiam ter a ele.

– Informação é uma mercadoria. Pode ser negociada, vendida e comprada. E no final, créditos valem tanto quanto os segredos que compram.

No último ano, Bane começara a gastar os créditos. Importantes oficiais administrativos foram subornados para darem acesso a arquivos secretos. Espiões do governo e criminosos bem-conectados foram contratados para ser seus agentes. Usando sua fortuna recém-adquirida, ele cuidadosamente construiu uma rede de informantes para ser seus olhos e ouvidos em centenas de mundos diferentes.

Entretanto, Bane nunca teve qualquer contato direto com qualquer uma dessas pessoas. Como o último Sith, era vital que permanecesse escondido no anonimato. Tudo que conquistara fora através do uso de um intermediário – o Muun que agora estava diante deles.

– Você seguiu minhas instruções exatamente? – Bane perguntou para o Muun.

– Precisamente, lorde Eddels. Todos os pagamentos serão feitos através de contas de terceiros, impossíveis de ser rastreadas até a fonte – o Muun lhe assegurou. – Em troca, você receberá relatos regulares e um constante fluxo de informações legais e ilegais. Qualquer instrução que queira passar para seus agentes será entregue através de serviços de mensagens seguros. Completamente anônimos.

– E mais ninguém sabe que eu estou envolvido?

– Você conhece muito bem a minha reputação – o Muun o lembrou. – Eu me orgulho de minha discrição. É por isso que as pessoas como você me procuram, lorde Eddels.

– Então nosso assunto aqui acabou.

Olhando brevemente para Zannah, o Muun se virou e começou a voltar lentamente pela areia na direção de sua nave. A jovem garota observou, ansiosamente antecipando qual seria a maneira de sua morte. A ideia de que seu mestre permitiria que o Muun sáísse daquele encontro vivo nunca passou pela sua mente. Ele era o único que sabia a identidade do indivíduo responsável por criar a teia de espiões e informantes que cobria toda a galáxia. Era o único que vira o rosto de Bane.

O Muun alcançou sua nave sem incidentes e subiu a bordo. Zannah continuou a observar quando os motores ganharam vida e a nave começou a subir aos céus. Quando desapareceu intacta além do horizonte, ela se virou incrédula para seu mestre.

– Você o deixou viver?

– Ele ainda possui valor para nós – Bane respondeu.

– Mas ele viu você! Ele sabe quem você é!

– Ele sabe apenas o que precisava saber: um homem rico usando o nome lorde Eddels o contratou para arranjar uma rede de informação anônima. Ele não tem conhecimento de quem eu realmente sou, ou de qual é o meu verdadeiro propósito. E não tem conhecimento de onde ou como me encontrar, a menos que eu entre em contato com uma localização para outro encontro.

Zannah se lembrou de uma história que seu mestre uma vez contara sobre um curandeiro em Ambria chamado Caleb. Bane, à beira da morte, cruzara com o curandeiro e ordenara que o homem o ajudasse. Mas Caleb, sentindo o poder do lado sombrio dentro de seu mestre, recusara. No fim, Bane forçara a obediência de Caleb ameaçando a vida de sua filha. Quando o lorde sombrio se curou, ele não tomou ação contra o homem que havia ousado desafiar sua ordem. O curandeiro possuía poder, e seu mestre sabia que o valor de deixá-lo vivo pesava mais do que os riscos – e o prazer mesquinho – de acabar com sua vida.

– Não há propósito em sua morte – Zannah murmurou, mordendo os lábios pensativamente...

– Rainah pode nos fornecer os horários e locais exatos da agenda do chanceler Valorum – Kel explicou para o resto do pequeno grupo. – Quando sua nave aterrissar, estaremos lá esperando por ele.

– Ele terá muitas seguranças – Paak alertou.

– Apenas sua guarda pessoal – Zannah disse. – Qualquer coisa maior poderia atrair uma atenção indesejada.
– Ele quer manter sua chegada em segredo – Kel acrescentou. – O Senado se recusa a reconhecer oficialmente que um movimento separatista existe, então sua missão foi classificada como uma visita pessoal.
– Três dias é cedo demais – Cyndra argumentou. – Precisamos de mais tempo para nos preparar.
– Tudo que precisamos está aqui – Kel retrucou. – Temos as armas, e todos temos treinamento para usá-las. Sabemos onde e quando o chanceler chegará. Do que mais precisamos?

– De uma ordem de Hetton – Paak murmurou.

Kel se virou para ele, irritado.

– Você acha mesmo que precisamos da *permissão* de Hetton? Você acha que somos crianças? Acha que somos incapazes de agir por conta própria?

– Ele é nosso líder – Paak murmurou com mau humor. – É ele quem diz o que devemos fazer.

– Assim como o Senado da República – Zannah disse. – Não é exatamente contra isso que vocês estão lutando? Obediência a um mestre, qualquer mestre, é escravidão.

Ela disse as palavras com completa convicção, embora não acreditasse nelas. Ao mesmo tempo, Zannah usou a Força para tocar as mentes de todos no porão. Era possível usar o lado sombrio para dominar a vontade de outro indivíduo, mas isso não serviria para seu propósito ali. Os efeitos da dominação mental começariam a sumir após algumas horas. No momento da chegada do chanceler Valorum, qualquer influência direta que ela exercesse agora sobre Kel e seus amigos já teria desaparecido.

Zannah preferia uma abordagem mais sutil e insidiosa. Em vez de usar a Força para influenciar a vontade deles, ela gentilmente estimulou a psique coletiva do grupo, incentivando seus padrões mentais a deixá-los mais emocionais, mais agressivos. O processo em si era inútil, mas combinado com palavras persuasivas para atizar ainda mais os ânimos, os efeitos poderiam ser muito poderosos – e mais duradouros – que a força bruta do simples controle da mente.

Entretanto, as palavras não poderiam sair da boca dela. Zannah era uma estranha ali; eles não confiavam nela. Seus instintos naturais rejeitariam os argumentos dela; em seu estado hiperagressivo induzido, eles rapidamente se voltariam contra ela. Eles precisavam ser convencidos por alguém que conheciam. Alguém como Kel.

– Vocês dizem que querem independência – o belo Twi'lek disse a eles. – Vocês dizem que lutarão por sua liberdade. Porém, quando ofereço a chance, vocês querem se encolher como um cachorro kath banido da matilha.

– É melhor esperarmos as Celebrações do Armistício – Cyndra insistiu. – Precisamos manter o plano original.

– Um plano não é nada até você o colocar em ação – Kel respondeu. – Nós conversamos sobre o que faremos no futuro, mas quando as Celebrações do Armistício chegarem, vamos acabar encontrando outra desculpa para esperarmos ainda mais. Reuniões secretas não trarão mudanças para a galáxia. Apenas planejar não fará o Senado tremer nem deixará a República de joelhos. Precisamos agir, e o momento para ação é agora!

Zannah reconheceu suas próprias palavras saindo da boca de Kel. Ela plantou essas palavras durante semanas de conversas íntimas, como sementes de ideias que agora floresciam. Kel falava as palavras com paixão e ardência, pronunciando-as como se realmente acreditasse que fossem dele.

Bane ficaria satisfeito. Aquilo era o real poder: manipular alguém para seus propósitos, mas fazê-lo acreditar que estava no controle. Kel era o fantoche de Zannah, mas seu orgulho e ego o cegaram para os fios com os quais ela o fazia dançar.

– Estamos diante de um evento singular – ele continuou. – Em três dias vamos aplicar um grande golpe contra os tiranos da República, o primeiro passo em nossa longa e gloriosa marcha para a independência e a verdadeira liberdade!

Uma onda espontânea de aprovação varreu o porão, e Zannah soube que Kel havia convencido seu grupo. Apenas Paak e Cyndra mostraram algum sinal de relutância, mas quando o resto do grupo começou a discutir os detalhes do plano para capturar o chanceler Valorum, até mesmo eles abandonaram suas hesitações.

A reunião se estendeu por toda a noite, e quando terminou, ela e Kel voltaram ao pequeno apartamento que ela alugara como parte de seu disfarce.

– Você foi magnífico hoje – ela sussurrou.

– Esta é a última vez que poderei vê-la até tudo isso acabar – Kel alertou. – Os outros estão contando comigo. Não posso ter nenhuma distração.

Como resposta, ela agarrou seu pulso, depois o puxou para mais perto, para um abraço apertado.

Ele partiu na manhã seguinte. Zannah se despediu com um beijo e voltou a dormir. Mais tarde, ela saiu da cama e começou a juntar suas coisas. Sua missão ali havia acabado; ela sabia que nunca mais veria Kel vivo novamente. Era hora de voltar para Ambria.



O acampamento estava em ruínas. As tendas estavam destruídas, as coberturas rasgadas em pedaços. Caixotes de suprimentos foram transformados em pilhas de madeira destrocada, o conteúdo jogado e espalhado pelo vento. Células de energia de cem quilos se espalhavam pelo acampamento, algumas a cinquenta metros de onde estavam guardadas.

O chão estava repleto de destroços e marcado por dezenas de manchas queimadas que Zannah reconhecia como os restos de uma terrível tempestade de relâmpagos não naturais. O ar ainda estalava com o poder e energia do lado sombrio que faziam sua pele se arrepiar de expectativa e medo.

Era fácil adivinhar o que acontecera. Bane falhara outra vez em sua tentativa de criar um holocron, e então, em sua raiva cega, ele descontara a frustração no acampamento, liberando todo o poder da Força.

Se ela estivesse lá quando acontecera, Zannah imaginou, será que poderia tê-lo impedido? Será que teria conseguido até mesmo sobreviver?

Ela viu Bane sentado no lado mais afastado do acampamento, de costas para ela enquanto observava o horizonte, meditando sobre seu fracasso. Ele se virou para Zannah quando ela se aproximou, levantando-se e encarando-a do alto de seus dois metros de altura. Suas roupas haviam sido destruídas e queimadas, revelando toda a extensão da infestação dos orbalisks. Centenas das criaturas se fixavam em seu corpo; exceto pelo rosto e pelas mãos, seu corpo estava agora completamente coberto. Era como se vestisse uma armadura feita com as carapaças dos crustáceos mortos. Porém ela sabia que, sob as conchas, os parasitas ainda estavam vivos, alimentando-se dele.

Bane dizia que os orbalisks aumentavam seu poder, dando a ele uma força e capacidade de cura não naturais. Mas, ao testemunhar o resultado de seu fracasso com o holocron, Zannah se perguntou qual seria o verdadeiro custo dessas capacidades. Que utilidade possui um grande poder se for impossível controlá-lo?

Para seu alívio, a fúria parecia ter passado, e Zannah sabia que não deveria perguntar nada sobre aquilo. Ela apenas ofereceu as novidades de sua missão.

– Está feito. Quando a nave do chanceler Valorum aterrissar, Kel e seus seguidores estarão esperando por ele.

– Você fez bem – Bane respondeu.

Como sempre, ela sentiu uma onda de orgulho e realização diante do elogio de seu mestre. Mas sua satisfação ficou prejudicada pelas memórias de Kel e pelo fato de saber que nunca mais o veria.

– Existe alguma chance de eles terem sucesso? – ela perguntou.

– Não – Bane disse após considerar por um momento.

– Então, qual é o propósito deles? – ela exigiu saber, finalmente cedendo à frustração. – Não entendo por que você me envia para missões assim! Por que perder todo esse tempo e esforço, se sabemos que eles vão falhar? – Eles não precisam ter sucesso para ter valor para nós – Bane respondeu. – Os separatistas são apenas uma distração. Eles chamam a atenção do Senado e cegam os olhos do Conselho Jedi.

– Cegam?

– Os Jedi se entregaram à vontade do Senado. Eles afundaram no pântano da política e da burocracia. A República cultiva um governo unificado para manter a paz através da galáxia, e os Jedi foram reduzidos a nada mais do que uma ferramenta para que isso aconteça. Sempre que os radicais atacam a República, o Conselho Jedi é convocado a agir. Recursos são desperdiçados para sufocar rebeliões e levantes, mantendo o foco deles longe de nós.

– Mas por que os separatistas precisam sempre fracassar? – Zannah perguntou. – Nós poderíamos ajudá-los sem arriscar nossa exposição!

– Se eles tivessem sucesso, eles ganhariam apoio – Bane explicou. – Seu poder e influência cresceriam. Eles se tornariam mais difíceis de manipular e controlar. É possível até se tornarem fortes o bastante para derrubar a República.

– Mas isso não é uma coisa boa? – Zannah perguntou.

– A República segura os Jedi. A República mantém o controle e impõe a ordem em milhares de mundos. Mas, se ela cair, uma série de novos governos interestelares e organizações galácticas nascerão. É muito mais fácil manipular e controlar um único inimigo do que vinte. É por isso que precisamos buscar grupos separatistas radicais, identificando aqueles que possuem potencial para se tornar verdadeiras ameaças, depois encorajá-los a atacar sem estarem prontos. Precisamos explorá-los, jogando-os contra a República. Precisamos fazer nossos inimigos enfraquecerem uns aos outros enquanto nós permanecemos escondidos e aumentando nossa força. Um dia a República cairá e os Jedi serão exterminados – ele assegurou a ela. – Mas isso não acontecerá até que nós estejamos prontos para tomar o poder.

Zannah assentiu, embora sua mente ainda estivesse tentando compreender a complexidade das maquinações políticas de seu mestre. Ela pensou em todas as missões que realizara no passado, tentando enxergar como cada uma se encaixava em seus planos.

– Você nunca questionou suas missões antes – Bane notou. Ele não soou irritado, apenas curioso.

Ela não queria contar a ele sobre Kel. Apesar de ter cumprido tudo o que Bane exigira dela, Zannah sabia que ele enxergaria seus sentimentos pelo Twi'lek como um sinal de fraqueza.

– Mesmo não entendendo o propósito por trás das minhas missões, nunca tive razão para duvidar de sua sabedoria, mestre – ela respondeu, percebendo que poderia usar a pergunta dele a seu favor.

– Você duvida de mim agora?

Ela deu uma longa olhada ao redor, passando os olhos vagarosamente sobre os destroços do acampamento.

– Nunca vi você perdendo o controle de seu poder dessa maneira antes – ela sussurrou, envolvendo sua manipulação em uma casca de verdade. – Meu medo era que o orbalisks pudessem atrapalhar seu julgamento. Ou que tivessem finalmente levado você à loucura.

Bane não respondeu imediatamente, e quando falou, sua voz saiu curta e grossa.

– Eu controlo os orbalisks. Não são eles que me controlam.

– É claro, mestre – ela se desculpou. Mas sabia que conseguira plantar a semente da dúvida com sucesso. Tentar manipular seu mestre era um jogo perigoso, mas era um risco que ela precisava correr. Se os orbalisks causassem outra explosão de fúria, ele poderia matar Zannah. Convencer Bane a procurar uma maneira de se livrar da infestação era uma questão de autopreservação.

– Limpe o acampamento – Bane ordenou. – Depois volte para Serenno. Precisamos de mais suprimentos.

Ela obedeceu com uma reverência e começou a juntar os destroços quando Bane retomou suas meditações. Enquanto lentamente restaurava alguma ordem ao acampamento, Zannah começou a perceber que as dúvidas que havia plantado na mente de Bane poderiam ter outro benefício a longo prazo.

Era inevitável que um dia ela fosse desafiá-lo pelo título de mestre Sith, mas Bane era incrivelmente forte – fisicamente e como usuário da Força. Envolto em uma armadura viva que aumentava seus poderes e o protegia de praticamente todas as armas conhecidas, ele era quase invencível.

Convencer Bane a se livrar da armadura orbalisk, Zannah percebeu, poderia ser a única verdadeira esperança de derrotá-lo e cumprir seu destino.



JOHUN SE AJEITOU EM SEU assento, tentando encontrar uma posição mais confortável e pensando sobre o quanto era mais fácil aguentar o desconforto de viagens interestelares quando era jovem. Mas ele já não era um adolescente à beira de se tornar um adulto. Agora ele era mais alto – possuía 1,85 m de altura. E seu corpo magro se tornara robusto e cheio de músculos. O único resquício do jovem rapaz de antes eram os cabelos loiros, que ainda chegavam até os ombros – um forte contraste com a barba negra que cobria o rosto.

Ele se ajeitou outra vez e olhou severamente para Tarsus Valorum, que parecia muito confortável no assento ao lado. O chanceler agora já estava com os seus sessenta anos, embora, com exceção de alguns fios brancos nas têmporas, ele ainda tivesse praticamente a mesma aparência de quando Johun o conhecera. Tarsus olhou de volta com um sorriso para o Jedi e encolheu os ombros... a coisa mais próxima de um pedido de desculpas que Johun receberia por ter de aguentar o longo voo interestelar a bordo daquela nave de segunda categoria.

A nave *Novo Amanhecer* era uma nave classe *Emissário* – eficaz, mas longe de ser luxuosa. Seria simples para Tarsus Valorum, antigo chanceler supremo do Senado Galáctico, pedir uma nave mais extravagante para seu uso pessoal: uma das novas naves classe *Theta*, ou até mesmo um magnífico cruzador espacial consular, que era tão popular entre a comunidade diplomática. Considerando sua posição no passado, era muito possível que o Senado aprovasse os fundos para essa compra. Mas Valorum insistira que a pequena *Nova Amanhecer*, com sua tripulação de duas pessoas, espaço para seis passageiros e um hiperpropulsor classe seis, era mais do que adequada para suas necessidades agora que ele havia oficialmente deixado seu cargo.

Era um pequeno gesto de modéstia e praticidade que dizia muito sobre o homem em si. Com o passar dos anos Johun observara o chanceler em público e em sua privacidade, e quanto mais o conhecia, mais respeito ele sentia por Valorum. Mas isso não significava que o homem não podia ser teimoso e até mesmo obstinado, como provara quando recusou a oferta do Senado de uma guarda de honra que o acompanharia em suas missões diplomáticas.

Um político aposentado não é ameaça para ninguém, ele argumentara. E eu certamente não sou mais importante o bastante para que outros corram perigo por minha causa.

Johun ainda viajava ao seu lado, mas isso era por escolha própria, não era um pedido de Valorum. Ele sabia o valor que o chanceler ainda possuía para a República, e sabia que havia inimigos que o atacariam, se tivessem a chance. Tentou várias vezes convencer Tarsus a viajar com mais segurança, mas nunca teve sucesso. Então, até que seu amigo teimoso concordasse com uma guarda pessoal, Johun estava determinado a acompanhá-lo em cada missão.

– Espero que não demore muito para chegarmos – Johun murmurou, dando voz ao seu desconforto.

– Você ainda pode entrar em um dos seus transe meditativos para passar o tempo – o chanceler disse com um tom de piada. – Você não é muito bom em jogar conversa fora, de qualquer maneira.

Tarsus apenas permitiu que Johun o acompanhasse por causa da longa relação entre os dois. O Jedi fora membro da guarda do chanceler por quase todo o primeiro mandato de quatro anos e pela totalidade do segundo. Agora, sua posição oficial era de conselheiro Jedi, embora Johun nunca tivesse a pretensão de “aconselhar” o chanceler sobre qualquer coisa.

Tarsus Valorum era conhecido pela galáxia como o homem que salvou a República. Liderando as Reformas de Ruusan no Senado, ele inaugurou uma nova era de paz, prosperidade e expansão. Porém, não foram as suas conquistas que o tornaram um grande homem aos olhos de Johun; foi a maneira como ele as obteve.

Servindo ao lado do chanceler, o Jedi testemunhara o verdadeiro poder das palavras e ideias. Tarsus Valorum era um homem de profundas convicções – o tipo raro de político que realmente acreditava em suas próprias palavras. Determinado a criar uma Era Dourada para os cidadãos da galáxia, ele perseguira com vigor incansável seu sonho de uma República renascida e reunificada. Centenas de mundos que se separaram durante os últimos séculos de guerra e revolta galáctica foram trazidos de volta para a República durante seu mandato. E, quando

este chegou ao fim e veio o momento de entregar a posição para seu sucessor, ele se certificou de que tudo estava no lugar para ela continuar seu trabalho.

Ainda mais incrível, a grande reunificação fora conquistada com o mínimo de batalhas e de derramamento de sangue. Contando com embaixadores e tratados, ele conseguira aquilo que não poderia ser feito através de exércitos e guerras. *Para ganhar um mundo, você deve ganhar os corações e mentes das pessoas*, o chanceler explicara uma vez, logo após Johun ser destacado para sua segurança. Agora, após uma década testemunhando tudo que Valorum conquistou, ele sabia que palavras mais verdadeiras nunca foram ditas.

– Chegada estimada em cinco minutos – a voz do piloto soou no comunicador interno. – Preparar para aterrissagem.

Johun soltou um suspiro exagerado de alívio, e o chanceler riu um pouco. Era uma rotina familiar para os dois homens. Embora estivesse aposentado, Tarsus não era alguém que simplesmente se desligaria do mundo político. Ele permanecia um vigoroso defensor da República. Nos dois anos seguintes ao fim de seu mandato, Johun o acompanhou em mais de cinquenta missões diplomáticas... como aquela em que estavam agora.

O planeta Serenno era um importante mundo para a República. As famílias nobres que o governavam estavam entre as mais ricas da galáxia. Além de doarem enormes quantias para caridade e organizações políticas altamente visíveis, elas possuíam o capital financeiro para ajudar a garantir enormes projetos governamentais de infraestrutura.

Mais importante, seus vastos recursos também permitiam financiar grupos que faziam oposição à República, se assim escolhessem. Facções separatistas geralmente buscavam benfeitores ricos em Carannia, Saffia e Fiyarro, as três maiores cidades de Serenno.

Valorum viajou até o planeta para se encontrar com os chefes das seis mais poderosas famílias naquele mundo. Ele esperava convencê-los a usar sua influência para persuadir as outras famílias a cortar todo o financiamento das facções antirrepublicanas. Era uma difícil missão, já que os condes de Serenno não eram conhecidos por aceitarem as exigências de estrangeiros.

Para facilitar as negociações, a visita aconteceria através de canais não oficiais. Valorum uma vez explicara a Johun que muitos governantes e políticos se comportavam de forma muito diferente quando estavam expostos aos olhos do público. Era muito comum que simplesmente passassem a aparência de que estavam de acordo, uma tática que Tarsus pessoalmente desprezava. Em um fórum público, oficiais geralmente ofereciam promessas de apoio a uma causa em que eles não acreditavam, apenas para depois recuarem de sua posição assim que o escrutínio público passasse.

Por outro lado, governantes podiam se opor ou rejeitar uma ideia que eles apoiavam para não parecerem fracos ou facilmente manipulados. Assim era o caso em Serenno. Se fosse fato notório que um representante da República estava chegando para pressioná-los, as famílias se oporiam por mero princípio.

Nunca confie em uma promessa feita na frente de um holoprojetor, o chanceler muitas vezes alertava. *Se você quiser alguma coisa, você precisa se encontrar atrás de portas fechadas e olhar a pessoa diretamente nos olhos.*

– Fazendo aproximação final – o piloto anunciou, e Johun sentiu a nave tombar levemente para a esquerda.

A chegada estava marcada para o espaçoporto privado do conde Nalju, chefe de uma das Grandes Casas de Serenno e um forte aliado da República. Após aterrissarem em um local afastado na propriedade da família Nalju, tomariam um landspeeder até o local de encontro com representantes de cada uma das Grandes Casas para que Valorum pudesse expor seu caso.

Eles sentiram a leve sacudida da aterrissagem e ouviram o som da rampa de embarque se estendendo. Ansioso para sair e esticar as pernas, Johun se levantou.

– Podemos desembarcar, Vossa Excelência? – ele perguntou, usando o termo que o chanceler ainda possuía o direito mesmo na aposentadoria.

Valorum se levantou do assento, depois checkou suas roupas uma última vez. Johun usava as vestes tradicionais de sua ordem, mas Tarsus vestia um elaborado conjunto de acordo com os costumes e a moda da realeza de Serenno. Ele recebera calças azul-escuras e uma camisa branca folgada, ambas feitas à mão por mestres alfaiates. Cobrindo os ombros havia uma capa de seda preta como a noite – um presente do conde Nalju. As extremidades da capa, junto com a gola e as abotoaduras da camisa, eram bordadas com padrões de três círculos brancos entrelaçados sobre um fundo azul, o emblema e as cores da Casa Nalju.

Todo o conjunto fora confeccionado apenas com os materiais mais finos e caros; Johun estremeceu imaginando o preço. Mas as roupas eram símbolo do apoio incondicional da Casa Nalju à causa do chanceler. Sem o patrocínio de uma Casa poderosa e antiga, a nobreza do planeta simplesmente desprezaria Valorum como um estrangeiro ou um inferior.

Johun sabia que Tarsus poderia ter pedido ao Senado que o reembolsasse. Entretanto, como era de sua natureza, escolhera pagar sozinho.

Eles desembarcaram em uma pequena plataforma construída sobre uma alta formação rochosa se erguendo como um pilar sobre o oceano. A cinquenta metros estavam os imponentes desfiladeiros da costa, cujo topo era da mesma altura da plataforma de aterrissagem. Uma única passarela conectava a plataforma à costa. Na metade do caminho, perfeitamente centralizada entre os desfiladeiros e a plataforma, havia uma outra plataforma, mais larga, de cinco metros quadrados, apoiada por um esqueleto de vigas reforçadas.

Não havia balaustrada na plataforma nem na passarela. Johun sabia que essa ausência – assim como muitos outros aspectos da cultura de Serenno – era simbólica. Havia uma longa tradição de feroz independência entre a nobreza. Uma balaustrada na passarela ou na plataforma seria um sinal de fraqueza, uma admissão de fragilidade e mortalidade que enfraqueceria o orgulho e a posição da Casa Nalju. Mesmo assim, o Jedi não deixou de se preocupar com a segurança do chanceler quando contemplou a queda de cinquenta metros até as frias águas lá embaixo.

O único propósito da chegada naquele local era evitar chamar atenção, então não foi surpresa quando ele viu que havia apenas algumas pessoas esperando para recebê-los. Johun achou que fossem criados do conde Nalju, já que vestiam roupas semelhantes à capa de Valorum.

Quatro figuras estavam juntas na plataforma do meio, esperando por eles, recebendo a brisa do oceano que fazia suas capas esvoaçarem no ar. Três eram humanos – dois homens e uma mulher. A quarta figura era um macho Twi'lek de pele intensamente vermelha; Johun se perguntou se ter um Lethano entre seus funcionários seria algum tipo de símbolo de status para os nobres.

Esperando no desfiladeiro no final da passarela havia mais dois criados, ao lado do landspeeder que os levaria para as reuniões. Diferente daqueles na plataforma, esses criados estavam longe demais para Johun enxergar detalhes que pudessem indicar espécie e gênero.

Os motores da *Novo Amanhecer* foram desligados, e seu barulho foi substituído pelo ritmo das ondas quebrando implacavelmente sobre a face dos desfiladeiros.

– Isso aqui não seria minha primeira escolha para local de aterrissagem – Johun notou, falando alto o bastante para Tarsus ouvi-lo sobre o bater das ondas e o soprar do vento.

– Bom, eu pedi a Nalju que pousássemos em um local afastado – Tarsus gritou de volta junto com uma risada. – Estou vendo que eles ficaram no meio do caminho para nos receber – acrescentou, acenando com a cabeça na direção das quatro figuras que esperavam na plataforma.

– E você avançaria mais numa passarela como essa? – Johun perguntou.

– É, acho que não – admitiu o chanceler, depois baixou a cabeça contra o vento forte e seguiu para a passarela.

Johun fez o mesmo logo depois, embora sentisse uma súbita inquietude sobre toda aquela situação.

– Tenha cuidado – ele gritou para Valorum. – Se você cair para o lado, eu não prometo que vou conseguir segurá-lo.

Tarsus ou não ouviu ou estava ocupado demais se concentrando em atravessar a passarela com segurança.

Eles estavam apenas a poucos metros da plataforma quando Johun foi atingido por uma poderosa premonição, um inegável distúrbio na Força que o alertou sobre algo terrível que estava prestes a acontecer. Até aquele ponto, sua atenção estava voltada para Valorum atravessando a passarela. Agora ele abriu sua percepção e permitiu que a Força fluísse através dele, pintando uma perfeita imagem de todo o seu entorno.

As quatro figuras esperando na plataforma estavam armadas com blasters e vibroarmas. Os dois ao lado do speeder – um humano baixo e gordo cujos braços e pescoço estavam cobertos de tatuagens verdes e roxas, e uma Chiss fêmea – também estavam armados. Mais alarmante ainda, a Chiss parecia esconder algo em sua mão.

Mesmo sem se virar, sua percepção aguçada permitiu que enxergasse a *Novo Amanhecer* na plataforma atrás dele. Ao redor da circunferência do pilar, logo abaixo da base e escondido da vista, ele sentiu algo explosivo. Ele deduziu que a Chiss segurava um detonador remoto.

Johun identificou cada detalhe da cena em um piscar de olhos. Mesmo assim, ele não foi rápido o bastante para salvar a *Novo Amanhecer* ou sua tripulação. A Chiss acionou o detonador em sua mão, e as cargas ao redor da plataforma de aterrissagem explodiram. A explosão rasgou o exterior da nave, deixando grandes buracos fumegantes em seu casco blindado. Os fragmentos acertaram o piloto e o navegador lá dentro, matando ambos instantaneamente.

A metade superior da coluna de pedra da plataforma se despedaçou, lançando a *Novo Amanhecer* para o abismo. A nave ricocheteou no resto do pilar, depois atingiu a água emitindo um estrondo que ecoou no vazio, despachando uma chuva de espuma no ar; a nave afundou quase instantaneamente sob a fria e espumante superfície do oceano.

Quando a plataforma de aterrissagem despencou, a passarela envergou e se dobrou, derrubando Valorum para o lado. Usando a Força, Johun saltou e aterrissou de barriga, lançando o braço sobre a beirada para agarrar a capa de Valorum um instante antes que ele caísse para a morte. O chanceler ficou pendurado por um segundo antes de

Johun o balançar com um braço só, jogando-o como um pêndulo para cima até aterrissar em segurança na passarela bamba atrás do Jedi.

Johun acionou a lâmina verde de seu sabre de luz a tempo de desviar um tiro de blaster disparado pela mulher na plataforma, depois se levantou para encarar seus agressores. Eles hesitaram diante da marca registrada dos Jedi, considerando suas chances contra o novo inimigo.

A hesitação deu a Johun a chance de avaliar a situação. Recuar era impossível: a seção da passarela onde estavam se pendurava na plataforma onde seus adversários estavam; o outro lado fora arrancado e terminava no vazio. A única rota de fuga era seguir em frente para os desfiladeiros – e isso significava passar pelos inimigos.

– Não se mexa! – ele gritou para Valorum ao saltar para a frente, aterrissando na plataforma ao mesmo tempo que a mulher e os dois homens sacavam suas vibroespadas. Apenas o Twi'lek permaneceu recuado.

Os três empunhavam armas forjadas com cortosis, permitindo que suas lâminas defendessem golpes do sabre de luz de Johun sem se despedaçarem. Foi preciso apenas os primeiros movimentos para ele perceber que seus oponentes eram altamente treinados. Defendendo um rápido golpe que pretendia rasgar sua barriga, Johun girou para interceptar uma investida da mulher direcionada contra seu pescoço. Ele respondeu com um chute giratório, desequilibrando-a ao mesmo tempo em que jogava o sabre de luz para trás e defendia um ataque do terceiro homem.

O treinamento de Johun com sabres de luz foi limitado aos ataques e defesas da Forma VI, Niman, o mais equilibrado de todos os estilos. Coloquialmente conhecida como a Forma Diplomata, Niman não possuía forças ou fraquezas específicas. Sua versatilidade geral servira bem a Johun durante as imprevisíveis lutas nos campos de batalha em Ruusan. Mas durante a última década ele fizera apenas os esforços mais básicos para manter suas habilidades com o sabre. Ele preferiu focar sua atenção em seus talentos diplomáticos. Porém, Johun ainda era um Jedi, e um formidável adversário para qualquer pessoa.

Ele podia estar em desvantagem numérica, mas seus inimigos atacavam de forma individual, incapazes de coordenarem seus ataques. A mulher recuperou o equilíbrio e avançou, mas Johun girou para o lado e a jogou sobre o primeiro homem. Seu impulso a fez trombar com seu parceiro, e os dois acabaram caindo no chão juntos.

Sabendo que os outros dois estavam momentaneamente incapacitados, Johun concentrou toda a sua atenção no segundo homem. Atacando como um trio, eles o forçaram a uma postura defensiva. Porém, com um contra um ele pôde partir para o ataque. Ele avançou contra seu oponente com agressividade, sabendo que estava lutando para salvar não só a si próprio, mas também o chanceler. Sua lâmina dançou rápido demais para os olhos seguirem.

O homem retrocedeu sob o ataque, freneticamente desviando os golpes e recuando até sentir os calcanhares pendurados no vazio da beira da plataforma. Desesperado, ele se lançou à frente com um ataque desastrado sobre o peito de Johun. O Jedi simplesmente jogou a lâmina para o lado e pôs um fim na vida do assassino com um único corte em seu peito.

Os outros dois já haviam se levantado agora. A mulher correu em sua direção novamente. Desta vez, Johun defendeu seu espaço, abaixando-se sob o arco que a lâmina da mulher produziu. Ele estendeu o braço esquerdo e agarrou o pulso dela ao mesmo tempo em que rolava de costas, usando o impulso do próprio ataque contra a mulher. Puxando com força seu pulso, ele caiu de costas e ergueu os dois pés, acertando o meio do estômago da mulher. Johun completou o movimento chutando com as duas pernas, jogando a mulher para fora da plataforma. Ela gritou por toda a queda, sua voz apenas sendo interrompida pelo impacto do corpo atingindo a água e as rochas lá em baixo.

Johun já estava de pé outra vez, preparando-se para o próximo ataque do primeiro homem. Mas, em vez de encará-lo sozinho, seu último adversário se virou para fugir, correndo pela passarela na direção da costa.

Ele passou correndo pelo Twi'lek, depois parou quando seu corpo se enrijeceu e suas mãos voaram até a garganta. Ele virou lentamente até se voltar na direção de Johun, agarrando o corte sangrento abaixo do queixo quando seu corpo tombou para a frente e ele caiu de cara na plataforma.

Aconteceu tão rápido que Johun precisou de um momento para entender. Então ele notou as pequenas lâminas em forma de lua crescente em cada uma das mãos do Twi'lek. Pareciam foices em miniatura; a lâmina da mão esquerda brilhava com um prateado intenso, a da mão direita pingava com sangue vermelho.

A Chiss e o homem tatuado estavam seguindo pela plataforma para se juntarem à luta. Ao verem o Twi'lek cortar seu companheiro que fugia, eles abruptamente reconsideraram. Diante de um Cavaleiro Jedi furioso e um aliado que os mataria se tentassem fugir do confronto, eles fizeram a escolha lógica e correram pela passarela até o veículo que os esperava. Eles acionaram os motores e aceleraram para longe, querendo distância daquele plano que dera tão errado.

Passando por cima do corpo ainda ofegante do cúmplice que ele havia acabado de matar, o Twi'lek assumiu uma postura baixa de luta. Ele parecia não saber ou se importar que os outros dois o haviam abandonado. Seus

lekku se penduravam atrás da cabeça como caudas gêmeas, as pontas tremendo e encolhendo em expectativa.

– Eu sempre quis testar minhas habilidades contra um Jedi – ele disse, lançando o desafio.

Johun estava mais do que disposto a aceitar. Ele saltou para a frente, movendo-se com a imensa velocidade da Força e atacando com o sabre de luz diretamente no peito do Twi'lek para dar um fim rápido àquele confronto. Com uma graça quase casual, o Twi'lek de pele vermelha meramente se inclinou para trás e girou para fora do caminho, golpeando com as estranhas lâminas curvas na direção da garganta de Johun.

O Jedi virou o corpo no último instante, evitando completamente a primeira lâmina, mas sendo atingido em cheio no ombro direito pela segunda investida. A lâmina cortou fundo no músculo, provocando um grunhido de dor em Johun.

Ele girou novamente e encontrou o Twi'lek com a mesma postura baixa, segurando as lâminas na frente do rosto como um boxeador. Johun tentou uma abordagem mais cautelosa desta vez, reconhecendo que seu oponente era muito mais perigoso do que os outros três juntos.

Usando golpes curtos e precisos, ele avaliou a defesa de seu inimigo com seu sabre de luz, tentando descobrir os padrões e ritmos da arma não convencional de seu adversário. O Twi'lek desviou cada golpe com uma facilidade desdenhosa, alternando as mãos para que sempre tivesse uma das lâminas em posição de defesa.

As armas pouco comuns sacrificavam alcance em troca de velocidade e agilidade, Johun percebeu. Ele ficava vulnerável se deixasse o Twi'lek chegar perto demais, mas se conseguisse manter distância, ele teria a vantagem. O Twi'lek pareceu também perceber isso, e então começou a se aproximar lentamente.

Johun tentou forçá-lo de volta para trás com uma sequência agressiva de ataques, mas foi incapaz de penetrar as defesas do Twi'lek. Por mais que tentasse, seu inimigo era sempre capaz de manter ao menos uma das lâminas recuadas para defender seus golpes.

Frustrado, Johun avançou demais em um dos ataques, levando o sabre de luz a uma fração de centímetro mais acima e mais longe, e colocando peso demais no pé da frente. O erro se provou quase fatal.

O Twi'lek desviou a lâmina de Johun para o lado e deu um passo à frente, diminuindo a distância entre eles para menos de um metro ao deslizar para dentro do alcance do sabre de luz. A foice da mão esquerda desferiu um golpe alto, de cima para baixo, enquanto a foice da mão direita golpeava baixo na horizontal. Johun conseguiu recuar e evitar os golpes iniciais, mas não teve a mesma sorte quando seu oponente reverteu o ataque, permitindo que as lâminas crescentes traçassem os caminhos originais na direção oposta.

Uma das lâminas voou na ascendente, abrindo um corte no rosto de Johun e quase atingindo o olho. A outra lâmina causou um longo corte superficial no lado esquerdo das costelas do Jedi – dolorido, mas não incapacitante.

Seu inimigo estava perto demais para ele usar o sabre de luz de modo eficaz; tudo que podia fazer era golpear com a cabeça, atingindo o rosto do Twi'lek com força usando a testa. Ele ouviu um barulho molhado quando a cartilagem do nariz de seu inimigo se rompeu com o impacto. O Twi'lek cambaleou para trás, depois voltou outra vez com a postura baixa. Sangue fluía das narinas, o fluxo vermelho-escuro visível mesmo contra a pele vermelha.

Johun tentou concentrar a Força para lançar seu oponente para fora da plataforma. Mas fazer isso exigia concentração, e por uma fração de segundo isso tirou seu foco da luta. Seu inimigo sentiu o lapso momentâneo e saltou adiante, as foices cortando em um mortal semicírculo através do ar.

Johun se jogou para trás no último instante, o poder que ele acumulara desapareceu quando ele recuou totalmente para evitar o ataque letal. Abaixando-se, ele tentou aplicar uma rasteira no Twi'lek. Seu oponente antecipou o movimento e saltou agilmente sobre os pés de Johun, erguendo o joelho para golpeá-lo no queixo.

Vendo estrelas, Johun rolou para o lado, evitando por pouco a decapitação quando as lâminas crescentes atacaram novamente. Ele se levantou e lançou um golpe aberto sobre seu oponente. Desviando do ataque, o Twi'lek chegou mais perto, e Johun foi forçado a ceder espaço outra vez para sobreviver a outra série de golpes rápidos como relâmpagos.

O Twi'lek avançou com seu ataque, ficando perto o bastante de Johun para que as opções do Jedi se resumissem apenas a bloqueios e desvios. Movendo-se de um lado a outro ele cortou a rota de escape de Johun, lentamente forçando seu recuo até ele chegar à beira da plataforma.

Johun sabia que não poderia derrotar o Twi'lek. Seu oponente era mais rápido, suas habilidades cultivadas por anos de intenso treinamento. Ele poderia continuar lutando, mas o resultado era inevitável – ele iria morrer naquela plataforma. Não poderia escapar de seu destino – mas ainda podia se sacrificar para salvar o chanceler.

Não há morte; há apenas a Força.

O Twi'lek se preparou para um desesperado contra-ataque, esperando que Johun tentasse avançar para se afastar da beira do abismo. Mas o Jedi soltou sua arma e lançou as duas mãos adiante para segurar com força a

camisa de seu oponente. O cabo do sabre de luz tilintou na superfície metálica da plataforma, a lâmina desaparecendo no momento em que caiu de suas mãos.

O movimento inesperado pegou o Twi'lek de surpresa, e ele hesitou por uma fração de segundo antes de seus olhos se arregalarem de medo quando entendeu a situação. Ele golpeou freneticamente os pulsos e braços de Johun, cortando a carne profundamente. Mas o Jedi não soltou sua camisa.

Com os calcanhares já na beirada do precipício, Johun simplesmente deixou seu corpo cair para trás, levando junto seu inimigo. O Twi'lek gritou quando os dois despencaram na direção das rochas mortais que se erguiam entre as ondas, cinquenta metros abaixo; Johun sentiu apenas uma serena paz interior.

A queda pareceu uma eternidade, o mundo se movendo em câmera lenta quando Johun se entregou completamente ao poder da Força. Ela fluía através dele, mais forte do que nunca. No instante antes de os dois atingirem a água ele olhou dentro dos olhos aterrorizados de seu inimigo e sorriu. Nunca sentira tanta paz quanto naquele momento.

Despencar por cinquenta metros sobre o oceano era bem diferente de mergulhar em uma piscina; a tensão superficial da água os atingiu com o impacto de uma marreta. Durante a queda eles se viraram um pouco, então Johun recebeu o impacto em seu lado direito. Ele sentiu suas costelas quebrarem, depois sentiu o choque do frio quando as águas congelantes envolveram os dois.

Johun precisou de vários segundos para perceber que não estava morto. Mesmo evitando as rochas, uma queda daquela altura deveria ser letal. Porém, de algum modo ele sobrevivera, apesar de agora estar afundando rapidamente nas profundezas implacáveis do oceano. *A Força*, ele pensou, admirado. Ele se entregara a seu poder durante a queda; em troca, ela poupou sua vida.

Ele percebeu que ainda estava agarrando a camisa do Twi'lek. Através das águas turvas ele podia enxergar a cabeça de seu oponente tombando para o lado de um modo não natural, seu pescoço quebrado quando eles atingiram a superfície do oceano.

Abrindo as mãos, ele nadou para cima com poderosas braçadas. Quando seus pulmões ameaçaram falhar, ele rompeu a superfície, ofegando e inalando grandes quantidades de ar. As vigas que apoiavam a plataforma se erguiam da água, diante dele, apenas a alguns metros de distância. Ele nadou usando as pernas até agarrar a viga metálica com as mãos já perdendo a sensibilidade nas águas geladas, então começou a longa subida até o topo.

Sangue fluía livremente de seus cortes nos braços. Mas embora os cortes fossem profundos, eles não romperam nenhum nervo ou tendão crucial, e Johun conseguiu usar as mãos para ajudar na escalada das vigas.

Ele alcançara a metade do caminho quando parou para descansar, tremendo sob o vento. Uma voz chamou seu nome; e olhando para cima Johun viu o rosto do chanceler Valorum olhando para ele. Sabendo que precisava poupar seu fôlego para o resto da subida, a única resposta de Johun foi um fraco aceno de volta.

A meio metro do topo, o braço de Valorum se estendeu na beirada até agarrar o braço de Johun. O Jedi exausto ficou agradecido pela ajuda quando o chanceler o puxou de volta para a segurança da plataforma. Johun tentou se levantar, mas foi traído por seus membros. Tudo que conseguiu fazer foi rolar de costas e olhar para o céu, ofegando enquanto tentava recuperar o fôlego.

– Você salvou minha vida – o chanceler disse, sentando-se ao seu lado para esperar o Jedi se recuperar de sua provação. – Nunca poderei pagar por aquilo que fez, mas se houver algo que você queira de mim, basta pedir.

– Tem uma coisa. – Johun puxou ar para os pulmões ainda de costas, cansado demais para tentar se erguer. – Contrate uma maldita equipe de segurança.



ZANNAH ATRAVESSOU LENTAMENTE O MERCADO de Carannia, comprando suprimentos para substituir aqueles que Bane havia destruído em sua cólera. Apenas uma semana havia se passado desde a última vez que estivera ali, mas naquele pouco tempo, muitas coisas haviam acontecido.

Kel estava morto. A HoloNet estava fervendo com notícias da tentativa fracassada de sequestrar o chanceler Valorum, e todos os relatos faziam menção específica ao Twi'lek de pele vermelha e sua morte nas mãos de um Cavaleiro Jedi chamado Johun Othone.

Três membros do pequeno grupo também estavam mortos, mas os relatos indicavam que dois dos terroristas fugiram da cena. Pela descrição dada, ficou óbvio para Zannah que Paak e Cyndra eram os dois fugitivos sobreviventes.

O ataque provocara uma imediata repreensão pelo Senado e o resto da República. Mais importante, os condes de Serenno prometeram ações rápidas e decisivas para eliminar as organizações separatistas que atormentavam seu bom planeta. Baseado nas grandes recompensas oferecidas por informações que levassem à captura dos envolvidos no ataque, parecia que os nobres pretendiam cumprir sua promessa.

Mesmo se Kel e seus amigos tivessem tido sucesso, Zannah agora percebia, a reação dos condes seria a mesma. Na investigação do crime, os corpos de vários membros da criadagem do conde Nalju foram descobertos perto da plataforma de aterrissagem. Eles haviam sido enviados para receber o chanceler Valorum, mas acabaram assassinados pelos radicais que prepararam a emboscada.

As mortes de funcionários de longa data foi uma grande tragédia para a Casa Nalju, mas empalideciam em comparação com o horror causado pelo ataque em si. O conde havia pessoalmente patrocinado a visita do chanceler – um ataque contra seu estimado convidado era um insulto para a honra da família, e um crime equivalente a atacar o próprio conde. Sempre disposto a proteger seus pares, as outras Grandes Casas se juntaram ao clamor de Nalju, prometendo caçar e exterminar os responsáveis por aquela atrocidade.

Certamente Darth Bane previra esse resultado. Pelos próximos anos, os olhos da República estariam focados intensamente em Serenno e sua campanha para exterminar os elementos separatistas que haviam se infiltrado em sua cultura.

– Não se mexa – uma familiar voz feminina sussurrou em seu ouvido, e Zannah sentiu o cano de um blaster ser pressionado com força contra suas costas.

– Estou surpresa por você ousar mostrar sua cara em público – Zannah sussurrou de volta sem se virar para encarar a Chiss atrás dela. – Estão oferecendo muitos créditos por aí em troca da sua cabeça.

– Graças a você – Cyndra retrucou, batendo dolorosamente com a arma. – Agora, comece a andar. Lentamente.

Havia uma dezena de maneiras que Zannah poderia virar a mesa, mas todas envolviam exibir o poder do lado sombrio, e ela não estava disposta a fazer isso no meio do mercado lotado. Então ela obedeceu, passando pelas barracas de vendedores enquanto esperava pelo momento certo para contra-atacar. Cyndra a seguiu de perto, pressionando o corpo contra Zannah para esconder a arma em suas costas.

– Para onde você está me levando? – Zannah perguntou.

– Estamos indo ver Hetton – Cyndra disse rispidamente. – Ele quer fazer umas perguntas para você.

Que conveniente, Zannah pensou. *Eu também quero perguntar umas coisas para ele.*

Cyndra a conduziu para um beco estreito que levava para fora da praça do mercado e para dentro de uma rua paralela deserta.

– Fique parada ou eu atiro – ela alertou Zannah, depois puxou um comunicador de seu cinto. – Estou com ela – Cyndra disse. – Venha nos pegar.

Em menos de um minuto, um airspeeder apareceu e aterrissou do outro lado da rua. Zannah não se surpreendeu ao ver Paak pilotando. Ele saltou para fora quando a Chiss começou a conduzir sua prisioneira até o veículo.

– Eu disse a você que ela voltaria – Paak disse para sua companheira.

– Apenas faça a revista e procure por armas – ela respondeu.

Paak olhou de forma maliciosa para Zannah enquanto a apalpava.

– O que temos aqui? – ele exclamou, descobrindo sua única arma e apanhando-a para inspecionar mais de perto.

O cabo do sabre de luz de Zannah era um pouco maior do que o normal para acomodar os cristais gêmeos necessários para energizar as lâminas que se estendiam em cada ponta. Entretanto, enquanto armas de lâmina dupla mais tradicionais possuíam lâminas medindo um metro e meio ou mais, o sabre de luz de Zannah possuía lâminas com pouco menos que um metro. Essa pequena, mas significativa, diferença era crucial para a maneira como ela usava a arma...

– As lâminas menores dão a você mais velocidade e agilidade – seu mestre explicou enquanto Zannah, com seus quatorze anos, manuseava com a mão esquerda seu novo sabre recém-construído, concentrando-se em dominar a sensação única do equilíbrio e peso da arma.

“Segure o cabo sutilmente com os dedos. Controle a arma com o pulso e a mão em vez dos músculos do braço. Você sacrificará alcance e potência, mas será capaz de criar um escudo de defesa impenetrável.”

– A defesa não irá matar meu inimigo – Zannah disse, passando as lâminas da mão esquerda para a direita ao mesmo tempo em que as girava.

– Você não possui a força física necessária para os poderosos ataques do Djem So ou para as outras formas agressivas – seu mestre explicou. – Você precisa contar com sua rapidez, astúcia e, mais importante de tudo, paciência para superar seus inimigos.

Ele acionou seu próprio sabre de luz e lançou um longo golpe giratório na direção de Zannah. Ela interceptou o ataque com sua arma, facilmente desviando-o para o lado.

– A Forma III permite a você defender ataques com o mínimo esforço – ele disse. – Seu oponente precisará gastar uma preciosa energia a cada golpe, lentamente se cansando enquanto você permanece forte e vigorosa.

Bane agarrou o cabo curvado de seu sabre de luz com as duas mãos e o ergueu acima da cabeça, depois golpeou com força. Usando as técnicas que ele exigira que Zannah praticasse por duas horas todos os dias durante um ano, ela defendeu a lâmina de seu mestre com uma das suas próprias. Se tivesse tentado defender diretamente, a força do ataque teria lançado sua própria arma de volta a ela, ou teria derrubado o sabre de luz de sua mão. Mas ela desviou o sabre de Bane com um leve contato, mudando sua trajetória para que continuasse o arco descendente em outro ângulo, passando a poucos centímetros de seu ombro.

– Bom – Bane disse com um tom de aprovação, preparando-se para outro golpe pesado. – Não bloqueie. Redirecione. Espere que o oponente se torne cansado ou frustrado. Deixe que cometa um erro, depois aproveite a oportunidade e ataque.

Para ilustrar seu ponto, Bane atacou com um movimento largo que ela facilmente defendeu. O impulso do golpe fez Bane se inclinar demais para a frente, expondo seu ombro e costas para o contra-ataque de Zannah. Com um movimento do pulso, Zannah direcionou sua arma para a abertura. Ela acertou o golpe, com uma das lâminas traçando um corte de dez centímetros no ombro de Bane que teria cortado o braço de qualquer outro oponente.

No caso de Bane, entretanto, a lâmina apenas cortou através do tecido de sua camisa e deixou uma pequena marca chamuscada no casco impenetrável do orbalisk abaixo.

– Você morreu! – ela exclamou triunfalmente, ainda girando a lâmina para não perder o impulso.

Bane assentiu sua aprovação. Mas ainda era cedo, e a lição do dia estava só começando.

– De novo – ele mandou, com a voz firme que sempre usava durante as seções de treinamento...

– O que é isto? Um sabre de luz? – Paak murmurou, virando o cabo em sua mão. – Onde conseguiu isto? Você roubou de um Jedi?

Zannah não se deu ao trabalho de responder. Não havia mais ninguém ali; os três estavam sozinhos na rua deserta. Ela poderia facilmente acabar com suas vidas ali mesmo e escapar. Mas eles disseram que a levariam até Hetton, e Zannah estava ansiosa para se encontrar com o fundador da Frente de Libertação Antirrepublicana.

– Hetton vai se interessar muito por isto aqui – ele comentou. – Vai se interessar muito, muito.

– Vamos – Cyndra disse. – Não quero deixar Hetton esperando. Ele já está bravo o bastante com a gente.

Paak jogou o sabre de luz no banco da frente do passageiro, depois subiu no assento do piloto.

– Entre na parte de trás – Cyndra ordenou a Zannah, acenando com o cano do blaster.

Ela obedeceu, e um segundo mais tarde Cyndra entrou ao seu lado, ainda mantendo a arma apontada para Zannah. O airspeeder se ergueu do chão, carregando o grupo pela cidade até saírem para o campo aberto.

– Quanto tempo até chegarmos lá? – Zannah perguntou.

– Fique calada – Cyndra respondeu. – Haverá bastante tempo para falar quando você explicar a Hetton do porquê de nos ter traído.

– Kel nunca resistia a um rostinho bonito – Paak disse, olhando sobre o ombro para Zannah. – Eu sempre soube que ele morreria por causa disso. Se fosse esperto, ele simplesmente teria ficado com você, Cyndra.

Cyndra cerrou seus olhos vermelhos com uma expressão irritada.

– Cale a boca e dirija, Paak.

– Você e Kel? – Zannah disse, legitimamente surpresa. – Desculpe. Eu não sabia.

– A Cyndra também não – Paak disse com uma risada. – Pelo menos não até você aparecer em nossa reunião. Ela queria matar você ali mesmo. Sorte sua que ela é uma profissional.

O resto da viagem passou em silêncio enquanto eles se afastavam cada vez mais da cidade. Logo entraram na região onde ficavam as propriedades das famílias nobres, confirmando a suspeita de Zannah de que Hetton era membro de uma poderosa casa de Serenno. Ela se perguntou o que aconteceria a ele agora que o clima político de Carannia havia se voltado com tanta força contra os separatistas.

O speeder continuou, passando entre extravagantes jardins que se estendiam por centenas de metros, a irrigação feita por lindas fontes enquanto exércitos de criados podavam e cuidavam para manter cada flor em um estado impecável.

Uma enorme mansão pairava à distância; na verdade, parecia mais como um castelo do que uma casa. A bandeira soprando sobre um dos muitos canhões possuía um vermelho vivo, bordada com uma única estrela dourada de oito pontas. Zannah suspeitou que fosse derivada da estrela de cinco pontas da Grande Casa Demici. Aparentemente, a família de Hetton possuía parentesco distante com os Demici, e isso lhes dava o direito de criar sua própria variação do brasão da família.

Quando aterrissaram, eles foram recebidos por seis guardas em longas túnicas vermelhas. Cada um usava um capacete que cobria completamente a cabeça e o rosto, e todos carregavam bastões de energia. Os bastões metálicos de um metro e meio eram equipados com módulos de energia atordoante, capazes de disparar uma corrente elétrica para incapacitar os oponentes... ou mesmo matar, se configurados com energia suficiente. Ela reconhecia aquela exótica arma dos ensinamentos de Bane; eram as armas favoritas dos Assassinos das Sombras de Umbara, embora os membros do grupo tivessem desaparecido após a queda da Irmandade de Kaan.

– Saia – Cyndra exigiu, gesticulando mais uma vez com o blaster. Uma pequena parte de Zannah tinha pena da Chiss – Kel a usara e depois a jogou fora – enquanto outra parte guardava rancor de sua rival de pele azul. Mas ela não deixaria que suas emoções afetassem seus pensamentos ou ações.

Zannah obedeceu à ordem, saindo do veículo e se submetendo a outra revista por um dos guardas, passivamente erguendo as mãos, permitindo que algemas fossem colocadas em seus pulsos. Foi apenas então que Cyndra baixou seu blaster, guardando a arma no coldre e agarrando o braço de Zannah para conduzi-la logo atrás de Paak e os guardas.

A procissão passou por um grande arco e para dentro de um grande salão de mármore. Pinturas e esculturas forravam as paredes; obras de arte holográficas pairavam sob o teto. A ostentação de riqueza teria impressionado ou mesmo intimidado a maioria dos visitantes, Zannah suspeitou. Ela, entretanto, viu a coleção como nada mais do que um desperdício de fundos que poderiam ser mais bem gastos em outro lugar.

A mansão era enorme, e levou cinco minutos para o grupo passar do airspeeder até a sala de recepção onde Hetton os esperava. Zannah soube que estavam perto de seu destino quando pararam diante de um par de portas enormes, fechadas e impedindo seu progresso. Dois guardas deram um passo adiante, um em cada porta, e então eles as abriram.

O salão possuía trinta metros de comprimento e vinte de largura. Assim como os corredores, as paredes estavam forradas com arte, e um longo tapete vermelho levava a uma pequena escadaria e a uma plataforma elevada no lado mais afastado. O salão não possuía nenhuma mobília, exceto por uma grande poltrona na plataforma, embora Zannah achasse que seria mais bem descrita como um trono.

Sentado lá, cercado por outros dois guardas de vermelho, estava um homem que podia apenas ser o próprio Hetton. Ele tinha estatura pequena e era mais velho do que ela esperava; parecia ter seus cinquenta anos. Zannah imaginava que ele estaria coberto com as cores de sua casa, porém ele vestia calças pretas, camisa preta, botas pretas e luvas pretas. Listras vermelhas marcavam o topo das botas e os punhos das luvas. Uma capa com capuz, também preta e com listras vermelhas, se pendurava em seus ombros, mas o capuz estava abaixado, revelando seu rosto.

Ele possuía finos cabelos cinzentos em um corte muito curto. O nariz era longo e pontudo, e seus pálidos olhos azuis pareciam pequenos e juntos demais. Havia uma cruel curva em seus lábios finos que era quase como um permanente sorriso irônico. Quando eles entraram, Hetton se inclinou para a frente e agarrou os braços de seu trono; ele parecia curvado, sinistro.

Embora não fosse atraente de uma forma convencional nem fisicamente imponente, havia um inegável ar de importância sobre ele. Zannah suspeitou que fosse uma confiança natural nascida da riqueza e do privilégio, mas, ao ser conduzida pelo tapete na direção do homem, ela percebeu que era algo muito mais impressionante: Hetton irradiava o poder do lado sombrio!

Eles se aproximaram até ficarem a cinquenta metros dos degraus que levavam ao assento de Hetton, depois pararam quando receberam um sinal de um dos guardas ao lado do trono. Os outros guardas se retiraram, deixando Zannah, Paak e Cyndra sozinhos diante de Hetton.

– E quem é você, minha querida? – Hetton perguntou, suas palavras ásperas e entrecortadas ecoaram nas paredes do grande salão.

– Meu nome é Rainah – Zannah respondeu. – Eu sou... eu era amiga de Kel.

– É claro – Hetton disse com um sorrisinho malicioso. – Kelad'den possuía muitas amigas.

– Foi ela quem nos entregou para a República! – Cyndra exclamou com raiva, sacudindo Zannah pelo cotovelo.

– Eu não traí ninguém – Zannah protestou, ganhando tempo enquanto media o poder de Hetton.

Durante a guerra entre a Irmandade da Escuridão e o Exército da Luz, os dois lados procuraram ativamente recrutar indivíduos sensíveis à Força. Mas teria sido muito simples para uma família tão rica e poderosa quanto a de Hetton impedir que os Jedi ou Sith recrutassem um dos seus.

– Você conhecia todos os detalhes do nosso plano – Cyndra insistiu. – Quem mais poderia ser?

– Você e Paak conseguiram sobreviver – Zannah comentou, deixando a acusação implícita pairar no ar enquanto continuava a sutil sondagem de Hetton.

Seu poder não possuía os traços brutos de alguém que nunca fora treinado. Será possível que ele algum dia já teve um tutor ou mentor? Será que alguém com conhecimento da Força ensinou os caminhos do lado sombrio, depois o abandonou para seguir Kaan? Ou será que havia outra explicação?

– Não sou uma traidora! – a Chiss gritou com raiva.

– Acalme-se, Cyndra – Hetton disse, parecendo se divertir com a irritação dela. – O Chanceler Valorum estava junto com um Cavaleiro Jedi. Sua missão estava condenada ao fracasso de qualquer maneira. E, mesmo se tivessem tido sucesso – ele acrescentou, sua voz baixando para um sussurro grave e perigoso –, vocês teriam trazido a ira das Grandes Casas sobre nós mesmo assim. O que vocês estavam pensando? – ele exigiu saber com um súbito grito que fez tanto Paak quanto Cyndra terem um sobressalto. Zannah podia sentir a carga estática no ar quando o pequeno homem convocou a Força, juntando as energias do lado sombrio. Seu poder era inegável, mas ao sentir a concentração, Zannah teve certeza de que ele não seria páreo para ela.

– Hetton, espere! – Paak gritou, sentindo o perigo que eles corriam. – Temos algo para você.

Ele ergueu o sabre de luz de Zannah, sacudindo-o sobre a cabeça para ter certeza que Hetton veria. O efeito foi imediato; o poder sombrio que se acumulava desapareceu quando Hetton congelou, seus olhos atraídos pelo objeto. Após um momento, ele pareceu recuperar a compostura e voltou a se recostar no trono, sinalizando para um de seus guardas apanhar aquele tesouro.

Quando foi colocado em sua mão, Hetton estudou o sabre cuidadosamente por um minuto inteiro antes de o baixar com reverência sobre seu colo.

– Onde vocês acharam isto? – ele perguntou suavemente, embora houvesse um tom perigoso em sua voz.

– Com ela – Paak disse. – Ela não quis dizer onde conseguiu.

– Isso é verdade? – Hetton murmurou, repentinamente olhando para Zannah com um renovado interesse, correndo os dedos preguiçosamente sobre o cabo do sabre de luz. – Eu teria muito interesse em descobrir como ela adquiriu este tipo em particular.

– Me dê cinco minutos sozinha com ela – Cyndra disse. – Eu farei ela falar.

Zannah decidiu que aquele jogo fora longe demais. Seria uma simples questão de atrair o sabre de volta para suas mãos algemadas usando a Força, mas ela possuía outras armas à disposição...

– A Força se manifesta de várias maneiras – Darth Bane disse. – Cada indivíduo possui forças e fraquezas... talentos nos quais se destacam e outros em que possuem mais dificuldade.

Zannah, então com doze anos, assentiu. Alguns meses atrás, Bane havia destravado um novo conjunto de informações no holocron de Freedon Nadd. Embora se recusasse a contar o que havia descoberto, ele acrescentara um novo elemento em seu treinamento logo após o achado. A cada dois ou três dias ele passava rigorosos testes e desafios criados para avaliar seu domínio de diferentes aspectos da Força.

Até então, Bane se recusara a discutir os resultados de seus experimentos com ela, e Zannah começava a achar que estava fracassando com ele.

– Algumas pessoas possuem poder elemental bruto; elas conseguem produzir tempestades e relâmpagos nas pontas dos dedos, ou mover montanhas com o mero pensamento. Outras são mais dotadas nas sutilezas intrincadas da Força, agraciadas com a habilidade de afetar a mente de amigos e inimigos através da arte da persuasão ou da meditação na batalha.

Ele fez uma pausa e olhou intensamente para Zannah, como se considerasse o que mais dizer.

– Alguns indivíduos raros possuem uma afinidade natural com o próprio lado sombrio. Eles conseguem mergulhar nas profundezas da Força e convocar energias arcaicas para torcer e deformar o mundo ao seu redor. Eles conseguem invocar os antigos rituais dos Sith; conseguem conjurar poder e liberar terríveis encantos e magias sombrias.

– Esse é o meu dom? – Zannah perguntou, mal conseguindo conter seu entusiasmo. – Eu sou uma feiticeira Sith?

– Você possui o potencial – Bane disse a ela. De dentro de sua túnica ele tirou um manuscrito com uma capa de couro fina. – Escondido bem fundo dentro do holocron, eu descobri uma lista de poderosos encantos. Eu os transcrevi neste volume. Eles ajudarão você a se concentrar e canalizar seu poder para efeito máximo... mas apenas se você os estudar cuidadosamente.

– Eu estudarei, mestre – Zannah prometeu, seus olhos brilhando quando estendeu a mão para apanhar o manuscrito.

– Minha capacidade de guiar e ensinar os caminhos da feitiçaria é limitada – Bane alertou. – Meus talentos seguem uma outra direção. Para liberar todo o seu potencial, você terá que fazer sozinha a maior parte dos estudos e pesquisas. E isso será... arriscado.

A ideia de explorar sozinha os perigosos e sombrios segredos da feitiçaria Sith encheu sua mente de medo, mas a chance de conquistar um poder que ultrapassava a compreensão de seu mestre era uma tentação que ela não podia resistir.

– Não irei desapontá-lo, mestre – ela jurou, agarrando o manuscrito forte contra o peito.

– E, se você algum dia tentar usar um dos seus feitiços contra mim – Bane acrescentou como um alerta final –, eu irei destruí-la.

Zannah livrou seu cotovelo das mãos de Cyndra e levou suas mãos algemadas diante do rosto. Movendo os dedos em um complexo padrão no ar, ela usou a Força e mergulhou fundo na mente da Chiss para encontrar seus mais íntimos medos e segredos. Enterrado em seu subconsciente havia horrores indescritíveis: abominações e criaturas de pesadelo escondidas para nunca ver a luz do dia. Extraíndo poder da feitiçaria Sith, Zannah retirou-os de seu calabouço e deu vida a eles, um a um.

Todo o processo durou menos de um segundo. Nesse tempo, Cyndra sacara sua arma, mas em vez de apontar para Zannah, ela repentinamente gritou e apontou para o ar acima dela, disparando descontroladamente em demônios criados por sua própria mente que apenas ela enxergava.

As ilusões se tornavam mais reais e aterrorizantes quanto mais durava o feitiço, e Zannah não tinha intenção de acabar ainda. A Chiss gritou e jogou a arma no chão. Ela balançava a cabeça de um lado a outro, cobrindo o rosto com os braços e gritando “Não” repetidamente até desabar no chão. Chorando e soluçando, ela se encolheu e continuou murmurando “Não, não, não...”.

Todos no salão olhavam para ela com olhos arregalados e estupefatos. Alguns dos guardas deram um passo para trás, com medo de serem infectados de alguma forma por aquela loucura.

Zannah poderia encerrar tudo ali mesmo, desfazendo a ilusão e deixando Cyndra inconsciente. Ela acordaria horas mais tarde com apenas uma lembrança básica do que acontecera, sua mente instintivamente fugindo das memórias do que havia testemunhado. Ou Zannah poderia forçar a ilusão ainda mais, levando sua vítima à beira da loucura e além. Uma imagem da Chiss enlaçada romanticamente com Kel surgiu em sua mente – e Zannah então forçou.

Os gritos de terror de Cyndra se tornaram uivos animais quando sua sanidade foi destroçada pelas terríveis visões. Suas mãos arranharam e agarraram seus próprios olhos, arrancando-os. Sangue esguichou pelo rosto, mas até mesmo a cegueira não poderia salvá-la dos pesadelos povoando aquilo que restou de sua mente.

Os uivos pararam quando seu corpo entrou em convulsão; sua boca se encheu de espuma enquanto os membros tremiam descontrolados no chão. Então, com um último grito tenebroso, ela repentinamente parou de tremer. Com sua consciência completamente destruída, seu corpo catatônico agora era apenas uma concha vazia.

O corpo estremeceu uma vez, e Zannah soube que em algum lugar nas profundezas do subconsciente de Cyndra uma pequena parte dela ainda existia, silenciosamente gritando, presa para sempre junto com os horrores de sua própria mente.

Apesar de todos terem testemunhado o horrível final da Chiss, Zannah era a única que sabia o que realmente havia acontecido. Porém, nem mesmo ela possuía certeza do que suas vítimas enxergavam. Baseado nas reações, ela achava que era melhor não saber. Zannah olhou friamente para o corpo de Cyndra no chão, ainda tremendo ocasionalmente, depois ergueu os olhos para Hetton, que a olhava de volta intensamente.

Ela se virou quando ouviu Paak gritar do outro lado do salão.

– Você fez isso! – Ele apontou um dedo acusador. – Faça alguma coisa ou ela vai matar a todos nós! – gritou.

Vários guardas deram um passo em sua direção, mas recuaram quando Hetton fez um leve aceno com a cabeça.

– Ela não está morta – Zannah anunciou. – Apesar de o que restou de sua mente implorar para morrer.

A resposta não fez nada para acalmar a histeria crescente de Paak. Levando a mão à sua bota, ele puxou uma curta vibroadaga e correu na direção de Zannah, gritando.

O feitiço que ela usara em Cyndra era poderoso, mas exaustivo. Zannah duvidava que seria capaz de produzir um efeito semelhante em Paak antes que ele a esfaqueasse. Então, em vez de feitiçaria, ela se voltou para métodos mais convencionais.

Estendendo suas mãos algemadas, ela usou a Força para atrair o sabre de luz do colo de Hetton, enviando a arma pelo ar até suas mãos. Quando as lâminas foram acionadas, ela casualmente rompeu as algemas com um único pensamento.

Paak avançara esperando atacar uma prisioneira indefesa; ele não estava pronto para encarar um inimigo armado. Zannah poderia ter matado Paak ali mesmo, mas notou que Hetton ainda estava sentado passivamente em seu trono, observando a ação. Zannah decidiu fazer uma boa exibição para ele.

Em vez de decapitar seu fraco oponente, ela simplesmente brincou com ele, girando o sabre de luz em intrincados padrões enquanto facilmente defendia seus golpes desajeitados. Paak era um lutador, todo músculos e nenhuma técnica, tornando ridiculamente fácil para Zannah repelir os ataques. Ele avançou sobre ela três vezes, tentando acertar um golpe com a adaga. A cada investida, ela habilmente saltava para um lado e redirecionava sua arma usando o sabre de luz, transformando o combate em uma dança cujo ritmo ela definitivamente liderava.

Após três tentativas fracassadas, o homem tatuado jogou sua adaga no chão em frustração e apanhou o blaster caído de Cyndra. Ele mirou e atirou duas vezes à queima-roupa, mas Zannah nem piscou.

Usando o poder precognitivo da Força, ela facilmente foi capaz de antecipar os tiros e desviá-los com as lâminas vermelhas de seu sabre de luz. O primeiro tiro ricocheteou inofensivamente no teto; o segundo ela enviou de volta contra Paak.

O tiro acertou no meio dos olhos, deixando um buraco fumegante em sua testa. Seu corpo se enrijeceu, depois caiu para trás.

Ainda girando sua arma, Zannah se virou para encarar Hetton novamente. Ele não se movera em seu trono, nem fizera algum sinal para os guardas. Enquanto ela o encarava, ele se ergueu lentamente e desceu os degraus da plataforma até ficar a poucos metros dela. Então Hetton caiu de joelhos diante dela e baixou a cabeça.

Com uma voz trêmula, ele sussurrou:

– Estive esperando por alguém como você por toda a minha vida.



JOHUN ATRAVESSAVA COM LONGOS PASSOS OS corredores do dormitório do grande Templo Jedi. Ele passou por halls e escadarias que levavam às várias alas construídas para abrigar os Cavaleiros Jedi e os padawans que escolhiam morar ali em Coruscant. Johun se dirigia para a base da Torre do Alto Conselho e os aposentos privados dos mestres em residência.

Ele assentia rapidamente para aqueles que acenavam ou o cumprimentavam enquanto marchava rapidamente, mas Johun não possuía tempo para parar e trocar amenidades. Ele recebera uma convocação de Valenthynne Farfalla imediatamente após aterrissar, e Johun tinha uma boa ideia do que seu antigo mestre queria conversar com ele.

Quando chegou ao seu destino, ele ficou surpreso por encontrar a porta dos aposentos privados de Farfalla aberta, com o mestre Jedi sentado atrás de uma mesa, profundamente concentrado em seus estudos.

– Você queria me ver? – Johun disse diretamente, entrando e fechando a porta.

O quarto era decorado de forma muito semelhante à cabine privada que Farfalla possuía a bordo da *Fairwind*, a nau capitânia da extinta frota Jedi. Belas obras de arte adornavam as paredes e caros tapetes cobriam o chão. Em um dos cantos estava a grande cama e sua cobertura que exibia os estágios cruciais da ascensão de Valenthynne ao posto de mestre Jedi.

– Johun – Farfalla disse com uma leve surpresa. – Eu não esperava vê-lo tão cedo. – Ele se virou e gesticulou para outra cadeira no quarto, indicando para seu convidado se sentar.

– O seu pedido pareceu urgente – Johun respondeu. Ele separou os pés e continuou de pé em uma postura rígida, recusando a oferta da cadeira.

– Preciso conversar com você – Farfalla disse com um suspiro cansado.

– Como meu amigo, meu mestre ou como representante do Conselho Jedi?

– Isso depende do que você tem para me dizer – Farfalla respondeu, sempre um diplomata. – Ouvi dizer que o chanceler Valorum pretende pedir recursos ao Senado para criar um memorial para Hoth e os outros Jedi que caíram em Ruusan.

– Sem dúvida ele acredita que é um tributo adequado às pessoas que deram suas vidas para manter a República segura – Johun comentou. – Um tributo que alguns diriam que já passou da hora de ser feito.

Farfalla ergueu uma sobrancelha.

– Então você não teve nada a ver com esse pedido? Valorum surgiu com essa ideia sozinho?

– Não foi *isso* que eu disse – o Cavaleiro Jedi respondeu. A verdade, como ele e Valenthynne sabiam muito bem, era que Valorum havia concordado fazer isso para mostrar gratidão a Johun por tê-lo salvo durante o ataque em Serenno.

– Como eu suspeitava – o mestre disse com outro suspiro. – O Conselho Jedi não aprova isso, Johun. Eles enxergam esse tributo como um ato de orgulho e arrogância.

– É arrogância honrar aqueles que fizeram o maior dos sacrifícios? – Johun perguntou, mantendo a calma. Ele era um Cavaleiro Jedi agora; o padawan que teria se irritado facilmente já não existia mais.

– Pedir um memorial em honra de seu antigo mestre cheira a vaidade – Farfalla explicou. – Ao elevar o homem que primeiro o treinou, você está efetivamente elevando a si mesmo.

– Isso não é vaidade, mestre – Johun explicou pacientemente. – Um memorial em Ruusan servirá como lembrança de como uma centena de seres marcharam voluntariamente para a morte certa para que o resto da galáxia pudesse viver em paz. Será um poderoso símbolo para inspirar os outros.

– Os Jedi não precisam de símbolos para se inspirarem – Farfalla o lembrou.

– Mas o resto da República precisa – Johun retrucou. – Símbolos dão poder às ideias, eles falam diretamente com os corações e mentes das pessoas comuns, eles ajudam a transformar crenças e valores abstratos em realidade.

“Esse monumento glorifica a vitória em Ruusan. Uma vitória que não veio da força de nosso exército, mas através da coragem, convicção e sacrifício de Hoth e aqueles que morreram com ele. Servirá como um brilhante exemplo para guiar os cidadãos da República em seus pensamentos e ações.”

– Estou vendo que você aprendeu a discursar igual a Valorum – Valenthyne disse com um sorriso triste, reconhecendo que não seria capaz de convencer Johun a mudar sua posição.

– Foi você que me escolheu para servir ao lado do chanceler – Johun o lembrou. – E eu aprendi muitas coisas em meus anos de serviço.

Farfalla se levantou e começou a andar pelo quarto.

– Seus argumentos são eloquentes, Johun. Mas certamente você sabe que não serão suficientes para convencer o Conselho Jedi.

– Esse assunto não cabe à autoridade do Conselho – Johun o lembrou. – Se o Senado aprovar os recursos para o pedido de Valorum, a construção em Ruusan começará dentro de um mês.

– O Senado nunca recusaria algo a Valorum. – Farfalla riu um pouco. Ele parou de andar e se virou para Johun. – E qual será o seu papel nesse projeto?

– Isso também será decidido pelo Senado – Johun respondeu de forma evasiva. Entretanto, após um momento ele cedeu e contou a verdade para Farfalla. – O chanceler concordou em viajar com uma completa escolta de segurança em futuras missões diplomáticas para que eu fique livre para ir a Ruusan e supervisionar a construção do memorial.

Farfalla suspirou e voltou a se sentar.

– Eu entendo suas razões, Johun. Eu não aprovo, mas nem eu nem o Conselho Jedi iremos atrapalhar.

“Duvido que poderíamos impedi-lo mesmo se tentássemos.”

– Às vezes eu sou realmente muito teimoso – o Cavaleiro Jedi respondeu com um leve sorriso.

– Assim como Hoth – Farfalla notou.

Johun escolheu tomar aquelas palavras como um elogio.



– Meu pai morreu quando eu ainda era pequeno – Hetton disse, sua voz baixa o bastante para Zannah precisar se esforçar para ouvir sobre os sons de seus passos contra o chão de mármore.

“Sobrecarregada com as responsabilidades de ser a chefe da casa, minha mãe deixou que os criados me chiassem. Eles descobriram meus dons especiais muitos anos antes de o fato chegar aos ouvidos de minha mãe.”

– Talvez eles temessem o que ela poderia fazer com eles se contassem – Zannah sugeriu.

Ela e Hetton estavam sozinhos agora. Após o show na sala do trono, ele insistira em mostrar a ela sua vasta coleção de manuscritos e artefatos Sith, localizada em seu santuário privado, do outro lado da grande mansão. Ele também insistira que seus guardas ficassem para trás. Para passar o tempo durante a jornada pelas intermináveis salas e corredores da mansão, ele começara a contar sua história pessoal.

– Minha mãe era uma mulher forte e intimidadora – Hetton admitiu. – Sim, acho que os criados tinham medo dela. Seja qual for a razão, eu já estava com meus vinte anos quando ela finalmente descobriu minha afinidade com a Força.

– Como ela reagiu?

– Ela via meus talentos como uma ferramenta para aumentar as riquezas de nossa casa. Ela não via utilidade em um Jedi, ou mesmo em um Sith, mas ela queria encontrar alguém para ajudar a desenvolver minhas habilidades. Isso foi muitos anos antes de a Irmandade da Escuridão chegar ao poder – ele comentou antes de retomar sua história. – Após muitas sondagens discretas, muitos subornos e pagamentos substanciais, ela finalmente escolheu um Duros chamado Gula Dwan.

– Ele se tornou seu mestre?

– *Mestre* era um título que ele nunca mereceu – Hetton respondeu com um pouco de amargura. – Ele não era nada além de um caçador de recompensas e assassino que teve a sorte de nascer com a capacidade de atingir a Força. Com o passar dos anos ele adquiriu um entendimento simples das técnicas mais básicas para acessar seu poder, permitindo a ele levar pequenos objetos e realizar outros truques semelhantes.

“Mas ele não possuía aliança com os Sith nem com os Jedi; a única lealdade de Gula era com quem pagasse mais. E minha família podia pagar mais do que ele jamais sonhara receber.”

Eles alcançaram outro par de grandes portas duplas, mas essas estavam seladas e trancadas por dentro. Seu anfitrião estendeu a mão e pousou a palma sobre a superfície, depois fechou os olhos. Zannah sentiu o suave suspiro da Força e então a tranca estalou e a porta se abriu para revelar o santuário interior de Hetton.

A sala era parte biblioteca, parte museu. Estantes cheias de antigos manuscritos e pergaminhos, intermináveis rolos de velhos datatapes forravam as paredes e havia um terminal com uma grande tela em um dos cantos. Várias longas vitrines de vidro se estendiam a partir do centro da sala, exibindo a coleção de tesouros Sith que Hetton havia passado as últimas três décadas adquirindo: estranhos amuletos brilhantes, pequenas adagas encrustadas, uma variedade de incomuns pedras e cristais, e os cabos de ao menos uma dezena de diferentes sabres de luz.

– Os ensinamentos de Gula me deram uma base, mas a maior parte do meu conhecimento veio dos livros e manuscritos que você vê aqui – Hetton disse com orgulho.

Eles andaram lentamente ao longo das vitrines, Zannah dividindo sua atenção entre as palavras de Hetton e o intrigante conjunto de artefatos Sith. Ela ainda podia sentir leves resquícios de energia sombria emanando dos objetos: memórias longínquas do incrível poder que outrora contiveram.

– Logo no início de minha aprendizagem eu reconheci Gula pelo tolo que era. Por minha insistência, minha mãe usou a riqueza e os recursos de nossa casa para vasculhar a galáxia em busca de cada registro, objeto ou tralha que fosse minimamente associada com o lado sombrio para que eu pudesse aprofundar meus estudos sem precisar contar exclusivamente com um mestre.

“Como você pode imaginar, a maioria das coisas que chegaram a nós era totalmente dispensável. Mas, com o passar dos anos, alguns itens raros e valiosos acabaram em minhas mãos.”

Hetton se virou para as estantes, correndo as mãos afetuosamente pelos livros.

“Esse conhecimento permitiu que eu rapidamente superasse Gula. Assim que minha mãe percebeu que ele não era mais útil para nós, ela ordenou que ele fosse morto.”

Zannah se surpreendeu e piscou incrédula. Hetton riu suavemente diante de sua reação.

– Minha mãe era uma mulher motivada pela ambição e por uma praticidade implacável. Ela trabalhou duro para manter minha existência escondida dos Jedi e dos Sith; se Gula pudesse simplesmente deixar nossa propriedade, ele inevitavelmente revelaria o grande segredo de nossa casa.

– Uma morte necessária – Zannah assentiu com a cabeça, percebendo que Bane provavelmente teria feito a mesma coisa. Então, atingida com outra súbita percepção, ela disse:

“Foi você que o matou, não foi?”

Hetton sorriu para ela.

– Você é tão perceptiva quanto poderosa. Quando a ordem veio de minha mãe, eu fiquei mais do que feliz em obedecer. Gula havia se tornado um peso e um impedimento para minhas próprias pesquisas.

– Você fala de sua mãe como se ela já não estivesse mais entre nós – Zannah notou. – O que aconteceu com ela?

Hetton cerrou os olhos, e sua expressão se tornou sombria.

– Há cerca de quinze anos, quando Kaan inicialmente começou a juntar sua Irmandade da Escuridão, minha mãe insistiu que eu deveria me revelar e me juntar à causa dele. Ela acreditava que eles conseguiriam destruir a República, e ela pretendia aliar nossa casa com o novo poder que se erguia na galáxia.

“Mas eu me recusei a fazer parte do culto de Kaan. Ele pregava que todos aqueles que seguiam o lado sombrio serviriam como iguais.” Uma democracia dos Sith. Eu achava esse conceito repugnante, uma perversão de tudo aquilo que eu havia estudado e que acreditava.”

“Entretanto, minha mãe ainda pensava em termos de governos e alianças políticas. Através dos meus estudos do lado sombrio, eu já havia transcendido esses interesses tão mundanos, mas ela não conseguia entender minhas objeções. No final, fui forçado a eliminá-la.”

Desta vez, Zannah não se surpreendeu.

– Ela teria ignorado a sua vontade e tentado forjar uma aliança com a Irmandade – ela disse, mostrando que entendia e até mesmo aprovava o matricídio de Hetton. – Ela teria exposto a sua identidade. Você não tinha outra escolha.

– Eu a envenenei enquanto ela dormia – Hetton explicou, sua voz denunciando um toque de remorso. – Foi uma morte perfeita; eu não queria que ela sofresse. Afinal de contas, não sou um monstro.

Houve um momento de silêncio quando ele ponderou sobre o que tinha feito. Então Hetton sacudiu a cabeça e voltou a falar enquanto conduzia Zannah até o terminal do computador.

– Com a queda da Irmandade e as reformas da Ordem Jedi, eu me tornei mais ousado. Além de minha busca por conhecimento e artefatos dos antigos Sith, eu também comecei a juntar um exército de seguidores. Sob a bandeira dos separatistas, eu atraí indivíduos com habilidades e talentos únicos para servirem a mim. Nós nos unimos em nosso ódio pela República e pelos Jedi, porém, eu ainda estava hesitante em revelar meu verdadeiro propósito: a ressurreição dos Sith!

“E agora você está aqui” ele disse, concluindo sua história. Ele removeu um datacard do terminal. “O momento não poderia ser mais perfeito.”

“Você conhece o nome de Belia Darzu?” ele perguntou. Zannah negou com a cabeça. “Ela foi uma lorde sombria dos Sith que governou há dois séculos. Era uma estudante da alquimia Sith; diziam que ela aprendeu os segredos do *mechu-deru*, a habilidade de transformar a carne de seres vivos em metal e maquinaria. Ela usou esse poder para criar um exército de tecnoferas: híbridos orgânico-droides que respondiam à vontade dela.”

Zannah vagamente se lembrou de uma menção sobre as tecnoferas em seus estudos, mas o nome *Biela Darzu* ainda não lhe soava familiar.

– Muitos também acreditam que antes de sua morte ela descobriu o segredo da criação de holocrons – Hetton acrescentou, e os pensamentos de Zannah se voltaram para Bane e suas tentativas fracassadas de fazer o mesmo.

“No fim, Belia foi traída e assassinada por seus próprios seguidores” Hetton continuou. “Uma ocorrência familiar nas histórias que eu li. Quando ela caiu, todos os seus segredos foram perdidos, embora os rumores digam que muito daquilo que ela descobriu ainda está guardado nos arquivos de sua fortaleza em Tython.”

– Tython? – Zannah exclamou, reconhecendo o nome. – Esse não é um dos planetas do Núcleo Profundo?

O Núcleo Profundo era um pequeno conjunto densamente povoado por estrelas que orbitavam um buraco negro no coração da galáxia. Os mundos do Núcleo Profundo, como o planeta Tython, tipicamente apareciam apenas em mitos e lendas, ou nas lendas contadas por exploradores já meio loucos que alegavam ter visitado esses planetas. Massas solares instáveis, grandes bolsões de antimatéria e poços gravitacionais poderosos o bastante para contrair o espaço-tempo tornavam virtualmente impossível traçar rotas do hiperespaço seguras naquela região.

– Sei o que está pensando – Hetton disse. – Eu também estava cético a princípio. Porém, quanto mais eu estudava sobre Belia, mais evidências encontrava para apoiar a teoria de que sua fortaleza ficava em Tython.

– Mesmo se for verdade – Zannah protestou –, ninguém sabe como chegar a Tython.

– Eu sei – Hetton disse com um sorriso malicioso. – Em minhas pesquisas, descobri as coordenadas de uma via do hiperespaço há muito esquecida que leva para dentro do Núcleo Profundo. Mas eu nunca arrisquei fazer essa viagem. Meu medo era que as defesas da fortaleza de Belia fossem impenetráveis. E então, conheci você.

– Não entendo o que isso tem a ver comigo – Zannah disse.

– Por muitos anos eu estudei o lado sombrio, mas meus poderes estagnaram. Não aprenderei mais nada sozinho. Preciso de um novo mestre, um com o poder para penetrar as defesas da fortaleza de Belia e descobrir seus segredos.

– Você quer se tornar meu aprendiz? – Zannah perguntou, sua voz aumentando com descrença.

– Tudo que sei sobre Belia Darzu, incluindo a rota do hiperespaço para Tython, pode ser encontrado neste datacard – Hetton disse, falando rapidamente. – Estou dando o datacard a você como um presente, um sinal de respeito e admiração e prova da seriedade da minha oferta.

– Você tem o dobro da minha idade! – Zannah exclamou, ainda incapaz de digerir aquela bizarra mudança nos eventos.

– A idade tem pouca relevância quando se trata da Força – Hetton a tranquilizou. – Seu poder é muito maior do que o meu. Estou pedindo a você que me ensine os caminhos do lado sombrio. Em troca, eu ofereço acesso a todo o conhecimento que coletei durante os últimos trinta anos.

– Eu mesma sou apenas uma aprendiz – Zannah admitiu. – E meu mestre mataria a nós dois antes de aceitar sua proposta. Para os Sith sobreviverem, deve haver apenas um mestre e um aprendiz.

– Então como a linhagem dos Sith continua? – Hetton perguntou, confuso.

– Quando eu superar meu mestre, eu o matarei e tomarei seu lugar – Zannah explicou, transmitindo, sem pensar duas vezes, as crenças que Bane havia implantado em sua mente na última década. – Então eu encontrarei meu próprio aprendiz para continuar o legado do lado sombrio.

Hetton ficou em silêncio por um momento, considerando o que ela havia acabado de dizer.

– Talvez esse momento tenha chegado – ele disse suavemente. – Juntos, poderemos acabar com o reinado do seu mestre.

Zannah riu diante daquela sugestão. Hetton cerrou os olhos momentaneamente, ofendido pela reação.

– Tenho mais recursos disponíveis do que você pode imaginar – Hetton disse, erguendo a mão e estalando os dedos.

Dois de seus guardas surgiram ao seu lado, materializando-se no ar. Zannah levou a mão para o cabo do sabre de luz, pensando que tinha caído em uma armadilha. Ela não conseguia entender de onde os guardas vieram; pois, se estivessem de alguma forma invisíveis, ela poderia ter sentido suas presenças através da Força.

Mas os guardas não fizeram menção de atacá-la, e um segundo mais tarde ela relaxou outra vez e olhou para Hetton.

– Eu já disse antes, eu recrutei vários indivíduos com talentos únicos e especializados – ele explicou –, entre eles estão oito antigos estudantes da Academia Sith em Umbara.

Por causa de Bane, Zannah sabia que os estudantes enviados a Umbara eram treinados em técnicas de invisibilidade e assassinato, aprendendo a usar a Força para mascarar sua presença para qualquer forma de detecção. Foi por isso que ela não fora capaz de senti-los na sala.

– Se você me aceitar como aprendiz, meus guardas irão jurar lealdade a você também – Hetton disse a ela. – Você terá um esquadrão de oito assassinos implacáveis e invisíveis ao seu comando.

– Não podemos arriscar que os Jedi descubram nossa existência – ela finalmente o alertou. – Se você se tornar meu aprendiz, terá que deixar tudo isto para trás.

– Eu não poderia continuar aqui por muito mais tempo, de qualquer maneira – Hetton a lembrou. – Não vai demorar até as Grandes Casas descobrirem que eu sou o fundador da Frente de Liberação Antirrepublicana. Eles confiscarão meus bens e me condenarão como um traidor.

“Eu já comecei a transferir minha biblioteca para datacards, em preparação para minha fuga.”

Em sua mente, Zannah pesou tudo que sabia sobre a força e poder de Darth Bane contra Hetton e seus oito Assassinos das Sombras, tentando determinar qual lado possuía a vantagem. No final, ela não conseguiu prever quem sobreviveria a um encontro, mas decidiu que queria descobrir.

– Quanto tempo você e seus assassinos precisam para ficar prontos?

– Podemos partir dentro de uma hora.

– E após Bane morrer nós iremos a Tython?

– Se esse é o seu desejo, mestra – Hetton disse, curvando-se.



A NOITE JÁ HAVIA CAÍDO sobre Ambria, mas Bane não estava interessado em dormir. Ele estava sentado de pernas cruzadas naquilo que restou do acampamento, esperando Zannah retornar com os suprimentos para que pudessem reconstruir o lugar. Enquanto esperava, ele meditou sobre seu mais recente fracasso com o holocron.

Esse dilema não oferecia uma solução fácil. Se forçasse demais, seu corpo não aguentaria, o que provocaria erros durante os ajustes precisos da matriz do holocron. Se fosse mais devagar, conservando suas forças, ele não seria capaz de terminar antes que a rede cognitiva começasse a se degradar. Os dois fatores funcionavam em oposição um ao outro, e Bane quebrava a cabeça para encontrar uma maneira de equilibrar as necessidades do tempo e do esforço.

A última tentativa levava seu poder ao limite, o deixando à beira da completa exaustão. Porém, mesmo se não tivesse cometido o erro crítico que causou o colapso da matriz, ele duvidava que teria sido capaz de completar os ajustes finais em tempo.

Quanto mais contemplava o processo, mais frustrado ele se tornava. Ele fracassara nos dois lados do espectro, incapaz de terminar no tempo certo e sem a força necessária para completar a tarefa sem cometer erros.

Seria possível que houvesse outro elemento crucial que ele desconhecia no processo? Haveria outro segredo esperando para ser descoberto que finalmente permitiria criar um holocron para que ele pudesse passar sua sabedoria e conhecimento para seus sucessores? Ou será que o fracasso era culpa só dele? Será que lhe faltava poder? Será que seu domínio do lado sombrio era menor do que o domínio dos antigos Sith, como Freedon Nadd?

Aquela era uma desconfortável linha de especulação, mas era uma alternativa que Bane se forçou a considerar. Ele lera as histórias dos grandes lordes Sith; muitas estavam cheias de proezas quase improváveis demais para se acreditar. Porém, mesmo se os relatos fossem verdade, mesmo se alguns de seus predecessores tivessem a capacidade de usar o lado sombrio para destruir mundos inteiros ou desencadear supernovas em estrelas, Bane ainda sentia que seu poder estava à altura das habilidades dos muitos lordes Sith que haviam conseguido criar seus próprios holocrons.

Mas quanto do seu poder é desperdiçado com a infestação de parasitas em seu corpo?

A questão surgiu em sua mente, não colocada por sua própria voz, mas pela de sua aprendiz. Zannah havia expressado sua preocupação com o efeito que os orbalisks poderiam ter sobre ele; era possível que estivesse certa.

Ele sempre acreditara que o lado negativo dos orbalisks – a constante dor, a aparência desfigurada – era superado pelos benefícios. Eles o curavam, o deixavam fisicamente mais forte e protegiam contra todo tipo de arma. Agora, Bane começava a questionar essa crença. Embora fosse verdade que ele podia canalizar seu poder através das criaturas para um aumento temporário de suas habilidades, em longo prazo elas podiam, na verdade, estar enfraquecendo Bane. Elas constantemente se alimentavam das energias do lado sombrio que fluíam através de suas veias. Seria possível que, após uma década da infestação, sua capacidade de extrair poder da Força estivesse diminuindo sutilmente?

Era uma ideia que no passado ele teria dispensado imediatamente. Mas seu fracasso repetido com os holocrons o forçavam a reavaliar sua relação simbiótica com os estranhos crustáceos. Ele podia senti-los agora mesmo, alimentando-se, sugando a Força que fluía através de suas veias.

Os orbalisks repentinamente se tornaram agitados. Eles tremeram e se agitaram contra sua carne; Bane sentiu a fome insaciável das criaturas crescendo como se em resposta à presença de uma fonte próxima de poder do lado sombrio.

Bane olhou ao redor, esperando ver Zannah se aproximando do acampamento sob o brilho da lua cheia. Mas não viu nada, não sentiu nada – nem mesmo as pequenas criaturas e insetos que saíam à noite em busca de comida, voando no ar ou rastejando no chão. Sua percepção normal do mundo ao redor parecia estranhamente emudecida ou... mascarada!

Ele se levantou de repente e sacou o sabre de luz, a lâmina ganhando vida com um zumbido elétrico. Um lampejo de luz vermelha explodiu ao seu redor, iluminando a escuridão e desfazendo as ilusões que escondiam seus inimigos ocultos.

Oito figuras vestindo mantos vermelhos cercavam o acampamento, suas identidades ocultas pelo visor de seus capacetes. Cada uma carregava um longo cajado metálico que Bane reconhecia como um bastão energético, a arma tradicional dos Assassinos das Sombras de Umbara.

Treinados na arte de matar adversários sensíveis à Força, os Assassinos das Sombras preferiam contar com o disfarce e a surpresa. Expostos pela explosão de energia de Bane, eles repentinamente perderam sua grande vantagem. E, embora houvesse oito deles, Bane não hesitou.

O lorde Sith saltou adiante e atacou a primeira figura de vermelho antes que ela – ou ele – tivesse chance de reagir, um único golpe com o sabre de luz que cortou o infeliz oponente em dois logo acima da cintura.

Os outros sete avançaram ao mesmo tempo, atacando com os bastões energéticos e suas mortais pontas eletrificadas. Bane não se deu ao trabalho de desviar os golpes, apenas contou com sua armadura orbalisk para protegê-lo quando adotou uma estratégia puramente ofensiva.

Sua inesperada tática pegou outros dois assassinos de surpresa, e eles avançaram direto para um golpe que cortou suas tripas.

Os últimos cinco atacaram Bane quase simultaneamente, seus bastões enviando uma corrente de um milhão de volts através de seu corpo. Os orbalisks absorveram a maior parte da carga, mas o suficiente vazou para eletrocutá-lo dos dentes até os pés.

O lorde sombrio cambaleou e caiu de joelhos. Mas, em vez de correrem para terminar o serviço, os assassinos simplesmente mantiveram a posição. A ideia de que qualquer coisa menor do que um bantha poderia aguentar um golpe direto de um bastão energético em sua carga máxima – muito menos cinco bastões ao mesmo tempo – era inimaginável. O erro de cálculo deu a Bane o segundo necessário para afastar os efeitos e se levantar, para o espanto e horror de seus inimigos.

– Zannah estava certa sobre você – uma voz disse atrás de Bane.

Ele se virou para ver um pequeno homem com seus cinquenta anos, vestido todo de preto, de pé no lado mais afastado do acampamento. Em sua mão havia um sabre de luz verde, mas estava óbvio pela maneira como segurava o cabo que ele nunca recebera o treinamento adequado para lidar com a arma exótica.

Ao lado do homem estava a própria aprendiz de Bane; ela não havia sacado o sabre de luz.

Bane rosou de raiva diante daquela traição, seu ódio crescente alimentado pelas substâncias químicas que os orbalisks bombeavam em seu sistema.

– Hoje é o dia em que você vai morrer, Darth Bane – o homem disse, avançando para atacar.

Ao mesmo tempo, as cinco figuras de vermelho correram em sua direção, vindas de trás. Bane girou e lançou a palma da mão aberta sobre eles, disparando uma onda de poder sombrio. Assim como os Jedi e os Sith, uma das primeiras técnicas que os Assassinos das Sombras aprendiam era a criação de uma barreira da Força. Canalizando seu poder, eles conseguiam formar um escudo protetor ao redor de si mesmos para neutralizar os ataques da Força de seus inimigos. Mas, se um

oponente fosse forte o bastante, um ataque concentrado poderia romper a barreira. Darth Bane, lorde sombrio dos Sith, definitivamente era forte o bastante.

Dois dos assassinos foram derrubados imediatamente, caindo no chão como se tivessem trombado com um muro invisível. Outros dois, mais fracos e menos capazes de se defender contra o poder de Bane, foram jogados para trás. Apenas o quinto assassino era forte o suficiente para resistir ao golpe do lorde Sith e continuar avançando.

Entretanto, sem seus parceiros ao seu lado para atazanar e distrair seu inimigo, ele acabou se tornando o foco da fúria de Bane. Incapaz de se defender contra a sequência selvagem de golpes de sabre de luz, ele foi derrotado em questão de segundos, recebendo meia dúzia de ferimentos fatais sobre o peito e o rosto.

Enquanto os quatro assassinos restantes se levantavam, Bane girou de volta para seu líder. Sabiamente, o homem de preto havia parado seu avanço e agora tentava concentrar a Força. Quando Bane deu um passo em sua direção, o homem disparou um único relâmpago azul, fino e longo. Bane se defendeu com o sabre de luz, a lâmina absorvendo a energia. Em retaliação, ele contra-atacou também com um relâmpago – uma tempestade com dezenas de raios se arqueando na direção de seu alvo em vários ângulos diferentes.

O homem saltou alto no ar, dando uma cambalhota para trás e evitando a mortal conflagração elétrica. Ele aterrissou de pé a dez metros de distância, com uma pequena cratera fumegante marcando o lugar onde ele havia estado um instante atrás.

– Zannah! – o homem gritou. – Faça alguma coisa!

Mas a aprendiz de Bane não fez nada. Ela meramente continuou de pé, afastada para o lado, ganhando tempo e observando a ação.

Os assassinos se lançaram sobre Bane outra vez, mas, em vez de afastá-los com a Força, ele permitiu que seu corpo se tornasse um condutor, transformando a si mesmo em uma manifestação física do frenético poder do lado sombrio. Quando girou como um furacão, sua lâmina pareceu estar em toda parte ao mesmo tempo: cortando, golpeando e fatiando seus inimigos.

Todos os quatro assassinos morreram no ataque, embora um deles tenha conseguido acertar um único golpe com seu bastão energético antes de ter sua garganta cortada, um ferimento tão profundo que quase decepou sua cabeça. Alimentado pela raiva e fúria, Bane ignorou o mortal choque elétrico como um bantha ignorando a mordida de um besouro-venn.

Mais uma vez, ele voltou a atenção para o homem de preto. Bane marchou lentamente em sua direção enquanto seu adversário tremia congelado no lugar, paralisado pela terrível ciência de sua iminente morte.

– Zannah! – o homem gritou para ela novamente, segurando seu sabre de luz verticalmente diante dele, como se fosse um talismã que poderia afastar o demônio se aproximando. – Mestre! Socorro!

Bane o golpeou, decepando o braço do homem que segurava o sabre na altura do cotovelo. O homem gritou e caiu de joelhos. Um instante mais tarde, sua voz silenciou, quando Bane atravessou seu corpo, cravando o sabre de luz em seu peito logo abaixo do coração e furando as costas meio metro atrás dos ombros.

Bane retirou a lâmina. E o corpo do velho homem caiu de cara na terra, com o lorde sombrio já virado para sua aprendiz. Zannah apenas continuou parada, observando.

– Você me traiu! – ele rugiu e saltou sobre ela.



Zannah assistira ao combate com interesse, observando cuidadosamente as táticas e tendências de Bane e guardando essas informações para mais tarde. Seu mestre despachou facilmente Hetton e seus lacaios, como ela já esperava... embora tenha havido um breve instante no começo da luta em que Bane parecera vulnerável. Aparentemente, os orbalisks não foram capazes de protegê-lo

completamente contra a corrente elétrica dos bastões energéticos – outro fato que ela fez questão de memorizar.

Quando terminou, seu mestre se virou para encará-la. Zannah esperava que ele fosse exigir uma explicação, mas em vez disso ele avançou sobre ela com um grito. Ela mal teve tempo de acionar suas lâminas gêmeas para defender aquele ataque inesperado.

Zannah tomou uma postura defensiva como sempre fazia nas sessões de treinamento. Mas aquilo não era um exercício, e seu mestre avançou sobre ela com uma velocidade e ferocidade que ela nunca enfrentara antes. Entregando-se à sua sede de sangue alimentada pelos orbalisks, Bane era como um animal selvagem, cobrindo-a com golpes furiosos vindos de todos os ângulos, tão rápidos que era como se ele brandisse uma dezena de lâminas ao mesmo tempo. Zannah começou a recuar, desesperadamente cedendo espaço sob o ataque devastador.

– Eu não traí você, mestre! – ela gritou, tentando fazer Bane voltar à razão antes de cortá-la em duas. – Eu atraí Hetton até aqui para que você pudesse matá-lo!

Ela se abaixou sob um golpe horizontal do sabre de luz, mas levou um chute pesado nas costelas. Ela rolou com o chute, evitando por pouco o retorno do sabre. Ela defendeu um rápido golpe descendente, tomou impulso e se lançou para trás, recuando dez metros.

– Ouça-me, mestre! – Zannah gritou depois de colocar alguma distância entre os dois. – Se eu quisesse traí-lo, por que eu não ajudaria durante a... oooffff!

Bane a atingiu com uma poderosa onda da Força, lançando seu corpo para trás. Apenas a barreira que ela havia instintivamente criado no último segundo impediu que seus ossos fossem destruídos pela força do impacto.

Ela se ergueu e girou o sabre de luz, criando aquilo que esperava ser um impenetrável muro de defesa. Mas em vez de tentar romper sua guarda, Bane saltou alto no ar e desceu quase em cima dela. Zannah habilmente defendeu o ataque, redirecionando o sabre para o lado quando girou para impedir que ela fosse atingida pelo corpo dele. Mas Bane acertou seu queixo com o cotovelo quando ela se virou, o golpe lançando sua cabeça para trás. Seu corpo amoleceu, sua arma caiu de seus dedos relaxados e Zannah desabou no chão.

Por um segundo ela não viu nada além de estrelas. Quando a visão clareou, Zannah viu a imagem de Darth Bane pairando sobre ela, sua lâmina erguida para um golpe final.

– Eu apenas fiz isso para você, mestre! – ela gritou, ignorando a dor em sua mandíbula. – Eu apenas queria trazer a você a chave para criar um holocron!

Bane hesitou, as palavras de Zannah finalmente romperam a loucura bestial que envolvia o lorde sombrio. Ele olhou para ela no chão, sua cabeça pendendo para o lado enquanto a sede de sangue lentamente desaparecia.

– Você fez isso para mim? – ele perguntou, desconfiado.

Zannah assentiu freneticamente, mesmo sofrendo tonturas por causa disso.

– Hetton me reconheceu como uma verdadeira Sith. Eu precisava encontrar alguma maneira de eliminá-lo junto com seus capangas para manter nossa existência em segredo.

– Então você os trouxe aqui para que eu caísse em uma emboscada – ele disse, deixando seu ceticismo óbvio.

– Eu precisava ganhar sua confiança – Zannah explicou, falando rapidamente e puxando de dentro de suas roupas o datacard que Hetton havia lhe entregado. – Tive que enganá-lo para que ele me desse isto, para que eu pudesse repassar a você.

Ela ofereceu o datacard para seu mestre, impressionada com o fato de que o objeto havia sobrevivido ao confronto. Bane apanhou o datacard, baixando o sabre de luz e extinguindo a lâmina.

Ele assentiu brevemente e deu um passo para trás, devolvendo espaço para Zannah. Ela retomou seu sabre de luz caído no chão, depois se levantou lentamente. Sua cabeça ainda doía por causa da cotovelada no queixo, dificultando que ficasse em pé com total equilíbrio.

– Eu sabia que você possuía a força para derrotá-los, mestre – Zannah disse. – Foi por isso que não o ajudei durante o combate.

– E se você estivesse errada? – Bane perguntou com um tom de voz baixo e ameaçador. – E se eles tivessem conseguido me matar?

– Então você seria fraco, indigno de ser o lorde sombrio dos Sith – Zannah respondeu com audácia. – E teria merecido a morte.

– Exatamente – Bane disse com seu familiar sorriso sinistro, e Zannah então soube que seu mestre aprovava.



O INVERNO AINDA ERA UM fenômeno novo – e não inteiramente bem-vindo – em Ruusan. Originalmente, o planeta era um mundo temperado, seu clima controlado e moderado pelas vastas florestas boreais que dominavam a superfície. Mas, durante o prolongado conflito entre a Irmandade da Escuridão e o Exército da Luz, milhões de hectares de antigas árvores foram dizimados, transformando uma grande parte do hemisfério norte de Ruusan em um deserto árido e desolado.

Sozinhas, as mudanças dramáticas na geografia talvez não fossem suficientes para causar uma significativa mudança climática. Entretanto, os danos ao meio-ambiente deixaram o mundo mais vulnerável para a terrível devastação da bomba de pensamento. No rastro da arma definitiva de Kaan, um poderoso vórtice da Força foi criado: um turbilhão invisível de energias da luz e da escuridão capaz de alterar permanentemente os padrões climáticos do planeta.

Como resultado, mesmo em regiões do planeta onde as florestas ainda existiam, a neve – uma raridade havia várias gerações – se tornou uma ocorrência anual regular. Os invernos sem precedente tipicamente duravam apenas alguns meses, mas eram particularmente brutais em um ecossistema que evoluíra em um clima muito mais quente. Partes da flora e fauna de Ruusan, assim como os humanos que ainda habitavam o planeta, foram obrigados a se adaptar. Outras espécies simplesmente morreram.

Com o passar dos anos, Darovit aprendera que havia três chaves para a sobrevivência sob o forte frio. A primeira chave era sempre se vestir em camadas. Seu casaco com capuz foi um presente de um fazendeiro que ele tratara de um grave caso de necrose. A grossa blusa debaixo do casaco fora oferecida como pagamento por um mineiro após Darovit curar o pé do homem; ele havia acidentalmente esmagado o pé com sua própria britadeira pneumática. De fato, cada roupa que vestia – a camisa de manga longa, as pesadas calças, as botas acolchoadas, a luva forrada da mão esquerda e a abotoadura feita especialmente para cobrir seu toco amputado – fora dada a ele pelos moradores locais que o visitavam em sua casa isolada em busca do “Curandeiro Eremita”.

A segunda chave para sobreviver ao inverno e à neve era permanecer seco. Ele aprendera a observar os céus, buscando abrigo ao menor sinal de precipitação. Se deixasse que as roupas se molhassem, a hipotermia poderia facilmente se instalar antes que ele pudesse encontrar ajuda. Era uma das desvantagens de morar sozinho no meio da floresta, mas Darovit se tornara acostumado demais com sua vida de solidão para desistir dela agora.

Em seus primeiros anos ele vagou como um andarilho errante, explorando a natureza selvagem de Ruusan ao viajar entre pequenos bolsões de civilização espalhados pela região. Mas quando aprendeu a caçar e a cuidar de si mesmo, ele passou a ter cada vez menos razões para se aventurar nas cidades e vilas que encontrava pelo caminho.

Seis anos atrás ele se cansou de sua existência nômade. Depois de encontrar um bom local remoto debaixo de um bosque de árvores acolhedoras, construiu uma simples cabana feita de galhos e lama. A cabana deu a ele uma sensação de permanência e estabilidade enquanto ainda permitia que aproveitasse a paz interior que encontrara em seu isolamento voluntário.

Não havia mais nenhum assentamento humano em um raio de dez quilômetros de sua casa, e mesmo a colônia de Bouncers mais próxima ficava a quase cinco quilômetros de distância. Porém, isso não significava que ele não recebia visitas. Pelos ensinamentos dos Bouncers e a experiência de suas viagens na juventude, ele se tornara sábio na arte da medicina à base de plantas e remédios naturais. Três ou quatro vezes por mês ele era visitado por alguém implorando que tratasse alguma enfermidade. Darovit nunca recusava essas pessoas, pedindo apenas que em troca eles respeitassem sua privacidade... embora muitas vezes os pacientes lhe dessem presentes, como as roupas que ele vestia agora, como símbolos de sua gratidão.

A terceira chave para a sobrevivência nos invernos inóspitos de Ruusan era nunca se aventurar à noite. Temperaturas congelantes, a chance de se perder e não encontrar abrigo e até mesmo ocasionais predadores significavam que arriscar-se à escuridão era uma proposta perigosa e tola.

Porém, lá estava Darovit na calada da noite, seus pés esmagando a neve trazida pelo vento. Ele deixara o calor de sua cabana muitas horas atrás, quando saiu para ver com seus próprios olhos se os rumores que ouvira de seus muitos pacientes era verdade.

Darovit sente raiva?

– Não – ele sussurrou para a pequena Bouncer de pelagem verde que pairava acima dele. – Apenas curioso.

Por razões que ainda não entendia completamente, os Bouncers desenvolveram um fascínio particular por ele. Durante o dia sempre havia dois ou três circulando seu domicílio. E, sempre que saía de sua cabana, ao menos uma das incomuns criaturas o acompanhava.

Talvez eles se sentissem responsáveis por seu bem-estar após resgatá-lo da caverna da bomba de pensamento. Ou talvez fossem atraídos por ele por causa de suas vocações semelhantes: os Bouncers tranquilizavam as angústias mentais daqueles que sofriam ou sentiam dor, e Darovit havia escolhido compartilhar seu talento curativo com qualquer um que o procurasse pedindo socorro. Era até possível que eles simplesmente o achassem engraçado e interessante, embora Darovit não soubesse se os Bouncers possuíam um senso de humor.

Ele rapidamente se acostumou com sua constante companhia. Eram companheiros gentis, e pareciam sentir quando ele estava disposto a conversar e quando queria ser deixado sozinho com seus pensamentos. Na maior parte do tempo ele achava aquela presença tranquilizadora, apesar de alguns Bouncers serem mais calmanes do que outros. A jovem fêmea que o acompanhava agora, Yuun, parecia falar mais do que seus compatriotas.

Darovit casa agora.

– Ainda não – ele sussurrou.

Duas das Três Luas Irmãs de Ruusan estavam cheias naquela noite, sua luz refletindo sobre a camada prateada de gelo e a cobertura branca de neve que se acumulara nas últimas semanas. Darovit estava agachado atrás de um conjunto de árvores, apoiado em seu cajado e afastando galhos com o toco da mão direita para enxergar através da folhagem sem ser notado. Em meio às nuvens de vapor de sua própria respiração, ele estudou a cena que confirmava que os rumores eram verdadeiros: os Jedi haviam retornado a Ruusan!

Darovit zombara abertamente na primeira vez em que um paciente mencionou que a República iria construir um monumento em honra daqueles que morreram em Ruusan. Um projeto desse não fazia sentido agora, Darovit argumentara, uma década depois da batalha. Mas não havia como negar aquilo que ele observava entre os galhos.

Um grande terreno no limiar da floresta fora limpo da neve, revelando o campo congelado cheio de arbustos abaixo. O perímetro fora marcado com estacas e correntes, e a fundação já havia começado. Darovit achou que as montanhas de terra escavada pelos droides construtores pareciam uma chaga no planeta em si.

Dezenas de grandes pedras se espalhavam pela área, cada uma trazida para Ruusan vinda do planeta natal de um dos Jedi mortos que o monumento homenagearia. Para os olhos de Darovit, as rochas alienígenas se destacavam como um Wookiee em uma multidão de Jawas: intrusos indesejados que estragavam a paisagem de Ruusan.

– Eles não têm direito de estarem aqui – ele sussurrou com irritação.

Não machucam ninguém, Yuun sugeriu.

– Esta área só agora está começando a se recuperar da maldita guerra que eles trouxeram para cá – ele respondeu. – Levou dez anos para as pessoas deixarem tudo isso para trás. Agora os Jedi querem reabrir antigas feridas.

Senado aprovou. Não Jedi.

– Não me importa qual é a história oficial. Sei que os Jedi estão por trás disso. Isso vai acabar em problemas.

Problemas?

Yuun era jovem demais para se lembrar da guerra que devastara seu mundo. Ela não testemunhou as mortes e o sofrimento sem sentido que levaram centenas de colônias de Bouncers à loucura.

Arruinados além de qualquer salvação, os Bouncers feridos projetaram pensamentos de dor e tormento, atacando, e até mesmo matando outras criaturas, até serem mortos pelas equipes de Jedi enviadas para dizimá-los.

– Os Jedi e sua guerra quase destruíram Ruusan – Darovit disse a ela. – Milhares de homens, mulheres e crianças morreram. As florestas queimaram. E a sua espécie foi caçada quase até a extinção.

Sith começaram guerra.

– Os Sith não poderiam fazer uma guerra sozinhos. Eles precisavam de alguém para enfrentar, e Hoth estava mais do que disposto a jogar seus seguidores Jedi contra eles – Darovit argumentou, imaginando o quanto os Bouncers – e Yuun em particular – sabiam de seu passado.

– Os dois lados foram igualmente responsáveis – ele concluiu.

Darovit culpado.

Foi uma afirmativa, não uma questão.

– Talvez – o jovem rapaz admitiu, apoiando-se no cajado. – Mas os problemas parecem seguir os Jedi onde quer que eles estejam. E eu não vou ficar aqui sentado assistindo, enquanto eles destroem este mundo outra vez.

Com exceção dos droides de construção, a área estava deserta; as equipes orgânicas apenas trabalhavam durante o dia. Abaixando-se e segurando seu cajado paralelo ao chão, Darovit rastejou para fora da cobertura das árvores.

Paz. Calma, Yuun projetou em sua direção, tentando acalmar sua raiva. Mas ela não teve coragem de segui-lo para o campo aberto, e ele ignorou seus apelos até se afastar do alcance telepático da Bouncer.

Darovit não era poderoso com a Força; essa era parte da razão de ele ter fracassado em suas tentativas de se unir tanto aos Jedi quanto aos Sith. Mas ele possuía uma pequena afinidade, o suficiente para permitir que se movesse pelo terreno da construção sem ser notado pelos droides semi-inteligentes.

Droides de construção eram empregados apenas para tarefas mais simples e básicas. A maioria do trabalho no monumento seria feita por uma equipe usando maquinaria pesada e transportes flutuantes. Movendo-se rapidamente, Darovit se aproximou do transporte mais próximo e se abaixou atrás dele.

Ele viera bem preparado, levando uma grande quantidade de raízes tass em pó e dois punhados de pétalas esmagadas de flores de videiras scintil. Sozinhas, as duas substâncias eram inofensivas, mas quando misturadas e umedecidas, elas causavam uma impressionante interação.

Com sua mão boa, ele abriu o painel de manutenção logo abaixo da caixa de controle e enfiou quatro pétalas scintil nas bobinas de repulsão. Em seguida, ele salpicou um punhado das raízes tass sobre as pétalas. Então, como um toque final, ele apanhou um pouco de neve, deixando-a derreter em sua luva para que pingasse sobre a mistura.

As substâncias começaram a chiar e exalar um forte cheiro alcalino quando os elementos formaram uma pasta altamente corrosiva que começou a derreter, formando um buraco na bobina. Darovit fechou a tampa da manutenção: fios de fumaça verde escapavam logo abaixo.

Darovit passou a hora seguinte passando entre todos os veículos, parando sempre que um droide aparecia realizando sua tarefa pré-programada, sem perceber o vândalo no terreno. Quando voltou para onde Yuun esperava, todos os transportes flutuantes já estavam desativados.

Solução temporária. Serão substituídos.

– Bobinas de repulsão são caras – Darovit disse. – E estão sempre em alta demanda. Isso vai atrasá-los em pelo menos uma semana.

E depois?

– Tenho mais alguns truques na manga para nossos amigos Jedi – ele assegurou à pequena Bouncer. – Isso foi apenas o começo.

Sol logo. Casa agora?

Darovit olhou para cima e viu o leve brilho dos sóis gêmeos de Ruusan já surgindo no horizonte.

– Casa – ele concordou.



Três semanas se passaram desde que Zannah presenteara seu mestre com o datacard que quase custara a vida da jovem aprendiz. Bane usara aquele tempo para estudar o conteúdo do datacard cuidadosamente, analisando cada pequeno pedaço de informação que Hetton juntara sobre Belia Darzu. Ele cruzou as referências da maior parte das informações com suas próprias fontes, verificando tudo que podia fazer para autenticar a pesquisa de Hetton. E Bane agora tinha confiança de que tudo que o velho homem havia descoberto era verdade.

Os experimentos de Belia na alquimia Sith revelaram os segredos que permitiram a ela cercar-se de um exército de tecnoferas. Ainda mais impressionante, ao menos da perspectiva de Bane, Belia tivera sucesso ao criar seu próprio holocron. E havia fortes indícios que apoiavam a teoria de que o holocron que ela desenvolvera – o repositório de todo o seu conhecimento – ainda estava escondido em algum lugar dentro de sua fortaleza em Tython.

Bane rodou o diagnóstico final em sua nave: ele não podia correr o risco de algo se quebrar na jornada que estava prestes a embarcar. A rota do hiperespaço que levava para dentro do Núcleo Profundo era perigosa, e se algo desse errado, não haveria chance de salvamento. Ele teria uma morte fria e solitária – um cadáver congelado, flutuando em um caixão de metal ao redor do buraco negro no centro da galáxia.

Os sistemas da *Mystic* pareciam todos em perfeita ordem. Uma nave da nova série Infiltrator criada pela Sienar, a *Mystic* era um caça de tamanho médio e longo alcance que ele adquirira anonimamente através de sua rede de fornecedores no submundo. Construídas para carregar seis passageiros, as naves da série Infiltrator eram armadas com armas leves e equipadas com mínima blindagem, o foco do modelo sendo sua velocidade e

agilidade. A *Mystic* fora customizada com a adição de um hiperpropulsor classe quatro, permitindo que escapasse de praticamente qualquer outra nave que encontrasse.

Embora houvesse espaço dentro da nave tanto para o mestre quanto para a aprendiz, Bane decidira que Zannah não o acompanharia em sua viagem a Tython. Mas com certeza ela não ficaria simplesmente esperando em Ambria por seu retorno.

Junto com seu estudo do datacard, Bane também passara um grande tempo pensando sobre os orbalisks que se prendiam em seu corpo. Embora fosse provável que ele descobriria novas informações em Tython que desvendariam os últimos segredos sobre a criação de holocrons, também era possível que Belia tivesse tido sucesso usando exatamente o mesmo processo que ele usara em suas tentativas fracassadas. Bane ainda não podia descartar a teoria de que os orbalisks foram os responsáveis por seu fracasso, tirando dele as energias sombrias necessárias para levar o processo até o final.

Também havia outras considerações. Por duas vezes ele se perdera em um ataque de raiva, com seus pensamentos e razão substituídos pela urgência cega de destruir tudo e todos ao seu alcance. Na primeira vez que aconteceu, ele deixou o acampamento em ruínas: um desperdício tolo e sem sentido de recursos.

A segunda vez poderia ter sido muito pior. Se tivesse matado Zannah, ele ainda teria encontrado o datacard de Hetton com ela. Mas também seria forçado a encontrar um novo aprendiz. Uma década de treinamento seria perdida, jogada fora por causa de sua loucura temporária.

Zannah salvara a si própria ao explicar os motivos por trás de suas ações. Ela agira em perfeito acordo com os ensinamentos de seu mestre – um fato que Bane deveria ter percebido por si próprio. Mas os orbalisks o deixaram cego para as hábeis maquinações de Zannah, e agora ele entendia que o poder bruto que as criaturas lhe concediam vinha em troca de sua sutileza e astúcia.

Então, enquanto ele iria para Tython para encarar os perigos e defesas da fortaleza perdida de Belia, Zannah partiria para uma missão própria.



A nave de Hetton era magnífica. Um cruzador feito sob medida com oitenta metros de comprimento, a nave acomodava confortavelmente vinte passageiros, porém era preciso apenas um piloto. Cada detalhe do projeto foi feito com as precisas e generosas especificações de Hetton. Equipada com blindagem e poder de fogo suficientes para encarar uma pequena nave de guerra, o interior era luxuoso o bastante para receber um jantar formal de dignitários planetários. Nenhuma despesa fora poupada; a nave servindo tanto como um símbolo de riqueza quanto como meio de transporte. Havia apenas uma coisa de que Zannah não gostava: ele batizara a nave de *Loranda*, o nome de sua mãe.

Ela acionou os controles, maravilhando-se com a suave decolagem e a sensibilidade do manche enquanto guiava a nave para fora da atmosfera de Ambria. Em dois dias ela aterrissaria em Coruscant; certamente teria de subornar um administrador do espaçoporto para manter sua chegada fora dos registros oficiais. A *Loranda* ainda estava registrada no nome de Hetton, e sua chegada chamaria atenção imediata se fosse registrada com as devidas autoridades.

Felizmente, era prática comum para os nobres de Serenno realizar frequentes aterrissagens não agendadas – e não registradas –, mesmo em Coruscant. As regras dos cidadãos comuns da República não valiam para os ricos, e fingir que era uma criada enviada para subornar um administrador não pareceria incomum para ninguém. Chegar ao planeta sem chamar atenção seria a parte fácil da missão. Ganhar acesso aos Arquivos no Templo Jedi seria muito mais difícil.

Bane estava arriscando muito ao enviá-la para Coruscant. Eles passaram a última década se escondendo de seus inimigos, e agora ela estava prestes a entrar no coração da Ordem Jedi. Mas ela não podia questionar aquela decisão, não quando ela mesma fora parcialmente responsável. Foi Zannah quem plantou as primeiras sementes da dúvida na mente de seu mestre sobre os orbalisks, e agora sua tramoia dera resultado. Bane decidira – para o bem dela e para o bem dos Sith – que precisava se livrar da infestação.

Nada nos experimentos originais de Freedon Nadd indicava que os orbalisks pudessem ser extraídos de seu hospedeiro, e a própria pesquisa de Bane sobre o assunto falhara em descobrir qualquer indício do contrário. Mas os Arquivos Jedi eram a maior coleção de conhecimento da galáxia. Se existia uma resposta, eles a encontrariam lá.

Seu mestre tomara toda a precaução para manter sua verdadeira identidade em segredo enquanto ela visitava os Arquivos. Através de sua rede de misteriosos informantes e contatos do submundo, ele juntara uma lista de nomes e ocupações para virtualmente todos os membros da Ordem Jedi. Da lista, ele escolhera um nome que se encaixava em seu propósito: Nalia Adollu.

Nalia era uma padawan com quase a mesma idade de Zannah sob a tutela de Anno Wen-Chii, um famoso e recluso mestre Jedi Pyn'gani que vivia em Polus, um mundo da Orla Exterior. Na última semana, Zannah memorizara cada detalhe de seu perfil e história, junto com a história do mestre Anno, para que pudesse se passar pela jovem aprendiz.

A história inventada era simples: Zannah diria que seu mestre estava estudando um tipo raro de organismo parasita que vivia sob a superfície congelada de Polus. Querendo comparar a nova forma de vida descoberta com espécies semelhantes de outros mundos, mas relutante em deixar a tranquilidade de seu planeta, o mestre enviara sua padawan para juntar material de pesquisa nos Arquivos Jedi.

Mas ela precisaria de mais do que uma história plausível para manter seu disfarce quando se apresentasse ao bibliotecário-chefe e pedisse permissão para ver os Arquivos. Zannah e Nalia tinham a mesma idade. Elas eram quase do mesmo tamanho e compartilhavam o mesmo tipo físico. As duas possuíam longos cabelos – mas Zannah pintou as madeixas com um profundo e lustroso tom de preto para igualar a cor da outra garota.

Já fazia cinco anos desde a última vez que Nalia deixara seu mestre sozinho em Polus, então havia pouca chance de encontrar alguém que a conhecesse bem o bastante para reconhecer Zannah como uma impostora. Mas mesmo se a sua aparência não a denunciasse, havia um último elemento a considerar.

Durante sua missão, ela estaria cercada de servos da luz; se eles sentissem o lado sombrio dentro dela, Zannah seria exposta imediatamente. O segredo que ela e Bane mantiveram com tanto esforço seria destruído. Tudo pelo que trabalharam na última década, tudo que conquistaram, seria para nada. Ela certamente seria capturada, possivelmente condenada à morte, e seu mestre seria caçado e morto.

A única maneira para o plano funcionar era usar o poder da feitiçaria Sith para mascarar seu poder enquanto simultaneamente projetava uma aura de energia do lado da luz. Era um feitiço complicado, ela nunca o tentara antes. Era preciso um equilíbrio entre força e delicadeza, e Zannah havia praticado isso sem parar nas últimas semanas antes de sua partida. Porém, apesar de seus melhores esforços, ainda havia momentos em que sua concentração derrapava e sua verdadeira natureza se mostrava.

Ela podia apenas torcer para que, se isso acontecesse em Coruscant, nenhum Jedi estivesse por perto para notar.



UM VENTO FRIO SOPRAVA PELA floresta, derrubando a temperatura abaixo de zero, mas Johun usava a Força para se aquecer e afastar o pior do frio.

O Cavaleiro Jedi estava frustrado. Pouco progresso fora feito na construção do monumento em Ruusan nas últimas semanas, o projeto sendo vítima de uma campanha de vandalismo e sabotagem.

Começou com a destruição dos transportes, com suas bobinas de repulsão corroídas por algum tipo de substância química. Foi preciso quatro dias para conseguirem comprar e instalar as novas bobinas.

O segundo incidente se deu quando todo o equipamento pesado foi coberto com uma seiva grudenta que se mostrou ser um poderoso adesivo. Luvas, botas e outras roupas dos trabalhadores foram permanentemente coladas em qualquer superfície que tocavam; felizmente, ninguém tocou a seiva com a própria pele. Levou horas para encontrar e aplicar solventes químicos fortes o bastante para romper a cola, e dois dias inteiros para limpar o resíduo grudento do equipamento.

Johun considerou colocar alguns dos trabalhadores como vigias à noite. Mas o terreno do monumento era remoto; os trabalhadores eram levados até lá todas as manhãs por uma nave de transporte. Qualquer equipe de vigia ficaria completamente sozinha, e se os vândalos desconhecidos estivessem armados, os guardas poderiam se ferir, ou até mesmo morrer. Isso era algo que o Jedi não estava disposto a arriscar.

Por algumas noites após o segundo incidente, ele contratara uma equipe de segurança privada para patrulhar a região, esperando que pudessem apanhar o responsável. Mas aquelas noites se passaram sem incidentes, o sabotador provavelmente se assustara com a demonstração de força. Mas os recursos para o projeto eram limitados, e Johun já passara do limite de gastos por causa dos imprevistos. No fim, ele encerrara o contrato com as patrulhas... e duas noites depois, os vândalos voltaram.

O terceiro incidente começou com a equipe chegando pela manhã para descobrir que alguém havia passado um pólen de cheiro forte ao redor de todo o terreno da construção. Quando os sóis nasceram, um grande bando de pequenas aves – dezenas de milhares de criaturas piando e chiando – desceu sobre o terreno, atraído pelo cheiro. Os pássaros cobriram os sóis gêmeos quando se lançaram sobre a equipe, impossibilitando qualquer trabalho. Mesmo após o pólen acabar, o cheiro permaneceu por dois dias, atraindo os pássaros de volta a cada manhã e interrompendo a construção.

Johun decidira cuidar do assunto pessoalmente. Quem quer que estivesse por trás do vandalismo era alguém cauteloso, e uma equipe de segurança marchando pelo perímetro era visível demais para ser um impedimento efetivo. Então, nas últimas três noites, quando sua equipe subiu na nave e retornou para o conforto de suas camas, ele permanecera no terreno, determinado a apanhar os vândalos em flagrante.

Como um Jedi, ele podia passar vários dias sem dormir, apenas usando leves, mas revigorantes, transe meditativos que lhe permitiam ficar ciente dos arredores. E se os infratores tivessem armas ou se tornassem hostis, Johun tinha certeza que não passaria nenhum perigo real.

Ele estava agachado atrás de uma tela de camuflagem escondida entre as árvores que cercavam o terreno da construção. Posicionado sobre um pequeno morro na frente do terreno e armado com binóculos de visão noturna, Johun possuía uma clara visão de toda a área. As duas primeiras noites se passaram sem incidentes, e ele começara a temer que os vândalos tivessem descoberto sua presença. Se algo não acontecesse naquela noite, ele decidiu, Johun teria que tentar outro plano.

Quase duas horas mais tarde, sua paciência foi finalmente recompensada quando, através dos binóculos, ele viu uma figura solitária sair do meio das árvores a menos de cem metros de onde Johun estava escondido. Ao seu lado havia um longo objeto fino que poderia ser uma arma, um cajado, ou talvez as duas coisas.

Johun observou a floresta ao redor, querendo saber se a pessoa estava sozinha. A única companhia que apareceu na visão noturna foi uma pequena bolha verde, flutuando no meio da proteção dos galhos. Johun reconheceu aquela forma redonda como um dos Bouncers nativos de Ruusan, e ele sentiu um estremecimento

involuntário ao se lembrar do terror que a espécie inspirara nos Jedi após um poderoso ritual Sith destruir seus lares na floresta, levando-os à loucura.

Faria sentido se os Bouncers estivessem por trás do vandalismo. Para proteger suas tropas, Hoth, nos últimos dias da guerra, ordenara que os soldados atirassem nas criaturas se as encontrassem, e centenas de Bouncers morreram nas mãos dos Jedi. Embora os membros sobreviventes tivessem voltado à sua sanidade pacífica normal, era possível que ainda guardassem rancor contra aquela ordem. Mas isso ainda não explicava o envolvimento da figura humanoide que lentamente entrava no terreno.

Johun saiu de seu esconderijo. Ele sabia que o Bouncer fugiria se ele se aproximasse, saltando para os galhos altos da floresta e para longe de seu alcance. Apenas matando-o – e Johun não faria isso – ele poderia trazer a criatura de volta ao nível do chão. Mas o companheiro do Bouncer teria que escapar a pé, e Johun tinha certeza de que ele não conseguiria fugir de um Jedi.

Ele correu na direção de sua presa e a figura virou a cabeça, alertado pelas botas de Johun esmagando a neve. Johun vislumbrou o suficiente do rosto sob o capuz para saber que estava perseguindo um jovem rapaz. O fugitivo descartou o cajado e começou a correr na direção das árvores, com sua longa túnica que vestia para se proteger do frio esvoaçando atrás dele.

Johun precisava vencer cinquenta metros para alcançá-lo; com o poder da Força fluindo através de seus membros, ele esperava acabar com a distância em uma questão de segundos. Mas seu adversário se movia com uma velocidade surpreendente, e o Jedi percebeu que o rapaz era, ao menos em um pequeno nível, sensível à Força.

Em terreno aberto, Johun ainda era mais rápido, mas ele estava a bons dez metros de distância quando o rapaz alcançou a floresta e mergulhou na vegetação. Ele escolheu um caminho que encerraria qualquer perseguição: ziguezagueando entre os troncos, abaixando-se sob galhos e saltando sobre grossas raízes em grande velocidade. Mas, extraíndo poder da Força, Johun conseguiu igualar o progresso do rapaz, desviando as folhas e ramos que ameaçavam acertar seu rosto e agilmente evitando as raízes que o derrubariam de cara no chão.

Eles correram pela floresta por vários quilômetros, sem nenhum dos dois ganhar terreno sobre o outro. A perseguição terminou quando alcançaram uma pequena clareira com uma cabana no centro, e Johun percebeu que sua presa, cega pelo pânico, havia instintivamente voltado para casa.

O rapaz correu para a porta, como se quisesse escapar apenas trancando-se lá dentro. E então ele parou, repentinamente percebendo o erro que cometera. Relaxando os ombros, ele simplesmente parou na frente da porta, sem tentar fugir quando Johun se aproximou cuidadosamente.

– Eu não achava que alguém pudesse me acompanhar através da floresta – ele disse, com um tom derrotado quando abriu a porta da pequena cabana. – É melhor você entrar e sair desse frio.

O interior era simples, mas limpo, e apenas grande o bastante para os dois compartilharem o espaço sem muito aperto. A única mobília era um pequeno colchão no canto. Brasas em uma fogueira no centro emitiam calor suficiente para Johun remover seu casaco e deixá-lo de lado quando se sentou no chão de pernas cruzadas.

Seu anfitrião também tirou as roupas mais pesadas, retirando múltiplas camadas antes de se ajoelhar de frente com seu convidado inesperado. Johun avaliou que o rapaz possuía uns vinte anos, apenas alguns anos mais jovem do que o próprio Jedi. Ele possuía cabelos escuros e desarrumados e uma longa barba; havia um toque selvagem em seus olhos. Mas foi apenas quando Johun notou a falta da mão direita que ele reconheceu o rapaz como o famoso Curandeiro Eremita de Ruusan.

– Você sabe quem eu sou? – Johun perguntou.

– Sei que é um Jedi – o eremita respondeu. – Foi por isso que não consegui fugir de você.

– Meu nome é Johun Othone. Sou o responsável pela construção do monumento em homenagem àqueles que sacrificaram suas vidas aqui em Ruusan.

Johun esperou, dando ao rapaz uma chance de responder. Mas o eremita simplesmente continuou olhando para o chão, sua mão boa pousada sobre o colo, segurando o toco do braço direito.

– Por que você vandalizou nosso equipamento na construção?

Ele achou que o eremita fosse negar; afinal de contas, Johun não o pegou em flagrante. Mas o rapaz admitiu abertamente o que fizera.

– Eu queria impedi-los. Achei que, se fizesse vocês perderem tempo e dinheiro, vocês acabariam desistindo.

– Por quê? – Johun perguntou, intrigado pelo veneno na voz do eremita.

– Não queremos tipos como vocês aqui em Ruusan – o rapaz disse, irritado. – Vocês não têm direito algum de estar aqui!

– Eu servi com o general Hoth no Exército da Luz – Johun respondeu, tentando manter a calma, apesar da indignação que sentiu. – Eu vi meus amigos morrerem. Eu vi o sacrifício que fizeram para salvar a galáxia dos Sith.

– Eu conheço bem os Sith – o eremita ironizou. – E conheço os Jedi também. Vi a guerra com meus próprios olhos. Sei o que aconteceu. Veja o que a sua guerra fez com este mundo! – ele gritou, com sua voz acusatória. – Todos os anos a neve cai, e a cada inverno mais e mais animais morrem de frio. Dez anos depois da sua vitória, espécies inteiras ainda são extintas por sua causa!

– Eu sinto muito por todo o sofrimento que este mundo passou – Johun disse. – Mas os Jedi não podem ser responsabilizados por tudo. O maior estrago causado no planeta foi feito pelos Sith.

– Jedi, Sith, são todos iguais – o eremita retrucou. – Vocês estavam tão cegos pelo ódio um do outro que não conseguiram enxergar as consequências do que estavam fazendo. E, por fim, o seu general marchou para dentro das cavernas subterrâneas para enfrentar os seguidores de Kaan, sabendo que iria liberar a devastação da bomba de pensamento sobre este mundo.

– Hoth se sacrificou para que outros pudessem se salvar – Johun protestou.

– A bomba de pensamento era uma abominação! Hoth deveria ter feito todo o possível para impedir que Kaan a usasse. Mas em vez disso, ele intencionalmente forçou essa opção.

– Não havia outra opção – Johun respondeu, defendendo as ações de seu antigo mestre. – A detonação da bomba de pensamento destruiu a Irmandade e livrou a galáxia dos Sith para sempre.

O eremita riu alto.

– É nisso que você acredita? *Os Sith não existem mais?* – Ele sacudiu a cabeça e murmurou:

“Pobre Jedi iludido.”

– O que você quer dizer? – Johun exigiu saber. Ele sentiu um terrível frio no estômago. – Você não acredita que os Sith foram exterminados?

– Eu *sei* que eles não foram exterminados – o eremita respondeu. – Um dos lordes sombrios sobreviveu, e ele tomou a minha prima como aprendiz.

A cabeça de Johun foi jogada para trás como se tivesse levado um tapa.

– A sua prima?

Para o Jedi, parecia loucura, completamente implausível. Mas o eremita, apesar dos olhos selvagens, não aparentava ser louco.

– Como você sabe disso?

– Depois que a bomba de pensamento explodiu, eu descii os túneis para ver o resultado – o eremita sussurrou, sua expressão se tornando sombria ao desenterrar memórias escuras de seu passado. – Eu vi os dois lá embaixo, minha prima e lorde Bane. – Ele ergueu o toco na frente do rosto. – Eles fizeram isto comigo.

A mente de Johun começou a correr. Ele se lembrou dos mercenários que encontrara depois da batalha, e suas histórias sobre um mestre Sith que havia brutalmente matado seus companheiros. Apesar de mais tarde ter mudado de opinião e dispensado o relato diante da lógica irrefutável de Farfalla, parte dele nunca deixou de acreditar naquela história.

Sem nenhuma evidência ou pista, ele abandonara seus esforços para provar que um mestre Sith havia escapado com vida de Ruusan. Agora, dentro das paredes daquela cabana, ele se deparou com a prova que por tantos anos lhe escapara.

– Você viu um Sith chamado lorde Bane? – Johun insistiu, querendo uma confirmação maior. – Como sabe que era ele?

– Por um tempo, eu fiz parte do exército de Kaan – o eremita sussurrou. – Todos sabiam quem era Bane.

– Isso... isso é inacreditável! – Johun disse, esquecendo-se completamente do vandalismo que o levava até ali. – Precisamos contar para o Conselho Jedi! Precisamos ir a Coruscant o mais rápido possível!

– Não.

A recusa veio com um tom definitivo tão simples que pegou Johun de surpresa.

– Mas... os Sith ainda existem. O Conselho precisa ser avisado.

O eremita deu de ombros.

– Então avise. Meu lugar é aqui em Ruusan.

– Eles não acreditarão em mim – Johun admitiu. – Eles vão querer questionar você pessoalmente.

– Eu já vi o que acontece quando os Jedi e os Sith começam uma guerra. Não farei parte disso. Não vou para Coruscant.

– Você estava vandalizando propriedade da República – Johun o lembrou. – Eu podia prendê-lo e levá-lo até lá para responder à denúncia.

O eremita riu outra vez.

– E depois, Jedi? Você vai me torturar até confessar o que vi? Vai usar seus poderes para manipular minha mente e me fazer dizer as palavras que quer ouvir? Tenho certeza que o Conselho vai acreditar em você assim.

Johun franziu as sobrelanceiras. O eremita estava certo; o Conselho só acreditaria nele se o testemunho fosse dado livremente.

– Você não consegue ver o que está em jogo? – Johun disse, mudando de tática. – Você viu o que acontece quando os Sith juntam um exército e declaram guerra. Se vier comigo agora, o Conselho ouvirá o seu alerta. Poderemos procurar esse tal lorde Bane e impedi-lo antes que tenha chance de atrair outros para sua causa.

Enquanto falava, ele usou a Força para tocar a mente do eremita. Johun não forçou para que ele aceitasse o pedido; isso não serviria ao seu propósito. A persuasão da Força era uma medida temporária, e quando chegassem a Coruscant, os efeitos passariam e o eremita saberia que fora manipulado, tornando-o ainda mais rebelde. Em vez disso, Johun simplesmente tentou deixar o rapaz mais propenso a ouvir a razão, lançando um véu de calma e tranquilidade sobre seus pensamentos. Ele gentilmente afastou a amargura e ressentimento do rapaz, permitindo que pesasse a lógica de seus argumentos sem a névoa da paixão e da emoção.

– Bane se escondeu – ele continuou. – Se não o encontrarmos, ele irá se revelar apenas depois de reconstruir os exércitos dos Sith, e a galáxia mergulhará outra vez na guerra. Mas se você vier comigo agora, poderemos vencer o Conselho a procurá-lo. Ajude-me a impedi-lo, e nós poderemos evitar outra guerra.

O eremita o encarou por um longo tempo antes de finalmente assentir e concordar.

– Se isso significa impedir outra guerra, eu irei com você para Coruscant.



O bibliotecário-chefe dos Arquivos Jedi era um respeitável Cereano chamado mestre Barra-Rona-Ban.

– Bem-vinda a Coruscant, padawan Nalia – ele disse, levantando-se da cadeira para receber Zannah com um sorriso quando ela entrou na sala. – Como foi a sua viagem?

O escritório do mestre Barra era muito parecido com o que ela esperava: muitos cadernos, anotações feitas à mão e datacards cobriam sua mesa, organizados em pequenas pilhas. Havia também uma pequena tela e um terminal que ela suspeitava que fossem conectados ao catálogo principal dos Arquivos, permitindo ao mestre Barra pesquisar à vontade.

– A jornada foi longa e sem imprevistos – ela respondeu.

Sua voz saiu calma e relaxada, embora seu coração estivesse acelerado. A ilusão que ela projetava de uma aprendiz do lado da luz servira bem até então, mas agora ela estava cara a cara com um mestre Jedi. Se cometesse o menor dos erros, tudo seria perdido.

– Foi bom fugir um pouco do frio – ela acrescentou. Nalia, diferente de seu mestre, não nascera em Polus: ela vinha das regiões tropicais de Corsin.

O Cereano riu, intensificando as rugas em sua longa testa em forma de cone.

– O mestre Anno discordaria de você, eu imagino.

Ela respondeu também com uma leve risada.

– Meu mestre envia seus cumprimentos – ela disse, lembrando que Anno e Barra estudaram juntos por um breve período na Academia de Coruscant. – Você planeja visitar Polus no futuro próximo?

– Temo que tal jornada seria impossível – ele respondeu com um suspiro. – Os Arquivos precisam da minha constante atenção.

– O mestre Anno alertou que você responderia isso – ela disse, sorrindo. – Ele disse que você usaria qualquer desculpa para não visitar Polus outra vez.

– Nem todo mundo gosta do gelo e da neve com o ardor dos Pyn’gani – o Cereano admitiu com um brilho matreiro nos olhos.

Após a troca de amenidades, ele voltou para sua cadeira e digitou uma senha em seu terminal, acessando um grande bloco de texto na tela.

– Eu revisei o seu pedido para acessar os Arquivos – ele disse a ela –, e acho que podemos acomodar você.

Ele digitou no terminal outra vez e inseriu um datacard. O terminal zumbiu quando carregou informações criptografadas no cartão.

– Os Arquivos estão disponíveis a qualquer hora do dia e da noite – ele informou. – Você terá permissão para acessar a coleção geral, mas, por favor, lembre-se que o conteúdo das salas de análise e da câmara dos holocrons Jedi é restrito.

– Acho que esse conteúdo não será necessário para minha pesquisa – ela o tranquilizou. – O mestre Anno foi muito específico sobre o que ele quer que eu pesquise.

O datacard foi expelido do terminal e o mestre Barra o entregou a Zannah.

– Insira esse datacard em qualquer terminal nos Arquivos sempre que quiser entrar no sistema e pesquisar algo. Trabalhos originais não podem sair das premissas, mas você pode copiar qualquer material que encontrar

no seu disco para uso pessoal. Tomei a liberdade de carregar o disco com alguns trabalhos seminais que podem ser interessantes para sua pesquisa – ele acrescentou, sorrindo para ela mais uma vez.

– Obrigada, mestre Barra – Zannah disse, curvando-se em uma reverência.

– Quanto tempo você acha que ficará aqui em Coruscant? – ele perguntou.

– Alguns dias, no máximo – ela respondeu. Zannah duvidava que pudesse manter a ilusão que mascarava seus poderes do lado sombrio por mais tempo do que isso. – O mestre Anno está ansioso para continuar sua pesquisa. Ele quer que eu volte assim que conseguir a informação que ele precisa.

O Cereano assentiu.

– É claro. Mas já que você está aqui, espero que não passe todo o seu tempo estudando parasitas e simbioses. Você tem uma rara oportunidade de explorar todo o conhecimento e maravilhas da galáxia, e espero que tire vantagem disso.

– Eu tentarei, mestre Barra – Zannah prometeu, embora não tivesse intenção alguma de ficar um segundo a mais do que o necessário.

– Boa sorte com a sua pesquisa, padawan Nalia – o bibliotecário disse, dispensando-a.

Com mais uma reverência, Zannah se virou e saiu do escritório, mais confiante em sua missão do que nunca. Se conseguia enganar o mestre Barra, bibliotecário-chefe dos Arquivos Jedi, fazendo que acreditasse que ela era Nalia Adollu, ela sabia que poderia enganar qualquer um.



A *MYSTIC* SAIU DO HIPERESPAÇO com um solavanco. Através da janela da cabine, um grande planeta se agigantava apenas a alguns quilômetros de distância, sua superfície escondida sob uma espessa camada de nuvens cinza. Bane checkou o computador navegacional, confirmando pelas coordenadas que havia mesmo chegado a Tython.

Assim como todos os planetas do Núcleo Profundo, Tython era um mundo coberto de mistérios e lendas. Alguns relatos diziam que os Jedi haviam visitado aquele mundo durante a era da Grande Caçada, três mil anos atrás, para exterminar os terríveis terentateks, criaturas monstruosas que se alimentavam do sangue daqueles que eram sensíveis à Força.

Lendas muito mais antigas identificavam Tython como o local de origem da Ordem Jedi, há mais de vinte e cinco mil anos. De acordo com a lenda, sacerdotes e filósofos daquele mundo possuíam a capacidade de extrair poder de uma energia mística que eles chamavam de Ashla; um poder que representava toda a compaixão e misericórdia no universo. Eles se opunham a um grupo rival que extraía poder da energia Boga, a manifestação da pura paixão e emoção desenfreada.

As histórias contavam sobre uma grande guerra entre dois grupos, com os seguidores da Ashla emergindo como favoritos. Os primeiros Cavaleiros Jedi supostamente foram uma evolução dos sobreviventes da guerra, criando os primeiros sabres de luz em suas cerimônias meditativas. Muitos anos depois, a lenda também dizia que alguns desses Jedi deixaram Tython e se aventuraram nas instáveis rotas do hiperespaço para compartilharem suas crenças com mundos além do Núcleo Profundo. E quando se encontraram e se misturaram com outras civilizações, Ashla e Boga se tornaram mais conhecidos como o lado da luz e o lado sombrio da Força.

Bane não sabia se a lenda era real, mas mesmo se fosse, isso apenas provava a superioridade do lado sombrio e sua inevitável conquista sobre a luz. Pois, apesar dos seguidores da Ashla supostamente terem vencido os seguidores da Boga, o lado sombrio prevalecera no fim. Tython, reverenciada por muitos

como o local de nascimento da própria Ordem Jedi, era agora um bastião de poder do lado sombrio, e local da fortaleza secreta de Belia Darzu.

Bane sabia que era possível que outras pessoas ainda vivessem em Tython: descendentes dos primeiros Jedi que sobreviveram por uma eternidade no isolamento do Núcleo Profundo. Mas ele não tinha interesse em procurá-los, mesmo se existissem. Armado com as informações do datacard de Hetton, ele estava indo diretamente para a fortaleza de Belia.

Empurrando o manche para a frente, ele enviou a *Mystic* em um mergulho para dentro da atmosfera do mundo coberto de nuvens. Rompendo a névoa, ele viu que a superfície possuía a cor de cinzas; campos desertos se estendiam ao infinito sob um manto contínuo de céu acinzentado sem nenhum sol aparente.

Ele conduziu a nave em um rasante a poucas centenas de metros acima do chão, enquanto corria na direção do único traço visível no horizonte: uma enorme fortificação com duas torres construída inteiramente em hiperaço negro.

A construção era quadrada e media cento e cinquenta metros de cada lado. Os muros exteriores se erguiam trinta metros sobre o chão, e a única entrada parecia ser um enorme portão de vinte metros de largura na face do muro frontal. As torres ficavam uma em cada lado do muro frontal, erguendo-se dez metros em cada canto.

Quando chegou perto, ele foi recebido por uma saraivada de tiros de canhões de íons posicionados nas torres. Bane puxou o manche com força, inclinando a *Mystic* noventa graus à direita, escapando por pouco do ataque inesperado. Com exceção de suas tecnoferas, a fortaleza de Belia deveria estar vazia.

Ele circulou e posicionou a nave de frente outra vez, acionando o sistema de mira sobre a primeira das duas torres. Os canhões de íons rugiram novamente, e Bane rolou para fora da linha de fogo ao mesmo tempo em que disparava com os lasers da *Mystic*, reduzindo uma das torres a um amontoado de ferro derretido.

Os sensores da *Mystic* não haviam detectado nenhuma forma de vida em sua passagem, sugerindo que os canhões de íons provavelmente faziam parte de um sistema de defesa automático ainda ativo após quase três séculos. Essa teoria foi confirmada vinte segundos mais tarde, quando Bane usou a mesma manobra de rolamento no ataque seguinte para eliminar a segunda torre; defesas automáticas sempre eram muito previsíveis.

Ele circulou a fortificação mais duas vezes, vasculhando visualmente e com os sensores para confirmar que não existiam outras ameaças antes de aterrissar a nave no chão estéril perto da entrada.

Sacando o sabre de luz, ele saltou da cabine e avançou cuidadosamente até ficar diante do portão negro. A entrada se agigantava sobre ele, uma enorme porta sem maçaneta, dobradiças ou painel de controle. Concentrando seu poder, ele pousou a mão esquerda contra a superfície. O portão explodiu, rompendo o metal para dentro com um estrondo alto que reverberou pelo longo corredor escuro que levava para a fortaleza.

Bane entrou no corredor, desconfiado e de olho em qualquer truque ou armadilha que poderia estar esperando por ele. Sentia o poder do lado sombrio naquele lugar, mas não detectou nenhuma ameaça imediata à sua pessoa, então prosseguiu com cautela.

Usando bastões luminosos para iluminar o caminho, ele explorou a fortaleza sala por sala, levantando poeira que permanecera intocada por séculos. O lugar fora primariamente uma base militar, a maioria do espaço tomado com os alojamentos e refeitórios necessários para abrigar um exército de seguidores. Mas as salas estavam desertas. Nem mesmo os vermes ou insetos, normais em um prédio abandonado, vagavam pelo lugar, embora não estivesse claro se eram mantidos longe dali pela energia sombria que permeava o ar ou por outro meio desconhecido.

Ao avançar pela fortaleza, Bane começou a entrar nos laboratórios químicos de Belia. Garrafas seladas com estranhos líquidos coloridos se espalhavam sobre mesas de metal. Forrando as paredes havia tonéis vazios que se conectavam a tubos de vidro em espiral usados para destilar ou separar misturas. Em uma das salas, os corações e cérebros de uma dezena de espécies diferentes flutuavam em jarros de vidro, preservados para sempre em fluidos transparentes. Outro laboratório continha anotações e rascunhos sobre as tentativas de Belia de transformar criaturas vivas em híbridos orgânico-droides.

Bane parou diante dessas anotações, passando a vista rapidamente antes de continuar. Ele não conseguiu entender aquela escrita misteriosa; ele precisava encontrar os arquivos de Belia – e, se possível, o holocron onde ela havia armazenado seu conhecimento – se quisesse compreender seus experimentos.

Perto dos fundos da construção ele se deparou com uma estreita escadaria que levava para os níveis subterrâneos. Uma coisa que a pesquisa de Hetton não fornecera era um mapa do interior da fortaleza, mas ele podia sentir o poder emanando sob seus pés. Não havia dúvida de que a fonte da energia sombria que pairava como fumaça no ar de cada sala e corredor da fortaleza vinha do final daquela escadaria. Seria lá, Bane sabia, que ele encontraria o santuário interno de Belia.

Ele desceu lentamente os degraus. Lá embaixo havia outro longo corredor estreito, e no final desse corredor havia uma pequena e arcaica porta de madeira. Um pálido feixe de luz fluorescente brilhava pela fresta no chão. Diferente do andar de cima, Bane percebeu, geradores ainda forneciam energia para a sala adiante – outro sinal de que era uma sala de importância crucial.

Bane se aproximou da porta, parando diante dela. Ele não conseguiu sentir nada do que o esperava do outro lado; sua percepção da Força estava sobrecarregada pela grande concentração de poder do lado sombrio. Respirando fundo, ele gentilmente empurrou a porta e olhou para dentro com um horror fascinado.

A câmara adiante era enorme, com ao menos cinquenta metros de comprimento e vinte de largura. Sozinho no centro havia um pedestal, sobre o qual descansava uma familiar pirâmide de quatro lados: o holocron de Belia Darzu. Mas não foi isso que lhe chamou a atenção. O resto da sala estava completamente tomado por um exército de tecnoferas.

As criaturas pareciam vir de todo tipo de espécie: uma coleção de humanoides e feras de todos os cantos da galáxia que foram vítimas do tecnovírus de Belia. No passado, foram uma combinação de carne e tecnologia, agora a maior parte dos tecidos vivos das tecnoferas havia apodrecido e caído do corpo. O que restava eram faixas dessecadas de pele e tendões que se penduravam nos ossos, colados por fios e pedaços de metal.

Os braços e mãos das criaturas que andavam sob duas pernas foram transformados em lâminas irregulares que se estendiam dos cotovelos. As maiores criaturas – como a tecnofera bantha que ele viu do outro lado da câmara, ou o rancor perto do pedestal no centro – se tornaram máquinas de guerra, com canhões blaster fundidos aos ombros e suas carapaças substituídas por armaduras blindadas e cheias de pontas.

Pela pesquisa de Hetton, Bane sabia que o tecnovírus atacava o lobo frontal do cérebro, reduzindo suas vítimas a meros autômatos incapazes de funções cognitivas complexas – um triste destino para qualquer sen-ciente. As criaturas na câmara estavam em um estado ainda pior. Com o passar dos séculos, o que restou de seus cérebros foi mantido vivo pelos nanogenes do tecnovírus, mas a inevitável degradação ao longo prazo comprometera suas habilidades motoras e os reduzira a carcaças de metal mumificadas.

Bane pensou que aquele exército na câmara devia ter vagado pelos corredores e salas da fortaleza, guardando o lugar contra ataques e servindo às necessidades de sua mestra. Com a morte de Belia – envenenada pelos assassinos da Ordem Mecrosa quando a aliança entre eles ruiu –, acabaram vagando sem nenhum propósito ou direção. Com o passar das décadas, as

criaturas foram lentamente atraídas para aquela câmara pelas energias do lado sombrio que irradiavam do holocron, o último resquício sobrevivente de sua mestra, chamando por eles do além. Impelidos apenas por um simples instinto primitivo, as criaturas foram incapazes de fazer qualquer outra coisa que não fosse obedecer, até que, um por um, todo o exército de tecnoferas se juntara naquela única câmara.

Um estranho silêncio pairava sobre a cena; as cordas vocais das infelizes criaturas haviam se desintegrado havia muito tempo. O único som era o leve zumbido de juntas mecânicas e o arrastar enferrujado de metal sobre o chão de pedra à medida que elas andavam lentamente em sua confusão. Ocasionalmente, elas batiam umas nas outras, provocando um baque metálico enquanto disputavam de maneira desajeitada uma posição mais próxima do holocron no centro da câmara. Mas apesar de estarem claramente atraídas pelo objeto, nenhuma ousava se aproximar mais do que três metros do pedestal. Apenas congregavam em um círculo ao redor, um exército de mortos-vivos esperando ordens que nunca viriam.

Bane pisou dentro da câmara, empunhando o sabre de luz. As tecnoferas ignoraram sua presença, dando atenção apenas ao holocron. Ele atravessou lentamente a legião de criaturas, tentando estimar sua quantidade enquanto chegava cada vez mais perto do centro. Cinquenta? Cem? Era impossível contar; seus corpos de metal enferrujado e carne mumificada pareciam se misturar em uma única massa tenebrosa.

Alcançando o pedestal no coração da câmara, ele parou, sem saber o que aconteceria quando tomasse o holocron para si. Será que as criaturas o reconheceriam como seu novo mestre, ou será que avançariam furiosos sobre ele para proteger o ídolo que adoravam? Havia apenas um jeito de descobrir.

Quando seus longos dedos se fecharam sobre o holocron, ele ouviu um barulho que o fez recuar a mão de repente. Soou como o gemido de um deus se erguendo da tumba; centenas de membros mecanizados entraram em ação com um zumbido frenético quando os monstros o atacaram.

Bane lançou uma onda da Força, e dezenas das criaturas explodiram em nuvens de poeira e metal retorcido. Mas os outros continuaram o avanço, cobrindo seu corpo. Seus pés pisotearam e chutaram Bane; os braços afiados tentaram cortá-lo enquanto estava caído no chão. Mas nenhum dos ataques conseguia penetrar as conchas de sua armadura orbalisk.

De costas, Bane atacou indiscriminadamente com o sabre de luz, decepando membros a cada golpe. Não houve gritos de dor ou sangue esguichando – os corpos de seus inimigos já não possuíam sangue desde que suas carnes apodreceram, séculos antes. Os únicos sons do combate eram os próprios

grunhidos do lorde sombrio, o tilintar de metal caindo no chão e a ocasional chuva de faíscas.

Mesmo em sua fúria, as criaturas eram lentas e desajeitadas. Os ataques ferozes de Bane rapidamente abriram espaço suficiente para ele se levantar. Quando se ergueu, ele viu a parede de criaturas avançando, e Bane disparou uma bateria de relâmpagos no meio das tecnoferas. Os raios arquearam através dos corpos metálicos; a nanotecnologia que animava seus corpos foi eletrocutada, e mais uma dezena de seus oponentes desabou para nunca mais se levantar.

Um forte golpe atingiu Bane repentinamente, o rancor metálico o lançou no ar com um ataque de sua enorme garra. Bane bateu de cara com aquilo que um dia fora um humano, e a tecnofera abriu sua boca e disparou uma nuvem de minúsculos esporos de metal diretamente em seu rosto.

Bane acabou inalando os esporos ao mesmo tempo em que cortava a criatura, fatiando diagonalmente do ombro até o quadril. Ele sentiu o tecnovírus dentro de seu corpo, com seus nanogenes perfurando a carne até chegar ao cérebro para consumir seu lobo frontal e começar o processo que o transformaria em uma abominação que não era nem droide e nem ser vivo.

Antes que pudesse usar a Força para salvar a si mesmo, ele sentiu uma onda de calor em seu sangue quando os orbalisks liberaram uma substância química para destruir os invasores microscópicos. Seu crânio parecia queimar à medida que seu coração bombeava a substância cáustica através da artéria carótida e os capilares do cérebro, mas ele também podia sentir os nanogenes secando e morrendo sob o calor quase instantaneamente.

Usando a dor em sua cabeça para alimentar sua raiva, Bane girou e saltou sobre o rancor, fatiando suas duas pernas de metal. Os canhões laser nos ombros da criatura tentaram atirar nele, mas nos mais de duzentos anos desde sua criação, as células de energia haviam perdido sua carga e o único resultado foi um fraco clique. O torso caiu no chão, mas as garras ainda tentaram agarrá-lo; Bane precisou saltar para trás antes de se lançar para a frente para decepar os braços na altura dos ombros.

Com aquele inimigo derrotado, ele usou a Força para desintegrar mais duas tecnoferas que avançavam, e então sentiu algo apertando seu pé. Ele olhou para baixo e viu que a mandíbula do rancor havia se fechado sobre sua bota; estava tentando mastigar sua perna. Mais uma vez, sua armadura orbalisk o protegeu, e Bane cortou a cabeça do rancor, aliviado quando viu que a criatura finalmente parou de se mexer.

Ainda havia dezenas e mais dezenas de tecnoferas na câmara, avançando de todos os lados. Bane agora entendia que as criaturas não conseguiam machucá-

lo de jeito nenhum, mas também sabia que elas não parariam até que todas fossem reduzidas a pó.

O extermínio durou mais de uma hora. Ele usou o sabre de luz para repetidamente desmembrar seus inimigos, usando a Força para afastar a exaustão dos braços, pernas, ombros e costas. Por três vezes ele perdeu o foco, seus instintos marciais saindo de sincronia pelo enervante silêncio de seus inimigos enquanto eram destroçados. A cada vez que sua atenção se perdia, ele era derrubado ao chão pelos golpes de uma das criaturas que chegavam perto o bastante para fazer contato, e Bane era forçado a se erguer novamente. Em duas outras vezes durante o combate ele sentiu a queimação em seu cérebro quando os orbalisks livraram seu sistema de mais outra nuvem dos esporos que ele inalara inadvertidamente.

Quando acabou, todos os músculos de seu corpo doíam de tanto cortar as centenas de metros cúbicos de metal que vinham pela frente, trazendo de volta lembranças dos longos turnos que ele precisava suportar nas minas de Apatros quando era jovem. De parede a parede a câmara estava coberta com membros, torsos e cabeças de tecnoferas, a carnificina apenas menos horrível por causa do fato de que não havia tripas e sangue.

Chutando para o lado os restos com suas pernas cansadas, Darth Bane lentamente abriu caminho até o centro da câmara. Ele desativou o sabre de luz e o pendurou no quadril, depois cambaleou para a frente, agarrando o pedestal para não desabar no chão com suas coxas e panturrilhas sofrendo de câibras simultaneamente.

Cerrando os dentes, ele se inclinou pesadamente sobre o pedestal para tirar o peso de seus músculos travados. Respirando fundo, ele convocou o que restava de suas habilidades da Força para reparar sua energia. Após vários minutos, os espasmos começaram a diminuir, e ele foi capaz de ficar de pé outra vez.

Seu corpo e sua força de vontade estavam exaustos; seria uma opção inteligente se ele descansasse antes de tentar usar o holocron. Mas ele chegara tão longe, e aguentara tanta coisa, que agora não podia mais adiar nada.

Ainda agarrando o pedestal com as duas mãos para se apoiar, o mestre Sith observou o talismã, focando sua vontade em trazer o objeto à vida. Lentamente, o holocron começou a pulsar com uma suave luz interior de tom violeta, e Bane sorriu.

Logo, todos os segredos de Belia Darzu seriam seus.

– PENSEI QUE VOCÊ JÁ TINHA deixado essa loucura para trás – Farfalla disse com um tom desapontado e sacudindo a cabeça.

– Não é loucura – Johun insistiu – Ele estava lá, mestre. Ele viu com seus próprios olhos!

Farfalla suspirou e se levantou da cadeira, começando a andar sem rumo sobre o carpete de seu aposento privado. Johun permaneceu sentado, concentrando-se em ficar calmo, deixando seus argumentos serem guiados pela lógica e a razão.

– Como Hoth lidava com a sua teimosia? – Valenthyne perguntou, parando e jogando as mãos no ar em exasperação.

– As suas personalidades são muito diferentes – Johun comentou. – Hoth muitas vezes me acusava de ser passivo demais.

Farfalla sacudiu a cabeça outra vez e retornou para a cadeira.

– Você tem certeza que essa testemunha é confiável? – ele perguntou, fazendo alusão aos mercenários que Johun quisera interrogar há dez anos.

Johun assentiu.

– Todos os detalhes de sua história batem. Ele se chama Darovit agora, mas na época ele era conhecido como Tomcat. Os registros mostram que ele foi recrutado em Somov Rit por Torr Snapit, e ele veio com seus primos para se juntar ao Exército da Luz.

– E um desses primos é a garota que ele diz que cortou sua mão?

– Uma garota dez anos atrás – Johun notou. – Agora ela já seria uma mulher. O nome da prima era Rain. Ela se perdeu em um ataque dos Sith pouco depois de eles aterrisarem em Ruusan. Ela desapareceu e foi dada como morta, mas deve ter sido encontrada por esse tal lorde Bane e levada como sua aprendiz.

– Eu já ouvi esse nome antes – Farfalla admitiu, recostando-se na cadeira. – Foi mencionado em alguns dos depoimentos dos lacaios dos Sith que nós tomamos como prisioneiros. Se eu me lembro bem, ele foi um dos últimos Sith a entrar na Irmandade.

Johun assentiu.

– Darovit disse a mesma coisa. Ele disse que Bane sempre relutou em seguir Kaan. Se ele recusou a se juntar ao resto da Irmandade na caverna, isso explicaria como ele sobreviveu à bomba de pensamento!

– É possível – Farfalla admitiu. – Mas como Darovit reconheceu Bane?

– Ele desertou para se juntar aos Sith no final da guerra.

Farfalla jogou as mãos para cima novamente.

– Um desertor, Johun? Um traidor dos Jedi? O Conselho nunca vai acreditar nisso!

– Mas é isso que faz sua história ainda mais crível – Johun retrucou. – Se ele estivesse mentindo, ele poderia facilmente encontrar alguma razão que explicasse como reconheceu lorde Bane. Mas ele admitiu livremente seu crime porque decidiu que chegou a hora de falar a verdade.

– E por que isso? – Farfalla quis saber. – O seu relato diz que ele viveu como um curandeiro em Ruusan na última década. Por que ele decidiu, de repente, contar a verdade?

– Quando falei com ele em Ruusan, eu o convenci dos perigos que os Sith representam. Ele quer impedir Bane antes que outra guerra estoure.

Farfalla ergueu uma sobrancelha.

– Você o convenceu? Após uma década de silêncio, só foi preciso um encontro com você para ele mudar de ideia? Como, exatamente, você conseguiu isso?

– Eu não usei a Força – Johun protestou. – Não exatamente. Eu não usei a Força para obrigá-lo. Eu apenas o deixei mais disposto a me ouvir.

– Você está tornando isso muito difícil para mim – Valenthyne disse, esfregando uma das têmporas.

- Estou apenas pedindo para você conversar com ele pessoalmente, mestre – Johun implorou. – Ouça o que ele tem a dizer. Ouça o relato, depois decida se você deve levá-lo diante do Conselho.
 - Está bem, Johun – Farfalla disse, assentindo. – Eu me encontrarei com ele. Onde ele está agora?
 - Ele queria aprender mais sobre as artes de cura de nossa Ordem – Johun explicou. – O mestre Barra deu acesso a ele aos arquivos.
 - Valenthynne bateu em suas coxas e se levantou.
 - Então sugiro que o encontremos antes que eu me arrependa.
-

A coleção geral dos Arquivos Jedi ficava em quatro longos saguões construídos sob uma enorme rotunda central. Cada saguão continha um largo corredor principal, com centenas de corredores secundários menores saindo de cada lado. Forrando as paredes dos corredores secundários ficavam as prateleiras: trilhões de datatapes e datacards organizados em milhões de categorias, tópicos e subtópicos. Os discos de um saguão em particular podiam ser acessados através de qualquer um dos terminais montados ao longo do corredor principal. Cada terminal era equipado com um índice-mestre, mas para facilitar as coisas, cada saguão também representava uma linha específica, embora muito abrangente, de conhecimento.

O primeiro saguão, aquele pelo qual todos os visitantes passavam quando entravam nos arquivos vindos do Templo Jedi, continha obras de filosofia e registros históricos. Inclusos ali estavam os diários pessoais dos Jedi, líderes políticos e indivíduos de importância histórica. Tratados básicos examinando a Força também ficavam naquela seção, embora muitos desses trabalhos fossem restritos aos padawans, ou eles poderiam se desvirtuar, se interpretassem mal essas obras.

O segundo saguão continha trabalhos dedicados às ciências matemáticas e à engenharia, incluindo teorias do espaço-tempo e construção de hiperpropulsores, plantas de prédios governamentais e esquemas detalhados de cada veículo, arma ou apetrecho existente. O terceiro saguão era focado na geografia e cultura dos milhões de planetas conhecidos da galáxia. Mapas, tanto planetários quanto interestelares, assim como descrições detalhadas de cada civilização registrada, do passado e do presente, dominavam as prateleiras do terceiro saguão.

Entretanto, Zannah – ainda disfarçada de Nalia – se dirigia agora para o quarto saguão. Era lá que se encontravam as pesquisas e informações zoológicas de virtualmente todas as formas de vida da galáxia. Aquele era seu terceiro dia nos Arquivos, e ela ainda não havia encontrado o que procurava. Os trabalhos pré-gravados no datacard que o bibliotecário-chefe lhe entregara haviam ajudado a focar sua pesquisa, mas localizar um pedaço específico de informação em um oceano infinito de conhecimento não era tarefa simples.

Se tivesse voltado ao mestre Barra, ou abordado algum dos droides de análise que vagavam pelos Arquivos, e pedisse por informações sobre orbalisks em vez do assunto mais geral dos organismos parasitas, ela poderia ter progredido mais rapidamente. Mas isso entraria em conflito com seu disfarce e levantaria questões indesejadas. Então Zannah fora forçada a procurar as informações usando apenas as habilidades que desenvolvera enquanto estudava sob a orientação de Darth Bane.

Seus esforços rapidamente trouxeram milhares de artigos e experimentos que faziam ao menos uma referência aos orbalisks, mas ela ainda não havia encontrado nenhuma menção de como removê-los sem matar o hospedeiro. Ela sabia que estava ficando sem tempo, mas enquanto atravessava o primeiro corredor na direção da rotunda, Zannah estava determinada a encontrar aquilo que procurava.

Sempre havia uma grande quantidade de pesquisadores nos Arquivos, mas os corredores primários de cada saguão eram muito largos, e as prateleiras eram tão numerosas e profundas que Zannah nunca sentiu falta de privacidade. Isso permitia a ela trabalhar sem medo de alguém acidentalmente descobrir o que estava investigando. Entretanto, ela ainda sentia uma pontada de apreensão sempre que alguém passava por perto, preocupando-se que sua aura projetada de poder do lado da luz pudesse falhar.

Ela assentiu para um dos droides de análise quando entrou na rotunda central e virou para a direita, seguindo para o quarto corredor. Zannah passou pelos bustos de bronze que homenageavam membros poderosos e memoráveis da história da Ordem. Ela parou, como sempre fazia, na frente dos bustos dos Perdidos: os únicos doze indivíduos que haviam voluntariamente deixado a Ordem e renegado os votos que fizeram quando se tornaram Cavaleiros Jedi.

Os Perdidos serviam como uma lembrança para os Jedi de que, apesar de sua sabedoria e talento com a Força, eles não eram infalíveis. Os Jedi enxergavam cada um dos Perdidos como um fracasso de sua Ordem, mas não como fracassos individuais. Uma placa em cada busto recontava a história do indivíduo, elogiando aquilo que ele ou ela conquistara e contribuía antes de deixar a Ordem. Curiosamente, nenhuma das placas oferecia a razão da saída.

Zannah sacudiu a cabeça e continuou. Como uma Sith, ela não conseguia imaginar qualquer razão para homenagear alguém que abandonasse sua causa... porém, com apenas um mestre e um aprendiz, os Sith foram transformados em algo muito diferente da Ordem Jedi e seus vastos números.

Ela prosseguiu pelo quarto saguão, buscando a privacidade do último terminal no corredor central. Zannah inseriu seu datacard pessoal que o mestre Barra havia lhe fornecido para ter acesso ao catálogo dos Arquivos e então retomou sua pesquisa de onde havia deixado no dia anterior.

Juntando uma lista de números do índice, ela digitou uma senha para travar seu terminal para outros usuários, depois seguiu para as prateleiras para apanhar a meia dúzia de datacards que ela queria estudar mais detalhadamente. Por necessidade, os datacards nos Arquivos possuíam quase o dobro do tamanho de seu datacard pessoal; cada um continha o texto completo de centenas – talvez até milhares – de títulos diferentes.

Por cinco longas horas ela continuou pesquisando sem parar. Por várias e várias vezes ela retirou datacards e vasculhou seu conteúdo, apenas para descobrir que não possuíam nada de novo. Frustrada, ela retirava os cartões do terminal e compilava uma nova lista de possíveis fontes, depois retornava para as prateleiras para trocar os datacards usados por outros que prometiam resultados melhores.

Foi o ronco em seu estômago que a alertou para que fizesse uma pausa. Se ela se distraísse – cansada demais ou faminta –, seu feitiço podia vacilar, expondo sua verdadeira natureza para aqueles ao redor. Já acontecera antes, no primeiro dia, quando forçou demais a si mesma e pesquisou até tarde da noite. Durou apenas um instante, um lapso momentâneo, mas podia ser suficiente para acabar com tudo. Felizmente, àquela hora da noite o lugar estava quase deserto, e não havia ninguém perto o bastante para notar a presença de uma Sith. Desde então, Zannah passou a tomar muito mais cuidado.

Havia um último datacard para checar; depois ela seguiria para a cantina e retornaria assim que saciasse sua fome. Ela inseriu o cartão no terminal e rapidamente passou a vista no conteúdo. Quando encontrou o que procurava, ela apertou um botão; um bloco de texto de um trabalho acadêmico apareceu na tela.

EXAMINANDO E EXPLORANDO UM ORGANISMO PERIGOSO E RESISTENTE

Por Dr. Osaf Hamud

Em meus anos de estudo eu encontrei uma grande quantidade de formas de vida que subsistem primariamente através de relações simbióticas com outras espécies. Algumas dessas relações são comensalistas, nas quais nenhuma das espécies é afetada de modo significativo pela presença da outra. Outras relações são mutualistas, quando permitem que ambas as espécies se beneficiem de sua existência compartilhada. E há ainda outras relações que são parasíticas, nas quais o organismo hospedeiro sofre enquanto o simbiote prospera.

É claro, para classificar adequadamente qualquer relação simbiótica em uma dessas três categorias, é preciso definir explicitamente o significado de palavras como *danoso* ou *benéfico*, uma tarefa que muitos consideraram...

Zannah piscou duas vezes para clarear o estupor que se instalava sobre ela. A coleção geral dos Arquivos incluía tudo, desde os diários de exploradores que eram tão excitantes de ler quanto qualquer obra de ficção, até trabalhos acadêmicos tão secos e entediados que testariam os limites da paciência até de um mestre Jedi. Aparentemente, os trabalhos do Dr. Osaf Hamud caíam nessa última categoria.

Por um breve instante, ela considerou simplesmente retirar o cartão e ir atrás de uma refeição, mas preferiu fazer uma busca rápida pela palavra *orbalisk*. Uma dezena de páginas passaram pela tela até chegar à seção relevante.

... chamados orbalisks pela população local dos Nikto. Um guerreiro relatou como ele fora infestado durante quase um ano inteiro antes de se livrar das criaturas, pois elas o desfiguraram tanto que ele não conseguia encontrar uma parceira.

Isso nos leva de volta ao nosso dilema anterior de como definir danoso e benéfico. Revisitando a discussão anterior, nós precisamos agora incluir a capacidade de encontrar uma parceira em nossas discussões...

Zannah levou os olhos de volta para o topo da página.

... Um guerreiro relatou como ele fora infestado durante quase um ano inteiro antes de se livrar das criaturas...

Em desespero, ela digitou uma nova frase, depois fez uma nova pesquisa.

É um fato geralmente aceito pela maioria dos zoólogos que os orbalisks não podem ser removidos sem matar o hospedeiro. Entretanto, minha pesquisa revelou que uma infestação pode ser curada, embora o processo seja perigoso e extremamente complicado, com detalharei aqui.

Primeiro, o hospedeiro deve estar em excelente saúde. Como é de se esperar, a própria definição de excelência, e até mesmo de saúde, precisa ser examinada...

Ela encontrou. Ela encontrou! Zannah saltou e fechou o punho em uma silenciosa celebração, quase incapaz de conter um grito de triunfo. E, em seu momento de alegria, o feitiço que escondia sua verdadeira identidade vacilou.

Zannah rapidamente recuperou o controle, olhando para os lados para ver se alguém havia notado. Com o coração martelando, ela inseriu rapidamente o datacard que o mestre Barra havia lhe dado para copiar o artigo sobre os orbalisks.

Atrás dela, veio uma voz:

– Rain? O que você está fazendo aqui?



Darovit andava pelo largo corredor do quarto saguão dos Arquivos Jedi, impressionado pelo volume de conhecimento nas prateleiras.

Ele havia brevemente tentado procurar por informações sobre a fauna e flora nativas de Ruusan, querendo expandir seu conhecimento para que pudesse auxiliar melhor aqueles que buscavam sua ajuda. Porém, ele estava acostumado com um mundo mais simples, e achou intimidadora a tecnologia dos Arquivos. Um droide de análise havia explicado como usar os sistemas de busca para encontrar as informações nas prateleiras, mas aquela rápida aula deixou Darovit ainda mais confuso.

Havia outros pesquisadores ali, e ele poderia ter pedido ajuda para qualquer um deles. Mas como uma pessoa que valorizava a própria privacidade, ele não queria interromper os outros. No fim, ele simplesmente passou a andar pelos corredores, esperando o retorno de Johun.

Darovit estava começando a se arrepender de sua decisão de viajar para Coruscant. Ele se deixara levar naquele momento pelo Cavaleiro Jedi, a ideia de impedir outra guerra com os Sith parecendo atraente para os ideais românticos que o levaram até Ruusan em primeiro lugar, quando era adolescente. Mas aqueles eram os sonhos de uma criança; agora ele era mais velho e mais sábio.

Os Jedi atuavam em um mundo que não era dele. O destino de toda uma galáxia pesava sobre os ombros dos Jedi; suas decisões afetavam trilhões de vidas. Darovit não queria esse tipo de responsabilidade. Cercado pela grandeza e glória dos Arquivos, tudo que ele queria era retornar para sua simples cabana na floresta.

Infelizmente, isso poderia não ser mais uma opção. Ele estava em Coruscant agora, e Johun parecia determinado a levar seu relato ao Conselho Jedi.

Para distrair a mente, ele começou a estudar os outros pesquisadores. Eram todos Jedi: padawans e mestres, jovens e velhos, humanos ou de diversas outras raças. Ele notou uma jovem atraente com longos cabelos escuros olhando atentamente para uma tela, mordendo os lábios enquanto estudava um trabalho acadêmico.

Havia algo familiar sobre ela, embora Darovit tivesse certeza de que nunca a vira antes. Na última década, ele não se encontrara com ninguém, exceto os poucos indivíduos que o procuravam em sua cabana, e a mulher certamente não parecia ter saído das fazendas e vilas de Ruusan.

Ele se aproximou discretamente dela, não querendo interromper seus estudos, mas tentando descobrir se a conhecia. Por vários minutos, ele a observou; a garota estava obviamente frustrada, incapaz de encontrar o que procurava nos datacards. Repentinamente, ela saltou no ar, fechando o punho em um gesto vitorioso, e Darovit sentiu uma presença familiar recair sobre ele.

Nos primeiros dez anos de sua vida, aquela presença estivera constantemente ao seu lado. Quando crianças, eles possuíam uma ligação que ultrapassava o fato de serem meros primos – eles eram tão próximos quanto irmão e irmã. E apesar de a pessoa diante dele possuir cabelos negros, e não loiros, não havia dúvida de quem se tratava na mente de Darovit.

– Rain? – ele chamou suavemente, para não assustá-la. – O que você está fazendo aqui?

A mulher girou em sua direção, com olhos arregalados. Ela o encarou com uma expressão neutra, incapaz de reconhecer o homem que vira pela última vez há dez anos, quando ainda era um garoto. Então seus olhos baixaram até o toco da mão direita, e seu queixo caiu.

– Tomcat?

Ele assentiu, depois acrescentou:

– Agora eu me chamo Darovit. Mas às vezes ainda acho que Tomcat soa melhor.

– Você é um Jedi agora? – ela disse, confusa por sua presença nos Arquivos.

– Não – ele respondeu rapidamente, não querendo ser confundido com algo que ele não era. – Eu fiquei em Ruusan depois... depois disto – ele ergueu o toco. – Eu me tornei um curandeiro.

– O que você está fazendo aqui?

– Eu vim para... – Ele parou no meio da frase, repentinamente reconhecendo o perigo em que Rain se encontrava. O perigo que ele trouxe para ela. – Rain, precisamos sair daqui! Os Jedi estão procurando por você!

– Tomcat, do que você está falando?

– Um Jedi veio até Ruusan. Eu contei a ele sobre você e Bane. Foi por isso que eles me trouxeram até aqui!

Os olhos da jovem mulher brilharam com puro ódio e raiva, e por um segundo Darovit pensou que ela fosse matá-lo no meio dos Arquivos Jedi.

– O quanto eles sabem? – ela exigiu saber. – Diga-me tudo que você contou a eles!

– Rain, não temos tempo – ele protestou. – Eu estava esperando aqui para eles virem me buscar. Eles podem chegar a qualquer momento. Você precisa sair daqui, ou eles irão encontrá-la!

Ela se virou e apertou um botão no terminal; um pequeno datacard foi ejetado. Ela o apanhou e guardou. Então ela agarrou Darovit pelo punho e o puxou pelo corredor na direção da rotunda central. Ela se movia o mais rápido possível sem chamar atenção, com um ritmo entre uma caminhada rápida e uma corrida.

Darovit não tentou resistir, mas perguntou:

– Para onde estamos indo?

– Tython – ela sussurrou. – Preciso alertar meu mestre.

Eles alcançaram a rotunda, mas em vez de virarem no primeiro saguão e seguirem para a saída, ela o levou para o terceiro saguão.

– O que você está fazendo, Rain? – Darovit perguntou, sua voz se erguendo levemente. – Precisamos fugir!

Um dos outros pesquisadores – uma mulher mais velha com cabelos ruivos, sentada diante de um terminal – se virou para eles, sua atenção atraída pelas exclamações de Darovit.

– Silêncio, Tomcat – Rain disse, assentindo na direção da mulher como se pedisse desculpas. – Você está perturbando os outros.

A velha senhora voltou para sua tela. A companheira de Darovit chacoalhou seu braço.

– Desculpe – ele sussurrou, apenas alto o bastante para ser ouvido. – Mas você precisa sair daqui. Siga para Tython antes que eles a encontrem aqui.

– Eu não sei onde fica Tython – ela retrucou através de dentes cerrados. – Precisamos encontrar uma rota do hiperespaço.

Seguindo para um dos terminais ao lado da mulher ruiva, Rain apertou uma série de botões. Um segundo mais tarde, a tela ganhou vida com uma lista de números de referência.

– Achei – ela disse, empurrando Darovit no assento do terminal. – Espere aqui.

Ela desapareceu no meio das prateleiras, movendo-se com o mesmo ritmo, metade caminhada, metade corrida. Enquanto Darovit esperava sua volta, ele percebeu que sua lealdade havia mudado de repente. Ele fora atraído para Coruscant com a intenção de ajudar os Jedi a destruir os Sith e prevenir uma guerra. Mas o conceito abstrato de sofrimento em escala galáctica significava pouco agora que ele se deparou com sua amiga de infância. Agora, tudo que podia pensar era o que aconteceria com Rain se ela fosse capturada, e ele percebeu que estava disposto a fazer qualquer coisa para mantê-la segura.

Menos de um minuto mais tarde, ela retornou e inseriu um datacard no terminal. Inclinada sobre Darovit, que ainda estava sentado na cadeira, ela digitou nos controles até a imagem de um mundo coberto de nuvens aparecer na tela.

– Preciso copiar isto – ela disse, apanhando o datacard que vinha usando quando ele a viu pela primeira vez e inserindo-o em outra entrada do terminal.

– Por que não simplesmente pegar o original? – Darovit perguntou.

– Sensores nas portas dos Arquivos – ela explicou. – Remover um original faz o alarme disparar.

O terminal soltou um bipe e o datacard foi ejetado após terminar a cópia. Zannah o guardou em suas roupas, depois puxou Darovit pelos cotovelos.

– Vamos. Antes que seus amigos apareçam.

Sem se dar ao trabalho de devolver o original para as prateleiras, ela o conduziu para fora do terminal. Zannah o levou até a rotunda, depois atravessou o corredor principal do primeiro saguão até a saída, e então os dois deixaram os Arquivos para trás.

– EU NÃO ENTENDO, MESTRE VALENTHYNE – Johun disse, olhando para todos os lados enquanto eles andavam pelos corredores dos Arquivos Jedi. – Eu o deixei aqui há menos de uma hora.

Ele esperava encontrar Darovit sentado diante de um terminal em um dos quatro saguões, ou talvez examinando os bustos de bronze na rotunda. Mas quando levou o mestre Valenthynne para conversar com o jovem rapaz, Darovit havia sumido.

– Ele provavelmente se perdeu em algum lugar no meio das prateleiras – Farfalla o tranquilizou.

Johun sinalizou para um droide de análise. O droide se virou e se dirigiu para os dois rapidamente, andando com seus passos desajeitados.

– Posso ajudar? – o droide perguntou.

– Estou procurando por uma pessoa – Johun explicou. – Um jovem rapaz.

– Seres de todas as espécies e idades visitam os Arquivos – o droide respondeu. – Eu poderia ajudar melhor se você pudesse fornecer uma descrição, mestre Jedi.

– Ele não tem a mão direita.

Houve um suave zumbido quando o droide acessou seus bancos de memória recente.

– Creio que vi recentemente o rapaz que você procura no terceiro saguão – o droide disse, virando-se para mostrar a direção.

Johun não quis esperar; ele passou pelo droide apressadamente. Farfalla o seguiu de perto.

Havia muitas pessoas examinando os datacards localizados no terceiro saguão, mas o curandeiro eremita de Ruusan não estava entre eles.

– Precisamos encontrá-lo! – Johun disse para seu mestre, depois percorreu correndo todo o saguão, olhando para os corredores laterais para saber se Darovit estava escondido entre as prateleiras. Seu jeito afobado atraiu a ira de vários dos pesquisadores.

Farfalla agarrou Johun quando ele passou correndo pela segunda vez, impedindo que desse mais uma volta no saguão.

– Ele não está aqui, Johun – ele disse.

Eles ouviram alguém limpando a garganta de um jeito exagerado, e os dois homens se viraram para ver uma velha senhora ruiva olhando com irritação para eles.

– Mestre Valenthynne – ela disse –, eu respeitosamente venho lembrá-los que os Arquivos são um lugar de pesquisa contemplativa. Seria melhor o seu amigo continuar seus exercícios em alguma sala de treinamento.

– Perdão, mestra Qiina – ele sussurrou. – Mas este é um assunto urgente. Estamos procurando por alguém que se perdeu.

– É fácil se perder na sabedoria dos Arquivos – Qiina respondeu. – Eu mesma desapareço aqui por dias a fio.

Farfalla sorriu por educação.

– Isto é um pouco diferente.

O droide de análise que os ajudara antes apareceu andando na direção deles, apenas agora alcançando-os. Johun olhou para o droide, depois olhou de volta para a mestra Qiina.

– Estamos procurando por um rapaz – ele disse a ela. – Ele não tem a mão direita.

Qiina ergueu as sobrancelhas.

– Eu o vi não faz nem trinta minutos. Ele estava com uma jovem mulher.

– Uma mulher? – Farfalla perguntou, surpreso.

– Eles pareciam se conhecer – a velha Jedi informou. – Eles chamavam um ao outro com apelidos. Tomcat e Rain, se eu me lembro corretamente.

Johun agarrou o braço de Farfalla.

– Rain era sua prima! Aquela que ele encontrou na caverna. Ela está aqui!

– Você sabe para onde eles foram, mestra Qiina? – Farfalla perguntou.

A velha senhora sacudiu a cabeça.

– Eles estavam usando aquele terminal ali para pesquisar alguma coisa. Depois eles foram embora.

Farfalla se virou para o droide.

– Existe algum jeito para descobrir quais registros eles estavam pesquisando?

– Sinto muito, mestre Jedi – o droide respondeu. – Para proteger a privacidade de nossos pesquisadores e para evitar prejudicar suas pesquisas, os terminais não gravam nenhum dado sobre quais registros foram usados.

– Seus amigos pareciam muito apressados – Qiina disse. – Duvido que se deram ao trabalho de devolver o datacard para as prateleiras. Provavelmente ainda está inserido no terminal.

Johun correu para a tela. O último usuário ainda estava registrado, sob o nome de *Nalia Adollu*. Assim como Qiina sugeriu, havia um datacard dentro. Ele acessou o índice do disco quando Farfalla veio e olhou sobre seu ombro.

– Tython – o mestre Jedi comentou, percebendo o tema comum entre os milhares de artigos e trabalhos referenciados no índice. – O local de nascimento dos Jedi.

– Deve ser para lá que eles estão indo – Johun insistiu. – Bane deve ter se escondido no Núcleo Profundo!

Ele se voltou para Farfalla, puxando o braço de seu mestre com urgência.

– Você precisa convencer o Conselho a nos deixar ir atrás deles.

Os olhos de Farfalla estavam frios e severos.

– Duvido que o Conselho terá alguma pressa em agir sobre esse assunto – ele alertou.

– Mas mestre Valenthyn... – Johun implorou, porém o mestre Jedi o interrompeu com um acentuado gesto da mão.

– O Conselho não irá ajudar você, Johun. Portanto, precisamos ir para Tython sozinhos.

Os olhos de Johun se arregalaram.

– Eu fiz um juramento para o general Hoth – Farfalla explicou, sua voz tomando o tom endurecido de uma ordem militar que ele não usava desde o fim do Exército da Luz. – Prometi que não descansaria até que os Sith fossem eliminados da galáxia. Ainda pretendo honrar essa promessa. Vá encontrar a mestra Raskta e o mestre Worrer – ele acrescentou. – Eles também serviram a Hoth em Ruusan. Eles se juntarão a nós em nossa causa. Diga a eles que partiremos dentro de uma hora.



A primeira coisa que Zannah fez após a *Loranda* escapar da órbita de Coruscant e saltar para o hiperespaço foi tirar a tinta preta de seus cabelos.

Ela acionou o piloto automático antes de seguir para as cabines privadas nos fundos da nave, deixando Tomcat sozinho para perambular pelos compartimentos. Quando ela voltou, ainda secando os cabelos loiros com uma toalha, ele estava calmamente esperando por ela.

Tomcat se instalara em um dos longos sofás na área de estar da *Loranda*, reclinando-se confortavelmente. Julgando pela bebida em sua mão, ele também localizara a coleção de destilados que Hetton mantinha a bordo. Ainda vestido com as roupas gastas de um eremita, ele transmitia uma imagem que era levemente cômica.

– Mesmo sem a tintura do cabelo, você ainda não parece nada com o que eu pensava que você pareceria quando crescesse – ele disse a ela.

Zannah não havia apenas mudado a cor do cabelo; ela também trocara as cinzentas roupas de Jedi por sua familiar e confortável vestimenta negra. Sendo canhota, ela pendurou o sabre de luz do lado esquerdo da cintura, e o valioso datacard com o artigo sobre os orbalisks estava seguro em um bolso costurado em suas calças ao longo da coxa direita.

– É assim que eu sou de verdade – ela lhe assegurou.

Zannah muitas vezes assumia papéis e disfarces em suas missões para Darth Bane, e ela geralmente não via problemas em enganar os outros. Porém, por alguma razão, ela detestava o disfarce de Nalia, e estava ansiosa – quase desesperada – para se livrar de todos os resquícios de sua fachada de padawan.

– Então eu sou o seu prisioneiro? – ele perguntou quando ela se sentou diante dele.

– Eu diria que prisioneiros não bebem tarul sentados em sofás confortáveis – ela disse, jogando a toalha nas almofadas ao lado.

– Então por que você me trouxe junto? – Tomcat perguntou, ajeitando-se e inclinando-se para a frente, repentinamente sério e atento.

– Eu não podia deixar você para trás. Você iria expor a mim e a meu mestre para o Conselho Jedi. Você era uma ameaça aos Sith.

– Você acredita mesmo que é uma Sith, Rain?

– Não me chame assim – ela disse com irritação. – Rain está morta. Ela morreu em Ruusan. Meu nome agora é Zannah.

– Acho que Tomcat também morreu em Ruusan – ele concordou com uma expressão sombria, girando lentamente o copo em sua mão. – Você provavelmente deveria me chamar Darovit agora. Mas você não respondeu a minha pergunta. Você acredita mesmo que é uma Sith?

– Eu sou Darth Zannah, aprendiz de Darth Bane, lorde sombrio dos Sith – ela disse, sem tentar esconder o feroz orgulho que sentia pelos títulos. – E um dia eu destruirei meu mestre e escolherei um novo aprendiz, continuando o legado do lado sombrio.

– Eu não acredito nisso – Darovit disse a ela, obviamente não se deixando impressionar pela declaração dela. – Eu conheço você, Zannah. O mal não faz parte de você.

– *Mal* é uma palavra usada pelos ignorantes e pelos fracos – ela retrucou. – O lado sombrio é uma questão de sobrevivência. É para aqueles que desejam liberar seu poder interior. O lado sombrio glorifica a força do indivíduo.

– Isso também não faz parte de você – Darovit comentou. – Seguidores do lado sombrio precisam ser brutais e impiedosos. Você se preocupa com os outros, Zannah.

– Você não me conhece – ela zombou dele. – Já matei mais pessoas do que você pode imaginar.

– Eu também matei pessoas. O Bug morreu por minha causa – Darovit disse suavemente, referindo-se ao terceiro primo que seguiu com eles para Ruusan. – Mas matar pessoas não transforma ninguém em um Sith – ele disse com um tom de voz mais alto.

– Não venha me ensinar sobre a minha ordem – Zannah o alertou, levantando-se e apanhando a toalha. – É impossível você saber alguma coisa que eu já não tenha aprendido.

– Posso não conhecer o lado sombrio – Darovit admitiu, olhando para ela. – Mas eu conheço você. Sei do que é capaz.

Zannah lançou a toalha com raiva do outro lado da sala. Ela deu um passo adiante e agarrou o braço direito de Darovit, derrubando sua bebida. Então, puxou o braço e deixou o toco na frente do rosto do rapaz.

– Acho que você se esqueceu de quem fez isso com você – ela o lembrou.

Darovit não tentou se livrar, embora ela apertasse o braço com tanta força que suas unhas se cravaram na pele dele.

– Eu não sou um tolo, Zannah – ele disse calmamente. – Seu mestre teria me matado naquela caverna. Sei que você fez isso para salvar a minha vida.

Ela soltou Darovit, lançando seu braço de volta sobre seu colo com um gesto de repulsa. Ela deu as costas a ele e marchou pelo corredor na direção da cabine do piloto. O jovem rapaz jogou o copo vazio sobre o sofá e se levantou para segui-la.

– Você arriscou a sua vida para me salvar, Zannah! – Darovit gritou atrás dela enquanto Zannah se aproximava da cabine. – Você fez isso porque se importava comigo.

Ela girou e usou a Força para jogá-lo no chão. Ele caiu diante de seus pés.

– As coisas mudaram desde então – ela disse, depois girou de novo e se jogou com raiva sobre o assento do piloto.

Darovit se levantou lentamente e andou até ficar atrás do assento, pairando sobre o ombro direito de Zannah.

– Se você não se importa mais comigo, então por que me trouxe aqui? – ele perguntou quase sussurrando.

– Eu já respondi isso – ela disse com um tom endurecido, sem tirar os olhos da janela frontal. – Você teria exposto nossa ordem. Eu não podia deixar você para trás.

– Você podia ter me matado.

– Há! – Zannah soltou uma risada, virando a cabeça e esticando o pescoço para encará-lo com uma expressão de desdém. – Simplesmente matar você com o poder do lado sombrio no meio de um Templo Jedi? Você acha que os Sith são idiotas?

– Não estamos mais no Templo Jedi – ele disse suavemente. – Por que você não me mata agora?

Zannah voltou a olhar para a frente, para não precisar olhar para ele.

– Você é um curandeiro. Podemos usar você.

– Tem um monte de curandeiros na galáxia – seu primo insistiu. – Curandeiros que não podem expor vocês para os Jedi.

– Não tenho tempo de encontrar outra pessoa. Você estava no lugar certo na hora certa – ela retrucou. – Você deu sorte.

– Isso não é verdade, Zannah. Como você acha que eu a reconheci depois de todos esses anos? Existe uma ligação entre nós. Sempre existiu. Desde quando éramos pequenos.

Zannah não disse nada, apenas se ajeitou no assento.

– Você se lembra de quando éramos crianças? Todos pensavam que eu era muito poderoso com a Força, e ninguém acreditava que você possuía poderes.

Ela não respondeu, mas Zannah se lembrava. Quando eram crianças, Darovit era aquele que conseguia levitar objetos e acertar uma fruta no ar com um espeto de olhos vendados. Os poderes dela não se manifestaram até ela se encontrar sozinha em Ruusan.

– Eu não sabia na época, Zannah, mas o poder que eu tinha, todos aqueles truques... Aquilo não era eu, era você! Mesmo quando éramos crianças você sabia o quanto eu queria ser um Jedi, e você queria me ajudar. Então você canalizava o seu poder através de mim, permitindo que eu fizesse todas aquelas coisas.

– Não é assim que eu lembro – ela disse friamente.

– Você não fazia de propósito – Darovit explicou. – A ligação que nós tínhamos era muito forte, e você se importava tanto comigo que o seu subconsciente tomava conta de você.

– Essa é a teoria mais estúpida que eu já ouvi. – Zannah riu levemente, ainda olhando para a frente.

– Você acha? Pense um pouco, Zannah. Depois que perdemos você em Ruusan, foi como se meus poderes desaparecessem de repente. Foi por isso que eu fracassei como Jedi e como Sith.

“Meu poder é fraco. Foi por isso que eu sobrevivi à bomba de pensamento quando todos os Sith e os Jedi ao meu redor foram destruídos. Apenas afetou aqueles com uma forte afinidade com a Força.”

“E quanto a você? Você possui muito poder. Por que acha que demorou tanto para se manifestar? Você estava sempre canalizando o poder através de mim.” fez uma pausa, acrescentando “Você não vai se tornar a lorde sombria dos Sith, Zannah. Simplesmente não faz parte da sua natureza. Mais cedo ou mais tarde você vai perceber isso.”

– Cale a boca – ela disse secamente, ainda mantendo os olhos grudados nos controles. – Se você falar mais uma palavra, eu vou arrancar a sua outra mão.

Darovit não respondeu, mas seus dedos instintivamente tocaram o toco do braço direito.

– Eu trouxe você junto por uma única razão – ela continuou, sua voz ainda completamente sem emoção. – Meu mestre está infestado com parasitas chamados orbalisks. E você irá curá-lo.

– Mas... eu não sei como – Darovit protestou, esquecendo o alerta para permanecer em silêncio.

Zannah usou a Força, envolvendo a garganta dele. E lentamente apertando. Darovit caiu de joelhos, suas mãos voando para a garganta fechada.

– Tem um terminal de dados lá nos fundos – Zannah disse, ignorando o som de engasgos. – Use para estudar o artigo que eu peguei dos Arquivos Jedi.

Ela tirou o cartão de seu bolso e o jogou na frente do primo, que sufocava. Agora ele rolava de um lado a outro no chão, suas mãos agarrando a garganta. Seu rosto se tornara vermelho, e os olhos estavam esbugalhados.

– Se você não encontrar um jeito de ajudar meu mestre até chegarmos a Tython. – ela alertou –, ele vai matar você.

Zannah soltou Darovit, e ele ofegou e puxou ar com dificuldade. Ela se virou para observá-lo com um cruel sorriso nos lábios, certificando-se de que ele soubesse que ela estava gostando de vê-lo sofrer. Eventualmente, ele se recuperou o bastante para apanhar o datacard e se dirigir para o terminal nos fundos.

Assim que ele se retirou, Zannah se levantou do assento e começou a andar de um lado a outro na cabine. Ela sabia que Darovit estava errado. Tinha que estar. Ela tinha confiança em seu comprometimento com o lado sombrio, apesar de tudo que seu primo dissera. Mas havia peso suficiente em alguns de seus argumentos para fazê-la se perguntar o que Bane pensaria sobre tudo aquilo.

Se o seu mestre – assim como Darovit – acreditasse que suas ações denunciavam uma falta de compromisso com os ensinamentos dos Sith, as coisas poderiam dar muito errado para ela quando chegasse a Tython.



Belia Darzu fora uma Shi'ido em vida, uma espécie que possuía a capacidade de mudar de aparência, então não era surpresa que a projeção que servia como seu avatar no holocron também mudasse de forma. Em diferentes momentos ela parecia ser Twi'lek, Iridoniana, Cereana ou humana, ocasionalmente até mudando de gênero.

– O processo de criação de um holocron não pode ser apressado – o avatar explicou. – Os ajustes na matriz devem ser feitos com precisão e cuidado.

Agora ela se mostrava em sua forma mais frequente: a de uma mulher humana alta de cabelos castanhos e curtos. Ela parecia ter seus trinta anos, com um rosto inteligente, quase matreiro. Naquela forma, ela tipicamente se vestia com um macacão preto justo de piloto, botas pretas e um colete amarelo-pálido que deixava seus braços

nus. Ela também usava luvas amarelas, uma curta manga preta sobre cada cotovelo, e um chapéu de piloto e cinto vermelhos.

Após a ativação inicial do poder do holocron, Bane o tirou do santuário interno e o levou para uma grande câmara no andar principal que provavelmente servira como refeitório para os seguidores de Belia. Ali, Bane vinha explorando o holocron nos últimos dias. Ele prosseguiu cuidadosamente, ainda esgotado pela batalha com as tecnóferas. O ritmo lento permitiu a ele recuperar as energias e recobrar suas forças à medida que vasculhava os arquivos do cristal.

Muito do que ele descobriu focava nos rituais e práticas da alquimia Sith – algo que ele iria explorar com mais cuidado quando tivesse mais tempo. Em outras vezes ele se deparava com as análises filosóficas da própria Belia, mas havia pouco ali que Bane já não tivesse descoberto por si mesmo. Apenas agora ele finalmente encontrara aquilo que estava procurando.

– Pode levar semanas, ou mesmo meses – a imagem de Belia explicou –, antes de os últimos estágios da construção chegarem ao fim.

A imagem piscou, e foi substituída pela imagem do corte longitudinal de um holocron. Os filamentos e fibras da matriz cristalina na imagem começaram a mudar e se mover, ilustrando os ajustes a que o avatar se referia. Bane não se deu ao trabalho de prestar muita atenção; ele já sabia como ajustar as estruturas internas da matriz.

– Você disse que os ajustes podem levar meses. Como isso é possível? – Bane perguntou, sacudindo a cabeça.
– A rede cognitiva degrada rápido demais.

A imagem de Belia reapareceu.

– A rede cognitiva precisa estar presa dentro do pináculo – ela explicou.

– Pináculo? – Bane perguntou, seus nervos formigando de expectativa. Em toda sua pesquisa, ele nunca ouvira menção sobre um pináculo antes.

A imagem de um holocron voltou a aparecer, porém não mais em um corte longitudinal. O pequeno cristal negro posicionado no topo da pirâmide estava piscando.

– O pináculo é a chave de todo o processo – a voz de Belia disse. – Sem isso, a rede cognitiva irá se degradar antes que você complete os ajustes, e você irá fracassar todas as vezes.

Bane olhou maravilhado para a imagem. Ele sabia que o cristal negro era parte essencial da construção do holocron. Mas ele achava que seu único propósito era canalizar o poder dos símbolos gravados sobre os lados da pirâmide que atuavam na matriz. Ele nunca imaginou que também serviria outra função.

– Como eu prendo a rede cognitiva dentro do pináculo? – ele perguntou, ansioso para descobrir o segredo que tanto procurava.

– Você precisa invocar o Rito de Iniciação – Belia respondeu.

A projeção mudou para mostrar um ritual Sith incrivelmente elaborado e complicado, um ritual que ultrapassava tudo que Bane já havia dominado até então. Com sutis empurrões da Força ele avançou de imagem a imagem, percebendo que levaria muitos meses de estudo cuidadoso para memorizar o ritual. Mas... o segredo era dele!

Satisfeito, ele desligou o holocron. Era hora de deixar Tython e retornar para Ambria. Se tudo correu bem, sua aprendiz estaria esperando por ele.

Ele saiu da fortaleza, onde a *Mystic* o aguardava. Mas, quando se preparava para subir a bordo, ele viu outra nave no horizonte vindo em sua direção. Ele usou a Força e sentiu a presença de Zannah lá dentro... e a de outra pessoa.

A *Loranda* aterrissou a cinquenta metros de onde sua nave estava. Bane permaneceu impassível, esperando Zannah aparecer. Quando surgiu, havia um jovem rapaz junto com ela. O lorde sombrio podia sentir a Força dentro dele, embora fosse uma presença fraca. Quando viu que o rapaz não possuía a mão direita, tudo se encaixou.

– Nós deveríamos nos encontrar em Ambria – ele disse a ela com um tom irritado. – Por que você veio até aqui? E por que o trouxe junto?

– Eu vim para alertá-lo – ela respondeu rapidamente. – Os Jedi sabem que você sobreviveu à bomba de pensamento.

– Por causa dele – Bane disse, assentindo na direção do rapaz.

– Ele iria falar com o Conselho Jedi – Zannah explicou. – Se ele sumir, os Jedi podem dispensar os rumores de que você ainda está vivo.

– Por que você simplesmente não o matou? – Bane perguntou, com uma voz ameaçadora.

– Ele é um curandeiro – foi sua resposta imediata. – Ele sabe como livrar você dos orbalisks.

Bane achou que a resposta de Zannah veio rápido demais. Era como se ela já tivesse discutido isso, provavelmente ensaiando em sua cabeça várias e várias vezes para se preparar para aquele encontro.

– Isso é verdade? – ele exigiu saber do rapaz.

– Não posso fazer isso aqui – Darovit respondeu. – Preciso de suprimentos. Equipamentos especiais. É perigoso, mas acho que é possível.

Bane hesitou. Não por causa do potencial perigo; ele já sabia que qualquer procedimento para se livrar da infestação seria cheio de riscos. Mas agora que sabia que seus fracassos com o holocron não estavam ligados aos orbalisks alimentando-se de seu poder, ele queria reavaliar a decisão de removê-los.

A visão de outra nave aparecendo sobre os ombros de sua aprendiz, ainda longe demais para identificar o modelo ou afiliação, colocou um fim em suas deliberações. Um instante mais tarde ele sentiu o inegável poder do lado da luz.

Zannah deve ter sentido também; ela se virou e olhou naquela direção, depois voltou a olhar para ele com uma expressão preocupada.

– Tem algo errado? – o jovem curandeiro perguntou, notando a troca de olhares. – O que foi?

– Nós fomos seguidos – Zannah murmurou.

A nave estava se aproximando com muita velocidade, rápido demais para que eles subissem a bordo e tomassem os céus. Se tentassem, a outra nave atiraria neles antes que pudessem decolar.

– Entrem na fortaleza – Bane ordenou. – Os Jedi nos encontraram.



A *CRUZADOR JUSTICEIRO*, NAVE da mestra Raskta, era facilmente a nave mais rápida em que Johun já esteve. Um pequeno cruzador de ataque que precisava de uma tripulação de quatro pessoas. Felizmente para Johun, havia outros quatro a bordo, todos vestidos com as simples túnicas marrons que os marcavam como membros da Ordem Jedi.

A mestra Raskta Lsu, uma Echani, sentava-se diante dos controles da nave. Ela possuía a pele alva, os cabelos puramente brancos e os olhos prateados comuns de sua espécie. Era quase tão alta quando Johun, com os músculos de uma espécie que valoriza o combate físico como a mais alta forma de arte e expressão pessoal. Batizada em homenagem à lendária guerreira Echani Raskta Fenni, considerada por muitos a maior duelista de seu tempo, a mestra Raskta passara a vida aperfeiçoando suas habilidades marciais para que pudesse um dia se igualar, talvez até superar, a lendária guerreira com quem compartilhava o nome.

Ela havia conquistado a rara e prestigiosa classe de mestre de armas Jedi. Afastando-se de todos os outros campos de estudo e abandonando o desenvolvimento de seus outros talentos com a Força para focar exclusivamente no sabre de luz e no combate, ela havia se transformado em uma arma viva.

Agora encarregada de treinar aprendizes nas formas de combate com sabres de luz, Raskta fizera parte da campanha de Ruusan. Empunhando um sabre de luz de lâmina azul em cada mão, e dispensando qualquer tipo de armadura, ela era uma figura aterrorizante no campo de batalha. Johun se lembrava dela vividamente causando grande destruição no coração das fileiras inimigas, deixando um rastro de corpos por onde passava. Diziam que, ao final da guerra, o mesmo número de lordes Sith que caíram diante de suas duas lâminas foi igual ao número de mortos pela bomba de pensamento.

No assento da artilharia do outro lado do piloto estava Sarro Xaj, o humano que servira como padawan da mestra Raskta em Ruusan. Um ano mais velho do que Johun, Sarro possuía pele marrom e um único topete de cabelos negros. Ele também era o maior humano que Johun já encontrara. Com mais de dois metros de altura e cento e cinquenta quilos de puro músculo, ele podia facilmente ser confundido com um Wookiee sem pelos. Porém, apesar de sua massa, ele ainda era rápido o bastante para acertar uma mosca-zess no ar.

Elevado à classe de Cavaleiro Jedi sete anos atrás, Sarro escolhera seguir o caminho de sua mestra, focando em dominar um enorme sabre de luz de duas lâminas medindo quase três metros de comprimento. Johun achava que havia poucos seres na galáxia que poderiam se defender diante dos ferozes ataques das lâminas azuis de sua arma.

Cuidando da navegação aos fundos da nave estava o mestre Worrer, um Ithoriano. Seu longo pescoço achatado se projetava para a frente e se curvava para cima, apoiando uma cabeça com o formato da letra T, com seus grandes olhos um em cada lado. Essa aparência estranha levou a sua espécie a ser conhecida como cabeça de martelo pelos ignorantes e insensíveis.

O sobrenome do mestre Worrer podia apenas ser pronunciado por seres que possuíam as duas bocas e quatro gargantas da anatomia dos Ithorianos. Johun ouvira histórias sobre Jedi Ithorianos canalizando a Força para transformar suas múltiplas vozes em devastadoras armas sônicas. Entretanto, o mestre Worrer era um curandeiro, e seu poder pendia nessa direção.

Ele fora um dos conselheiros do general Hoth em Ruusan, e foi crucial para a vitória em muitas batalhas, embora ele próprio não carregasse um sabre de luz. O papel do Ithoriano não era enfrentar o inimigo, mas fornecer apoio através de suas habilidades curativas e da rara arte da meditação de combate. Embora seu talento não fosse forte o bastante para alterar sozinho o resultado de um conflito de larga escala, de perto Worrer conseguia usar a Força para dar mais vigor aos corpos, mentes e espíritos daqueles ao seu redor, ampliando os talentos e habilidades de seus aliados.

Localizado ao lado do navegador nos fundos da nave, o quarto membro da tripulação, o mestre Farfalla, dava apoio ao piloto, ao artilheiro e ao navegador. Ele checava cartas de astronavegação, dados dos motores, o estado das armas, as informações dos sensores e qualquer outra coisa que ajudasse os outros.

Johun estava sentado na cabine do piloto com Raskta e Sarro, ocupando a cadeira do passageiro atrás do piloto. Até que chegassem a Tython, seu único trabalho era não atrapalhar ninguém.

Usando a rota do hiperespaço há muito abandonada indicada no datacard que eles descobriram nos Arquivos, a *Cruzador Justiceiro* havia penetrado no Núcleo Profundo. Mestre Raskta havia expressado sua preocupação no início da jornada: de acordo com registros atuais, as rotas do hiperespaço que eles estavam usando eram conhecidas por entrar em colapso sem nenhum aviso. Uma nave viajando em qualquer lugar do corredor hiperespacial durante o nanossegundo antes de sua recuperação seria perdida para sempre. Combinada com os outros perigos do Núcleo Profundo – incluindo buracos negros errantes que engoliriam uma nave inteira, mesmo no hiperespaço –, a instabilidade da rota fez com que caísse em desuso e acabasse esquecida por mais de mil anos.

Worror calculara que o risco de colapso durante a viagem seria de dois por cento – mais do que o suficiente para fazer Johun respirar aliviado quando eles emergiram intactos a poucos milhares de quilômetros de seu destino.

– As armas estão de prontidão – a voz de Sarro disse a todos através do intercomunicador. – Algum amigo por perto para nos preocuparmos?

– Nada em órbita – Farfalla respondeu. – Parece que estamos sozinhos.

– Vou preparar a aterrissagem – Raskta disse a eles. – Veja se você encontra alguma coisa.

– Estou detectando um rastro de íons – Farfalla disse quando eles se aproximaram da atmosfera. – Parece que chegamos logo atrás deles.

– Travando os sensores no rastro de íons... Travado. – Mesmo no intercomunicador, a profunda voz de Worror ressoava pela nave.

– Acionando piloto automático – Raskta disse. – Vejamos para onde isso nos leva. Sarro, não tire o dedo do gatilho.

O piloto automático os levou para a atmosfera de Tython, e por vários segundos a única coisa que Johun enxergava através da janela era uma parede de nuvens cinza. Quando saíram das nuvens, seu destino se tornou imediatamente óbvio.

– Acho que já sei para onde estamos indo – Sarro murmurou.

Abaixo deles havia um campo plano e vazio, virtualmente sem vida. Uma fortaleza negra era visível no horizonte, a única estrutura significativa à vista.

– Estou detectando duas pequenas naves na superfície – Farfalla disse a eles. – Mas não há ninguém por perto.

Eles estavam perto o bastante agora para Johun discernir duas torres derretidas se erguendo de cada lado da fortaleza.

– Detectei formas de vida dentro da fortaleza – Farfalla disse. – Parece que são... três.

– Apenas três? – Sarro murmurou, soando desapontado. – Isso está parecendo fácil demais.

– Não conte com isso – Farfalla o alertou quando Raskta posicionou a *Cruzador Justiceiro* para a aterrissagem.



Zannah tentava se concentrar, reunindo suas energias mentais em preparação para a batalha. Entretanto, ela se distraiu com a preparação de seu mestre.

Darth Bane estava andando de um lado a outro como um rancor irritado, seu sabre de luz já em mãos. Ela podia sentir o lado sombrio aumentando dentro dele, alimentado por sua raiva – seu ódio infinito pelos Jedi; seu ressentimento por Darovit tê-los exposto; sua raiva por Zannah ter atraído os Jedi para Tython. A qualquer momento ela esperava ver a liberação da sede de sangue dos orbalisks, mas Bane manteve sua fúria controlada, guardando-a para a batalha iminente.

Seu mestre os levou para dentro da fortaleza, para uma vasta sala com uma saída em cada ponta. Uma única porta seria mais fácil de defender, mas ele estava com receio de ficar preso. Se os Jedi os cercassem, eles manteriam a posição e esperariam a chegada de reforços. Como os dois últimos sobreviventes Sith, Zannah e seu mestre não poderiam se dar a esse luxo, então era importante que eles mantivessem rotas de fuga alternativas.

A sala estava vazia, completamente desprovida de qualquer mobiliário. Baseado em seu tamanho – quarenta metros por trinta – ela pensou que fosse algum tipo de sala de treinamento. Além das saídas em cada lado, havia uma pequena porta em uma das paredes que levava para uma pequena câmara sem saída. Esse local provavelmente servira como depósito de armas, alvos e outros equipamentos usados para o treinamento.

Sob ordens de Bane, ela havia guardado o datacard dos Arquivos dentro da câmara, e seu mestre fizera o mesmo com o holocron de Belia Darzu. Seguindo sua sugestão, Darovit também se escondeu ali. Ele estava

desarmado, e não seria útil para nenhum dos lados.

– Não saia daí até que a luta termine – Zannah o alertara, provocando um amargo olhar de reprovação de seu mestre. – Ele só iria atrapalhar – voltada para Bane explicou logo após Darovit se trancar lá dentro.

Agora não havia mais nada a fazer exceto esperar o inimigo chegar. Felizmente – ou infelizmente –, eles não tiveram que esperar muito.

As portas dos dois lados da sala se abriram ao mesmo tempo, os Jedi se separaram em duplas para melhor coordenar o ataque. O primeiro grupo – uma Echani fêmea que brandia um sabre de luz azul em cada mão e um mestre Jedi vestindo roupas extravagantes com uma lâmina dourada – avançou diretamente sobre Bane. Os outros dois – um Jedi magro e ágil armado com um sabre de luz verde e um homem gigantesco girando uma enorme arma azul de lâmina dupla – avançaram sobre Zannah.

Zannah acionou seu próprio sabre de duas lâminas e ergueu uma parede defensiva giratória, apesar de seu sabre parecer insignificante em comparação com o monstro azul manuseado pelo homem. Antes que eles pudessem atacá-la, Zannah recuou até um dos cantos, parando a vários metros da intersecção das duas paredes. Isso permitia a ela proteger seus dois flancos, mas ainda deixava espaço suficiente para se abaixar, defender e se esquivar das armas de seus inimigos.

Com o canto do olho ela viu Bane seguir uma abordagem completamente diferente. Protegido por sua armadura orbalisk, ele avançou diretamente sobre os dois mestres Jedi.

E então, os inimigos caíram sobre Zannah. Foi preciso apenas alguns segundos para ela entender que o grande homem era de longe o oponente mais perigoso. No tempo que levou para o homem menor golpeá-la duas vezes com sua lâmina verde, ela havia defendido meia dúzia de ataques do outro. Também havia uma diferença marcante no estilo e eficácia de seus golpes. As habilidades do Jedi com o sabre verde eram básicas. Quando ele atacava, ou era com força ou com velocidade, nunca os dois ao mesmo tempo. Sua lâmina vinha alta ou baixa, nunca alterando o plano durante o golpe. Em contraste, o grande homem atacava com ângulos criativos e inesperados, as enormes lâminas azuis mudando de direção no meio do golpe. Cada ofensiva era um modelo de eficácia letal – ataques rápidos e poderosos, e contra-ataques que pegavam o oponente de surpresa.

Porém, desde que continuasse girando sua lâmina e mantendo o impulso, ela conseguiria facilmente desviar os ataques de ambos, em grande parte porque o Jedi com o sabre verde estava mais atrapalhando do que ajudando seu parceiro. Ele tentava alternar seus ataques com os golpes do grande homem, querendo atacar e depois recuar, sempre deixando Zannah na defensiva. Mas o incrível alcance da arma do homem maior dificultava para ele disparar um ataque contínuo sem medo de machucar ou mesmo matar seu companheiro quando ele se movia para fazer a sua parte. Como resultado, o homem maior precisava recuar a toda hora antes de atacar de novo. Ele foi forçado a um ritmo desajeitado, sua sincronia e estratégia ditadas tanto por seu aliado quanto por seu oponente.

Zannah notou tudo isso atrás de sua impenetrável parede de lâminas giratórias, satisfeita em cumprir um papel completamente passivo naquele encontro. Se não fosse pela capacidade do homem maior, ela já teria rapidamente passado para uma sequência agressiva e facilmente despachado o homem menor. Mas se não fosse pela mediocridade dele, seus talentos defensivos seriam levados ao limite pelo oponente mais talentoso. Aquele arranjo estava de bom tamanho para Zannah, permitindo que jogasse um contra o outro. Ela não precisava matar os dois; precisava apenas segurá-los até que Bane, protegido por suas carapaças invulneráveis dos orbalisks, matasse seus dois oponentes e depois viesse ao auxílio dela.

Ela esperou até a vez de o homem menor atacar outra vez, então mediu seu iminente ataque previsível. Sabendo exatamente onde terminaria ao observar o início de seus movimentos, ela foi capaz de, momentaneamente, desviar a atenção para ver como seu mestre estava se saindo.

Para sua surpresa, os dois oponentes de Bane ainda estavam de pé: prova de que eram combatentes excepcionalmente habilidosos. Ela também notou que um quinto Jedi havia entrado na sala: um Ithoriano afastado do combate, seus olhos fechados como se estivesse meditando. E então ela voltou para sua própria luta, a tempo de evitar a morte certa.

O olhar na direção de seu mestre durou apenas uma fração de segundo, mas no breve intervalo de sua distração, o homem maior se lançara adiante, golpeando com a ponta de uma de suas lâminas na direção de seu olho, como uma lança. Zannah jogou a cabeça para o lado no último instante possível, ouvindo o silvo laminado sabre de luz quando ele queimou uma mecha de seu cabelo. O movimento súbito atrapalhou seu ritmo e equilíbrio, e quando seu sabre de luz desviou o golpe do homem menor, a arma perdeu sua inércia centrípeta e vacilou.

Na fração de segundo que levou para girar os pulsos e recomeçar os intrincados padrões giratórios de suas lâminas, Zannah ficou vulnerável. O homem maior lançou um golpe alto sobre sua cabeça, forçando que ela se abaixasse, depois golpeou baixo na altura dos pés, fazendo Zannah saltar antes que pudesse se preparar direito. Ela evitou o ataque, mas aterrissou desajeitada. Outro golpe veio por cima. Com seu corpo fora de posição, ela

foi forçada a bloquear o caminho ao invés de desviá-lo para o lado. A força do impacto a fez cambalear para trás, e ela caiu no chão.

O homem com o sabre de luz verde a salvou. Ele saltou para dar o golpe final, bloqueando seu companheiro e impedindo que ele fizesse o mesmo. Contra aquele ataque comum, ela foi capaz de se levantar e executar a sequência de movimentos que era a base de seu estilo praticamente impenetrável.

Houve um breve instante em que ela viu uma abertura – mas ao invés de escolher matar o homem com o sabre de luz verde, ela preferiu deixá-lo vivo, sabendo que era um obstáculo maior para seus aliados do que para ela própria.

Do outro lado da sala, um dos outros Jedi gritou:

– Johun! Sarro! Precisamos de reforços!

– Vá – o homem maior gritou. – Eu consigo lidar com esta aqui.

E então, o homem com o sabre verde se foi.

O gigante moreno se preparou exibindo todo o seu tamanho; Zannah percebeu que ele era ainda mais alto e musculoso do que Bane. O ar zumbiu quando seu longo sabre de luz fez um movimento elaborado ao redor de seu corpo, depois outro acima da cabeça. Ele sorriu para ela com uma expressão presunçosa.

Então ele saltou adiante e o combate começou de verdade.



Já fazia muitos anos desde que Farfalla lutara com o auxílio da meditação de combate de Worrer. Ele se esquecera do quanto o incrível talento do Ithoriano o deixava mais rápido e mais forte. A Força fluía através dele com grande poder, preenchendo seu corpo com energia. Porém, mesmo com o incremento em suas habilidades, ele se perguntou se conseguiriam sobreviver àquela batalha.

Quando invadiram a sala, um homem que apenas podia ser Darth Bane avançou diretamente sobre eles. Em qualquer outra circunstância, aquele movimento resultaria em um rápido fim para o encontro, já que Raskta correu na frente de Farfalla para cortar o Sith em pedacinhos.

As lâminas azuis de Raskta se moviam rápido demais para os olhos, neutralizando o selvagem ataque inicial do inimigo, depois acertando uma dezena de golpes letais em seu peito e abdômen. Mas em vez de cair, o homem alto continuou avançando, sem nem diminuir o ritmo. Ele teria passado por cima de Raskta, pisoteando a Jedi com suas pesadas botas, não tivesse ela feito uma cambalhota para o lado no último instante possível.

Bane não parou; seu impulso o levou diretamente para Farfalla. O mestre Jedi teve um momento para registrar a estranha armadura feita de carapaças brilhantes que seu inimigo usava debaixo das roupas. Ele então também saltou para o lado para evitar ser atropelado, sobrevivendo apenas porque seus reflexos estavam mais rápidos por causa do poder de Worrer.

Raskta já estava de pé e voando em sua direção. Bane girou e lançou uma onda de energia sombria invisível sobre ela. Um mestre de armas não era especialista em defender ataques da Força. O impacto da onda teria esmagado Raskta contra a parede, se Farfalla não tivesse lançado um escudo para proteger a Echani. Mesmo assim, o corpo musculoso dela foi atingido no ar e lançado para trás, embora ela conseguira girar e cair sobre seus pés.

Farfalla notou o lorde Sith se virar em sua direção, sentindo a intervenção que salvou a vida de Raskta. Bane disparou uma saraivada de relâmpagos, concentrando e liberando seu poder na velocidade de um pensamento. O Jedi ergueu uma barreira da Força para se proteger, mas a eletricidade rompeu a barreira e arqueou sobre ele. Então, de repente, Raskta estava lá para salvar sua vida, retribuindo o favor de apenas alguns segundos atrás, quando ela se jogou na frente dele. Reforçada pela meditação de Worrer, ela mudou de estilo instantaneamente, e seus braços e lâminas se tornaram uma mancha no ar, cortando em formato de oito para defender e absorver os raios de energia do lado sombrio.

O inimigo avançou novamente sobre eles, seguindo os relâmpagos com pura agressividade. Ela se abaixou, golpeando com força as coxas e panturrilhas de Bane, tentando deixar seu oponente se arrastando sem pernas no chão. Suas lâminas cortaram através das botas e das calças, apenas para revelar mais das conchas quitinosas.

Bane atacou com o sabre de luz a Echani, que cruzou suas lâminas em um X, tentando bloquear e prender a arma de seu oponente no ponto de intersecção. Mas o movimento do Sith foi apenas uma distração, e no último instante ele puxou a arma de volta e golpeou com o cotovelo as costelas da Jedi. O contato a tirou do chão e a jogou para trás. Um segundo depois ele passou por ela, avançando sobre Farfalla.

O mestre Jedi assumiu uma elegante postura defensiva para receber o ataque.

– O cabo! – Raskta disse quase sem ar enquanto tentava se levantar.

O alerta fez Farfalla notar o sabre de luz com cabo curvado de seu inimigo e a incomum empunhadura necessária para usar a arma. Isso alteraria a natureza de seus ataques, fazendo que viessem de ângulos estranhos e pouco familiares. No mundo regimentado e hiperpreciso dos duelos de sabres de luz entre Jedi e Sith, aquilo transformava seu estilo em algo único e inesperado.

Valenthyne reconheceu, processou e reagiu àquela informação em uma fração de segundo, permitindo a ele ajustar o curso de sua própria arma apenas o bastante para bloquear um ataque que, de outra maneira, teria deslizado pela lâmina de seu sabre e decepado seu braço na altura do cotovelo. Mesmo assim, a força do ataque arrancou a lâmina dourada de sua mão, lançando o sabre de luz pelo chão. Desarmado e indefeso diante de seu inimigo, ele foi salvo por Raskta.

Sabendo que seu sabre não poderia penetrar a armadura de Bane, ela deslizou por trás e deu uma rasteira nele. Bane caiu para trás, transformando sua queda em uma cambalhota que lhe possibilitou ficar em pé novamente. Entretanto, a distração permitiu a Farfalla olhar na direção de seu sabre e usar a Força, atraindo a arma de volta para sua mão.

Ele girou de volta para a luta e viu que a mestra de armas Echani havia tomado a ofensiva, lançando rápidos ataques com suas duas lâminas azuis na direção do rosto desprotegido de Bane – o único ponto de seu corpo que parecia não estar coberto pelas conchas impenetráveis. Notavelmente, Bane estava cedendo espaço.

– Não se aproxime! – ela gritou para Farfalla. – Você só vai atrapalhar.

Farfalla obedeceu, concentrando as energias do lado da luz para lançar outra barreira protetora caso Bane tentasse outra onda de energia sombria contra a Echani.

Ela parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo – na frente de Bane, ao seu lado, atrás, circulando por baixo, saltando pelo alto, desviando golpes e depois atacando três vezes seguidas os olhos dele. A cabeça do homem se abaixava e pendia para os lados, evitando os golpes da Jedi enquanto tentava lançar uma contraofensiva.

O domínio de Raskta sobre seus sabres era incomparável, mas mesmo com seus talentos aumentados pela meditação de Worrer, ela não conseguia acertar um único golpe certo em um alvo tão pequeno através das defesas de Bane. Mesmo assim, a ferocidade de sua nova estratégia havia mudado a luta em seu favor... ou foi isso o que Farfalla pensou.

Bane continuou seu recuo, circulando para longe das lâminas de Raskta, depois repentinamente virando-se e correndo na direção do Ithoriano desarmado na frente da porta da sala.

A meditação de batalha requeria a completa concentração do mestre Worrer; não havia chance de erguer qualquer tipo de defesa. Se Bane o matasse, os outros perderiam a única vantagem que dava a eles alguma chance de sobrevivência.

Farfalla liberou o poder que estivera juntando em um único disparo concentrado. Bane foi subitamente envolvido em um campo de estase feito com energia do lado da luz, congelando o Sith no lugar. Mas seu domínio do lado sombrio era poderoso demais para que o campo o segurasse por mais do que uma fração de segundo. O campo brilhante explodiu em fragmentos quando o lorde sombrio se libertou, mas o atraso momentâneo permitiu a Echani se colocar entre o Ithoriano e o Sith.

As lâminas de Raskta zumbiram quando ela voltou a acioná-las, determinada a manter Bane longe do mestre Worrer a qualquer custo.

Ele é forte demais, Farfalla percebeu enquanto corria para ajudá-la. Tanto fisicamente quanto com o poder do lado sombrio. É como tentar lutar contra uma força da natureza.

– Johun! Sarro! Precisamos de reforços!



Johun virou a cabeça na direção do som da voz de Farfalla.

– Vá – Sarro gritou para ele. – Eu consigo lidar com esta aqui.

O jovem Jedi olhou para o outro lado da sala e instantaneamente reconheceu o que estava acontecendo. Mestre Worrer estava em perigo; ele precisava ser protegido ou sua meditação de combate – e qualquer esperança de vitória – estaria perdida.

Ele saltou através da sala, usando a Força para impulsioná-lo pelo ar para aterrissar apenas a poucos metros de onde Raskta duelava com Darth Bane, desesperadamente tentando afastá-lo de onde o mestre Worrer estava, um ou dois metros atrás dela. Johun hesitou antes de atacar, notando que a pele do lorde Sith estava coberta com estranhas protuberâncias crustáceas.

– Mire no rosto! – Farfalla gritou, chegando à cena e se lançando no combate ao mesmo tempo em que Johun fazia o mesmo.

Juntos, os três contiveram o lorde Sith: Farfalla no flanco esquerdo, Johun no direito e Raskta ao centro. Entre bloqueios e ataques, eles desferiram golpes e estocadas procurando o rosto de Bane, seus esforços combinados finalmente forçando o inimigo a uma postura defensiva.

O jovem Jedi se maravilhou diante da velocidade e selvageria das lâminas de Raskta. E embora os próprios esforços desajeitados de Johun tivessem atrapalhado Sarro quando lutaram lado a lado, Raskta parecia prosperar com sua presença. Quando ele atacava no alto, ela atacava por baixo. Se ele vinha da esquerda, ela vinha da direita. Isso era parcialmente devido à escolha de armas da Jedi: individualmente, cada sabre de luz era mais preciso e certo do que a gigante lâmina dupla de Sarro. Mas era mais do que isso. As reações dela eram tão rápidas, seus instintos de combate tão puros, que ela era capaz de sentir e antecipar o que ele iria fazer e então usava os ataques dele em vantagem própria.

Do lado oposto de Raskta, Farfalla atacava com golpes limpos e elegantes, sua forma perfeita ao investir contra o flanco direito de Bane. Porém, apesar de conseguirem defender seu espaço, eles não conseguiam fazê-lo recuar e nem derrotá-lo.

Eles estavam em um impasse, nenhum dos ataques era capaz de acertar a única parte vulnerável da anatomia de Bane. Então Johun percebeu um pedaço de pele branca aparecendo entre as luvas blindadas do Sith e as estranhas carapaças em seu braço. Era um espaço estreito, mas grande o bastante para um golpe certo.

Ele atacou seu novo alvo. Amplificado pelo poder de Worrer, a Força fluiu através dele e guiou seu sabre de luz. O contato não foi perfeito; sua lâmina raspou na armadura de carapaças, então ele apenas conseguiu um leve contato com a pele abaixo. Em vez de decepar a mão, ele meramente cortou fundo o bastante para romper alguns nervos e tendões.

Bane gritou de raiva quando sua arma caiu da mão, o ferimento deixando seus dedos inertes e sem força. Mas antes que Johun ou algum dos outros tivesse a chance de dar um golpe final no adversário, eles foram jogados para trás por uma explosão de energia sombria, o poder de seu inimigo alimentado pela repentina dor de seu ferimento.

Caído no chão a dez metros de distância, Johun observou horrorizado quando o sabre de luz do lorde sombrio saltou do chão e voou de volta para sua mão. Incrivelmente, seus dedos envolveram o cabo, e a lâmina foi acionada novamente, seus ferimentos, de alguma maneira, curaram-se quase instantaneamente.

Já não havia mais ninguém entre Bane e o Ithoriano; assim como Johun, Farfalla e Raskta foram lançados para longe. O lorde Sith ergueu o sabre de luz para acabar com a vida de Worrer, e Johun atacou com a Força.

Ele sabia que não era forte o bastante para penetrar as defesas de Bane, mas o homem alto não era o seu alvo. A poderosa onda de energia acertou Worrer, jogando-o para o canto quando o golpe de sabre de luz que o cortaria em dois passou inofensivo pelo ar.

Johun sentiu sua força e energia desabarem. Uma onda de exaustão e fadiga tomou conta dele, os efeitos benéficos da meditação de combate desaparecendo quando a concentração de Worrer foi interrompida. Mas o mestre Jedi ainda estava vivo, e Farfalla e Raskta já estavam de pé outra vez. Se pudessem segurar Bane por apenas alguns segundos, o Ithoriano poderia retomar suas meditações e restaurar sua vantagem.



Zannah deslizou para o lado, com sua arma giratória conseguira redirecionar uma das lâminas de seu inimigo para longe de sua garganta. A outra lâmina veio rápido do outro lado do quadril, e ela se lançou em uma cambalhota para trás, aterrissando habilmente no chão. Com pesar, ela percebeu que nunca havia entendido o verdadeiro significado do termo *arte marcial* até aquele momento.

O guerreiro com quem lutava agora havia elevado o ato do combate para sua forma mais pura e sublime. Ele se movia com a graça fluida de um dançarino, suas lâminas monstruosas cantando a mortal canção da batalha. Ele executava seus movimentos com uma perfeita elegância nascida da obsessão. Zannah sabia que isso o deixava vulnerável para outras formas de ataque, mas ele a pressionava tão implacavelmente que ela nunca teve chance de efetivamente concentrar seu poder.

Se o Jedi tivesse as mesmas vantagens da armadura orbalisk de Bane, aquele encontro já teria terminado há muito tempo. Bane podia ignorar golpes que seriam mortais de outra maneira, renunciando a qualquer sensação de insegurança e concentrando-se em atacar para sobrecarregar a defesa do adversário. Em contraste, o homem diante dela, por maior que fosse, ainda morreria se o sabre de Zannah o acertasse. Ele precisava se proteger dos contra-ataques, o que tornava seu estilo menos agressivo para que não ficasse vulnerável. Embora essa técnica fosse mais refinada do que a de seu mestre, ela conseguia aguentar os ataques... ao menos até aquele momento.

Ele avançou novamente, sua lâmina mudando de direção tão rápido no meio do golpe que parecia se curvar no ar. Zannah repeliu o ataque com um furioso movimento defensivo, respirando fundo. Seu estilo era feito para

prolongar o combate, exaurindo os oponentes enquanto tentavam penetrar suas defesas. Mas a cada choque entre eles, era Zannah quem precisava gastar uma grande quantidade de energia. Lentamente, ele a estava cansando.

Era mais do que apenas o talento e treinamento do gigante. Zannah sentiu algum tipo de grande poder atuando: a Força fluía através dele como se fosse canalizada por outro poder ainda maior.

Outra troca de golpes a fez recuar; o homem estava eliminando seu espaço, pressionando Zannah cada vez mais para o canto, para limitar seus movimentos. Ele estava tirando sua agilidade, sabendo que ela não se equiparava a ele em força física. E não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso. Dando outro passo para trás, Zannah sentiu os calcanhares encostarem na parede. Não havia mais para onde ir; o fim estava próximo.

Do outro lado da sala ela ouviu Bane gritar de raiva, e Zannah se preparou para um ataque final ao qual tinha certeza de que não sobreviveria. Seu oponente girou o sabre com suas longas lâminas ao redor do próprio corpo, juntando impulso para seu próximo ataque. E então, de repente, o poder por trás dele – a Força sendo canalizado por outra pessoa – desapareceu. Zannah sentiu a energia sumir como a chama de uma vela ao ser soprada.

O homem hesitou, olhando rapidamente na direção dos outros para ver o que acontecera. Aproveitando a oportunidade, os dedos de Zannah se moveram em estranhos padrões quando ela disparou sua feitiçaria Sith sobre seu inimigo.

Seus olhos se arregalaram e ele cambaleou para longe dela, seu sabre de luz golpeando cegamente ao redor do corpo quando ele foi tomado por todos os lados por demônios imaginários. Atacando em seu terror enlouquecido os monstros invisíveis, ele ignorou Zannah quando ela avançou como um relâmpago e pôs um fim a sua vida, com um longo golpe diagonal sobre seu peito musculoso.

Quando ele caiu no chão, Zannah voltou a atenção para Bane do outro lado da sala. Ele estava lutando sozinho contra três Jedi, lentamente os empurrando em direção ao canto onde o Ithoriano estava caído.

Concentrando o lado sombrio ao seu redor, Zannah criou um escudo para mascarar seu poder, como fizera no Templo Jedi. Enquanto fazia isso, ela viu que o Ithoriano lentamente se ergueu do chão e fechou os olhos em concentração. Ela sentiu o aumento de energia do lado da luz se espalhando pela sala. Repentinamente revigorados, os oponentes de seu mestre o pressionaram contra uma parede, concentrando os ataques em seu rosto e no pulso, onde os orbalisks deixavam pequenas aberturas na armadura.

Zannah correu para ajudar seu mestre, aproximando-se silenciosamente pelas costas dos Jedi. Com sua presença mascarada pelo feitiço de ocultação, eles não sentiram sua chegada. Ela matou a Echani primeiro, lançando seu sabre de luz adiante até perfurar as costas da Jedi e atravessar seu corpo.

A Echani gritou e caiu aos pés de Zannah. Os homens que a flanqueavam se voltaram para ela, esquecendo-se momentaneamente do adversário diretamente à sua frente. Bane aproveitou a oportunidade para decepar a mão do homem que segurava o sabre verde. Ele gritou e caiu de joelhos, agarrando o toco cauterizado. A imagem fez Zannah se lembrar da caverna em Ruusan, onde ela havia destruído a mão de seu primo.

Sacudindo a cabeça, ela afastou a memória. Sua distração deu ao jovem Jedi a chance de rolar para longe da batalha. Zannah hesitou, sem saber se deveria acabar com o Jedi ou ajudar seu mestre contra o homem que ainda estava de pé. A questão se resolveu sozinha um momento depois, quando Bane desviou o sabre dourado do Jedi com seu braço esquerdo blindado, depois removeu a cabeça do inimigo usando seu sabre de luz.

No canto, o Ithoriano saiu de seu transe meditativo, sentindo que seus companheiros haviam caído. Mas antes que pudesse agir, Bane saltou através do ar e aterrissou diante dele, cortando todas as suas quatro gargantas simultaneamente. O Ithoriano desabou no chão, e Bane se virou para acabar com o Jedi de uma mão só.

Zannah sentiu o acúmulo de poder do lado sombrio em seu mestre, mas no momento antes de liberar a tempestade de mortais relâmpagos, o Ithoriano estendeu o braço e agarrou o calcanhar de Bane. Um brilhante globo azul envolveu os dois quando o Jedi mortalmente ferido liberou todo o seu poder em um ato derradeiro.

Em vez de se arquearem pela sala para destruir o Jedi restante, os relâmpagos que saíram dos dedos de Bane foram refletidos dentro do globo azul que o envolvia. Os raios ricochetearam para todos os lados, criando uma tempestade de energia tão intensa que Zannah precisou proteger os olhos. Ela ouviu o grito de Bane mais alto que o som explosivo da eletricidade, e quando olhou outra vez, ela viu que o globo havia desaparecido e seu mestre estava caído no chão, com seu corpo encolhido e fumegante.

Ela começou a correr na direção dele, mas então viu que o Jedi sobrevivente estava se arrastando na direção de seu sabre de luz, determinado a lutar, apesar da perda da mão.

O rosto de Zannah se congelou em uma máscara de raiva e ódio, e ela deu um passo adiante e girou o sabre de luz acima da cabeça. Ele olhou para ela com olhos suplicantes, mas a única resposta foi o sabre descendo implacavelmente, acabando com sua vida.



QUANDO ZANNAH CHEGOU AO LADO de Bane, ela tinha certeza de que seu mestre estava morto. Os relâmpagos reduziram suas roupas a cinzas, e suas luvas e das botas derreteram. A pele do rosto e mãos estava queimada, coberta com bolhas que derramavam um pus viscoso e amarelado. Vários dos parasitas em seu peito e estômago não sobreviveram, suas carapaças marrons se tornando negras e quebradiças pela carga elétrica dos raios. Fios de fumaça ainda escapavam das conchas, trazendo junto um cheiro que fazia o estômago de Zannah se embrulhar.

E então ela viu o peito de Bane se erguer e relaxar, sua respiração tão leve que ela quase não a percebeu. Ele provavelmente ficara inconsciente quando seu corpo entrou em choque por causa da dor insuportável. Ela prestou atenção, esperando ver sua pele e tecidos começarem a se regenerar, mas os ferimentos excediam até mesmo a habilidade dos orbalisks de curá-lo, e nada aconteceu.

O som de uma porta se abrindo fez Zannah mudar o foco, olhando para ver Darovit emergindo de seu esconderijo. Ele olhou ao redor para a carnificina, depois olhou para Zannah agachada sobre seu mestre.

– Ele está... ? – Darovit deixou a pergunta no ar.

– Está vivo – Zannah respondeu com raiva, levantando-se.

Ele lentamente andou até o lado dela, segurando o holocron de Belia e o datacard contra seu peito com a mão boa. Zannah apanhou os dois objetos quando ele se aproximou. Ele pareceu não perceber, seus olhos grudados na crosta queimada no chão que de alguma forma ainda estava viva.

– Pegue os sabres de luz – ela ordenou. – Está na hora de ir.

Darovit teve o bom senso de não questionar suas ordens e foi apanhar as armas dos Jedi derrotados: troféus do triunfo Sith em Tython.

Zannah guardou o holocron e o datacard em seus bolsos, depois respirou fundo para concentrar a mente. Ela usou a Força e ergueu o corpo de Bane do chão, levitando-o até a altura dos quadris.

Ela carregou seu mestre dessa forma, saindo da fortaleza e seguindo até o lado de fora, com Darovit logo atrás. Ela brevemente considerou qual nave deveria usar para tirá-los de Tython, logo decidiu-se pela *Loranda*. Além de ser maior, também era equipada com um compartimento médico completo.

– Abra o compartimento de cargas – ela ordenou, assentindo na direção da nave.

Darovit correu e obedeceu, enquanto Zannah lentamente erguia seu mestre para dentro da nave.

Uma vez lá dentro, eles conectaram Bane a uma bomba bacta. Seus ferimentos provavelmente necessitavam imersão completa em um tanque bacta por vários dias, mas ela não possuía acesso a esse tipo de instalação. Uma bomba bacta serviria; ela injetava uma alta dose de fluidos diretamente nas veias, fazia-os circular pelo corpo, depois os vazava para fora do corpo, repetindo o processo.

– Ele está estável – Darovit disse. – Mas não vai continuar assim por muito tempo. Quando um orbalisk morre, ele envenena o hospedeiro.

– Você viu as informações no disco – ela disse. – Tire as criaturas dele.

– Mesmo se eu tirasse, não ia adiantar – Darovit disse a ela, repassando aquilo que aprendera com o datacard. – É tarde demais. Os orbalisks liberam toxinas no tecido do hospedeiro no momento em que morrem. Isso destrói as células em um nível microscópico. Ele estará morto em questão de dias.

– Você é um maldito curandeiro! – ela gritou. – Ajude-o!

– Não posso, Zannah – ele disse suavemente. – Não aqui. Não temos os equipamentos ou suprimentos necessários. E mesmo se tivéssemos, não há nada que eu possa fazer. Uma vez que a toxina orbalisk entra no hospedeiro, não tem como parar o processo.

Você não pode morrer ainda, Zannah pensou amargamente, mordendo os lábios. *Tem tanta coisa que você ainda precisa me ensinar!*

O poder de seu mestre ainda era muito maior que o dela. Zannah possuía o potencial para superar Bane – foi ele próprio quem disse isso –, mas, no momento, ele ainda possuía uma força que ela apenas podia sonhar. Havia segredos que ele ainda não havia compartilhado com ela, chaves para destravar um poder ainda maior do que ela

possuía agora. Se ele morresse, esse conhecimento seria perdido. Era *possível* que ela um dia descobrisse esse poder sozinha; com Bane como seu mestre, isso era uma *certeza*.

Mas o que ele ainda precisava ensinar ia muito além de suas capacidades de concentrar as energias do lado sombrio. Na última década, ela focou apenas em aprender a controlar seu próprio poder. Nesse período, seu mestre começara a juntar as peças que um dia permitiriam aos Sith se erguerem e dominar a galáxia.

Ele criara uma vasta rede de espiões e informantes, mas Zannah não sabia qual era sua extensão verdadeira, ou mesmo como contatá-la. Ele havia colocado em movimento centenas de planos de longo prazo para lentamente acumular poder ao mesmo tempo em que enfraquecia a República. Porém, apenas agora ela começava a entender a extensão e a complexidade de suas maquinacões políticas.

Bane era um visionário, capaz de enxergar longe no futuro. Ele entendia como explorar as fraquezas e vulnerabilidades da República. Sabia como atrair os olhos dos Jedi para longe do lado sombrio, enquanto ao mesmo tempo os conduzia aos primeiros passos da longa estrada que terminaria com sua completa aniquilação. Ele podia manipular pessoas, organizações e governos, plantando sementes que permaneceriam adormecidas por anos – até mesmo décadas – antes de germinarem.

Se morresse agora, tudo que colocara em movimento nos últimos dez anos morreria junto. Zannah teria que começar do início. Teria que encontrar e treinar um aprendiz, embora ainda estivesse descobrindo a real extensão de seus poderes. Ela teria que avançar cegamente, cercada de inimigos por todos os lados. Era quase impossível imaginar que não fosse cometer algum erro que levaria à sua queda... e à extinção dos Sith.

Ela não podia permitir que isso acontecesse. Pelo bem de sua ordem, ela precisava mantê-lo vivo. E, embora Darovit não possuísse o conhecimento e o poder para curar seu mestre, ela conhecia alguém que possuía. Alguém que já havia salvado sua vida antes.

– Apenas o mantenha vivo – ela disse para Darovit, com uma ameaça implícita em seu tom de voz.

Deixando o compartimento médico, ela marchou para a cabine e sentou atrás dos controles. Ela digitou as coordenadas para Ambria, mas não estava voltando para o acampamento. Ela iria encontrar um homem chamado Caleb.



Embora o acampamento de Caleb ficasse a menos de cem quilômetros de seu acampamento em Ambria, Zannah nunca o encontrara. Ela o conhecia apenas das histórias de seu mestre. Bane contara que o curandeiro era poderoso com a Força, mas ele não extraía poder da mesma maneira que os Sith ou os Jedi. O lado sombrio e o lado da luz não faziam sentido para ele; o poder dele vinha da natureza.

As palavras de seu mestre não fizeram sentido na época, mas quando eles se aproximaram para aterrissar perto da pequena cabana de Caleb, ela começou a entender. Havia poder naquele lugar; ela ouvia o seu chamado, mas em uma língua estranha e pouco familiar.

Ela pôde sentir o cheiro no ar quando as portas do compartimento de carga foram abertas, e pôde sentir sob seus pés quando saltou da nave. A cada passo que dava, o chão parecia vibrar, zumbindo com um som quieto demais para se ouvir, mas profundo o bastante para sentir atrás dos dentes.

Darovit andava atrás dela, manipulando os controles que guiavam a maca da *Loranda*. A maca flutuava ao lado dele, transportando a forma ainda inconsciente de Bane. Assim como quando Zannah o tirou da fortaleza de Belia, seu mestre estava mais uma vez sendo transportado sem cerimônias a um metro do chão. Desta vez, entretanto, ele estava apoiado por repulsores ao invés da Força.

– Este lugar é incrível – Darovit sussurrou. – Nunca senti nada igual. É tão... puro.

Zannah se lembrou que, embora ele não tivesse o poder dos Jedi ou dos Sith, seu primo também era sensível à Força. Ela brevemente se perguntou se seria possível que ele compartilhasse o mesmo tipo de talento que Caleb, mas então decidiu que a razão de estar ali não fazia diferença. Quatro dias se passaram desde que deixaram Tython, e Bane enfraquecera ainda mais. Se eles não encontrassem ajuda ali, seu mestre iria morrer.

A julgar por sua primeira olhada, ela não ficou muito esperançosa. Assim como era comum em Ambria, eles estavam cercados por todos os lados pelo deserto desolado e árido que se estendia até onde a vista alcançava. As únicas características da paisagem, com exceção de alguns rochedos, eram a cabana de Caleb e sua fogueira. O acampamento parecia estar deserto.

A cabana era pequena, apenas alguns metros de cada lado. As paredes eram inclinadas em quarenta e cinco graus e encontrando-se no centro, fazendo a estrutura se parecer uma pirâmide mal construída. Onde e como Caleb adquirira a madeira era impossível dizer, mas era óbvio que ele não havia trocado o material recentemente. A madeira estava gasta e manchada pelo sol, e embora não fosse apodrecer no clima seco de Ambria, centenas de longas rachaduras se formaram quando a umidade desapareceu. Na parede em frente à

fogueira havia uma pequena porta que levava para dentro da cabana. Havia um cobertor puído pendurado sobre a porta, balançado levemente sob o vento do deserto.

A fogueira não era nada além de um pequeno círculo de pedras, chamuscado e enegrecido pelos anos de fumaça e fogo. Um suporte de metal apoiava uma grande panela de ferro no centro do círculo, mas a panela estava vazia e o fogo apagado.

Zannah se lembrou de Bane contando sobre como Caleb mergulhara as próprias mãos na panela quando estava cheia de ensopado borbulhando, queimando a si mesmo para provar a seu mestre que ele não temia a dor e não podia ser ameaçado ou intimidado.

Há dez anos o curandeiro havia inicialmente se recusado a curar seu mestre, mas, no fim, Bane o convencera, depois de ameaçar a vida de sua filha. Zannah não sabia se, caso eles o encontrassem, Caleb iria se recusar a ajudar Bane outra vez.

– Olá? – Darovit chamou, sua voz soando pequena no espaço vazio. – Olá?

Zannah se moveu lentamente na direção da cabana e afastou o cobertor na porta. A única coisa lá dentro era uma pequena esteira de dormir no canto. Ela recuou, olhando para o deserto ao redor do acampamento para ver se havia mais algum lugar para onde Caleb poderia ter ido. Darovit fez o mesmo, depois ofereceu a única conclusão lógica.

– Não tem ninguém aqui.

Não era apenas Caleb que não estava ali, Zannah precisou admitir. Onde estavam os medicamentos que o curandeiro usaria para curar aqueles que procuravam sua ajuda? Onde estavam os suprimentos básicos – comida, água, combustível para o fogo – que ele precisaria para sobreviver?

Ela se lembrou de que Caleb viera para Ambria para escapar da guerra entre os Jedi e os Sith. Infelizmente para ele, a guerra eventualmente o seguira até aquele mundo remoto. Porém, o curandeiro mantivera uma firme neutralidade durante o conflito, recusando-se a ajudar seguidores dos dois lados; apenas Bane conseguira convencê-lo a fazer uma exceção àquele regra. Talvez com o fim da guerra, ele renunciara ao seu modo de vida solitário e retornara para seu mundo de origem, reintegrando-se à sociedade galáctica. Era apenas uma das várias possibilidades que explicariam sua ausência.

Ele poderia ter morrido. Já fazia dez anos desde que Bane visitara o acampamento, e embora Caleb não fosse tão velho, era possível que algo tivesse acontecido a ele na década que se passou. Ambria podia ser um mundo perigoso e difícil; o curandeiro podia ter sido morto ou devorado pelos hssiss, os ferozes lagartos carnívoros que às vezes emergiam das profundezas do Lago Natth para se alimentar.

O planeta também possuía muitos predadores sencientes. O punhado de pessoas que ainda vivia naquele mundo sobreviviam vasculhando os restos das batalhas que aconteceram na superfície e nos céus acima, encontrando itens danificados e velhas tecnologias que eles podiam restaurar e vender para outros planetas. A maioria dos sucateiros eram pessoas simples tentando sobreviver. Mas alguns se tornaram criminosos desesperados, dispostos a matar por qualquer coisa – como pela coleção de medicamentos e suprimentos de Caleb.

Ou talvez o curandeiro fora vítima de alguma doença ou aflição que mesmo ele não podia curar. Se tivesse morrido de causas naturais, não levaria muito tempo até que os muitos sucateiros do deserto levassem todas as suas coisas, deixando nenhuma evidência do que acontecera.

Estava claro que eles não encontrariam nenhuma ajuda ali, mas não havia razão para seguir para outro lugar. Bane possuía um dia, no máximo, até que as toxinas dos orbalisks alcançassem níveis letais nos tecidos de seu corpo. Zannah simplesmente ficou parada ali, incapaz de nem mesmo pensar sobre o que fazer em seguida. E então ela se lembrou de outro detalhe da história de seu mestre.

Caleb tentara esconder sua filha de Bane. Seu mestre havia facilmente descoberto a garota dentro da cabana; não havia outro lugar para se esconder no pequeno acampamento. Ao menos, não há dez anos.

– Espere aqui – ela disse para Darovit, deixando-o para vigiar Bane na maca.

Ela voltou para a cabana, chutando a esteira para o lado e revelando a pequena porta de um alçapão. Ela usou a Força para abri-lo, e foi recompensada com a visão de um homem olhando para ela de dentro de um pequeno porão.

Sua expressão não era de medo, nem mesmo de raiva. Não exatamente. Ele parecia mais como se estivesse cansado; como se soubesse que sua descoberta levaria a uma longa e tediosa conversa.

– Saia – Zannah disse, recuando e pousando a mão sobre seu sabre de luz.

Sem uma palavra, ele subiu a escada do porão até ficar ao lado dela. O curandeiro parecia estar com seus quarenta anos, um homem magro de estatura média. Ele possuía cabelos pretos que chegavam até os ombros, e sua pele era marrom e curtida por uma década de exposição ao sol escaldante de Ambria. Não havia nada sobre

sua aparência que sugeria que fosse um homem de poder ou importância, porém Zannah podia sentir sua calma força interior.

– Você sabe quem eu sou? – ela perguntou a ele.

– Sei desde quando você e seu mestre construíram seu acampamento neste mundo – ele disse silenciosamente.

– E você sabe por que estou aqui?

– Eu senti vocês chegando. Foi por isso que me escondi aqui.

Ela olhou para o porão, notando que continha algumas prateleiras com garrafas, jarros e bolsas que guardavam os medicamentos e misturas curativas que ele usava em seu trabalho. Havia também vários kits de ração em um canto, junto com um punhado de pequenas caixas de suprimentos.

– Quando você construiu isso? – ela perguntou, curiosa.

– Pouco depois de meu encontro com o seu mestre – ele respondeu. – Eu temia que ele fosse voltar um dia, e eu queria um lugar para minha filha se esconder.

O homem repentinamente sorriu para ela, embora não houvesse alegria em sua expressão.

– Mas agora minha filha já cresceu – ele disse. – Ela deixou este mundo para nunca mais retornar. E você não possui poder algum sobre mim.

– Você está dizendo que não ajudará meu mestre? – Zannah perguntou, sem nem se dar ao trabalho de colocar um tom de ameaça na voz.

– Não há nada que você possa fazer para me convencer desta vez – ele respondeu, e ela sentiu uma profunda satisfação em sua voz. Ela percebeu que ele vinha se preparando para aquele dia por mais de dez anos.

– A guerra entre os Jedi e os Sith acabou – Zannah disse a ele. – Meu mestre já não é mais um soldado. Ele é apenas um homem comum que precisa de ajuda.

O homem sorriu novamente, mostrando os dentes com uma expressão selvagem.

– O seu mestre nunca será comum. Mas logo ele estará morto.

Um olhar sobre a mão do homem, permanentemente marcada pelas queimaduras que ele deu a si mesmo quando mergulhou a mão na panela fervente, fez Zannah dispensar qualquer ideia de tortura para fazê-lo mudar de opinião. E ela sabia que qualquer tentativa de dominar sua mente com a Força fracassaria; sua determinação era forte demais para ser manipulada.

– Eu posso lhe dar créditos. Você será mais rico do que poderia imaginar.

Ele fez um gesto com a mão mostrando sua rústica cabana.

– De que servem créditos para um homem como eu?

– E quanto à sua filha? – Zannah rebateu. – Pense em como sua vida se tornaria mais fácil.

– Mesmo se eu quisesse que minha filha ficasse com o seu maldito dinheiro, eu não saberia como enviar a ela. Para sua própria proteção, eu insisti que ela mudasse de nome depois de deixar este planeta. Não sei qual é o seu nome agora e não sei para onde ela foi.

Zannah mordeu os lábios, depois tentou algo desesperado.

– Se você não ajudar meu mestre, eu vou caçar a sua filha. Vou encontrá-la, torturá-la e matá-la – ela jurou, cuidadosamente enfatizando cada palavra. – Mas primeiro, vou fazê-la assistir enquanto eu torturo e mato todas as pessoas que ela ama.

Caleb sorriu com o canto da boca, achando graça daquela ameaça vazia.

– Que seja. Vá procurá-la e me deixe em paz. Nós dois sabemos que você nunca a encontrará.

Novamente, ele estava certo. Sem um nome e nem mesmo uma descrição física, seria impossível rastrear uma mulher que poderia estar em qualquer um dos milhões de mundos da República.

Fechando o rosto, Zannah olhou mais uma vez para as cicatrizes na mão do curandeiro. Era um testemunho silencioso do fato de que ela não poderia convencê-lo através da dor física, por mais brutal que fosse. Mas sem nenhuma outra opção, ela decidiu tentar mesmo assim.

Zannah usou a Força e tirou Caleb do chão. Seus pés ficaram pendurados no ar e sua cabeça raspou no teto baixo da cabana. Ela começou a apertar, aplicando pressão diretamente em seus órgãos internos, lentamente esmagando-os e infligindo uma dor agonizante que poucos seres já haviam experimentado. Ela tomou o cuidado de poupar seus pulmões, permitindo ar suficiente para ele respirar e falar.

– Você sabe como fazer isso parar – ela disse friamente. – Diga que você irá curar meu mestre.

Ele grunhiu e engasgou com a dor, mas sacudiu a cabeça.

– Zannah! O que você está fazendo?

Darovit havia entrado na cabana, curioso com a demora dela. Agora ele estava na porta, olhando horrorizado para a cena.

– Pare! – ele gritou. – Você o está matando! Coloque-o no chão!

Com um grunhido de frustração, ela o soltou, deixando Caleb cair no chão. Darovit correu para o seu lado para ver se ele estava bem, mas o velho homem sacudiu a cabeça e o dispensou. Ele se ergueu sobre as mãos e os joelhos, depois se sentou sobre os calcanhares enquanto respirava fundo.

Darovit se virou para ela.

– Por que você fez isso? – ele perguntou com irritação.

– Ele se recusou a nos ajudar – ela disse, sua voz saindo mais defensiva do que ela pretendia.

– Eu não vou libertar aquele monstro sobre a galáxia outra vez – Caleb declarou, seus dentes ainda cerrados por causa da tortura de Zannah. – Não há nada que você possa fazer para me obrigar a salvá-lo.

Zannah se abaixou diante dele.

– Eu posso usar meus poderes para evocar seus piores pesadelos e dar vida a eles diante dos seus olhos – ela sussurrou. – Posso levar você à loucura de tanto medo, posso destruir sua sanidade e transformá-lo em um lunático delirante para o resto da vida.

Darovit continuou encarando Zannah, chocado por suas palavras. Caleb apenas abriu seu sorriso irritante.

– Se você fizer isso – o curandeiro calmamente respondeu –, o seu mestre irá morrer.

Zannah mordeu os lábios, olhando em seu rosto. E então ela se levantou de repente e saiu correndo para fora da cabana, deixando Darovit e Caleb sozinhos.



FUMEGANDO DE RAIVA, ZANNAH ATRAVESSOU, com passos pesados, a areia que separava a cabana de Caleb e o final do acampamento, onde seu mestre estava, ainda sobre a maca flutuante

Ela olhou o monitor ao lado da maca, checando os sinais vitais. Ele ainda estava vivo, mas piorando rápido. Logo estaria morto, levando junto todos os seus segredos e conhecimento.

Zannah estava ao lado da maca quando Darovit emergiu da cabana alguns minutos mais tarde. Ele cruzou o acampamento até chegar ao lado dela, e então olhou para Darth Bane.

– Quando ele se for – Darovit disse, oferecendo à sua prima palavras de consolo –, ao menos morrerá em paz.

– A paz é uma mentira! – Zannah retrucou. – Não importa se você morre dormindo ou no campo de batalha, a morte é sempre a morte.

– Ao menos ele não está sentindo dor – Darovit respondeu, jogando mais uma amenidade sem sentido.

– Se você sente dor – ela respondeu –, significa que ainda está vivo. Eu sempre vou preferir dor em vez de paz.

– Nunca pensei que fosse ouvir isso de você, Zannah – Darovit disse com tristeza, sacudindo a cabeça. – Você não consegue enxergar aquilo que ele te transformou?

Ele me transformou em uma Sith, ela pensou. Em voz alta, Zannah disse:

– Ele me deixou mais forte. Ele me deu poder.

– Isso é tudo que você se importa agora, Zannah? Poder?

– Pelo poder eu ganho a vitória, e pela vitória minhas correntes se partem.

– Poder nem sempre traz a vitória – Darovit rebateu. – Mesmo com todo o poder que possui, você não conseguiu obrigar Caleb a ajudá-la.

Bane teria encontrado uma maneira, ela pensou amargamente, mas não disse nada.

– Eu entendo o que aconteceu com você – seu primo disse, pousando uma mão tranquilizadora em seu ombro.

– Você era apenas uma criança. Com medo. Sozinha. Bane a encontrou e a acolheu. Eu entendo a sua lealdade. Entendo a razão de se importar com ele.

Zannah afastou a mão e se virou para encará-lo com uma expressão de descrença.

– Eu sou uma Sith. Não me importo com nada, apenas comigo mesma.

– Você se importa comigo.

Zannah não respondeu, recusando-se a ser atraída para a mesma discussão que eles tiveram na viagem para Tython.

– Você não quer admitir – Darovit a pressionou –, mas eu sei que você se importa comigo. E se importa com seu mestre também. Suas ações provam isso, independente do que você diga. Mas Caleb está certo, sabe? Bane é um monstro; não podemos libertá-lo outra vez.

“Mas ele não precisa necessariamente morrer” ele acrescentou.

– O que você quer dizer? – Zannah perguntou, repentinamente desconfiada.

– Eu conversei com Caleb. Ele acha que você também é um monstro. Mas ele não a conhece como eu conheço. Você não é um monstro, Zannah... mas irá se transformar em um, se deixar a raiva e o ódio guiarem sua vida.

– Agora você soa como um Jedi – ela disse cuidadosamente. Darovit claramente estava planejando algo, mas ela ainda não sabia o que era.

– Estou começando a perceber que eles são a melhor alternativa – ele admitiu. – Sei o que vai acontecer, Zannah. Se Bane morrer, você matará Caleb.

Ela hesitou, depois confirmou.

– Provavelmente. – Não havia razão para mentir.

– Você está se equilibrando no precipício – seu primo a alertou, repentinamente sua voz era urgente e intensa.

– Você ainda pode dar as costas para essa vida, Zannah. Mas se Bane morrer, sei que seu desejo de vingança vai fazê-la matar Caleb. E temo que a morte de seu mestre irá jogá-lo no abismo. Você se transformará em algo igual a ele. Eu não *quero* que você se transforme nele – Darovit acrescentou mais suavemente, assentindo na direção

do corpo inerte de Bane sobre a maca. – Eu preciso salvar você de si mesma. Eu precisava encontrar alguma maneira de impedir que você matasse Caleb. Então eu o convenci a curar Bane. É a única maneira de afastar você dos ensinamentos dos Sith.

– Isso... isso não faz sentido – Zannah disse, sua mente acelerando enquanto tentava entender aquela lógica. – Se Bane viver, ele nunca permitirá que eu abandone meus estudos.

E por que eu faria isso?, ela acrescentou em sua mente.

– Antes de Caleb ajudar – seu primo explicou –, você precisa lançar um dos drones mensageiros da *Loranda*. Você precisa dizer aos Jedi onde estamos para que eles venham até aqui prender Bane.

– O quê? – Zannah gritou, dando um passo para trás. – Isso é loucura!

– Não, não é! – ele disse, agarrando seu braço com a mão boa e puxando Zannah para perto. – Por favor, Zannah, apenas me ouça. Se enviar essa mensagem para os Jedi e entregar Bane para eles, você irá provar que está dando as costas para os ensinamentos dos Sith. Isso mostrará que você quer se redimir por toda a dor e sofrimento que causou. E é a única maneira de convencer Caleb a cuidar dele – Darovit acrescentou, soltando o braço dela.

– Você viu o que Bane consegue fazer – ela disse. – O que o impedirá de matar os Jedi quando eles chegarem aqui?

– A toxina dos orbalisks está derretendo o corpo dele por dentro. Mesmo com a ajuda de Caleb, levará semanas, talvez meses, até ele conseguir sair da cama.

– Então o que impedirá que eu mesma o tire daqui assim que estiver curado?

– A sua maior arma é o segredo de sua existência. Os Jedi pensam que sua Ordem está extinta. Eles não perderão tempo perseguindo sombras toda vez que alguém sussurrar a palavra *Sith*. Esse é a única razão que permitiu a sua sobrevivência até aqui.

“Mas, quando você enviar um drone de mensagem, tudo mudará. Eles saberão que os Sith ainda existem. Eles terão a prova que precisam para entrar em ação. Cada cavaleiro e mestre Jedi, em milhões de mundos, estarão procurando por vocês. Os Sith não poderão se esconder mais.”

Zannah sabia que ele estava certo. Aquela era a razão de Bane ter trabalhado tanto para manter sua existência como apenas um rumor infundado.

– Além disso – Darovit acrescentou –, Caleb não fará nada até incapacitarmos a nave. Se você tentar fugir, terá que carregar Bane sozinha até o deserto. Mesmo se ele sobreviver a essa viagem, você não iria longe antes da chegada dos Jedi.

– Parece que o curandeiro não confia em mim – Zannah murmurou sombriamente.

– Você quase o matou – ele a lembrou.

– Se eu entregá-lo aos Jedi – ela pensou alto –, o que acontecerá comigo?

– Não sei – o rapaz admitiu. – Os Jedi podem prendê-la também. Mas eu espero que reconheçam suas ações como um ponto de virada em sua vida. Talvez eles enxerguem isso como uma tentativa de reparação.

“Talvez eles até acolham você” ele sugeriu. “Ouvir dizer que os Jedi acreditam no poder da redenção. E, como eu disse, é melhor do que a outra alternativa.”

– E quanto a você? – ela perguntou. – O que você vai fazer?

– Eu não farei parte disso se você escolher matar Caleb e deixar Bane morrer – ele disse a ela. – Mas eu não acho que você vai fazer isso.

– Como pode ter tanta certeza?

– Eu já falei, Zannah. Nós temos uma ligação. Eu sei o que você está pensando, o que está sentindo. Você tem medo de ficar sozinha... mas você *não* está sozinha. Não mais.

“Você fará a escolha certa. E quando fizer, eu estarei lá com você.”

Ela pesou a oferta cuidadosamente, mordendo os lábios com tanta força que seus dentes arrancaram-lhes sangue. Se recusasse, Bane morreria e ela teria que continuar a Ordem Sith sozinha. Teria que matar Caleb, encontrar um aprendiz... provavelmente matar Darovit também. Se concordasse, ela teria que trair seu mestre e entregá-lo aos Jedi, o que marcaria o fim dos Sith e o primeiro passo em sua longa estrada para a redenção.

– O tempo de Bane está se esgotando – seu primo disse. – Você precisa decidir.

Os dois caminhos se abriam diante dela: sozinha para a escuridão, ou para dentro da luz com Darovit ao seu lado. Ela pesou o problema de novo e de novo em sua mente até que, enfim, a resposta se apresentou a ela.

– Diga para Caleb que eu aceito suas exigências.



Bane abriu os olhos lentamente; as pálpebras pareciam pesadas como se fossem de metal. Ele podia sentir a pele raspando sobre as pupilas, esfregando como lixa quando piscou contra a forte luz que brilhava sobre seu rosto. A luminosidade o fez cerrar os olhos novamente quando tentou se sentar.

Seu corpo se recusou a se mover. Pernas, braços e torso ignoraram os impulsos de seu cérebro. Mesmo a cabeça não conseguia se mexer. Havia sensação nas extremidades: ele sabia que estava deitado de costas, e podia sentir a textura áspera de um pano contra sua pele. Mas ele estava paralisado, incapaz de se mexer.

Ele tentou abrir os olhos novamente, e a luminosidade começou a diminuir conforme suas pupilas gradualmente se contraíam. Ele estava olhando para um teto baixo feito de simples tábuas de madeira. Um raio de sol invadia através de uma rachadura na madeira, acertando diretamente seu rosto.

Gemendo, ele conseguiu virar a cabeça para o lado para que a luz não mais atingisse seus olhos. A mudança de ângulo também deu a ele uma visão melhor do lugar onde estava: pequeno, simples e estranhamente familiar. Antes que pudesse identificar o cenário com alguma de suas memórias, uma figura apareceu e bloqueou sua vista.

Pelo fato de estar olhando diretamente um par de botas de couro, Bane deduziu que estava deitado no chão. A figura parou diante dele por um momento, depois se abaixou para olhar em seus olhos.

O rosto – dez anos mais velho, mas inconfundível – acordou a memória do lorde sombrio. Ele já estivera deitado naquele mesmo chão havia mais de uma década, à beira da morte, igual estava agora.

Caleb, ele tentou dizer, mas o único som que saiu foi um leve grunhido. Assim como o resto de seu corpo, seus lábios, língua e mandíbula se recusaram a se mexer. Bane tentou usar o poder do lado sombrio para ganhar força, mas sua determinação estava tão fraca quanto o resto do corpo.

– Ele está acordado – Caleb disse em voz alta, sem tirar os olhos de seu paciente.

Bane ouviu o som de passos se aproximando. Ele tentou falar outra vez, jogando toda a sua força em uma única palavra.

– Caleb.

Sua voz saiu como um leve sussurro, mas desta vez a palavra ficou clara. O curandeiro não se deu ao trabalho de responder. Ele apenas se levantou, deixando Bane de frente para suas botas mais uma vez. Bane ouviu o baque surdo de passos correndo na areia mudar para o estalar de botas pisando no chão de madeira da cabana.

– Deixe-me vê-lo!

Ele reconheceu a voz de sua aprendiz, e sua mente começou a juntar as peças do que havia acontecido. Ele se lembrou da batalha contra os Jedi em Tython; lembrou de quando disparou uma tempestade de raios sobre o último de seus inimigos. Lembrou do maldito escudo que o mestre Ithoriano lançou ao seu redor. Depois disso, suas memórias eram apenas de uma dor insuportável.

De algum jeito, a barreira do Jedi havia prendido Bane dentro do centro da tempestade de energia sombria. A eletricidade o envolvera, milhões de volts atravessando seu corpo, cozinhando sua carne por dentro e jogando seus músculos em uma interminável série de convulsões violentas que ameaçavam destroçar seu corpo.

A energia também havia passado através dos orbalisks em sua pele. As criaturas absorveram o poder, devorando famintas a energia até se tornarem tão empanturradas que a macia carne da parte de baixo das conchas começou a inchar. Cada vez mais apertados dentro da carapaça dura de suas conchas exteriores, as criaturas começaram a se cravar cada vez mais fundo na carne de Bane. Ele se lembrou de gritar quando milhares de pequenos dentes começaram a cortar o tecido subcutâneo, mastigando através de músculos, tendões e até os ossos.

Mas cavar mais fundo não impediu as criaturas de se alimentarem da eletricidade que atravessava as entranhas cozidas de Bane. Elas continuaram a se expandir até começarem a estourar, rompendo como se fossem balões sobrecarregados e furados debaixo da carapaça.

Bane permanecera consciente durante a tortura de ser cozinhado vivo pela eletricidade e a agonia dos dentes se cravando em sua carne. Mas a dor indescritível das substâncias químicas liberadas pelos orbalisks dissolvendo-se em seu corpo em escala celular finalmente o fez apagar... e só agora acordar naquela cabana.

Um par de botas apareceu ao lado de Caleb: os pés menores de uma mulher, provavelmente Zannah.

– Ele está tentando falar – Caleb disse, acima da linha de visão de Bane.

O lorde sombrio tentou erguer a cabeça novamente, desta vez conseguindo olhar para as duas pessoas em pé diante dele. Zannah notou e se abaixou para erguer sua cabeça e ombros. Ela improvisou um travesseiro com seu manto dobrado e o deslizou embaixo do pescoço de Bane. Ele sentiu seus longos dedos magros quando ela o tocou.

O contato trouxe uma percepção impactante para Bane – os orbalisks haviam desaparecido! Foi por isso que sentiu o cobertor áspero contra seu corpo. Foi por isso que sentiu os dedos de Zannah tocando sua pele.

– Orbalisks? – ele conseguiu sussurrar.

– Tivemos que removê-los – sua aprendiz o informou. – Eles estavam matando você.

Bane sentiu o mundo escurecendo novamente, seu corpo exausto pelas duas palavras que dissera. Ao deslizar para fora da consciência, ele sentiu uma ponta de pesar por aquilo que havia perdido.



Para os olhos leigos de Zannah, seu mestre parecia muito mais forte quando abriu os olhos outra vez dois dias depois. Desta vez, ele conseguiu virar a cabeça levemente de um lado a outro, observando a cabana de Caleb e a presença de sua aprendiz.

– O que aconteceu? – ele perguntou.

As palavras saíram fracas, sua voz ainda áspera e difícil.

– Caleb curou você – ela disse, ajustando o travesseiro que havia apanhado na *Loranda* e posicionado embaixo de sua cabeça e ombros para apoiá-lo. – Ele salvou a sua vida.

Quatro dias atrás, uma afirmação dessas seria difícil de acreditar. Caleb observou Zannah programar o drone de mensagens e enviá-lo para os Jedi, depois alertou a ela que havia uma grande chance de Bane não sobreviver ao tratamento.

A princípio, ela pensou que fosse uma mentira, uma desculpa de Caleb para encobrir suas ações se ele decidisse deixar seu mestre morrer... ou se decidisse simplesmente matá-lo. Então ela acompanhou o curandeiro de perto durante o tratamento de Bane. Apesar de saber que havia uma centena de maneiras para acabar com a vida de Bane sem ela perceber, Zannah esperava que sua presença dissuadisse Caleb de tentar algum engodo.

Agora ela entendia o quanto sua vigília fora inútil. Caleb era um homem de palavra; ele se prendia a noções tolas como honra. Ele prometera ajudar Bane, desde que ela alertasse os Jedi, e já que ela cumpriu sua parte, ele se esforçou para fazer o mesmo.

Zannah originalmente sugerira levar Bane de volta para o compartimento médico da *Loranda*, mas Caleb recusara. Ele alegou que as poderosas energias que envolviam a terra ao redor de seu acampamento davam força a suas práticas médicas. Darovit concordara, e Zannah, sentindo ela mesma o poder do lugar, acabou cedendo.

O curandeiro começara forçando pela garganta de Bane um líquido malcheiroso que ele havia cozinhado em sua panela para combater os efeitos das toxinas dos orbalisks. Darovit alertara a Zannah que o veneno estava matando seu mestre, dissolvendo seu corpo. Mas foi apenas quando eles começaram a retirar os orbalisks, começando pelas carapaças queimadas das criaturas já mortas, que Zannah entendeu a completa extensão do quanto seu mestre havia sofrido.

O que havia embaixo já não podia ser chamado de pele; não poderia nem mesmo ser chamado de carne. Era uma massa esverdeada e preta liberada pelos organismos parasitas misturada com pus branco e tecido avermelhado do próprio corpo de Bane. Olhando para o estrago, ficou óbvio, mesmo para alguém sem treinamento médico como Zannah, que a única coisa mantendo Bane vivo era sua afinidade com a Força. Seus ferimentos exalavam o odor fétido de carne podre, e ela precisou de todas as forças para não vomitar.

O passo seguinte foi remover os orbalisks ainda vivos. A chave, como Zannah suspeitava, era a eletricidade. Caleb cozinhou um gel pegajoso altamente condutivo, depois o usou para cobrir o exterior de cada criatura. Em seguida, ele usou uma longa agulha fina ligada a uma célula de energia da *Loranda* e a inseriu em um pequeno furo na ponta do crânio blindado de cada orbalisk. A agulha penetrava na carne macia abaixo, causando um poderoso choque elétrico que paralisava a criatura.

Isso fazia os orbalisks liberarem uma pequena dose de substâncias químicas que enfraqueciam o poderoso adesivo que eles usavam para se fixar no hospedeiro. Com esse adesivo enfraquecido, a criatura podia ser retirada manualmente. Os orbalisks ainda paralisados eram então jogados em um grande tanque cheio de água ligado a uma das células de energia da *Loranda* e eliminados com uma dose final de eletricidade. Foi necessário repetir o processo cuidadosamente com cada indivíduo da colônia que havia se espalhado sobre o corpo de Bane, e mesmo com Darovit e Caleb trabalhando juntos, o processo levou várias horas.

A carne debaixo dos orbalisks vivos estava pálida e carcomida, com profundos ferimentos onde fora constantemente mastigada pelos dentes dos parasitas. Os ferimentos pareciam pequenos quando comparados com o horror embaixo das carapaças mortas.

Assim que Bane foi limpo da infestação, Caleb esfregou um bálsamo sobre seu corpo todo e o envolveu da cabeça aos pés com ataduras. Os curativos foram trocados a cada quatro horas nos primeiros dois dias, com o bálsamo sendo reaplicado a cada troca.

Zannah ficou impressionada com a capacidade de Caleb. Bane não passava de uma massa de carne morta e infectada quando o curandeiro começou, e quando os curativos foram retirados pela última vez, o corpo

devastado de Bane havia renascido. Sua pele agora exibia um forte tom rosa, estava estranhamente flexível e extremamente sensível, porém o curandeiro avisou que lentamente retornaria a uma cor e textura mais normais.

– Caleb me salvou? – Bane murmurou. – Como você o convenceu?

Zannah hesitou, sem saber o que dizer. Darovit e Caleb estavam lá fora; eles poderiam entrar a qualquer momento. Mas mesmo se flagrassem Zannah contando a Bane sobre o drone de mensagens, por que se importariam? O fato já estava consumado. Seu mestre ainda estava fraco demais para se levantar e, a essa altura, os Jedi deveriam chegar a Ambria em menos de um dia.

– Tivemos que contar aos Jedi que você estava aqui. Enviei uma mensagem dizendo a eles que um lorde Sith havia matado cinco Jedi em Tython. Eu disse a eles que você estava com Caleb em Ambria, ferido e indefeso. Eles estão vindo para prendê-lo.

Uma raiva surgiu nos olhos de Bane e ele tentou se levantar, mas conseguiu apenas erguer a cabeça alguns centímetros sobre o travesseiro antes de cair de volta. Percebendo que estava mesmo indefeso, seu mestre a encarou com olhos acusatórios.

– Você me expôs – ele disse. – Você me traiu.

– Eu precisava mantê-lo vivo – ela explicou, voltando ao argumento que usara para tomar sua decisão final. – Você ainda tem muita coisa para me ensinar.

– Como isso pode acontecer agora? – ele exigiu saber com irritação. – Os Jedi nunca permitirão.

Zannah não possuía uma resposta para ele. Bane fechou os olhos, mas ela não sabia dizer se foi um gesto de derrota ou um gesto pensativo. Ela apenas ouvia as vozes indistintas de Darovit e Caleb lá fora, perto da fogueira.

Os olhos de Bane se abriram alguns segundos mais tarde, queimando com uma feroz intensidade.

– Darth Zannah, você é minha aprendiz. A herdeira do meu legado. Você ainda pode reivindicar o destino que é seu de direito. Você ainda pode alcançar o título de mestra Sith.

Ele estava falando mais alto agora, sua força lentamente retornando. Zannah se perguntou se os dois lá fora podiam ouvi-lo.

– Tome o seu sabre de luz e me mate! Reivindique meu título para si. Mate os outros e fuja deste lugar antes que os Jedi cheguem. Busque outro aprendiz. Mantenha nossa Ordem viva.

Zannah sacudiu a cabeça negativamente. Caleb já havia considerado essa possibilidade.

– Nossa nave está incapacitada, e os Jedi estarão aqui em questão de horas. Mesmo se eu fugir para o deserto, eles me encontrarão antes que eu possa escapar deste mundo.

– Nunca pensei que você fosse fracassar totalmente – Bane disse, virando a cabeça para longe dela. – Nunca pensei que seria você quem destruiria os Sith.

Ela não disse nada em sua defesa, e alguns segundos mais tarde Bane se virou para encará-la mais uma vez, passando os olhos sobre o sabre de luz em sua cintura.

– Não quero viver como um prisioneiro dos Jedi – ele disse com uma voz baixa, como se agora soubesse que outros poderiam estar ouvindo. – Você pode acabar com tudo antes que eles cheguem.

Zannah sacudiu a cabeça. Ela não teria se dado ao trabalho de salvar a vida de seu mestre apenas para matá-lo agora.

– Enquanto você viver, ainda haverá esperança, Bane – ela disse quase sussurrando, preocupada com o que Darovit ou Caleb pensariam se ouvissem suas palavras. Mas ela precisava oferecer algum tipo de tranquilidade a seu mestre. – Os Sith ainda podem se erguer.

Bane sacudiu a cabeça, apesar do esforço monumental que foi preciso.

– Os Jedi nunca permitirão que eu escape. Eles sentirão meu poder e me manterão sob a constante guarda de uma dezena de Cavaleiros Jedi até o Senado decidir me executar por meus crimes. Mate-me agora e negue a justiça que eles buscam.

Zannah havia passado os últimos dois dias ao lado de Bane, esperando que ele acordasse. Já estava claro que ele viveria, mas ela queria falar com seu mestre para ter certeza que sua mente estava intacta. Ela queria prova de que todas as suas faculdades – sua inteligência, sua astúcia – haviam sobrevivido à provação. Agora ela possuía essa prova, ironicamente expressa em seu desejo de morrer.

– Um Sith nunca se entrega, mestre – ela disse.

– E apenas um tolo enfrenta uma batalha que não pode vencer – ele respondeu com firmeza. – Os Jedi logo estarão aqui. Aja agora. Mate-me!

Ela sacudiu a cabeça. Seu mestre tentou se erguer, sua fúria dando a força para se apoiar nos cotovelos. Mas então ele desabou de novo sobre o travesseiro, completamente exausto.

Quando seu mestre perdeu a consciência outra vez, Zannah percebeu que ele estava certo. Os Jedi estavam chegando, e se ela não agisse agora, seria tarde demais. Ela se levantou e sacou o sabre de luz, sabendo que o

zumbido da lâmina alertaria os dois homens lá fora. Ela não se importava. Quando percebessem o que estava fazendo, já seria tarde demais.



A *LUZ DA VERDADE*, UM dos muitos cruzadores Jedi que foram incorporados à frota da República após as Reformas de Ruusan, aterrissou com um suave baque sobre a superfície desolada de Ambria.

– Estejam preparados para tudo – o mestre Tho’natu alertou sua equipe enquanto se preparavam para desembarcar.

Antes de alcançar a classe de mestre, o Twi’lek servira como um Cavaleiro Jedi no Exército da Luz em Ruusan. Ele fora destacado para a nave de Farfalla, felizmente em tempo de evitar os efeitos da bomba de pensamento, mas não antes de ter ampla oportunidade em Ruusan para testemunhar em primeira mão o tipo de atrocidades que os Sith eram capazes. Ele não iria se arriscar agora.

Eles foram enviados em resposta a uma mensagem que havia chegado a Coruscant alguns dias antes. A mensagem anônima era curiosamente curta, e um pouco perturbadora em sua falta de detalhes. Continha apenas um conjunto de coordenadas e quatro linhas curtas de texto.

Um lorde Sith ainda vive. Ele matou cinco Jedi em Tython. Ele agora está em Ambria, sob os cuidados de um curandeiro chamado Caleb. Ele está muito ferido e indefeso.

Menos de duas semanas atrás, mestre Farfalla e quatro companheiros haviam apressadamente deixado Coruscant, dizendo que estavam seguindo para Tython atrás de um lorde sombrio dos Sith. Desde então, ninguém mais soube deles. O drone de mensagens oferecia uma infeliz explicação, e provocou uma resposta imediata do Conselho Jedi.

Eles rapidamente juntaram uma equipe de quatorze Jedi, seis mestres e oito cavaleiros, e a enviou para Ambria sob o comando de Tho’natu para apreender o homem responsável pelo massacre do mestre Farfalla e seus companheiros. A jornada foi feita com toda a pressa possível, mas agora

que haviam chegado, eles pretendiam prosseguir com cautela, com receio de estarem seguindo para uma armadilha.

As coordenadas de aterrissagem os colocaram a algumas centenas de metros de uma pequena cabana de madeira e uma fogueira. Um cruzador chamado *Loranda* estava aterrissado perto dali.

As portas de desembarque se abriram, e Tho'natu e os outros saltaram para o chão, prontos para sacar os sabres de luz ao primeiro sinal de problemas. O ar ao redor deles zumbia com uma estranha e pouco familiar sensação de poder, embora debaixo dessa sensação houvesse a inconfundível mancha do lado sombrio.

– Primeira e segunda unidades, sigam para checar aquela nave – ele disse. – Terceira unidade, siga para explorar o acampamento comigo.

Nove Jedi correram na direção da *Loranda*, enquanto Tho'natu e os outros seguiram para o acampamento. O que eles viram quando se aproximaram os encheu de repulsa: alguém havia sido literalmente cortado em pedaços.

Pedaços eviscerados de um humano estavam espalhados pelo chão ao redor de uma fogueira. Braços foram arrancados dos ombros, depois fatiados novamente na altura do cotovelo e do punho. O mesmo foi feito com os membros inferiores, desmembrando pés, pernas e coxas. Mesmo o torso fora cortado em pedaços. Os cortes limpos e cauterizados não deixavam dúvida que a arma usada pelo carniceiro foi um sabre de luz.

Apenas a cabeça permanecia inteira, deixada como um troféu sobre uma panela de ponta-cabeça no chão. Um homem com longos cabelos negros, parecia ter quarenta ou cinquenta anos. Suas feições estavam desfiguradas em uma expressão de dor e terror; Tho'natu se perguntou quantos ferimentos foram feitos enquanto ele ainda estava vivo.

– Que tipo de loucura levaria alguém a fazer uma coisa dessas? – um dos Jedi perguntou, mas o mestre Tho'natu não respondeu.

Com um gesto de seu comandante, os Jedi acionaram suas armas. Eles se aproximaram lentamente da pequena cabana, seguindo seu comandante. Como uma unidade, eles pararam quando ouviram um leve som vindo de dentro: uma respiração pesada interrompida por soluços e gemidos de medo.

Havia um cobertor puído pendurado na porta aberta, bloqueando a visão. O Twi'lek usou a Força para tentar sentir quem estava se escondendo lá

dentro, mas algo – provavelmente o próprio estranho poder do lugar – embaralhava sua percepção.

– Sou o mestre Tho’natu dos Jedi – ele chamou, extinguindo a lâmina do sabre de luz. – Viemos aqui para ajudar.

Um grito de raiva incoerente emergiu da cabana. Um jovem rapaz saiu correndo pela porta, brandindo um sabre de luz dourado sobre a cabeça empunhado com sua mão esquerda. Sua mão direita não era nada além de um toco vazio e havia uma loucura em seu olhar.

– Não! – ele gritou ao avançar sobre o grupo de Jedi, golpeando cegamente com sua arma. – Vocês nunca vão me pegar! Não! Não! Não!

Mestre Tho’natu acionou sua lâmina quando o homem o atacou em sua fúria enlouquecida, seus gritos se transformando em uivos bestiais. O resto da equipe reagiu por instinto, saltando em defesa de seu comandante. A luta durou menos de três segundos, o rapaz insano foi cortado por um enxame de sabres de luz Jedi.

Quando acabou, os Jedi tomaram posições defensivas na direção da cabana, com suas armas de prontidão ao se prepararem para outro potencial ataque. Por vários segundos nada aconteceu, e nenhum outro som veio de dentro. Gesticulando para os outros permanecerem na retaguarda, Tho’natu avançou e empurrou o cobertor que cobria a porta.

A sala estava vazia, com exceção de cinco cabos de sabres de luz no chão, ao lado da porta. O mestre Jedi entrou na cabana, sua mente perspicaz rapidamente juntando as peças sobre o que deveria ter acontecido.

Ele se lembrou que Farfalla usava uma lâmina dourada, igual àquela que o rapaz usou em seu ataque. Os sabres de luz ali eram troféus, tomados daqueles que morreram em Tython. O rapaz lá fora era jovem, mas os Jedi aprendiam que o lado sombrio levava a um poder rápido e fácil – poder suficiente para matar Farfalla e os outros, principalmente se tivessem caído em uma armadilha. O Sith havia matado os Jedi e tomado suas armas, embora provavelmente tivesse sofrido graves ferimentos na luta, incluindo a perda da mão.

Ele provavelmente tentara usar o poder do lado sombrio para curar a si mesmo. Mas o mestre Jedi sabia que o lado sombrio não curava ninguém; apenas destruía. Essa tentativa de cura foi o que possivelmente danificou a mente do jovem rapaz. Ferido e louco, ele seguiu para Ambria em busca

do curandeiro. Quando chegou àquele lugar, ele já estaria perto da morte e completamente indefeso.

Foi nesse momento que Caleb deve ter enviado o drone de mensagens para alertar os Jedi.

Um lorde Sith ainda vive. Ele matou cinco Jedi em Tython. Ele agora está em Ambria, sob os cuidados de um curandeiro chamado Caleb. Ele está muito ferido e indefeso.

Ele deve ter sentido quem e o quê o jovem rapaz era enquanto curava seus horríveis ferimentos. Mas Caleb subestimou o poder do lorde Sith – e o estado degenerativo de sua loucura. Antes da chegada dos Jedi, o Sith havia se recuperado o suficiente para torturar e matar Caleb quando descobriu que fora exposto. A morte lenta e visceral do curandeiro deve ter alimentado ainda mais a psicose do rapaz, transformando-o naquela criatura raivosa que havia atacado os Jedi.

Todas as peças se encaixavam. Tudo fazia sentido.

– Mestre – um dos outros Jedi disse, olhando pela porta. – O resto do acampamento está deserto.

– E quanto à nave? A *Loranda*?

– Não tem ninguém a bordo – ele respondeu. – Parece que foi sabotada por alguém antes de chegarmos.

Provavelmente Caleb, Tho'natu pensou. Ele queria ter certeza de que o Sith não escaparia. Se o rapaz descobriu, isso poderia explicar a brutalidade da morte de Caleb.

– Levaria provavelmente apenas dois ou três dias para fazer os reparos – o Jedi informou.

“Deixe a nave para os sucateiros” o Twi'lek disse, balançando negativamente a cabeça. Havia apenas duas coisas que ele queria levar daquele lugar amaldiçoado. “Junte os restos mortais do curandeiro. Vamos dar a ele um enterro adequado em Coruscant.”

O homem assentiu e se retirou para repassar a ordem.

Mestre Tho'natu se abaixou e juntou os sabres de luz de seus companheiros mortos em Tython, para que pudessem receber um lugar de honra no Templo. A perda de Farfalla e seus companheiros era uma terrível tragédia, assim como aquilo que acontecera ali. Mas ao menos ele poderia voltar para o Conselho Jedi e dizer com absoluta certeza que o último dos lordes Sith havia morrido em Ambria.

Ele saiu da pequena cabana e voltou para sua nave, sabendo que as memórias do horrível massacre em Ambria o assombrariam para o resto da vida. Ele não pensou em examinar a pequena esteira de dormir no canto. Não notou o alçapão construído no chão da cabana. E não sentiu a aprendiz e seu mestre inconsciente, mascarados pela feitiçaria Sith, escondidos em silêncio no porão logo abaixo de seus pés.

EPÍLOGO



ZANNAH PRECISOU DE TRÊS DIAS para fazer os reparos na *Loranda*. Ela alojou Bane dentro da nave e o conectou à bomba bacta para que pudesse continuar sua recuperação enquanto ela trabalhava, sedando seu mestre para acelerar o processo de cura. Agora que a nave estava pronta para deixar Ambria, ela foi checar seu mestre uma última vez.

Ele ainda estava inconsciente, deitado de costas na maca do jeito que ela havia deixado. Zannah se aproximou para checar os sinais vitais e os olhos dele se abriram de repente, queimando de raiva. Ele agarrou o pulso dela, apertando com a força de uma garra de aço.

– Onde estão os Jedi? – ele perguntou com um sussurro agressivo, olhando para ela com uma expressão de puro ódio quando se apoiou na maca sobre um cotovelo. Sua mão apertou ainda mais o pulso de Zannah, fazendo-a estremecer.

– Eles foram embora – ela disse, tentando manter a calma. – Voltaram para Coruscant.

Ela podia sentir o poder de Bane – já todo recuperado – atravessando suas veias. Podia sentir o calor de sua raiva e sabia que uma palavra errada e ele partiria seu pescoço usando a Força.

– Por quê? – ele grunhiu.

– Eles acham que mataram o lorde sombrio em Ambria – ela respondeu.

– Eles acham que os Sith estão extintos.

Bane inclinou a cabeça para o lado, curioso.

– Caleb?

– Eu o matei.

– Seu primo?

– Morto. Os Jedi o mataram.

Uma indesejada visão da criatura patética em que Darovit se transformara passou pela mente de Zannah. Ela se lembrou de seu primo encolhido no canto, tremendo de medo. Ele agarrou o cabo de um sabre de luz contra o peito, sua única defesa contra os horrores e pesadelos que via rastejando ao seu redor. Ela afastou a lembrança sacudindo rapidamente a cabeça.

Bane soltou seu pulso e voltou a deitar na maca, sua raiva diminuindo.

– Você fez bem, Zannah – ele disse, sua mente astuta preenchendo as lacunas até entender o que ela havia feito. Zannah sorriu diante do elogio.

– Eu subestimei você – ele continuou. – Se eu soubesse dos seus planos, nunca teria pedido que me matasse.

– Você ainda tem muito para me ensinar – Zannah o lembrou. – Continuarei a estudar aos seus pés, mestre. Aprenderei com sua sabedoria. Descobrirei os seus segredos, destravando um por um até que o seu conhecimento e todo o seu poder sejam meus. E quando você não tiver mais utilidade para mim, eu irei destruí-lo.

Bane ergueu uma sobrancelha ao ouvir suas palavras, mas ela sabia que ele aprovava. Sua ambição era boa; daria poder a ela. Seus talentos e habilidades continuariam a crescer. Com o tempo, ela desafiaria seu mestre pelo direito de governar, e apenas o mais forte sobreviveria. Era inevitável. Era o caminho dos Sith.

– Um dia eu vou superá-lo – Zannah o alertou. – E nesse dia, eu *vou* matá-lo, lorde Bane. Mas hoje não é esse dia.

LEGENDS

DREW KARPYSHYN

STAR WARS

DARTH BANE

CAMINHO DE DESTRUIÇÃO

UMA OBRA DA VELHA REPÚBLICA

UNIVERSO
geek

LEIA TAMBÉM

STAR WARS DARTH BANE: CAMINHO DE DESTRUÇÃO

“Uma sólida aventura espacial que mapeia a evolução de um anti-herói quase tão arrepiante quanto Darth Vader.”

– *PublishersWeekly*

Fugindo das forças vingativas da República, Dessel, um minerador, se junta ao exército Sith e é enviado para lutar na sangrenta guerra contra a República e seus defensores Jedi. Uma vez lá, a brutalidade, a astúcia e o excepcional comando da Força rapidamente o transformam em um guerreiro reconhecido. Mas aos olhos vigilantes de seus mestres, um destino muito maior o aguarda.

Como um acólito na academia Sith, estudando os segredos e habilidades do lado sombrio, Dessel adota uma nova identidade: Bane. Mas o verdadeiro teste ainda está por vir. Para ganhar aceitação na Irmandade da Escuridão, ele deve desafiar as mais sagradas tradições e rejeitar tudo que lhe foi ensinado. Será uma prova de fogo na qual ele deve se render totalmente ao lado sombrio – e forjar das cinzas uma nova era de poder absoluto.

Deve haver apenas dois; não mais, não menos. Um para encarnar o poder, outro para cobiçá-lo.

— Darth Bane, Lorde Sombrio dos Sith

STAR WARS™



IMPÉRIO E REBELIÃO:

HONRA ENTRE LADROES

JAMES S. A. COREY

UNIVERSO
geek

LEIA TAMBÉM

STAR WARS: IMPÉRIO E REBELIÃO – HONRA ENTRE LADRÕES

Quando a missão é resgatar uma importante espiã rebelde do epicentro do Império, Leia Organa sabe que a melhor opção para a tarefa é Han Solo – algo em que a princesa e o contrabandista podem enfim concordar. Afinal de contas, para alguém que invadiu um bloco de segurança imperial e ajudou a destruir a Estrela da Morte, essa missão pode até parecer simples. Mas quando Han localiza Scarlet Hark, a impetuosa espiã rebelde, ela se nega a deixar para trás as linhas inimigas, pois descobre que um pirata planeja vender informações secretas que o Império destruiria mundos para se proteger – incluindo o planeta onde Leia está participando de uma conferência com simpatizantes rebeldes. Scarlet quer encontrar o ladrão e roubar de volta as informações; Han fica sem escolha e passa a acompanhá-la, a fim de evitar que todos acabem mortos. Atravessando ruas agitadas, uma selva mortal e até um antigo templo alienígena cheio de armadilhas, Han, Chewbacca, Leia e sua nova e ousada aliada enfrentam emboscadas, traições e tiroteios para evitar que informações cruciais caiam nas mãos do Império.

No entanto, mesmo com o apoio imprescindível do esquadrão de caças X-wing de Luke Skywalker, os heróis da Aliança estarão desesperadamente em desvantagem na batalha final – e o resultado irá decidir o fim da tirania na galáxia ou assegurar que o reino sombrio do Império dure para sempre.
